

Entre a Fé e o Niilismo

Mateus Davi



## ENTRE A FÉ E O NIILISMO

COM

AS CONTRADIÇÕES, FALÁCIAS, MENTIRAS, ERROS  
CIENTÍFICOS, HISTÓRICOS, PROFÉTICOS, EXEGÉTICOS,  
CONCEITUAIS, E ARQUEOLÓGICOS PRESENTES NA BÍBLIA,  
LITERATURA KARDECISTA E ESPÍRITA. E O CONFLITO COM  
O NIILISMO

POR

**MATEUS DAVI**

“a crença em mentira não é crença, mas fantasia”

*1ª edição*



---

Copyright © 2006 by Mateus Davi Pinto Lucio

Ilustração da capa:

*Fragmento retirado da obra “A Criação de Adão”, de Michelangelo*

Projeto gráfico:

*Cristiana Lacerda*

Editoração eletrônica:

*Mateus Davi Pinto Lucio*

Revisão:

*Silvia Mata de Jesus*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Lucio, Mateus Davi Pinto

Entre a Fé e o Nihilismo / Mateus Davi Pinto

Lucio. São Paulo: Editora independente, 2006.

Bibliografia

1. Ensaios brasileiros 2. Eternidade 3. Religião 4.  
Religião e ciência 5. Ensaios filosóficos.

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ensaios Literatura brasileira 869.94

---

2006

Permitida a reprodução em até 50% da obra, desde que não supere 50% do texto.  
(casos especiais: madmateus@terra.com.br)

O autor precisa irrevogavelmente ser citado e, preferencialmente, informado da citação. Os infratores serão processados na forma da lei.

Visite nosso site:

<http://paginas.terra.com.br/arte/mateusdavi/>

## PÁGINA DE AGRADECIMENTOS

“Busque a sua verdade, eu sou apenas mais uma opinião”

Pela inquestionável impossibilidade de agradecer a montagem, edição, revisão, complementação, desambiguação e correção deste livro a todos diretos e indiretos que colaboraram com este, peço a licença de citar apenas as pessoas que atuaram decisivamente em trechos ou capítulos inteiros deste livro.

No geral, me ponho a agradecer a todos os participantes destas comunidades do orkut: Inteligente & Sofisticado, Contradições da Bíblia, Sou Ateu com Orgulho, Espiritismo, Desculpe eu sou Inteligente, Livres-Pensadores, Total Niilismo, e algumas outras com temas relacionados a estas, mas com menor influência nesta obra que se segue. Também, ainda no contexto geral, agradeço enormemente as mais de centena de pessoas que entrevistei neste trajeto, os quais, se citados um por um, daria um livro, e não uma página, de pessoas que merecem o meu profundo agradecimento.

Das pessoas que, como eu disse, foram decisivas para a conclusão da obra eu cito, em ordem alfabética: Andréa Leite, Carolina Veríssimo, Clodoaldo Munhoz, Cris Lacerda, Cristian Ortiz, Flávio Augusto de Carvalho Gonçalves (teologia), Gafanhoto “Alan”, Gilceli Lima, Gláucia Patrícia, Gláucio Pereira Neves, Iaciara Soares, Jefferson Amaral de Paula, Professor Mestre Júlio Siqueira (biólogo), Leonardo Xavier, Minoru, Nathália Sá Fortes (wicca), Odair Lucio (palestrante espírita), Renata Paulino, Ricardo Papillon, Roberto Eiki Yamaguchi (budismo), Thiago Petrocchi, Dr. Tony Neto.

Torço para que não tenha esquecido ninguém ou tenha sido injusto ao citar alguns e não outros, mas os que esqueci nesta obra, na próxima certamente lembrarei.

## LEITURA E CITAÇÃO

Embora este livro esteja com todos os direitos autorais reservados, Mateus Davi Pinto Lucio, o autor, permite a citação desta obra em qualquer amplitude; uma vez que citado a referência.

O livro é dividido em capítulos, subcapítulos e itens; para que não só facilite a citação, mas para que também acelere a localização de algum parágrafo específico da obra. Por exemplo, no item 2, do subcapítulo IX, do capítulo 6, temos:

O que é certo para alguém no Brasil é errado para outro na Austrália. Se no Brasil é “errado” se prostituir, na Holanda é profissão. “Droga tô fora!” aqui, droga legal lá. Na Índia é mau comer carne bovina, no Brasil é praxe e tem até rodízio. Estes e mais centenas de outros conceitos díspares entre culturas distintas e épocas distintas podem ser encontrados sem qualquer dificuldade. Todas determinadas não por uma escolha original, tampouco livre, mas por criação, cultura. (Mateus Davi: *Entre a Fé e o Niilismo*, 6:IX:2)

A citação poderia ser feita de qualquer uma das maneiras abaixo:

BASTANTE CONCISO: (Mateus Davi: 2006, 6:IX:2)

SEMI: (Mateus Davi: *Entre a Fé e o Niilismo*, 6:IX:2)

COMPLETO: (Mateus Davi: *Entre a Fé e o Niilismo*; cap.06, subcap.IX, item 02)

Naturalmente, a citação não precisa necessariamente vir logo após o texto, como é mais recomendável, mas também em nota de rodapé. Bem como não precisa ser necessariamente no formato sugerido, mas, ao invés de capítulos e itens, poder-se-ia citar somente a página, embora eu recomende da outra maneira.

Quando houver uma citação da citação, isto é, citar exatamente o mesmo fragmento de um outro texto sem ter conferido na fonte [lido o livro], a citação poderá ser feita de seguinte maneira:

Goethe escreveu: “Um único momento é decisivo. Determina a existência do homem e estabelece seu destino.” “Esse momento” é o instante em que os senhores decidem do fundo do seu coração: “Hei de me levantar agora e lutar!” É a partir desse instante que o destino começa a mudar, a vida começa a se desenvolver e a história tem início. (Ikeda: 2001, p.52 – extraído de Mateus Davi: 2006, 6:X:6)

Embora a citação desta forma já dê todos os passos para uma porventura conferência de algum estudioso, de acordo com a NBR 6023, é importante citar, ou em nota de rodapé, ou no fim do capítulo, ou no fim do livro ou artigo, os dados completos da obra referenciada. Todas as obras citadas por mim estão devidamente especificadas nas referências bibliográficas. Para quem quiser citar a presente obra, ficaria:

LUCIO, MATEUS DAVI P. Entre a Fé e o Niilismo. 1ª edição. Editora independente, 2006. Disponível em: <<http://paginas.terra.com.br/arte/mateusdavi/>>. Acesso em: dd mm aaaa.

Este livro é a compilação e consequência de quase três anos de estudo prostrados sobre literaturas filosóficas, teológicas, científicas, jornalísticas, etc. É o produto de um estudo que vem de graça para sua mão, difunda-o de graça o que veio de graça para você. Seja nos seus textos, nos seus debates, em seu livro, acesse a comunidade deste livro no orkut<sup>1</sup>; e, peço, cite o autor que com tanto esforço só quis que a informação e o pensamento rigoroso se disseminasse pela sociedade.

<sup>1</sup> <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=8900640>

## ÍNDICE

| <b>CAPÍTULO</b>                                  |  | <b>PÁG.</b> |
|--------------------------------------------------|--|-------------|
| <b>SUBCAPÍTULO</b>                               |  |             |
| <b>1. INTRODUÇÃO</b>                             |  |             |
| I. Prolegômenos                                  |  | 11          |
| II. “Desfalsificado”                             |  | 11          |
| III. Dicas de leitura                            |  | 17          |
| IV. Respeito à crença dos outros?                |  | 19          |
| V. Sobre a crença de que ninguém muda de opinião |  | 22          |
| VI. Citações                                     |  | 23          |
| VII. Lógica e Falácia                            |  | 24          |
| VIII. O que significa ser cristão                |  | 48          |
| <b>2. DEUS</b>                                   |  |             |
| I. O Verbo                                       |  | 50          |
| II. Religiões no Brasil e no mundo               |  | 57          |
| III. Lobisomem                                   |  | 59          |
| <b>3. BÍBLIA</b>                                 |  |             |
| I. Prolegômenos                                  |  | 62          |
| II. Alegorias e falsos argumentos                |  | 63          |
| III. Inspirada na mitologia                      |  | 66          |
| IV. Legitimidade e historicidade                 |  | 89          |
| V. Falhas sobre Jesus ser o Messias              |  | 90          |
| VI. Falhas sobre as profecias de Jesus           |  | 110         |
| VII. Falhas sobre a ressurreição                 |  | 113         |
| VIII. Exegeses                                   |  | 121         |
| IX. Traduções                                    |  | 123         |
| X. O dilema do juízo final                       |  | 126         |
| XI. Acareação Bíblia Ciência                     |  | 130         |

|                                      |     |
|--------------------------------------|-----|
| XII. Algumas contradições            | 138 |
| XIII. Genealogia                     | 148 |
| XIV. Curiosidades                    | 150 |
| XV. A Bíblia e a mulher              | 158 |
| XVI. Profecias                       | 162 |
| XVII. Origem duvidosa                | 163 |
| XVIII. Apócrifos                     | 165 |
| XIX. Se você é cristão               | 170 |
| XX. Benefícios trazidos pela Igreja  | 173 |
| XXI. Argumentos típicos dos cristãos | 175 |
| XXII. Santa Trindade                 | 180 |
| XXIII. Protestantismo                | 182 |
| XXIV. Eis o cristianismo             | 183 |

#### 4. KARDECISMO

|                                                         |     |
|---------------------------------------------------------|-----|
| I. Prolegômenos                                         | 185 |
| II. Por que o kardecismo não é cristão?                 | 187 |
| III. Espiritismo e revelação                            | 189 |
| IV. Problemas da crença na reencarnação                 | 191 |
| V. Método                                               | 194 |
| VI. Premissas para refutar o legado kardecista          | 204 |
| VII. Kardec e o racismo                                 | 208 |
| VIII. Acareação do kardecismo com a ciência             | 217 |
| IX. Algumas contradições                                | 226 |
| X. Apócrifo kardecista (O Primeiro Livro dos Espíritos) | 234 |
| XI. Jesus Cristo x Espírito da Verdade                  | 242 |
| XII. Hereditariedade                                    | 246 |
| XIII. Noções de sociedade e segundo o espiritismo       | 250 |
| XIV. Curiosidades                                       | 254 |
| XV. Confiabilidade dos espíritos                        | 257 |
| XVI. Conclusões                                         | 261 |

#### 5. PARANORMALIDADE E CIÊNCIA

|                               |     |
|-------------------------------|-----|
| I. Prolegômenos               | 269 |
| II. Mediunidade               | 272 |
| III. Psicanálise e Kardecismo | 273 |
| IV. Fronteiras efêmeras       | 274 |
| V. Misticismo                 | 277 |
| VI. Regressão                 | 278 |

#### 6. ATEÍSMO E NIILISMO

|                                   |     |
|-----------------------------------|-----|
| I. Esboço do ateísmo              | 280 |
| II. Agnosticismo                  | 282 |
| III. Dicionário de sinônimos      | 284 |
| IV. Ceticismo                     | 285 |
| V. Niilismo                       | 292 |
| VI. Onde está o niilismo          | 293 |
| VI. Livre-arbítrio x Determinismo | 294 |
| VII. Ambigüidades arqueológicas   | 298 |
| VIII. Sexo & Niilismo             | 298 |
| IX. O Bem e o Mal                 | 302 |
| X. “Inconclusão”                  | 303 |

#### 7. CONTACTO E INFORMAÇÕES 309

#### BIBLIOGRAFIA 311

## 1. INTRODUÇÃO

“A existência de Deus é algo tão óbvio que cada povo decifra este oráculo de um jeito, isto é, de mil maneiras diferentes. E, invariavelmente, todos dizem estar com a verdade” (Mateus Davi)

### I. Prolegômenos

1. Para mim o ateísmo é algo que merece pouca ou nenhuma discussão. É simplesmente inconcebível, ao meu ver, a crença na existência em Deus. Entretanto, vendo a necessidade de evidenciar as razões do meu ateísmo, deixo cá este estudo. Contradições, erros científicos, proféticos, históricos, arqueológicos, lógicos, empíricos, conceituais, etc., inundam estas páginas, seja falando da Bíblia, seja falando do espiritismo kardecista. Se Deus existe, certamente não é nada do que se fala no mundo afora sobre ele. Muitos aderiram à tese de Alphonse Karr, o qual diz que “acredit[a] no Deus que fez os homens. Não no Deus que o homem fez”. Bom, mas quem é ou o que é este tal Deus que fez os homens, senão um Deus que Alphonse Karr fez?

Não! De modo algum, não existe um ser supremo e nada coordena este caos que é o mundo. Se existisse um Deus o mundo seria coordenado, mas se o mundo é um caos, por que ainda dorme a Coordenadoria Divina?

2. Mas os cristãos insistem dizendo “você já leu a Bíblia?”, “a Bíblia é perfeita!”, “está na Bíblia”, “ela vem para confundir os sábios”, e mais aquele monte de chavões que nós, ateus e agnósticos, estamos acostumados a ouvir. Enfim, hoje, quando um cristão vem falar comigo eu cito três ou quatro contradições na ponta da língua e fim de assunto. 99% das vezes eles nem tentam explicar, anotam as passagens e ficam de “ir ver”, mas “nunca vêm” e, realmente, nunca mais vêm me aborrecer.

3. Este livro, inclusive por isto que é gratuito, tem dois objetivos claros. Dar suporte aos ateus brasileiros quando discutindo com cristãos, reencarnacionistas ou não. E deixar algumas noções do niilismo frente à religião no mundo atual, nada mais. Meus companheiros até podem estudar a Bíblia, os livros de Kardec, os livros de estudo de contradições da Bíblia, apoloéticas e escatológicas bíblicas, e livros de estudo sobre o espiritismo, mas asseguro que é perda de tempo. As ilógicas são evidentes e ao ler este livro, que na realidade é a compilação de diversos livros, o ateu estará bem embasado para sobreviver num país esmagadoramente cristão. É a minha contribuição que dou aos grandes mestres que passaram pela Terra.

Entrego o diadema a esta obra, pois é a foice que limpará o mato de mentiras supersticiosas para que, limpo o terreno, floresça, tranquilamente, o niilismo incontestado, o hóspede que não pediu para entrar.

### II. “Desfalsificado”

1. Num casamento convencional, o marido, comumente, ao ser avisado de alguma suposta traição da esposa, no mínimo, reflete sobre a possibilidade de que tal boato seja fato. Ou seja, quando se alega “sua esposa está te traindo”, você pergunta “Como? Com quem? Onde?”. Entretanto, em se tratando de religião, acontece exatamente o contrário: a mínima hipótese ou falha levantada em algum “livro sagrado” é respondida com vaia e insensatez; enquanto o cético diz que existe a possibilidade de Jesus sequer ter existido um dia, o beato responde que ele vai para o fogo do inferno, e fim de conversa.

2. Antes de ler estas palavras tenha em mente que não há nada aqui, salvo declarado explicitamente, algo que seja meramente idéia pessoal minha, não! Tudo que escrevo é fruto de pesquisa e leitura, tudo o que digo é facilmente verificável na vastíssima bibliografia (arqueólogos, historiadores, sociólogos, cientistas, teólogos, filósofos, espíritas, ateus, agnósticos, deístas, panteístas, budistas, hindus, cristãos) contida no fim

desta obra ou qualquer outra que você quiser. Leia e procure a verdade! Não confie no que eu escrevo, no que eu estudei e nem na minha interpretação, leia você mesmo, confira você mesmo, e concorde por si mesmo, as minhas afirmações estão devidamente referenciadas, ou seja, qualquer um pode através dos meus estudos conferir sua legitimidade na fonte. Só acho muito difícil e ficaria honestamente muito surpreso se alguém conseguisse fazer cair por terra estes pares de dezenas de páginas de críticas sobre o kardecismo e o cristianismo. Não concebo como a palavra de Deus pode ter tantas falhas, bem como uma revelação dada diretamente de Espíritos Superiores ou inspirada pelo Espírito Santo ser tão defeituosa. “Um pouco de fermento leveda a massa toda.” (Gl 5:9). Ou como diria Nietzsche: “para um lago de pureza, uma gota [de sujeira] basta”.

“A cada versículo que leio da Bíblia, menos acredito nela; a cada suposta revelação espiritual que verifico, mais humana me parece”  
(Mateus Davi)

3. Você é adepto do tradicional? Pois saiba que canibalismo, escravidão e prostituição são hábitos tão ou mais antigos e universais quanto sua Bíblia.

Você acha que existe Deus? Por que então tanto o religioso quanto o ateu, o cristão quanto o budista, o instruído quanto o ignorante: todos são assolados pelos mesmos males?

Você acha que não é possível ser feliz e ateu? Pois eu digo que sou feliz, tenho uma vida moderada, tranqüila, não uso nenhuma droga (legal ou não), não tenho inimigos, sequer sou materialista, enfim, não vejo nenhuma vantagem na vida do crente em comparação a minha.

Você acha que um povo ateu estaria derramado na infelicidade e caos? Sugiro que você dê uma passada na República Tcheca (59% ateus), China (50%) ou França (42%), e descubra você mesmo que não faz a menor diferença na organização ou saúde de um povo o ateísmo ou não.

4. Não tenho ódio pelas religiões, mas pelos preconceitos; e as religiões, baseadas nos seus livros, são as precursoras e fomentadoras de muitos preconceitos. Nos países cristãos, contra as mulheres (pois ela não é ajudante de ninguém), contra os homossexuais (compare com a cultura greco-romana), bem como os judeus, contra os avanços científicos, filosóficos, contra o prazer individual da masturbação, o uso da camisinha, de trabalhar no sábado, de usar enfeites, tatuagem, de se vestir como quiser, de ler o que quiser, contra o direito da pessoa casar, desistir e tentar de novo, o direito da pessoa decidir sobre o próprio corpo (aborto e eutanásia), de trabalhar com o que quiser e se quiser (prostituição), de transar como quiser, do direito de ser ateu (sem que lhe chamem de imoral), ou não-cristão, de ser não-virgem ou de ser divorciado sem que seja tratado como herege. Ou seja, eu não sou contra a religião, sou contra a imbecilidade. Não luto para derrubar ídolos, mas para colocá-los na sua prateleira merecida, que não é a do “sagrado”, mas do “filosófico”.

5. Não é surpreendente a força da cultura cristã na sociedade? Será que as pessoas não conseguem enxergar isso? Você já viu algum desenho animado mostrando um cientista como alguém determinado à prática do bem? (seria coincidência com o fato de que a religião é contra a ciência?) Você já viu um único filme onde alguém claramente ateu não é imoral? (seria coincidência com o fato de que a religião é contra a incredulidade?) Será que você não percebe que metade dos seus preconceitos provém de uma propaganda já antiga, que é somente atualizada, de sempre colocar nos piores e mais profundos esgotos tudo que vai contra a religião? Mas tem exceção! Alguns dirão. Mas não deveria ser regra?

Sempre que lemos histórias obscenas, as orgias voluptuosas, as execuções cruéis e torturantes, o espírito inexorável da vingança que impregnam mais da metade da Bíblia, seria mais coerente dizer que ela é a palavra de um demônio do que de Deus. Ela (...) tem servido para corromper e brutalizar a humanidade. (Thomas Paine)



6. Tampouco me agrada o espiritismo (principalmente o kardecismo) e sua arrogância, o qual entregou na mão dos seus fiéis o direito (que não sei de onde ele tirou) de ao ver alguém com a mão mirrada dizer: “eis o que era um ladrão”, ao ver esquizofrênico: “este aí está devendo para Deus”, um homossexual: “está apegado ao corpo de mulher que foi na vida passada”; obviamente o kardecismo “tenta” nos ensinar que não devemos julgar, mas certifica de que a causa é esta, gerando uma discriminação implícita; e o nome disso não é doutrina, mas preconceito, ou melhor, doutrina do preconceito.

\*\*\*

7. Para muitos, é realmente imperceptível a influência esmagadora da religião na vida das pessoas, muitas vezes é involuntário. Mas uma observação atenta do modo de viver e agir das pessoas já nos mostra como a religião insufla o preconceito e a injustiça:

Lenning, FBI, *The Police Chief* (10/1989):

Quase todas as discussões sobre satanismo e bruxaria são interpretadas à luz das crenças religiosas do público. É a fé, e não a lógica e a razão, que governa a crença da maioria das pessoas. O resultado é que alguns agentes da lei, normalmente cristãos, aceitam as informações disseminadas nessas conferências sem avaliá-las criticamente, sem questionar suas fontes (...). Para algumas pessoas, o satanismo é qualquer sistema de crença religiosa diferente do seu (...) O cristianismo pode ser bom e o satanismo mau. Segundo a Constituição, entretanto, os dois são neutros. Esse é um conceito importante, mas de difícil aceitação para muitos agentes da lei. Eles não são pagos para defender os Dez Mandamentos, mas o código penal (...) O fato é que o número de crimes e abusos infantis cometidos por fanáticos em nome de Deus, Jesus e Maomé é muito maior do que o dos cometidos em nome de Satã. Muitas pessoas não gostam dessa afirmação, mas poucas conseguem questioná-la.

Este é um exemplo muito bom de como o preconceito que nasce na Bíblia e continua no cristianismo gera nas pessoas. Em termos de

civilidade este texto parece um absurdo, mas está em total consonância com a Bíblia. Elas são culpadas? Menos do que os que mentem para elas. O que é que eu posso fazer? Divulgar estas palavras.

8.

Imagine que você entra num táxi numa grande cidade e, assim que se acomoda no carro, o motorista começa a discursar sobre as supostas iniquidades e inferioridades de outro grupo étnico. O melhor a fazer é ficar calado, tendo em mente que quem cala consente? Ou a sua responsabilidade moral é discutir com o motorista, expressar sua indignação, até mesmo sair do táxi – **porque você sabe que cada consentimento silencioso será um estímulo para o próximo discurso, e que cada discordância vigorosa o levará a pensar duas vezes na próxima vez?** Da mesma forma, se calamos demais sobre o misticismo e a superstição – mesmo quando parecem estar fazendo algum bem –, favorecemos um clima geral em que o ceticismo passa a ser considerado descortês, a ciência cansativa e o pensamento rigoroso inapropriado. (Sagan: 1996, p.291)

Certamente não foram os ateus que inventaram a crença, mas por que devemos engoli-la a seco? Respeitar a religião alheia é, sem dúvida, desrespeitar o próprio cérebro e desrespeitar a consciência das consequências enfadonhas de uma religiosidade profusa e um ceticismo inócuo. Oras, se os crentes dançam e cantam nos seus templos, por que querem calar meu ateísmo? Repito: enquanto a religião desrespeita o direito da pessoa em opinar sobre a própria vida, como exemplo da eutanásia e aborto, eu desrespeitarei as religiões: “olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferida por ferida, golpe por golpe” (Ex: 21:24-25). A Bíblia é completamente omissa, o que pode ser interpretado como conivente (Tt 2:9), em relação à escravidão, essa desculpa foi largamente usada pelos estados do sul do hoje Estados Unidos antes da independência. E o que falar da Bíblia em relação às mulheres?

Governo Britânico da Virgínia, 1671:

Graças a Deus não há escolas, nem imprensa livre; e espero que não [as] tenhamos nestes [próximos] cem anos; pois o conhecimento introduziu no mundo a desobediência, a heresia e as seitas, e a imprensa divulgou-as e publicou os libelos contra os melhores governos. Que Deus nos guarde de ambos. (Sagan: 1996, p.351)

9. Tradição, universal, antigo, consagrado, sagrado, milenar, cultural: para que serve isto? Que valor tem isto?

Ritual, passe, batismo, comunhão, casamento (sob Deus), promessa (sob Deus), pacto, eucaristia, celibato (sob Deus), missa, extrema unção, vigília: para que serve isto? Que valor tem isto?

Cruz, pé-de-coelho, Igreja, imagens, díizimo, Bíblia (com capa de couro, borda dourada e zíper), oração, psicografia, incorporação, hóstia: para que serve isto? Que valor tem isto?

Místico, mediúnico, esotérico, religioso, mitológico, espiritual, litúrgico, monástico, escolástico: para que serve isto? Que valor tem isto?

10. Também se engana aquele que acredita que não há meios de mudar a opinião do religioso, talvez não aparentemente ou de imediato. Mas, se assim fosse, se o religioso fosse sempre religioso, por uma influência da cultura marxista a Rússia não teria 32% de ateus. Acho que é fato notório que a cultura influencia o povo, não é por mero acaso que na Itália quase todo religioso é cristão católico, na Índia sejam hindus, nos Estados Unidos protestantes. Todo mundo tem dificuldade de se assumir ateu num país extremamente religioso, por isso, como diria Nietzsche: precisamos preparar o terreno para o além-homem. Que nada mais é do que o espírito-livre em todo sentido, que também não é uma pessoa, mas um povo, um estereótipo. Como está no epitáfio de Newton: “só cheguei aonde cheguei porque subi nos ombros de gigantes”, da mesma maneira eu só posso me intitular ateu esclarecido porque contei com os estudos e reflexões de cientistas e filósofos sérios que nos precederam, se assim não fosse, provavelmente eu seria mais um cristão, por falta de literatura e meios de ir contra. *libertas quae sera tamen!* Liberte-se! E liberte também! Convoco a todo ateu que

divulgue o ateísmo, com a mesma força e rapidez que o cristianismo cresceu merece ser aniquilado.

### III. Dicas de leitura

1. Muitas pessoas, precipitadamente, julgam-me demasiado inteligente e culto, quando, na realidade, este julgamento se deve mais ao ver meu conhecimento e minhas citações do que por verdadeiramente ter utilizado algum critério de avaliação intelectual.

Como a memória humana é simplesmente patética, empurrando grande parte do que vivemos ao que Freud chamaria de inconsciente, que nunca se faz ciente, lembramos, por exemplo, comumente, que algo foi bom, mas não do que sentimos. Lembramos que uma transa ou um alimento é ótimo, mas dificilmente lembramos o gosto e a sensação, e quanto mais distante do hoje, mais vaga fica a lembrança da sensação em si.

Curiosamente, o mesmo ocorre quando lemos um livro bom, e quantas vezes, ao relermos um livro, pegamos mais gosto? Mas você já não tinha lido? Se já tinha lido, já conhecia, e, se conhecia, por que gostou mais agora? Deixo para reflexão.

2. O fato é que, em suma, esquecemos grandes passagens e aforismos dos livros que lemos. Frases lindas ou pensamentos profundos que gostaríamos de reler, pois raramente nos lembramos de um pensamento com fidedignidade.

Por isso, eis a minha dica, sempre que você ler um livro, anote em algum papel ou num arquivo de texto eletrônico os pontos com as páginas de coisas que podem ser úteis no futuro. É uma fantástica maneira de não cair em erros de interpretação de um conjunto de obra de qualquer autor, pois, destarte, você pode verificar o mesmo tema, rapidamente, em vários títulos diferentes. Para encontrar contradições não há método melhor.

3. Caso você esteja lendo este texto em formato de e-book, na tela do computador, uma boa maneira de marcar a página é renomear o arquivo sempre que acabar a leitura, inserindo então o número da página no final do nome do arquivo.

As minhas observações, dentro de textos que não são meus, estarão sempre entre colchetes. Bem vindo, caro leitor, ao “Mundo de Sofia”, ao Mundo do Conhecimento, ao Mundo da Filosofia!

#### IV. Respeito à crença dos outros?

“Uma pergunta a quem tem medo de refutação: você tem algum problema com verdades? Eu, falando de mim mesmo, muito pelo contrário, se existe alguma verdade, estou ansioso por conhecê-la”  
(Mateus Davi)

1. Em fóruns de internet não foi uma nem duas vezes as ocorrências de súplicas por respeito às crenças dos outros, alto lá! Primeiramente deixo anotado que o verbo “dever” para mim é completamente desprovido de significado, eu não “devo” nada para ninguém, bem como não “devo” agir da forma que a sociedade gostaria ou não, não é ela que me sustenta, mas uma parceira com meu patrão, a este, com mil ressalvas, eu “devo” alguma satisfação, mas ele paga para tê-la.

Para que alguém diga que eu devo respeitar outra religião a pessoa precisa ter moral [outra palavra que detesto] para isso. Oras, para você sugerir ou angariar moral você precisa ter moral; então, antes de você dizer que eu devo respeitar a sua fé, é mister que respeite também as opiniões alheias em outros campos, ou o respeito só vale para crenças?

“Se justamente os cristãos não seguem a moral cristã, de que moral eles se valem para questionar a minha moralidade?” (Mateus Davi)

2. Se você incita, gostaria ou atira pedras em travestis, você não respeita o direito de ir e vir desta pessoa, você não tem **moral** para dizer que devo respeitar sua religião.

Se você chama homossexuais de “veado” ou “bicha” você não respeita a opção sexual de cada um, logo, você não tem **moral** para dizer que devo respeitar sua religião.

Se você chama o nordestino de “baianada”, “caipira”, conta piadinhas, denigre a inteligência deles, ou seja, é xenófobo, você não tem **moral** para dizer que devo respeitar sua religião.

Se você não dá lugar aos mais velhos no ônibus ou à mulher grávida, você não respeita as leis do país que eu pago para se manter, logo, você não tem **moral** para dizer que devo respeitar sua religião.

O que quero dizer é: não há ninguém que tenha **moral** para dizer que devo respeitar as religiões, porque elas não respeitam as opções e condições mais banais do cotidiano humano, oras, se a pessoa não respeita o homossexual ou o nordestino, por que devo respeitar sua religião? Não é que eu não respeite as outras religiões só porque as pessoas não se respeitam, mas é por que as pessoas não se respeitam que ninguém tem **moral** para dizer como eu devo ou não agir em relação a respeitar, engula o próprio veneno.

3. É claro que, no dia-a-dia, principalmente em casa e no trabalho, somos impingidos a respeitar a opção de cada qual, oras, eu só não critico os religiosos em locais abertos para não “sair na porrada” com ninguém e nem angariar inimigos; pois se assim não fosse, religião seria para mim, como as outras coisas, temas de discussões abertas, como política, futebol, leis, crimes, etc. Como a sociedade pode melhorar um “ponto” ou um “til” se não pelo debate e trocar de idéias? Censurar ou proibir assuntos é uma estupidez que enterra a sociedade num misticismo preconceituoso da Era da Pedra Lascada, mantendo os homens tão fanáticos quanto há séculos atrás, um bando de religioso com a Bíblia na mão dizendo que vamos todos para o inferno e que Jesus retornará, lembrando mais um desvairado foragido da Idade Média; em pleno século XXI! Aos que fecham os olhos e ouvidos

pergunto: respeitar cada pensamento se traduz em censurar pensamentos contrários?

4. Mas não poderia esquecer de todas as pessoas que durante os séculos de Igreja são assassinados, sufocados ou corrompidos em nome de Deus. Uma pequena lista: Giordano Bruno, Joana D'arc, Spinoza, Judeus (perseguidos pelo eixo Hitler-católicos), africanos (desalmado pelas Igrejas), índios (corrompidos), crianças do mundo (estupradas por padres), pessoas humildes do mundo (enganadas e exploradas pelos protestantes), Galileu, Filosofia Grega (escondida do ocidente até a Baixa Idade Média), tecnologia árabe. Tudo isso e muito mais, que não esquecerei, pois, se hoje não temos a cura para muitas doenças a culpa é irrevogavelmente da Igreja, se temos preconceitos enraizados (a culpa também é da Igreja), até quando “respeitaremos” este golpe baixo? Um político que nos rouba é expulso, um videogame que incita a violência é proibido, até os alemães recentemente ressarciram uma família de judeus, mas não recorro da Igreja ter devolvido a sociedade um “til” ou uma “vírgula” de tudo que ela fez: alguns se contentam com os pedidos de desculpa de João Paulo VI, se para você isso basta, basta. Mas, curiosamente, alguns refutam que o problema não são os ensinamentos de Cristo, mas os cristãos. Que incoerência, que inocência – a culpa do nazismo não é também de Hitler? A culpa do fascismo não é também de Mussolini? A culpa pelas consequências, boas ou más, do marxismo não seria também culpa de Marx? Pois a culpa do cristianismo é também de Cristo –, oras, a Bíblia diz que Deus disse que homossexual é digno de morte (Rm 1:28-32)<sup>2</sup>, “Quanto, porém, àqueles meus inimigos que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trouxe-os aqui, e

<sup>2</sup> Alguns exegetas interpretam forçadamente a afirmação “digno de morte” como uma declaração de Deus para a “morte espiritual” dos homossexuais. Naturalmente, em momento nenhum desta epístola Paulo faz consonância entre “digno de morte” e “morte espiritual”. Ademais, em várias passagens do Novo Testamento (At 23:29; 25:11,25; 26:31), o termo “digno de morte” significa, literalmente, morrer pelas mãos dos homens, morrer por pena capital, ao passo que “morte espiritual” é uma invenção exegetica.

matai-os diante de mim.” (Lc 19:27)<sup>3</sup>, eis as palavras de Jesus, e ninguém reclama, pelo contrário, afirmam pateticamente que devemos respeito, qualquer outro livro que incita a violência é proibido de comercializar, menos a Bíblia. “Amados, enquanto eu empregava toda a diligência para escrever-vos acerca da salvação que nos é comum, senti a necessidade de vos escrever, exortando-vos a pelejar pela fé que de uma vez para sempre foi entregue aos santos.” (Jd 1:3). Eis a hipocrisia humana.

## V. Sobre a crença de que ninguém muda de opinião

“Um toquinho de vela pôs fogo em Moscou” (Ivan Turguêniev)

1. Da mesma forma que as pessoas são evangelizadas (note o “boom evangélico”) as pessoas são convidadas ao ateísmo, a compreensão. Oras, um livro que não é divulgado não vende. Uma idéia que não tem alcance, não alcança; por isto este livro é de graça, para que as pessoas possam, no mínimo, escolher com razão a sua crença. A síndrome da impotência só assola ao que não vê o mundo como um todo, a crença de que “minha opinião não muda a de ninguém” ou as “pessoas são irredutíveis” não passa pelo crivo da análise histórica, ou se os *Beatles* não tivessem existido o mundo seria o mesmo? Se Napoleão, Hitler, Marx, Nietzsche nunca tivessem passado pela terra você acha mesmo que tudo estaria exatamente como está hoje? O mundo está cada dia mais ateu [fato!], lute pelo que você acredita, pois, ao menos comigo: enquanto as religiões desrespeitam as crianças, as pessoas simples, os ateus, os homossexuais, os divorciados, as prostitutas, os de outras religiões... eles serão desrespeitados! Ninguém come do fruto que não plantou, não só o que plantou, mas o que consente com o que assim o faz, e tenho dito.

2. A pessoa que tem sua opinião condizente com a da maioria deveria se questionar seriamente sobre o critério e trajeto da formação

<sup>3</sup> Mais tarde estudaremos com mais calma estas e outras passagens.

da opinião: a maioria elegeu Collor e a maioria estava inquestionavelmente sem razão.

Uma estatística que demonstra bem a incoerência da opinião popular com a realidade é uma pesquisa da revista Exame, trata da missão das empresas segundo os empresários e a opinião pública. Segundo 93% da opinião pública, a missão número um das empresas é gerar empregos, entretanto, só 34% dos empresários mencionaram este como meta. Ao passo que poucas pessoas (10%) acreditam que a missão da empresa também é gerar lucro, os empresários, entretanto, estão do outro lado da balança (82%) (cf. Exame: 30/03/05, p. 20-21). Este quadro nos mostra como a maioria é surpreendentemente inepta em analisar os conceitos mais seculares e cotidianos da vida capitalista. Este quadro é mais alarmante quando temos em vista de que a margem de erro em percentual provavelmente abraçou pessoas com segundo grau completo e possivelmente pessoas na faculdade ou saídas dela. Ou seja, nem mesmo a instrução é digna de nota nos casos mais banais da vida. O que falar então da religião, que é um poço de segredos milenares?

Quando as pessoas fecham o coração, não conseguem aceitar de imediato mesmo um argumento racional. Isso mostra o quanto é temeroso o apego a idéias errôneas. Esse apego pode destruir a vida de uma pessoa. (Ikeda: 2001, p.76)

## VI. Citações

1. O populacho insiste em tirar o crédito daquele que faz citações. Oras, a citação nada mais é do que um atestado de que houve uma pesquisa acerca do que se está falando, que não são imaginações, aliás, uma reflexão acerca de um dado científico fica muito melhor colocado prepondo um aforismo de algum especialista no assunto.

2. Mas e as citações filosóficas? Bom quando fazemos uma citação filosófica, o leitor, terá, no mínimo, um pouco mais de paciência em tratar de qualquer afirmação consoante aquela citação. Oras, se uma

máxima passou pela prova do tempo ou foi dito por um pensador respeitado, temos mais do que boas razões para, no mínimo, abordar o assunto com menos preconceito.

3. Como disse Lavoisier: “nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”, e é fato. Oras, não existe uma única idéia original, mas são todas resultantes de “n” fatores que vão da criação, cultura, conjuntura mundial, momento da evolução filosófico-científica.

Um pequeno estudo sobre a biografia e literaturas prediletas de qualquer escritor já nos dá inegavelmente toda a base para a compreensão do que lemos sobre o próprio autor, sendo, alguns trechos, praticamente copiados, adequados, transfigurados, inspirados. É o que vemos em Nietzsche com relação a Schopenhauer e Dostoiévski. Em Dostoiévski com relação a Turguêniev. O próprio Turguêniev admitiu, de antemão, que seu mais famoso personagem, o Bazárov, era a adequação do modo de pensar de um médico que ele conheceu, ademais, Turguêniev, admitiu que “não inventou sequer um único personagem”; também semelhante Dostoiévski. O que dizer do paralelo Sartre e Heidegger? Freud e Kierkegaard?

As fantásticas obras que lemos são, na realidade, o produto de diversas outras obras, modo de vida de culturas, e a natureza. O estilo de *Os Lusíadas* e *Eneida* vêm de Homero; a história de *Fausto* vem de uma lenda alemã; Brás Cubas (Machado de Assis) é o estereótipo do brasileiro do começo século passado; assim sucessivamente com todas as obras de todos os autores. Sendo que, os primeiros, apenas deturparam ou copiaram suas observações da natureza ou do cotidiano, sendo um desvio de interpretação, e não uma criação original.

4. Assim exposto, digo ao populacho: aquele que é avesso a citações esquece que todas as suas opiniões são o produto de tudo o que eles estudaram, e não de uma lâmpada; pois não existem idéias verdadeiramente próprias. Mudanças de palavras não refletem originalidade, mas a soberba humana de não dar o crédito devido às verdadeiras fontes da suas opiniões.

## VII. Lógica e Falácia<sup>4</sup>

1. Para quem já estudou este assunto e não queira relembrar o tema, pode passar para o próximo tópico. Para aquele que deseja saber um pouco mais sobre as armadilhas do falso raciocínio lógico mantenho-me rijo na noção de que conhecer a lógica é uma questão *sine qua non* para o desenvolvimento do pensamento cético. Por que pensar de modo cético? Para que você não seja enganado por astutos nem feito de bobo em discussões onde você tem razão. Longe de ter aplicação só em assuntos relacionados à religião, o que Sagan chamaria de *kit* contra as falácias, o raciocínio lógico desenvolve em cada um uma capacidade surpreendente de encadear idéias e expor pensamentos, bem como entregar os argumentos falaciosos para o seu devido lugar, o cadafalso.

### Introdução

Há muito debate na Internet; infelizmente, grande parte dele possui péssima qualidade. O objetivo deste documento é explicar os fundamentos da argumentação lógica e possivelmente melhorar o nível dos debates em geral.

O *Dicionário de Inglês conciso de Oxford (Concise Oxford English Dictionary)* define lógica como “a ciência da argumentação, prova, reflexão ou inferência”. Ela lhe permitirá analisar um argumento ou raciocínio e deliberar sobre sua veracidade. A lógica não é um pressuposto para a argumentação, é claro; mas conhecendo-a, mesmo que superficialmente, torna-se mais fácil evidenciar argumentos inválidos.

Há muitos tipos de lógica, como a difusa e a construtiva; elas possuem diferentes regras, vantagens e desvantagens. Este documento discute apenas a Booleana simples, pois é largamente conhecida e de compreensão relativamente fácil. Quando indivíduos falam sobre algo ser “lógico”, geralmente se referem à lógica que será tratada aqui.

<sup>4</sup> Texto de Matthew, traduzido por André Dísore Cancian. Endereço de Internet: [http://www.ateismo.com.br/artigos/ceticismo/logica\\_e\\_falacias.php](http://www.ateismo.com.br/artigos/ceticismo/logica_e_falacias.php)

## 2. O que a lógica não é

Vale fazer alguns comentários sobre o que a lógica não é.

Primeiro: *a lógica não é uma lei absoluta que governa o universo*. Muitas pessoas, no passado, concluíram que se algo era logicamente impossível (dada a ciência da época), então seria literalmente impossível. Acreditava-se também que a geometria euclidiana era uma lei universal; afinal, era logicamente consistente. Mas sabemos que tais regras geométricas não são universais.

Segundo: *a lógica não é um conjunto de regras que governa o comportamento humano*. Pessoas podem possuir objetivos logicamente conflitantes. Por exemplo:

– John quer falar com quem está no encargo.

– A pessoa no encargo é Steve.

– Logo, John quer falar com Steve.

Infelizmente, pode ser que John também deseje, por outros motivos, evitar contato com Steve, tornando seu objetivo conflitante. Isso significa que a resposta lógica nem sempre é viável.

Este documento apenas explica como utilizar a lógica; decidir se ela é a ferramenta correta para a situação fica por conta de cada um. Há outros métodos para comunicação, discussão e debate.

## 3. Argumentos

Um argumento é, segundo *Monthy Python Sketch*, “uma série concatenada de afirmações com o fim de estabelecer uma proposição definida”.

Existem vários tipos de argumento; iremos discutir os chamados *dedutivos*. Esses são geralmente vistos como os mais precisos e persuasivos, provando categoricamente suas conclusões; podem ser *válidos* ou *inválidos*.

Argumentos dedutivos possuem três estágios: premissas, inferência e conclusão. Entretanto, antes de discutir tais estágios detalhadamente,

precisamos examinar os alicerces de um argumento dedutivo: proposições.

#### 4. Proposições

Uma *proposição* é uma afirmação que pode ser verdadeira ou falsa. Ela é o significado da afirmação, não um arranjo preciso das palavras para transmitir esse significado.

Por exemplo, “Existe um número primo par maior que dois” é uma proposição (no caso, uma falsa). “Um número primo par maior que dois existe” é a mesma proposição expressa de modo diferente.

Infelizmente, é muito fácil mudar acidentalmente o significado das palavras apenas reorganizando-as. A dicção da proposição deve ser considerada como algo significante.

É possível utilizar a lingüística formal para analisar e reformular uma afirmação sem alterar o significado; entretanto, este documento não pretende tratar de tal assunto.

#### 5. Premissas

Argumentos dedutivos sempre requerem um certo número de “assunções-base”. São as chamadas *premissas*; é a partir delas que os argumentos são construídos; ou, dizendo de outro modo, são as razões para se aceitar o argumento. Entretanto, algo que é uma premissa no contexto de um argumento em particular, pode ser a conclusão de outro, por exemplo.

As premissas do argumento sempre devem ser explicitadas, esse é o princípio do *audiatur et altera pars* [a parte contrária deve ser ouvida]. A omissão das premissas é comumente encarada como algo suspeito, e provavelmente reduzirá as chances de aceitação do argumento.

A apresentação das premissas de um argumento geralmente é precedida pelas palavras “*Admitindo que...*”, “*Já que...*”, “*Obviamente se...*” e “*Porque...*”. É imprescindível que seu oponente concorde com suas premissas antes de proceder com a argumentação.

Usar a palavra “obviamente” pode gerar desconfiança. Ela ocasionalmente faz algumas pessoas aceitarem afirmações falsas em vez de admitir que não entendem por que algo é “óbvio”. Não hesite em questionar afirmações supostamente “óbvias”.

#### 6. Inferência

Uma vez que haja concordância sobre as premissas, o argumento procede passo a passo através do processo chamado *inferência*.

Na inferência, parte-se de uma ou mais proposições aceitas (premissas) para chegar a outras novas. Se a inferência for válida, a nova proposição também deve ser aceita. Posteriormente essa proposição poderá ser empregada em novas inferências.

Assim, inicialmente, apenas podemos inferir algo a partir das premissas do argumento; ao longo da argumentação, entretanto, o número de afirmações que podem ser utilizadas aumenta.

Há vários tipos de inferência válidos, mas também alguns inválidos, os quais serão analisados neste documento. O processo de inferência é comumente identificado pelas frases “*consequentemente...*” ou “*isso implica que...*”.

#### 7. Conclusão

Finalmente se chegará a uma proposição que consiste na conclusão, ou seja, no que se está tentando provar. Ela é o resultado final do processo de inferência, e só pode ser classificada como conclusão no contexto de um argumento em particular.

A conclusão se respalda nas premissas e é inferida a partir delas. Esse é um processo sutil que merece explicação mais aprofundada.

#### 8. A implicação em detalhes

Evidentemente, pode-se construir um argumento válido a partir de premissas verdadeiras, chegando a uma conclusão também verdadeira.

Mas também é possível construir argumentos válidos a partir de premissas falsas, chegando a conclusões falsas.

O “pega” é que podemos partir de premissas falsas, proceder através de uma inferência válida, e chegar a uma conclusão *verdadeira*. Por exemplo:

– Premissa: Todos peixes vivem no oceano.

– Premissa: Lontras são peixes.

– Conclusão: Logo, lontras vivem no oceano.

Há, no entanto, uma coisa que não pode ser feita: partir de premissas verdadeiras, inferir de modo correto, e chegar a uma conclusão falsa.

Podemos resumir esses resultados numa tabela de “regras de implicação”. O símbolo “ $\rightarrow$ ” denota implicação; “A” é a premissa, “B” é a conclusão.

| Regras de implicação |            |                   |
|----------------------|------------|-------------------|
| Premissa             | Conclusão  | Inferência        |
| A                    | B          | $A \rightarrow B$ |
| Falsa                | Falsa      | Verdadeira        |
| Falsa                | Verdadeira | Verdadeira        |
| Verdadeira           | Falsa      | Falsa             |
| Verdadeira           | Verdadeira | Verdadeira        |

– Se as premissas são falsas e a inferência válida, a conclusão pode ser verdadeira ou falsa (linhas 1 e 2).

– Se a premissa é verdadeira e a conclusão falsa, a inferência é inválida (linha 3).

– Se as premissas e inferência são válidas, a conclusão é verdadeira (linha 4).

Desse modo, o fato de um argumento ser válido não significa necessariamente que sua conclusão é verdadeira, pois pode ter partido de premissas falsas.

Um argumento válido que foi derivado de premissas verdadeiras é chamado “argumento consistente”. Esses obrigatoriamente chegam a conclusões verdadeiras.

## 9. Exemplo de argumento

A seguir está exemplificado um argumento válido, mas que pode ou não ser “consistente”.

1 – Premissa: Todo evento tem uma causa.

2 – Premissa: O Universo teve um começo.

3 – Premissa: Começar envolve um evento.

4 – Inferência: Isso implica que o começo do Universo envolveu um evento.

5 – Inferência: Logo, o começo do Universo teve uma causa.

6 – Conclusão: O Universo teve uma causa.

A proposição da linha 4 foi inferida das linhas 2 e 3. A linha 1, então, é usada em conjunto com proposição 4, para inferir uma nova proposição (linha 5). O resultado dessa inferência é reafirmado (numa forma levemente simplificada) como sendo a conclusão.

## 10. Reconhecendo argumentos

O reconhecimento de argumentos é mais difícil que das premissas ou conclusão. Muitas pessoas abarrotam textos de asserções sem sequer produzir algo que possa ser chamado argumento.

Algumas vezes os argumentos não seguem os padrões descritos acima. Por exemplo, alguém pode dizer quais são suas conclusões e depois justificá-las. Isso é válido, mas pode ser um pouco confuso.

Para piorar a situação, algumas afirmações parecem argumentos, mas não são. Por exemplo: “Se a Bíblia é verdadeira, Jesus ou foi um louco, um mentiroso, ou o Filho de Deus”.



Isso não é um argumento; é uma afirmação condicional. Não explicita as premissas necessárias para embasar as conclusões, sem mencionar que possui outras falhas \*(Nota 1).

Um argumento não equivale a uma explicação. Suponha que, tentando provar que Albert Einstein acreditava em Deus, disséssemos: “Einstein afirmou que ‘Deus não joga dados’ porque cria em Deus”.

Isso pode parecer um argumento relevante, mas não é; trata-se de uma explicação da afirmação de Einstein. Para perceber isso, lembre-se que uma afirmação da forma “X porque Y” pode ser reescrita na forma “Y logo X”. O que resultaria em: “Einstein cria em Deus, por isso afirmou que ‘Deus não joga dados’”.

Agora fica claro que a afirmação, que parecia um argumento, está *admitindo* a conclusão que deveria estar *provando*.

Ademais, Einstein não cria num Deus pessoal preocupado com assuntos humanos \*(Nota 2).

## 11. Leitura complementar

Esboçamos a estrutura de um argumento “consistente” dedutivo desde premissas até a conclusão; contudo, em última análise, a conclusão só pode ser tão persuasiva quanto as premissas utilizadas. A lógica em si não resolve o problema da verificação das premissas; para isso outra ferramenta é necessária.

O método de investigação preponderante é o científico. No entanto, a filosofia da ciência e o método científico são assuntos extremamente extensos e explicá-los está muito além das pretensões deste documento. Recomenda-se a leitura de livros específicos sobre o assunto para uma compreensão mais abrangente.

## 12. Falácias

Há um certo número de “armadilhas” a serem evitadas quando se está construindo um argumento dedutivo; elas são conhecidas como *falácias*. Na linguagem do dia-a-dia, nós denominamos muitas crenças equivocadas como falácias, mas, na lógica, o termo possui significado

mais específico: falácia é uma falha técnica que torna o argumento inconsistente ou inválido.

(Além da consistência do argumento, também se podem criticar as intenções por detrás da argumentação.)

Argumentos contentores de falácias são denominados *falaciosos*. Frequentemente parecem válidos e convincentes; às vezes, apenas uma análise pormenorizada é capaz de revelar a falha lógica.

A seguir está uma lista de algumas das falácias mais comuns e determinadas técnicas retóricas bastante utilizadas em debates. A intenção não foi criar uma lista exaustivamente grande, mas apenas ajudá-lo a reconhecer algumas das falácias mais comuns, evitando, assim, ser enganado por elas.

## 13. Acentuação / Ênfase

A falácia a *Acentuação* funciona através de uma mudança no significado. Neste caso, o significado é alterado enfatizando diferentes partes da afirmação. Por exemplo:

“Não devemos falar *mal* de nossos amigos”

“Não devemos falar mal de nossos *amigos*”

Seja particularmente cauteloso com esse tipo de falácia na internet, onde é fácil interpretar mal o sentido do que está escrito.

## 14. Ad Hoc

Como mencionado acima, argumentar e explicar são coisas diferentes. Se estivermos interessados em demonstrar A, e B é oferecido como evidência, a afirmação “A porque B” é um argumento. Se estivermos tentando demonstrar a veracidade de B, então “A porque B” não é um argumento, mas uma explicação.

A falácia *Ad Hoc* é explicar um fato após ter ocorrido, mas sem que essa explicação seja aplicável a outras situações. Frequentemente a falácia *Ad Hoc* vem mascarada de argumento. Por exemplo, se admitirmos que Deus trata as pessoas igualmente, então esta seria uma explicação *Ad Hoc*:

“Eu fui curado de câncer”

“Agradeça a Deus, pois ele lhe curou”

“Então ele vai curar todas as pessoas que têm câncer?”

“Hmm... talvez... os desígnios de Deus são misteriosos.”

### 15. Afirmação do Consequente

Essa falácia é um argumento na forma “A implica B, B é verdade, logo A é verdade”. Para entender por que isso é uma falácia, examine a tabela (acima) com as Regras de Implicação. Aqui está um exemplo:

“Se o universo tivesse sido criado por um ser sobrenatural, haveria ordem e organização em todo lugar. E nós vemos ordem, e não esporadicidade; então é óbvio que o universo teve um criador.”

Esse argumento é o contrário da *Negação do Antecedente*.

### 16. Anfibolia

A *Anfibolia* ocorre quando as premissas usadas num argumento são ambíguas devido a negligência ou imprecisão gramatical. Por exemplo:

“Premissa: A crença em Deus preenche um vazio muito necessário.”

### 17. Evidência Anedótica

Uma das falácias mais simples é dar crédito a uma *Evidência Anedótica*. Por exemplo:

“Há abundantes provas da existência de Deus; ele ainda faz milagres. Semana passada eu li sobre uma garota que estava morrendo de câncer, então sua família inteira foi para uma Igreja e rezou, e ela foi curada.”

É bastante válido usar experiências pessoais como ilustração; contudo, essas anedotas não provam nada a ninguém. Um amigo seu pode dizer que encontrou Elvis Presley no supermercado, mas aqueles que não tiveram a mesma experiência exigirão mais do que o testemunho de seu amigo para serem convencidos.

*Evidências Anedóticas* podem parecer muito convincentes, especialmente *queremos* acreditar nelas.

### 18. Argumentum ad Antiquitatem

Essa é a falácia de afirmar que algo é verdadeiro ou bom só porque é antigo ou “sempre foi assim”. A falácia oposta é a *Argumentum ad Novitatem*.

“Cristãos acreditam em Jesus há milhares de anos. Se o Cristianismo não fosse verdadeiro, não teria perdurado tanto tempo”

### 19. Argumentum ad Baculum / Apelo à Força

Acontece quando alguém recorre à força (ou à ameaça) para tentar induzir outros a aceitarem uma conclusão. Essa falácia é frequentemente utilizada por políticos, e pode ser resumida na expressão “o poder define os direitos”. A ameaça não precisa vir diretamente da pessoa que argumenta. Por exemplo:

“...assim, há amplas provas da veracidade da Bíblia, e todos que não aceitarem essa verdade queimarão no Inferno.”

“...em todo caso, sei seu telefone e endereço; já mencionei que possuo licença para portar armas?”

### 20. Argumentum ad Crumenam

É a falácia de acreditar que dinheiro é o critério da verdade; que indivíduos ricos têm mais chances de estarem certos. Trata-se do oposto ao *Argumentum ad Lazarum*. Exemplo:

“A Microsoft é indubitavelmente superior; por que outro motivo Bill Gates seria tão rico?”

### 21. Argumentum ad Hominem

*Argumentum ad Hominem* literalmente significa “argumento direcionado ao homem”; há duas variedades.

A primeira é a falácia *Argumentum ad Hominem* abusiva: consiste em rejeitar uma afirmação e justificar a recusa criticando a pessoa que fez a afirmação. Por exemplo:

“Você diz que os ateus podem ser morais, mas descobri que você abandonou sua mulher e filhos.”

Isso é uma falácia porque a veracidade de uma asserção não depende das virtudes da pessoa que a propugna. Uma versão mais sutil do *Argumentum ad Hominem* é rejeitar uma proposição baseando-se no fato de ela também ser defendida por pessoas de caráter muito questionável.

Por exemplo:

“Por isso nós deveríamos fechar a Igreja? Hitler e Stálin concordariam com você.”

A segunda forma é tentar persuadir alguém a aceitar uma afirmação utilizando como referência as circunstâncias particulares da pessoa. Por exemplo:

“É perfeitamente aceitável matar animais para usar como alimento. Esperto que você não contrarie o que eu disse, pois parece bastante feliz em vestir seus sapatos de couro.”

Esta falácia é conhecida como *Argumentum ad Hominem* circunstancial e também pode ser usada como uma desculpa para rejeitar uma conclusão. Por exemplo:

“É claro que a sua ver discriminação racial é absurda. Você é negro”

Essa forma em particular do *Argumentum ad Hominem*, no qual você alega que alguém está defendendo uma conclusão por motivos egoístas, também é conhecida como “envenenar o poço”.

Não é sempre inválido referir-se às circunstâncias de quem que faz uma afirmação. Um indivíduo certamente perde credibilidade como testemunha se tiver fama de mentiroso ou traidor; entretanto, isso não prova a falsidade de seu testemunho, nem altera a consistência de quaisquer de seus argumentos lógicos.

## 22. Argumentum ad Ignorantiam

*Argumentum ad Ignorantiam* significa “argumento da ignorância”. A falácia consiste em afirmar que algo é verdade simplesmente porque

não provaram o contrário; ou, de modo equivalente, quando for dito que algo é falso porque não provaram sua veracidade.

(Nota: *admitir* que algo é falso até provarem o contrário não é a mesma coisa que *afirmar*. Nas leis, por exemplo, os indivíduos são considerados inocentes até que se prove o contrário.)

Abaixo estão dois exemplos:

“Obviamente a Bíblia é verdadeira. Ninguém pode provar o contrário.”

“Certamente a telepatia e os outros fenômenos psíquicos não existem. Ninguém jamais foi capaz de prová-los.”

Na investigação científica, sabe-se que um evento pode produzir certas evidências de sua ocorrência, e que a ausência dessas evidências pode ser validamente utilizada para inferir que o evento não ocorreu. No entanto, não prova com certeza.

Por exemplo:

“Para que ocorresse um dilúvio como o descrito pela Bíblia seria necessário um enorme volume de água. A Terra não possui nem um décimo da quantidade necessária, mesmo levando em conta a que está congelada nos pólos. Logo, o dilúvio não ocorreu.”

Certamente é possível que algum processo desconhecido tenha removido a água. A ciência, entretanto, exigiria teorias plausíveis e passíveis de experimentação para aceitar que o fato tenha ocorrido.

Infelizmente, a história da ciência é cheia de predições lógicas que se mostraram equivocadas. Em 1893, a *Real Academia de Ciências da Inglaterra* foi persuadida por Sir Robert Ball de que a comunicação com o planeta Marte era fisicamente impossível, pois necessitaria de uma antena do tamanho da Irlanda, e seria impossível fazê-la funcionar.

## 23. Argumentum ad Lazarum

É a falácia de assumir que alguém pobre é mais íntegro ou virtuoso que alguém rico. Essa falácia apõe-se à *Argumentum ad Crumenam*. Por exemplo:

“É mais provável que os monges descubram o significado da vida, pois abdicaram das distrações que o dinheiro possibilita.”

## 24. Argumentum ad Logicam

Essa é uma “falácia da falácia”. Consiste em argumentar que uma proposição é falsa porque foi apresentada como a conclusão de um argumento falacioso. Lembre-se que um argumento falacioso pode chegar a conclusões verdadeiras.

“Pegue a fração 16/64. Agora, cancelando-se o seis de cima e o seis de baixo, chegamos a 1/4.”

“Espere um segundo! Você não pode cancelar o seis!”

“Ah, então você quer dizer que 16/64 não é 1/4?”

## 25. Argumentum ad Misericordiam

É o apelo à piedade, também conhecido como *Súplica Especial*. A falácia é cometida quando alguém apela à compaixão a fim de que aceitem sua conclusão. Por exemplo:

“Eu não assassinei meus pais com um machado! Por favor, não me acuse; você não vê que já estou sofrendo o bastante por ter me tornado um órfão?”

## 26. Argumentum ad Nauseam

Consistem em crer, equivocadamente, que algo é tanto mais verdade, ou tem mais chances de ser, quanto mais for repetido. Um *Argumentum ad Nauseam* é aquele que afirma algo repetitivamente até a exaustão.

## 27. Argumentum ad Novitatem

Esse é o oposto do *Argumentum ad Antiquitatem*; é a falácia de afirmar que algo é melhor ou mais verdadeiro simplesmente porque é novo ou mais recente que alguma outra coisa.

“BeOS é, de longe, um sistema operacional superior ao OpenStep, pois possui um design muito mais atual.”

## 28. Argumentum ad Numerum

Falácia relacionada ao *Argumentum ad Populum*. Consiste em afirmar que quanto mais pessoas concordam ou acreditam numa certa proposição, mais provavelmente ela estará correta. Por exemplo:

“A grande maioria dos habitantes deste país acredita que a punição capital é bastante eficiente na diminuição dos delitos. Negar isso em face de tantas evidências é ridículo.”

“Milhares de pessoas acreditam nos poderes das pirâmides; ela deve ter algo de especial.”

## 29. Argumentum ad Populum

Também conhecida como apelo ao povo. Comete-se essa falácia ao tentar conquistar a aceitação de uma proposição apelando a um grande número de pessoas. Esse tipo de falácia é comumente caracterizado por uma linguagem emotiva. Por exemplo:

“A pornografia deve ser banida. É uma violência contra as mulheres.”

“Por milhares de anos pessoas têm acreditado na Bíblia e Jesus, e essa crença teve um enorme impacto sobre suas vidas. De que outra evidência você precisa para se convencer de que Jesus é o filho de Deus? Você está dizendo que todas elas são apenas estúpidas pessoas enganadas?”

## 30. Argumentum ad Verecundiam

O *Apelo à Autoridade* usa a admiração a uma pessoa famosa para tentar sustentar uma afirmação. Por exemplo:

“Isaac Newton foi um gênio e acreditava em Deus.”

Esse tipo de argumento não é sempre inválido; por exemplo, pode ser relevante fazer referência a um indivíduo famoso de um campo específico. Por exemplo, podemos distinguir facilmente entre:

“Hawking concluiu que os buracos negros geram radiação.”

“Penrose conclui que é impossível construir um computador inteligente.”

Hawking é um físico, então é razoável admitir que suas opiniões sobre os buracos negros são fundamentadas. Penrose é um matemático, então sua qualificação para falar sobre o assunto é bastante questionável.

### 31. *Audiatur et Altera Pars*

Freqüentemente pessoas argumentam partir de assunções omitidas. O princípio do *Audiatur et Altera Pars* diz que todas premissas de um argumento devem ser explicitadas. Estritamente, a omissão das premissas não é uma falácia; entretanto, é comumente vista como algo suspeito.

### 32. Bifurcação

“*Preto e Branco*” é outro nome dado a essa falácia. A *Bifurcação* ocorre se alguém apresenta uma situação com apenas duas alternativas, quando na verdade existem ou podem existir outras. Por exemplo:

“Ou o homem foi criado, como diz a Bíblia, ou evoluiu casualmente de substâncias químicas inanimadas, como os cientistas dizem. Já que a segunda hipótese é incrivelmente improvável, então...”

Uma boa resposta é, ao pedirem para provar a inexistência de Deus, é a citação desta falácia, afinal, Não é porque não podemos provar que não existe, que exista.

### 33. *Circulus in Demonstrando*

Consiste em adotar como premissa uma conclusão à qual você está tentando chegar. Não raro, a proposição é reescrita para fazer com que tenha a aparência de um argumento válido. Por exemplo:

“Homossexuais não devem exercer cargos públicos. Ou seja, qualquer funcionário público que se revele um homossexual deve ser despedido. Por isso, eles farão qualquer coisa para esconder seu segredo, e assim ficarão totalmente sujeitos a chantagens. Conseqüentemente, não se deve permitir homossexuais em cargos públicos.”

Esse é um argumento completamente circular; a premissa e a conclusão são a mesma coisa. Um argumento como o acima foi realmente

utilizado como um motivo para que todos os empregados homossexuais do Serviço Secreto Britânico fossem despedidos.

Infelizmente, argumentos circulares são surpreendentemente comuns. Após chegarmos a uma conclusão, é fácil que, acidentalmente, façamos asserções ao tentarmos explicar o raciocínio a alguém.

### 34. *Questão Complexa / Falácia de Interrogação / Falácia da Pressuposição*

É a forma interrogativa de pressupor uma resposta. Um exemplo clássico é a pergunta capciosa:

“Você parou de bater em sua esposa?”

A questão pressupõe uma resposta definida a outra questão que não chegou a ser feita. Esse truque é bastante usado por advogados durante o interrogatório, quando fazem perguntas do tipo:

“Onde você escondeu o dinheiro que roubou?”

Similarmente, políticos também usam perguntas capciosas como:

“Até quando será permitida a intromissão dos EUA em nossos assuntos?”

“O Chanceler planeja continuar essa privatização ruinosa por dois anos ou mais?”

Outra forma dessa falácia é pedir a explicação de algo falso ou que ainda não foi discutido.

### 35. *Falácias de Composição*

A *Falácia de Composição* é concluir que uma propriedade compartilhada por um número de elementos em particular, também é compartilhada por um conjunto desses elementos; ou que as propriedades de uma parte do objeto devem ser as mesmas nele inteiro. Exemplos:

“Essa bicicleta é feita inteiramente de componentes de baixa densidade, logo é muito leve.”

“Um carro utiliza menos petroquímicos e causa menos poluição que um ônibus. Logo, os carros causam menos dano ambiental que os ônibus.”

### 36. Acidente Invertido / Generalização Grosseira

Essa é o inverso da *Falácia do Acidente*. Ela ocorre quando se cria uma regra geral examinando apenas poucos casos específicos que não representam todos os possíveis casos. Por exemplo:

“Jim Bakker foi um Cristão pérfido; logo, todos os cristãos também são.”

### 37. Convertendo uma Condicional

A falácia é um argumento na forma “Se A então B, logo se B então A”. “Se os padrões educacionais forem abaixados, a qualidade dos argumentos vistos na internet diminui. Então, se vermos o nível dos debates na internet piorar, saberemos que os padrões educacionais estão caindo.”

Essa falácia é similar à *Afirmação do Conseqüente*, mas escrita como uma afirmação condicional.

### 38. Cum Hoc Ergo Propter Hoc

Essa falácia é similar à *Post Hoc Ergo Propter Hoc*. Consiste em afirmar que devido a dois eventos terem ocorrido concomitantemente, eles possuem uma relação de causalidade. Isso é uma falácia porque ignora outro(s) fator(es) que pode(m) ser a(s) causa(s) do(s) evento(s). “Os índices de analfabetismo têm aumentado constantemente desde o advento da televisão. Obviamente ela compromete o aprendizado”

Essa falácia é um caso especial da *Non Causa Pro Causa*.

### 39. Negação do Antecedente

Trata-se de um argumento na forma “A implica B, A é falso, logo B é falso”. A tabela com as Regras de Implicação explica por que isso é uma falácia.

(Nota: A *Non Causa Pro Causa* é diferente dessa falácia. A *Negação do Antecedente* possui a forma “A implica B, A é falso, logo B é falso”, onde A *não* implica B em absoluto. O problema não é que a implicação seja inválida, mas que a falsidade de A não nos permite deduzir qualquer coisa sobre B.)

“Se o Deus bíblico aparecesse para mim pessoalmente, isso certamente provaria que o cristianismo é verdade. Mas ele não o fez, ou seja, a Bíblia não passa de ficção.”

Esse é oposto da falácia *Afirmação do Conseqüente*.

### 40. Falácia do Acidente / Generalização Absoluta / Dicto Simpliciter

Uma *Generalização Absoluta* ocorre quando uma regra geral é aplicada a uma situação em particular, mas as características da situação tornam regra inaplicável. O erro ocorre quando se vai do geral do específico. Por exemplo:

“Cristãos não gostam de ateus. Você é um Cristão, logo não gosta de ateus.”

Essa falácia é muito comum entre pessoas que tentam decidir questões legais e morais aplicando regras gerais mecanicamente.

### 41. Falácia da Divisão

Oposta à *Falácia de Composição*, consiste em assumir que a propriedade de um elemento deve aplicar-se às suas partes; ou que uma propriedade de um conjunto de elementos é compartilhada por todos.

“Você estuda num colégio rico. Logo, você é rico.”

“Formigas podem destruir uma árvore. Logo, essa formiga também pode.”

### 42. Equivocação / Falácia de Quatro Termos

A *Equivocação* ocorre quando uma palavra-chave é utilizada com dois um ou mais significados no mesmo argumento. Por exemplo:

“João é destro jogando futebol. Logo, também deve ser destro em outros esportes, apesar de ser canhoto.”

Uma forma de evitar essa falácia é escolher cuidadosamente a terminologia antes de formular o argumento, isso evita que palavras como “destro” possam ter vários significados (como “que usa preferencialmente a mão direita” ou “hábil, rápido”).

### 43. Analogia Estendida

A falácia da *Analogia Estendida* ocorre, geralmente, quando alguma regra geral está sendo discutida. Um caso típico é assumir que a menção de duas situações diferentes, num argumento sobre uma regra geral, significa que tais afirmações são análogas.

A seguir está um exemplo retirado de um debate sobre a legislação anticitográfica.

“Eu acredito que é errado opor-se à lei violando-a.”

“Essa posição é execrável: implica que você não apoiaria Martin Luther King.”

“Você está dizendo que a legislação sobre criptografia é tão importante quando a luta pela igualdade dos homens? Como ousa!”

### 44. Ignorantio Elenchi / Conclusão Irrelevante

A *Ignorantio Elenchi* consiste em afirmar que um argumento suporta uma conclusão em particular, quando na verdade não possuem qualquer relação lógica.

Por exemplo, um Cristão pode começar alegando que os ensinamentos do Cristianismo são indubitavelmente verdadeiros. Se após isso ele tentar justificar suas afirmações dizendo que tais ensinamentos são muito benéficos às pessoas que os seguem, não importa quão eloquente ou coerente seja sua argumentação, ela nunca vai provar a veracidade desses escritos.

Lamentavelmente, esse tipo de argumentação é quase sempre bem-sucedido, pois faz as pessoas enxergarem a suposta conclusão numa perspectiva mais benevolente.

### 45. Falácia da Lei Natural / Apelo à Natureza

O *Apelo à Natureza* é uma falácia comum em argumentos políticos. Uma versão consiste em estabelecer uma analogia entre uma conclusão em particular e algum aspecto do mundo natural, e então afirmar que tal conclusão é inevitável porque o mundo natural é similar:

“O mundo natural é caracterizado pela competição; animais lutam uns contra os outros pela posse de recursos naturais limitados. O capitalismo – luta pela posse de capital – é simplesmente um aspecto inevitável da natureza humana. É como o mundo funciona.”

Outra forma de *Apelo à Natureza* é argumentar que devido ao homem ser produto da natureza, deve se comportar como se ainda estivesse nela, pois do contrário estaria indo contra sua própria essência.

“Claro que o homossexualismo é antinatural. Qual foi a última vez em que você viu animais do mesmo sexo copulando?”

### 46. Falácia “Nenhum Escocês de Verdade...”

Suponha que eu afirme “Nenhum escocês coloca açúcar em seu mingau”. Você contra-argumenta dizendo que seu amigo Angus gosta de açúcar no mingau. Então eu digo “Ah, sim, mas nenhum escocês *de verdade* coloca”.

Esse é o exemplo de uma mudança *Ad Hoc* sendo feita para defender uma afirmação, combinada com uma tentativa de mudar o significado original das palavras; essa pode ser chamada uma combinação de falácias.

### 47. Non Causa Pro Causa

A falácia *Non Causa Pro Causa* ocorre quando algo é tomado como causa de um evento, mas sem que a relação causal seja demonstrada. Por exemplo:

“Eu tomei uma aspirina e rezei para que Deus a fizesse funcionar; então minha dor de cabeça desapareceu. Certamente Deus foi quem a curou.”

Essa é conhecida como a falácia da *Causalidade Fictícia*. Duas variações da *Non Causa Pro Causa* são as falácias *Cum Hoc Ergo Propter Hoc* e *Post Hoc Ergo Propter Hoc*.

### 48. Non Sequitur

*Non Sequitur* é um argumento onde a conclusão deriva das premissas sem qualquer conexão lógica. Por exemplo:

“Já que os egípcios fizeram muitas escavações durante a construção das pirâmides, então certamente eram peritos em paleontologia.”

#### 49. Pretitio Principii / Implorando a Pergunta

Ocorre quando as premissas são pelo menos tão questionáveis quanto as conclusões atingidas. Por exemplo:

“A Bíblia é a palavra de Deus. A palavra de Deus não pode ser questionada; a Bíblia diz que ela mesma é verdadeira. Logo, sua veracidade é uma certeza absoluta.”

*Pretitio Principii* é similar ao *Circulus in Demonstrando*, onde a conclusão é a própria premissa.

#### 50. Plurium Interrogationum / Muitas Questões

Essa falácia ocorre quando alguém exige uma resposta simplista a uma questão complexa.

“Altos impostos impedem os negócios ou não? Sim ou não?”

#### 51. Post Hoc Ergo Propter Hoc

A falácia *Post Hoc Ergo Propter Hoc* ocorre quando algo é admitido como causa de um evento meramente porque o antecedeu. Por exemplo:

“A União Soviética entrou em colapso após a instituição do ateísmo estatal; logo, o ateísmo deve ser evitado.”

Essa é outra versão da *Falácia da Causalidade Fictícia*.

#### 52. Falácia “Olha o Avião”

Comete-se essa falácia quando alguém introduz material irrelevante à questão sendo discutida, fugindo do assunto e comprometendo a objetividade da conclusão.

“Você pode até dizer que a pena de morte é ineficiente no combate à criminalidade, mas e as vítimas? Como você acha que os pais se sentirão quando virem o assassino de seu filho vivendo às custas dos impostos que eles pagam? É justo que paguem pela comida do assassino de seu filho?”

#### 53. Reificação

A *Reificação* ocorre quando um conceito abstrato é tratado como algo concreto.

“Você descreveu aquela pessoa como ‘maldosa’. Mas onde fica essa ‘maldade’? Dentro do cérebro? Cadê? Você não pode nem demonstrar o que diz, suas afirmações são infundadas.”

#### 54. Mudando o Ônus da Prova

O ônus da prova sempre cabe à pessoa que afirma. Análoga ao *Argumentum ad Ignorantiam*, é a falácia de colocar o ônus da prova no indivíduo que nega ou questiona uma afirmação. O erro, obviamente, consiste em admitir que algo é verdade até que provem o contrário.

“Dizer que os alienígenas não estão controlando o mundo é fácil... eu quero que você prove.”

#### 55. Declive Escorregadio

Consiste em dizer que a ocorrência de um evento acarretará consequências daninhas, mas sem apresentar provas para sustentar tal afirmação. Por exemplo:

“Se legalizarmos a maconha, então mais pessoas começarão a usar crack e heroína, e teríamos de legalizá-las também. Não levará muito tempo até que este país se transforme numa nação de viciados. Logo, não se deve legalizar a maconha.”

#### 56. Espantalho



A falácia do *Espantalho* consiste em distorcer a posição de alguém para que possa ser atacada mais facilmente. O erro está no fato dela não lidar com os verdadeiros argumentos.

“Para ser ateu você precisa crer piamente na inexistência de Deus. Para convencer-se disso, é preciso vasculhar todo o Universo e todos os lugares onde Deus poderia estar. Já que obviamente você não fez isso, sua posição é indefensável.”

Uma vez por semana aparece alguém com esse argumento na Internet. Quem não consegue entender qual é a falha lógica deve ler a *Introdução ao Ateísmo*.<sup>5</sup>

## 57. Tu Quoque

Essa é a famosa falácia “você também”. Ocorre quando se argumenta que uma ação é aceitável apenas porque seu oponente a fez. Por exemplo:

“Você está sendo agressivo em suas afirmações.”

“E daí? Você também.”

Isso é um ataque pessoal, sendo uma variante do caso *Argumentum ad Hominem*.

## 58. Falácia do Meio Não-distribuído / Falácia “A baseia-se em B” ou “...é um tipo de...”

É uma falha lógica que ocorre quando se tenta argumentar que certas coisas são, em algum aspecto, similares, mas não se consegue especificar qual. Exemplos:

“A história não se baseia na fé? Então a Bíblia também não poderia ser vista como história?”

“O islamismo baseia-se na fé, o cristianismo também. Então o islamismo não é uma forma de cristianismo?”

“Gatos são animais formados de compostos orgânicos; cachorros também. Então os cachorros não são apenas um tipo de gato?”

<sup>5</sup> [http://www.ateismo.com.br/artigos/ateismo/uma\\_introducao\\_ao\\_ateismo.php](http://www.ateismo.com.br/artigos/ateismo/uma_introducao_ao_ateismo.php)

## 59.

### Nota 1

*Jesus: Senhor, Mentiroso ou Lunático?*

“Jesus existiu? Se não, então não há o que discutir. Mas se existiu, e se autodenominava ‘Senhor’, isso significa que: ele era o Senhor, um mentiroso, ou um lunático. É improvável que ele tenha sido um mentiroso, dado o código moral descrito na Bíblia; seu comportamento também não era o de um lunático; então certamente conclui-se que ele era o Senhor.”

Primeiramente, esse argumento admite tacitamente que Jesus existiu de fato. O que é, no mínimo, algo questionável. Ele possui uma falácia lógica que poderemos chamar “*Trifurcação*”, por analogia com a *Bifurcação*. É uma tentativa de restringir a três as possibilidades que, na verdade, são muitas mais.

Duas outras hipóteses:

– A Bíblia apresenta as palavras de Jesus de modo distorcido, pois ele nunca alegou ser o “Senhor”.

– As histórias sobre ele foram inventadas ou então misturadas com fantasia pelos primeiros cristãos.

Note que no *Novo Testamento* Jesus não diz ser Deus, apesar de em *João 10:30* ele ter dito “Eu e meu pai somos um”. A alegação de que Jesus era Deus foi feita após sua morte pelos seus doze apóstolos.

Finalmente, a possibilidade de ele ter sido um “lunático” não é tão pequena. Mesmo hoje em dia há várias pessoas que conseguem convencer multidões de que são “o Senhor” ou “o verdadeiro profeta”. Em países mais supersticiosos, há literalmente centenas de supostos “messias”.

### Nota 2

*Einstein e “Deus não joga dados”*

“Albert Einstein acreditava em Deus. Você se acha mais inteligente que ele?”

Einstein uma vez disse que “Deus não joga dados (com o Universo)”. Essa citação é comumente mencionada para mostrar que Einstein

acreditava no Deus cristão. Mas nesse caso ela está fora de contexto, pois dizendo isso ele pretendia apenas recusar alguns aspectos mais populares da teoria quântica. Ademais, a religião de Einstein era o judaísmo, não o cristianismo.

Talvez essas citações de sua autoria possam deixar a idéia mais clara: “Eu acredito no Deus de Spinoza que se revela através da harmonia do existente, não num Deus que se preocupa com o destino e vida dos seres humanos.”

“O que você leu sobre minas convicções religiosas é uma mentira, uma mentira que está sendo sistematicamente repetida. Eu não acredito em um Deus pessoal e nunca neguei isso, mas o afirmei claramente. Se há algo em mim que pode ser chamado religião, é a minha ilimitada admiração pela estrutura do mundo.”

“Eu não acredito na imortalidade do indivíduo, e considero a moral como algo que diz respeito somente aos homens, sem qualquer relação com uma autoridade supra-humana.”

### VIII. O que significa ser cristão

1. Tendo em vista que moro no Brasil e minha língua nativa é o português, quando eu falar em português estou querendo dizer exatamente o que diz o dicionário, de acordo? Portanto, eu não defino palavras, elas já estão definidas.

De acordo com o dicionário Priberam, compreendemos que:

**CRISTÃO:** (a) relativo ao cristianismo; (b) aquele que recebeu o batismo e professa a religião cristã.

Para falar de “a” precisamos definir:

**CRISTIANISMO:** conjunto das religiões cristãs, ou seja, que se baseiam nos ensinamentos, na pessoa e na vida de Jesus Cristo, tais como o catolicismo, o protestantismo e as igrejas ortodoxas.

**RELIGIÃO:** (c) doutrina, (d) sistema religioso.

Daqui extraí que (e) não existe cristão que não segue alguma doutrina. Se alguém diz que segue a “própria” doutrina ela precisa, para ser coerente, estudar a Bíblia e transcrever a tal doutrina (c) e elaborar um sistema religioso (d). Se assim não fez e nem segue algum doutrina pré-concebida, não é cristão.

Para falar de “b” precisamos definir:

**PROFESSAR:** (e) exercer, (f) ensinar, (g) seguir a regra, (h) adotar, abraçar, seguir; e, finalmente, (i) fazer votos.

2. Traduzindo: o cristão não-praticante não pode ser considerado cristão porque ele não só não segue nenhuma doutrina como, sem dúvida, não elaborou nenhum sistema religioso [se é que ele já leu o Novo Testamento]. O não-praticante não pratica a fé; mas se o cristão, para ser chamado “cristão”, deve professar a fé (b), significa que deve, se é cristão, exercer (e), ensinar (f), seguir a regra (g), etc (h), etc (i), etc.

Resta a pergunta: “o que o não-praticante é?”. Primeiramente, hipócrita. Segundo, um ateu implícito.

## 2. DEUS

“Os homens acham a epilepsia divina, simplesmente porque não a compreendem. Mas se chamassem de divino tudo que não compreendem, ora, as coisas divinas não teriam fim” (Hipócrates)

### I. O Verbo

1. Quero deixar claro aqui que, para este estudo, quando eu usar a palavra Deus, estarei me referindo, comumente ao Deus Cristão, isto é, Deus, neste livro, significa, literalmente, um ser inteligente, que criou o mundo, onipotente, onisciente, onipresente, sua manifestação está principalmente na Bíblia (para estudo do kardecismo estarei supondo também um Deus que desejou a criação desta doutrina); ou seja, é deste Deus que estou falando. Filosofias que acreditam no panteísmo ou místicas não serão objeto de refutação, por ora; além do mais, pouco me importo com quem acredita que pirâmides de cristais têm algum efeito, pois estas pirâmides não incitam o preconceito e violência (caso da Bíblia, leia adiante); tampouco o panteísmo merece, ao menos da minha parte, qualquer discussão, mas eu prefiro simplesmente chamar o universo de universo, a natureza de natureza, como diria Schopenhauer; também prefiro ser simplesmente e resolutamente ateu (antiteísta, na realidade) do que esotérico ou panteísta; não estou habituado a inventar sinônimos para coisas reais e nem chamar de deus o que a ciência chama de magnetismo.

2. Para afirmar que Deus existe alguns exegetas lançam mão de uma Lei da Natureza de causa e efeito. Algo necessariamente tem que ter criado tudo isto, e este algo, segundo os crentes, é Deus, mas ao refutarmos que algo tem que ter criado Deus a resposta óbvia é que Ele sempre existiu. Significa que, a lei de causa e efeito serve para provar que Deus existe, mas não se aplica a Ele; outro detalhe é que da mesma forma que você (exegeta) pode afirmar que Deus sempre existiu, eu posso afirmar que a matéria sempre existiu. Quem disse que existe algo que causou sem ser causado? Quem disse que esse algo que causou sem

ser causado chama-se Deus? E Quem é o homem para concluir que o tal Deus é um algo que veio do nada e formou a si mesmo e daí construiu o Universo?

Afirma-se – não sei com quanta veracidade – que um certo pensador hindu acreditava que a Terra estava apoiada em um elefante. Quando lhe perguntaram no que o elefante de sustentava, respondeu que se sustentava numa tartaruga. Quando lhe perguntaram sobre o que a tartaruga se sustentava, ele disse ‘Estou cansado disso. Vamos mudar de assunto’. Isso ilustra o caráter insatisfatório do argumento da Causa Primeira. (Bertrand Russell)

3. Talvez você ainda tente refutar questionando quem deu o “sopro” da vida? Entretanto, as Provas sobre a Teoria de Oparin<sup>6</sup>, que demonstraram ser possível a geração da vida através de elementos não divinos, talvez, neste caso, não tenha explicado especificamente a origem da vida na Terra, mas explicou que é possível a geração de vida a partir da não-vida; isto é, a abiogênese é possível e uma sofisticação natural da ciência trará as peculiaridades científicas da origem da vida especificamente na Terra. Pois, não é porque algo não tenha explicação científica concludente ainda que a explicação disponível seja a verdadeira, uma série de teóricos foram ridicularizados durante décadas até que suas idéias alcançassem reconhecimento. Até chegar Leeuwenhoek<sup>7</sup> se considerava a gripe como uma “maldição” divina,

<sup>6</sup> Aleksandr Ivanovitch Oparin (1894-1980) – Foi membro da Academia de Ciências em Moscow e autor da mais moderna explicação sobre a origem da vida. O método conhecido como experiência de Urey-Miller baseou-se na disposição de um balão de vidro metano, amônia, hidrogênio e vapor de água. Submeteram a mistura a aquecimento prolongado. Uma centelha elétrica de alta tensão cortava continuamente o ambiente onde estavam contidos os gases. Ao fim de certo tempo, comprovaram o aparecimento de moléculas de aminoácidos no interior do balão, que se acumulavam no tubo de U. Certamente tal método não elucidou totalmente a teoria sobre a origem da vida, mas demonstrou que certamente pode ter sido de uma forma um tanto quanto menos divina.

<sup>7</sup> Antonie van Leeuwenhoek (1632 - 1723) – tudo indica que fora o primeiro a fazer observações microscópicas.

mais tarde descobrimos que é só um vírus; da mesma forma que atribuem a tudo o que ciência não tem certeza ou não conhece a Deus, até a ciência chegar lá.

4. Há uma enormidade de suposições feitas a partir da crença em Deus até a escolha de uma doutrina, por exemplo: um protestante típico, para chegar a ser evangélico, primeiro, supõe que Deus exista, depois supõe que seja exatamente o Deus cristão (nem o do hinduísmo, nem o do taoísmo, o do Alcorão, ou qualquer outro), depois supõe que sua Palavra esteja na Bíblia como ela é, supõe-se também que a verdade está na Bíblia protestante e não na católica ou a dos testemunhas-de-jeová, o pior é que se já não bastasse tantas suposições, ainda se supõe, este religioso, que a interpretação correta seja exatamente aquela concebida especificamente na sua vertente protestante.

Há vários tipos de Bíblia. A católica tem mais livros do que a protestante, no Antigo Testamento. A Bíblia católica oriental tem ainda mais livros, incluindo, por exemplo, Macabeus 3 e 4, enquanto os católicos romanos consideram apenas Macabeus 1 e 2 e os protestantes rejeitam todos os Macabeus. (Gondim: 2005, p.145)

Se há cem religiões no mundo (e há mais), você tem um 1% de chance de estar adorando o Deus certo, mas se existe cem traduções da Bíblia, você tem exatamente 0,01% de chance de estar lendo o que deve ser lido, e, dentro desta tradução, você pode ter cem interpretações distintas, ou seja, você tem exatamente 0,0001% de chance de estar agindo exatamente conforme Deus quer, qual Deus, qual Bíblia e qual interpretação. O mais curioso é que existem poucas razões para supor a superioridade do cristianismo [alguns exegetas tentam este argumento], pois, seu livro não é o mais antigo [perdendo, por exemplo, para os Vedas do hinduísmo], não é o primeiro monoteísta [concorrendo, por exemplo, com o zoroastrismo e sabeísmo], e não é superior

filosoficamente [perdendo, por exemplo, para o budismo<sup>8</sup>], é inegavelmente inferior literariamente a outras obras da época [perdendo, por exemplo, para Homero] sequer é reconhecido profeticamente pelo judaísmo, ou seja, não há nenhuma razão coerente para sermos cristãos. O que defendo é que tendemos ao cristianismo porque nascemos numa sociedade cristã, ou seja, se você tivesse nascido na Índia acharia um grande pecado comer carne bovina. Note, que não considero nenhuma religião como sagrada, mas como filosofia a dos hindus, com os seus *Mahâbhâratas*, é cem vezes mais sofisticada; do ponto de vista científico eles perceberam o darwinismo dezenas de pares de séculos antes. “Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti” (Mt 5:29), até quando os crentes serão crentes por comodismo e não por acreditar? Até quando os crentes serão crentes porque alguém um dia ensinou-lhes assim? “Se lhe ensinassem que os elfos causam a chuva, toda vez que chovesse, você veria a prova dos elfos” (Ariex).

5. Aliás, esta ridícula noção de que o cristianismo é superior as outras religiões só pode ser idéia mesmo de um cristão. Muitas pessoas, só por saber, muito superficialmente, que o islamismo prega a poligamia, por saberem que o hinduísmo considera alguns animais como sagrados, de antemão, só por um ou outro elemento, já consideram a crença ridícula. Sem se darem ao trabalho de entrar em único pormenor de outra doutrina, sem se dar ao trabalho de ler um único capítulo de algum livro de outra crença. Pois eu, estudioso das religiões, aconselho a você que tem esta opinião que, mesmo que rapidamente, estude um pouco das outras filosofias, certamente mudará de opinião. Não é incrível que Deus tenha uma palavra inferior ao “demônio” (outras crenças)? O nome disso é preconceito, e

<sup>8</sup> Um grande indício de que a filosofia oriental (sobretudo a budista) é mais evoluída do que a cristã é o fato de que os livros de auto-ajuda ou com elementos de auto-ajuda (como Paulo Coelho) com maior sucesso trazem declaradamente diversos elementos orientais: tal filosofia explica modos práticos de viver melhor e não mandamentos sem causa e sem efeito.

inquestionavelmente se devem mais a cultura vigente do que ao bom senso, bem observado pelo Kardec, ao menos neste caso:

Sem indagarem se tais contos, despojados dos acessórios ridículos, encerram algum fundo de verdade, essas pessoas unicamente se impressionam com o lado absurdo que eles revelam. Sem se darem ao trabalho de tirar a casca amarga, para achar a amêndoa, rejeitam o todo. (Kardec: 1861, I:1)

6. Já disse Bernacchi que “o trabalho de catequese começa no Papai Noel, passa pelo Papai do Céu e termina na mesa do Papa” [ou é a própria papa]. Reitero, baseado em que se afirma que a Bíblia é inspirada divinamente? Por acaso Deus entra em contradição? Como dito acima, a Bíblia não é o primeiro e nem o último livro a se intitular inspirado divinamente, pois se a Bíblia se diz inspirada de capa a capa (2Tm 3:16; cf. Cl 3:16; 1Ts 5:20); o hinduísmo não fica atrás (Bhagavad-gita: 3:14-15; 4:6; 10:14), tampouco o Islamismo, Taoísmo e todas as outras religiões. Neste cenário, levando em conta a qualidade do livro e sabedoria da filosofia, o Novo Testamento, que não passa de um resumo tendencioso do Tanakh (Velho Testamento) – livro usurpado da cultura judaica –, está atrás da maioria das religiões, pois é a mais irrealista e menos pragmática, suas reflexões são infinitamente inferiores as de qualquer literatura oriental milenar. Muitos me condenam por fazer afirmações deste tipo, definindo o melhor e o pior, mas se o melhor e o pior é discernível seria mais interessante para você se eu afetasse a verdade, e desse ao ouro e a prata o mesmo valor? “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.” (Lc 14:35; 8:8; Mc 7:16; 4:9:23). Mas continuo: se um livro tem inspiração divina por que copia as leis e a cultura de outros homens? Por acaso o “olho por olho” e o “dente por dente” (Ex 21:24; Lv 24:20; Dt 19:21; Jz 1:7; 1Rs 2:31) é uma inspiração divina ou cópia do Código de Hamurabi da Babilônia Anterior (séc. XVIII a.c.), que é mais antigo? Moisés foi criado no Egito, e a criação descrita na Gênese é semelhante à criação da mitologia egípcia, coincidência?

7. Eu reitero que não concordo de maneira alguma que um livro inspirado por Deus cite Leis de Talião, tampouco versos de poetas, pois as frases “porque nele vivemos, e nos movemos, e existimos; como também alguns dos vossos poetas disseram: Pois dele também somos geração.” (At 17:28), são de autoria de Epimenides e Aratos. Também Menandro: “Não vos enganeis. As más companhias corrompem os bons costumes.” (1Co 15:33). Mais um vez, Epimenides: “Um dentre eles, seu próprio profeta, disse: Os cretenses são sempre mentirosos, bestas ruins, glutões preguiçosos.” (Tt 1:12).

8. Os cristãos “detêm” três Livros Sagrados: O Velho Testamento, o Novo Testamento e o Falso Testamento. O Velho foi preservado pelos judeus, o Novo perseguido pela Igreja, e o Falso está a venda nas melhores livrarias.

9. O obscurantismo que ronda as tábuas da Verdade se torna mais contraditório quando se tenta deduzir por que a maldade acontece,. Resolver o dilema de Epicuro levando em conta o Deus Cristão é impossível, a saber:

Se [Deus] pode impedir [a maldade], mas não o deseja, é malevolente; se não pode impedir, mas deseja, não é onipotente; se pode e deseja impedir, por que a maldade acontece? Se não pode e nem deseja, sequer pode ser chamado Deus.

Talvez alguns crentes refutem: “de que se queixa, pois, o homem vivente? Queixa-se cada um dos seus pecados” (Lm 3:39); mas como explicar esta questão no caso da criança que é estuprada e morta? Talvez eles digam que a criança sofre pelo pecado dos pais, mas a Bíblia diz que “os pais não morrerão pelos filhos, nem os filhos pelos pais: cada qual morrerá pelo seu pecado” (Dt 24:16; 2Cr 25:4). É mentira e sempre foi que “o justo é castigado na terra; **quanto mais** o ímpio e o pecador!” (Pr 11:31); contradizendo que “tudo sucede **igualmente a todos**: o mesmo sucede ao justo e ao ímpio, ao bom e ao mau, ao puro e ao impuro; assim ao que sacrifica como ao que não

sacrifica; assim ao bom como ao pecador; ao que jura como ao que teme o juramento.” (Ec 9:2), considere esta uma das milhares falhas da Bíblia.

10. Há ainda quem diga que o caminho para Deus não é o da lógica – seria o da idiotice? –. Também dizem que não devemos perscrutar e esmiuçar a Bíblia e que devemos acreditar em Deus no coração, pois ele está dentro de nós; mas a suposta Palavra de Deus não concorda, pois “o que confia no seu próprio coração é insensato.” (Pr 28:26). O problema é que a lógica nos remete ao ateísmo e o coração não é confiável (segundo a própria Bíblia); entre a cruz e a espada, eis o dilema de quem busca a verdade, se é que existe alguma. Mas analisem a profundidade dessas palavras, e leia duas vezes se for necessário:

Aqueles que invalidam a razão devem seriamente considerar se estão argumentando contra a razão com ou sem razão. Se é com razão, eles estabelecem o princípio que se esforçam para derrubar; mas, se argumentam sem razão (o que, para ser coerentes consigo mesmos, deveriam fazer), ficam fora do alcance da convicção racional e não merecem uma argumentação racional (Ethan Allen)

11. Todas as tentativas desesperadas de provar a existência de Deus não foram, até hoje, mais do que inócuas, seja as vias de Aquino, o raciocínio de Descartes ou de Pascal, não só são, no mínimo, extravagantes como convencem poucas pessoas. Além do mais, de que adianta provar que existe um Deus, se este mesmo Deus não é definido, ou seja: o Deus de Descartes pode ser qualquer um destes: Júpiter, Huitzilopochtli, Tezcatilpoca, Arianrod, Nuada, Argetlam, Morrigu, Tagd, Govannon, Goibniu, Gunfled, Odim, Dagda, Ogma, Ogurvan, Marzin, Dea Dia, Marte, Iuno Lucina, Diana de Éfeso, Saturno, Robigus, Furrina, Plutão, Cronos, Vesta, Engurra, Zer-panitu, Belus, Merodach, Ubililu, Elum, U-dimmer-an-kia, Marduk, U-sab-sib, Nin, U-Mersi, Perséfone, Tammuz, Istar, Vênus, Lagas, Belis, Nirig, Nusku, Nebo, Aa, En-Mersi, Sin, Assur, Apsu, Beltu, Elali, Kusky-banda, Mami, Nin-azu, Zaraqu, Qarradu, Zagaga, Ueras, Brahma, Mazda, Zeus

ou Alá. Todos estes onipotentes, onipresentes e oniscientes, tem deus para todos os gostos. Provar que Deus existe é tão útil quanto provar que ele não existe, continuará não fazendo a menor diferença na vida de todos, isto é, de ninguém.

Clamai em altas vozes, porque ele é um deus; pode ser que esteja falando, ou que tenha alguma coisa que fazer, ou que intente alguma viagem; talvez esteja dormindo, e necessite de que o acordem (1Rs 18:27)

## II. Religiões no Brasil e no mundo<sup>9</sup>

### 1.

#### No mundo (por subdivisão)

| Religião           | Tipo        | Reverenciado | Sub divisão             | Em milhões |
|--------------------|-------------|--------------|-------------------------|------------|
| Cristãos           | Monoteísta  | Cristo       | Católicos Romanos       | 1.025      |
| Ateus              | nenhum      | Nenhum       | -                       | 909        |
| Muçulmanos         | Monoteísta  | Maomé        | Xiitas                  | 800        |
| Hinduístas         | Politeístas | Diversos     | -                       | 770        |
| Cristãos           | Monoteísta  | Cristo       | Protestantes (diversos) | 734        |
| Populares chinesas | Politeístas | Diversos     | Maoísmo / Taoísmo       | 380        |
| Muçulmanos         | Monoteísta  | Maomé        | Sunitas                 | 364        |
| Budistas           | Ateus       | Buda         | -                       | 352        |
| Tribais            | Politeístas | Diversos     | Diversas identificadas  | 248        |
| Cristãos           | Monoteísta  | Cristo       | Ortodoxos               | 212        |
| Outras             | Politeístas | Diversos     | Diversas regionais      | 135        |
| Cristãos           | Monoteísta  | Cristo       | Sem filiação (de boca)  | 102        |
| Judaicas           | Monoteísta  | Abraão       | -                       | 14         |
| Espíritas          | Monoteísta  | Xangô        | diversas                | 12         |
| Confucionistas     | Monoteísta  | Confúcio     | -                       | 6          |
| Xintoístas         | Monoteísta  | -            | -                       | 3          |

#### No mundo (por religião)

| Religião   | Tipo       | Reverenciado | Em milhões |
|------------|------------|--------------|------------|
| Cristãos   | Monoteísta | Cristo       | 2.073      |
| Muçulmanos | Monoteísta | Maomé        | 1064       |

<sup>9</sup> Fonte: *Enciclopédia Britânica* (99) e IBGE: <http://www.sidra.ibge.gov.br> (2000)

|            |             |          |     |
|------------|-------------|----------|-----|
| Ateus      | nenhum      | nenhum   | 909 |
| Hinduístas | Politeístas | Diversos | 770 |
| Budistas   | Ateus       | Buda     | 352 |
| Judaicas   | Monoteísta  | Abraão   | 14  |
| Espíritas  | Monoteísta  | Xangô    | 12  |

2. Apesar do budismo ser uma religião, eles não concebem a existência de Deus (onipotente, supremo), isto é, temos quase 1 bilhão e 300 milhões de pessoas que declaradamente (pois há os não-declarados) não acreditam em Deus. O kardecismo, com toda sua “ciência”, é tão irrelevante no mundo que sequer entrou na estatística da Enciclopédia.

### 3. No Brasil

| Religião                   | Número            | Percentual  |
|----------------------------|-------------------|-------------|
| Católica                   | 125.518.774       | 73,88       |
| Evangélicas                | 26.184.941        | 15,41       |
| <b>Sem religião</b>        | <b>12.492.403</b> | <b>7,35</b> |
| Espírita                   | 2.262.401         | 1,33        |
| Testemunhas de Jeová       | 1.104.886         | 0,65        |
| Umbanda e Candomblé        | 525.013           | 0,31        |
| Outras cristãs             | 435.177           | 0,26        |
| Sem declaração             | 383.953           | 0,23        |
| Não determinadas           | 357.648           | 0,21        |
| Budismo                    | 214.873           | 0,13        |
| Outras religiões orientais | 158.912           | 0,09        |
| Judaísmo                   | 86.825            | 0,05        |
| Tradições esotéricas       | 58.445            | 0,03        |
| Islamismo                  | 27.239            | 0,02        |
| Espiritualista             | 25.889            | 0,02        |
| Tradições indígenas        | 17.088            | 0,01        |

|                       |                    |               |
|-----------------------|--------------------|---------------|
| Outras religiosidades | 15.484             | 0,01          |
| Hinduísmo             | 2.905              | 0,00          |
| <b>Total</b>          | <b>169.872.856</b> | <b>100,00</b> |

Ou seja, o que tem de gente em São Paulo, tem de ateu no Brasil. Não se sintam só em mudar de opinião.

4. Mudando de assunto: as causas do “boom evangélico” no Brasil já são conhecidas, e o Padre Marcelo, não bobo, já tomou a iniciativa de transformar sua missa em um circo – o nome do palhaço é Jesus Cristo –, o que nos remete a crer que, sem dúvida, o que leva uma pessoa a seguir uma religião ou outra, uma seita ou outra, é o prazer que esta ou aquela instituição oferece; não foi coincidência a Contra-Reforma da Igreja. Mas não vire as próximas páginas se a sua religião é a única fonte de conforto que você tem.

### III. Lobisomem

Recentemente fui ao interior de São Paulo. Lá, algumas pessoas me contaram aquelas fabulosas histórias de lobisomem. Embora bastante cético, confesso, que a persuasão com que aquelas pessoas contam tais histórias nos dão a nítida impressão de que tudo aquilo pode mesmo ser verdadeiro.

Bom, se eu, cético, que não tenho nenhuma afeição grave por aquelas pessoas me senti tangenciadamente convencido por aquela história pitoresca, o que podemos dizer das pessoas ingênuas ou que tendem a serem persuadidas, bem como as que têm afeição ao narrador do testemunho?

– Você está dizendo que eu posso estar mentido?

– De modo algum, mas você pode ter visto algo parecido com um lobisomem, talvez um grande lobo. – eu repliquei.

Mas a pessoa, tal qual algumas outras, estava convencido daquele conto de fadas. Entretanto, como sabemos, as pessoas em estado de

jejum, insônia ou medo, podem visualizar coisas que não existem, por mais verdadeiras que pareçam ser.

– Que bobagem! E tantas outras testemunhas?! – ele treplicava.

Como também sabemos, pessoas persuasivas, sem sequer serem hipnotizadas, podem inserir falsos acontecimentos no meio de verdadeiros relatos na mente de outras pessoas. Pode acontecer. Aliás, como também sabemos, a mente procura fechar as lacunas provenientes de algum estado de inconsciência [descargas elétricas, lapsos, etc.]; pode acontecer, e a mente fecha tais brechas com relatos ora fantasiosos ora ditados.

E assim foi minha conversa com algumas das pessoas humildes do interior. A cada novo testemunho que eu recebia, uma explicação simples e científica eu entregava. Ora poderia ser simplesmente mentira do contador, ora uma fantasia, ora uma alucinação, ora esquizofrenia, etc. Mas eu gostaria mesmo de saber até onde aquela história nos levaria: “Você pode provar que existe lobisomem?”

– Eu não posso provar que não existe, mas você também não pode provar que não existe.

– Logo existe?

Se tomarmos tudo que não podemos provar a inexistência como existente teremos que admitir tantas divindades e lendas como verdade que restará pouco espaço para a criatividade.

Mas por que existem estas histórias? Por que elas perduram? Há nelas um fundo de verdade? Lobisomem, chupa-cabra, marcianos invasores, Homem do Pé Grande, Homem das Neves, etc., etc., etc. Por que jamais uma pessoa encontrou um único cadáver de qualquer um destes seres? Desapareceram? Todos eles?

Assim como é com as lendas, também é com as religiões: vivem os mesmos dilemas. Tudo o que temos são o testemunho de pessoas que não conhecemos, que não podemos sequer ter certeza das suas honestidade. Com que credencial o suposto apóstolo João falou do fim dos tempos?

Por que tanto com as crenças quanto com as lendas não temos mais provas senão parques e suspeitos testemunhos de pessoas iludíveis? Por que os marcianos não pousam sua nave aqui no centro da capital

paulista? Não querem ser encontrados? Quem disse isso? Eles? Por que não encontramos provas irrefutáveis da existência de Deus, Jesus ou Sidarta?

O suposto ensinamento de Cristo não é nem mais belo e nem mais profundo do que dos deuses pagãos. Por que ele é então Deus e os deuses pagãos não? A sua passagem pela Terra não é mais provável do que a existência do ET de Varginha. Por que você acredita em um e não acredita em outro? É uma questão de fé? Mas por que você só tem crença naquilo que você quer ter fé? Ao gosto do freguês?

– Então está todo mundo errado e você está certo?

– Você é quem diz...



### 3. BÍBLIA

#### I. Prolegômenos

“O cristão que não procura conhecer a Bíblia, não é um cristão, é um pateta. O ateu que não procura conhecer a Bíblia, não é um ateu, é um medroso. Conhecer para duvidar, eis o que diz o bom senso”  
(Mateus Davi)

1. Antes de iniciarmos o estudo da Bíblia, quero deixar claro que vou adotar o pensamento vigente nas correntes católicas e evangélicas de interpretação da Bíblia. As quais consideram a Bíblia **integralmente** a palavra de Deus, que segundo eles não tem contradição, é perfeita, só fala em verdade, não toma alegorias (cf. protestantes), não é restrita a época ou lugar.

2. Qualquer outro modo de ver a Bíblia (como a noção que diz que foi escrito para o povo daquela época, ou aquele que diz que a Bíblia é cheia de alegorias) eu não preciso e nem quero discutir. Pois, o que diz que a Bíblia é alegoria, a interpreta da forma que lhe bem entende, fazendo-a ir de encontro ao que a pessoa acredita; para o que diz que a Bíblia foi escrita para o povo daquela época, sugiro que esqueçamo-la e enterrem-na. Mas as pessoas que combato neste livro são justamente aos exegetas, teólogos, padres, pastores, etc., que insistem em tomar a Bíblia como o supra-sumo dos livros. Logo, peço, aos caros leitores, que têm uma visão mais aberta do que realmente é a Bíblia, um pouco de paciência, pois tomarei todo o zelo e certamente citarei a Bíblia levando em consideração a interpretação vigente, que a toma a risca, ao pé-da-letra. Mas não desanime, este estudo te dará conforto para discutir, no futuro, a Bíblia com grande gabarito, este livro foi idealizado de forma tal que qualquer passagem é facilmente revista, as minhas citações são cuidadosamente referenciadas. Toda a pessoa que sabe ler e escrever, e tem a Bíblia pode conferir, ela mesma, a verdade e o peso das coisas que eu citei.

### II. Alegorias e falsos argumentos

1. Muito embora alguns religiosos insistam em legitimar o eixo mitológico Deus-profetas-Bíblia-Igreja através de uma crença baseada no coração, sem procurar refutar, sem procurar razão ou justas noções; esta é uma idéia, além de extravagante, off-bíblica, pois a mesma condena a crença acéfala. Leia abaixo e conclua você mesmo como é herege a idéia de crença irrefletida, que tanto alardeiam os próprios crentes.

Então disse eu [profeta Ezequiel]: Ah Senhor Deus! eles [os profanos] dizem de mim: Não é este um fazedor de alegorias? (Ez 20:49)

Porventura não te escrevi excelentes coisas acerca dos conselhos e do conhecimento, para te fazer saber a **certeza** das palavras de verdade, para que possas responder com palavras de verdade aos que te enviarem? (Pr 22:20-21)

O que confia no seu próprio coração é insensato; mas o que anda sabiamente será livre. (Pr 28:26)

Andai em sabedoria para com os que estão de fora, usando bem cada oportunidade. A vossa palavra seja sempre com graça, temperada com sal, para saberdes como deveis responder a cada um. (Cl 4:5-6)

Enganoso é o **coração**, mais do que todas as coisas (Jr 17:9)

Antes santificai em vossos corações a Cristo como Senhor; e estai sempre preparados para responder com mansidão e temor a todo aquele que vos pedir a **razão** da esperança que há em vós; tendo uma boa consciência, para que, naquilo em que falam mal de vós, fiquem confundidos os que vituperam o vosso bom procedimento em Cristo. (1Pe 3:15-16)

Reprimir esses argumentos muito perspicazes dos leigos somente pela força, sem refutá-los apresentando **razões**, significa expor a Igreja e o papa à zombaria dos inimigos e fazer os cristãos infelizes. (90ª das 95 teses de Lutero)

conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará. (Jo 8:32)

Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu **entendimento**. (Mt 22:37)

a palavra do Senhor permanece **para sempre**. E esta é a palavra que vos foi evangelizada. (1Pe 1:25)

2. Está claro que afirmações do tipo “o caminho para Deus não é o da lógica” ou que “a Bíblia é um calhamaço de alegorias” é diminuir o valor da palavra do Deus que os cristãos têm. Quem aqui é um fazedor de alegorias, os exegetas ou os profetas bíblicos? O que percebemos, contudo, é que os cristãos se encontram num dilema: a Bíblia é alegórica ou não? Se a resposta for negativa, eles acarretaram com a consequência de acreditar em incontáveis absurdos científicos, históricos e lógicos; caso a resposta seja positiva, eles estariam abrindo uma brecha para descreditar a Bíblia, por exemplo, se os trechos da Bíblia que citarei adiante sobre o geocentrismo e a terra plana são alegóricas, eu tenho passagem livre para duvidar se Moisés um dia existiu ou é uma figura mitológica, se os reinados de Davi e Salomão um dia existiram, os milagres de Jesus posso afirmar que são todos alegóricos, posso, em última instância, dizer que nem Jesus existiu, mas é uma alegoria de alguns fanáticos. Ou seja, afirmar que uma única passagem da Bíblia é alegórica a coloca tão verossímil quanto um poema virgílico, misto de real e fantástico, com a agravante de que não há sequer um único humano no mundo suficientemente confiável de me dizer, com absoluta certeza, onde a Bíblia é alegórica ou não; salvo numa única passagem na carta aos gálatas (4:21-31) a Bíblia não admite qualquer alegoria, e mesmo esta passagem citada, fica claro que não é o fato alegórico, mas o entendimento didático. Afinal, antes das revelações do século XVI, época que a Igreja defendia o geocentrismo, ninguém considerava a passagem de Josué alegórica; ou seja, a determinação da alegoria vem quando da certeza de sua inverossimilhança, mas o que dizer do que é verificável como o

apocalipse, até que ponto o apocalipse é uma verdade irrefutável (como a crível crucificação) e até que ponto alegórica (como os sete dias da criação)?

3. Muitos dirão que é “óbvio” que a lua não têm luz própria, logo, quando a Bíblia diz “[que] a luz **da lua** será como a **luz do sol**” (Is 30:26) – como se a luz da lua fosse dela, e não do sol, e como se fosse possível a luz refletida na lua ser igual a de sua origem no sol –, tudo se resume numa alegoria, mas, se você não tivesse certeza de que a lua não tem luz própria, como você saberia me dizer se esta passagem é alegórica ou não? Outro problema: quem é a autoridade que pode me dizer exatamente onde a Bíblia é alegórica e onde não é. Se as escrituras são alegóricas quando falam da gênese e dos astros, o que me garante que não seja quando fala do fim dos tempos? Se a Bíblia é alegórica quando fala dos fenômenos naturais, por que não é mera alegoria que o homossexualismo “é contrário à natureza” (Rm 1:26)? Por que as críticas ao suicídio não são mera alegoria? O amor ao próximo, não significa exatamente “amor ao próximo”, pois é só uma alegoria? Quando alguém diz que uma única parte da Bíblia é alegórica, eu me dou o direito de afirmar que nenhuma passagem da Bíblia é consistente e confiável, pois tudo é (ou pode ser) alegórico, isto é, vago, e tudo não o é, tudo pode ser alegoria e tudo pode não passar de uma mera observação confusa e irregular que reflete uma gota do espírito do que Deus exige de nós.

4. O argumento da “alegoria bíblica” é o mais criativo e menos consistente argumento dos crentes, pois, com um pouco de conhecimento, é possível transformar qualquer mentira na sua verdade, qualquer erro de observação em interpretação por analogia. Paulo já avisou para que se “conserv[e] o modelo das sãs palavras que [dele temos] ouvido (2Tm 1:13). Pois eu poderia, sem grande esforço, transformar a Mitologia Grega, numa religião monoteísta magnífica: pois Homero é algo como Moisés, e a Ilíada e Odisséia são formas alegóricas de Deus expressar sua vontade, todos os deuses gregos, não são deuses gregos, pois é tudo alegoria, mas, pelo contrário, cada deus

grego se refere alegoricamente a um dos ensinamentos divinos que foram inspirados alegoricamente por Deus em alguns humanos como Hesíodo e Homero, que é o nome alegórico que se dá a incontáveis profetas divinamente inspirados como Isaías, Jeremias e Ezequiel da Bíblia. O Minotauro e o Centauro são tão reais quanto o Leviatã (Jó 40; 41) e o Basilisco (Is 59:5). Hércules é o reflexo alegórico da luta do homem em querer ser Deus, Prometeu é a promessa alegórica de castigo aos profanos, Adônis é a personificação alegórica do ciclo da vegetação determinado por Deus, Ártemis é a forma alegórica de Deus nos mostrar que a manutenção da paz é a guerra. E tudo o que é uma aparente mitologia, na realidade, é um profundo ensinamento divinamente inspirado como a Bíblia, portanto, chamar a religião grega clássica de mitologia, blasfêmia é, “e a ira de Zeus cairá sobre os viventes”, todo e qualquer sábio que contrarie o que acabei de dizer sábio não és, todo e qualquer livro que contradizer o que acabei de dizer é certamente um livro apócrifo. Eis o problema do teólogo que chama os erros bíblicos de alegóricos, pois, lançando mão da alegoria, tudo se encaixa como uma luva, afinal, o que não se sabe, é como a Bíblia diz, o que se desconfia, é mera alegoria; onde pára o nosso conhecimento, é como a Bíblia diz, depois que descobrimos que a Terra não é o centro do Universo, virou alegoria. Alegoria por alegoria, toda religião do mundo é monoteísta, acredita em salvação, céu e inferno; nenhuma é melhor que a outra, na realidade, uma é mais alegórica do que a outra e só. Ao passo que hoje os crentes ficam nesta sopa de verdades e exegeses alegóricas, amanhã (alegoria para “há muito tempo”) se descobre que Cristo nunca sequer existiu, e todos eles passam a chamá-lo de alegoria. Religiosos! “Não confieis em príncipes, nem em filho de homem” (Sl 146:3), pois é “maldito o varão que confia no homem” (Jr 17:5; Sl 118:8), seja teólogo, seja papa, seja pastor.

### III. Inspirada na mitologia

Sonhos são as religiões dos que dormem.

Religiões são os sonhos dos que estão acordados. (Alves, R.: 1996, p.20)

Luigi Cascioli é apenas um agrônomo aposentado de 72 anos que não acredita em Jesus, mas achou que essa mentira já foi longe demais. Resolveu processar o padre e ex-colega de escola, Enrico Righi, por manipular a crença das pessoas de sua comunidade, em Roma. A base de sua acusação é: a afirmação de que Jesus Cristo existiu historicamente. Ele diz que: “Os padres da Igreja Católica, como Righi, defendem ficções históricas, apresentando como verdades fatos inventados para servir às necessidades da doutrina religiosa”. Segundo a lei italiana, é possível processar alguém por abusar da crença popular usando ficções como se fossem fatos. A Igreja reagiu processando Cascioli por difamação, mas para provar isso os advogados da Igreja vão ter que provar que Jesus realmente existiu. Através do padre, Cascioli quer processar toda a Igreja católica. Pela primeira vez na história, a existência de Jesus se torna uma questão judicial. Ele diz que não quer impedir as pessoas de professarem sua fé, pois a constituição italiana garante este direito, mas apenas “protestar contra o abuso cometido pela Igreja católica que, aproveitando-se de seu prestígio, apresenta como reais e históricos fatos que não passam de invenções” (CMI: Por Janos Biro 10/02/2006 às 04:44)<sup>10</sup>.

### Prova Histórica e Prova Científica

1. Antes de nos aprofundarmos neste assunto, vamos esclarecer ao leitor uma questão fundamental. A diferença entre uma prova científica e uma prova judicial. Eis o que Josh McDowell, curiosamente, um cristão, escreve:

A prova científica baseia-se na demonstração de que algo é fato pela repetição do experimento em presença do indivíduo que o questiona. Existe então um ambiente controlado onde se podem fazer observações, chegar a conclusões, e testar hipóteses empiricamente.

“O método científico, ou como quer que seja definido, é dependente da avaliação de fenômenos e experimentos, ou de observação repetida.” O Dr. James B. Conant, (...) escreve: “A ciência consiste numa série de esquemas conceituais, que surgiram como resultante de experimentos e

<sup>10</sup> <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2006/02/345067.shtml>

observações, e podem produzir outros experimentos e observações.” (Conant: 1951, p.25)

Uma das principais técnicas do moderno método científico é testar a veracidade de uma hipótese pelo emprego de experimentos controlados. Por exemplo; alguém diz: “O pau-ferro não flutua na água.” Então eu levo a pessoa à cozinha, encho a pia de água a 25° C, e deixo cair dentro um pedaço de pau-ferro. Observamos o fenômeno, compilamos os dados e a hipótese é averiguada empiricamente: “o pau-ferro flutua.”

Porém, se o método científico fosse o único meio de se provar qualquer coisa, você não poderia provar, por exemplo, quem foi à aula ou ao trabalho hoje pela manhã, ou que almoçou. É totalmente impossível repetir tais eventos numa situação controlada.

Então, vemos aqui o que é a prova histórica, que se baseia na demonstração de que um fato realmente ocorreu, sem qualquer dúvida possível. Em outras palavras, é possível chegar-se a um veredicto com base em provas concludentes. Isto é, não há uma fundamentação séria e razoável para se duvidar da decisão a que se chegou. Esta prova estriba-se em três tipos de testemunho: oral, escrito e de evidência (...). Usando o método judicial de determinar o que sucedeu, você pode provar [que esteve na aula].

(...).

O método científico não responde a perguntas tais como: “Será que George Washington existiu mesmo?” “Luther King era defensor dos direitos humanos?” “Quem foi Jesus de Nazaré” (...). Estes fatos situam-se fora da esfera da prova científica, e precisamos colocá-los no plano da prova judicial (...). Quando alguém se apóia no método judicial, precisa verificar a fidelidade dos testemunhos. (McDowell: 1977, p.37-39)

Então estudemos a confiabilidade das Escrituras.

## Referências mitológicas

2. Mitraísmo, uma religião derivada do Zoroastrismo era bem popular em Roma na época da expansão do Cristianismo. Acreditava-se

que Mitra era o filho do sol enviado a terra para salvar a humanidade. Mitra era dito ter nascido de uma virgem no dia 25 de dezembro e cuidado por pastores, uma estrela surgiu no leste quando este nasceu e magos trouxeram incenso, mirra e ouro. Mitra se sacrificou e no último dia teve uma ceia com 12 seguidores. Nessa ocasião Mitra convida seus fiéis a comerem seu corpo e beberem seu sangue. Ele foi enterrado e 3 dias mais tarde ressuscitou. Como Deus e Jesus, Ormuzd e Mitra, copia e cola. O festival de Mitra coincidia com a páscoa. Essa lenda data de um século antes de Cristo. Coincidência?

3. O comportamento de Cristo se assemelha a Sócrates (a maneira como ele refuta responder a Pilatos). A máxima de que pelo frutos reconhecemos a árvore é literalmente copiada do eixo Sócrates-Platão (cf. Kardec: 1864, p.30).

Sócrates, da mesma forma que Cristo, nada escreveu, ou pelo menos não deixou nenhum escrito; como ele, morreu a morte dos criminosos, vítima do fanatismo, por ter atacado as crenças tradicionais, e colocado a virtude real acima da hipocrisia e do simulacro das formas, numa palavra, por ter combatido os preconceitos religiosos. Como Jesus, foi acusado pelos fariseus de corromper o povo pelos seus ensinamentos, também, como ele, foi acusado pelos fariseus de seu tempo (...) de corromper a juventude, proclamado o dogma da unicidade de Deus, da imortalidade de alma e da vida futura. Da mesma forma, ainda, que não conhecemos a doutrina de Jesus senão pelos escritos dos seus discípulos, não conhecemos a de Sócrates senão pelos escritos do seu discípulo Platão [e outros]. (Kardec: 1864, p.24)

4. O primeiro Imperador Augustus tinha o título de “salvador da raça humana”, foi citado por Virgílio como “filho de Deus”, um dos documentos do Mar Morto diz que ele era “Filho do Altíssimo”, exatamente a mesma coisa que Lucas disse (Lc 1:32-35) em seu Evangelho (cf. Gondim: 2005, p.176-178; Knohl: 2001, p.105-108). A lenda era que Augustus teria nascido após sua mãe ter sido visitada pelo deus Apollo. Era falso, mas amplamente acreditado que no ano do

nascimento de Augustus o senado romano havia ordenado o assassinato de várias crianças. Coincidência?

5. Marduk, o Deus do poema épico babilônico Enuma Elish, escrito pares de séculos antes do Velho Testamento, nos conta como o mundo foi criado, em várias etapas, como no Velho Testamento: primeiro emanou luz, criou o firmamento, a Terra, luzes dos céus, e, finalmente, os humanos; no último dia os deuses celebraram e descansaram. O deus egípcio Osíris também havia nascido no dia 25 de dezembro, morreu numa sexta e ressuscitou 3 dias mais tarde no mundo subterrâneo. O deus romano Dionísio era chamado 'Salvador da humanidade' e 'filho de Deus'. Dionísio também havia nascido em 25 de dezembro quando Zeus visitou Perséfone. Seu pai era um deus e sua mãe uma virgem mortal. Anunciado por uma estrela, ele nasce num presépio e é visitado por 3 magos. Ele transforma água em vinho e ressuscita mortos. Ele é seguido por 12 apóstolos e sua ressurreição é um mito popular no império romano. O ritual do culto a Dionísio inclui uma ceia de pão e vinho simbolizando seu corpo e sangue. Em 396 d.C. um grupo de cristãos fanáticos destrói o Santuário de Eleusis, o maior centro da religião dionisiaca no mundo. Coincidência?

6. Utnapishtim, na lenda babilônica do Gilgamesh, é um homem que é informado que a Terra será destruída pelo deus Enlil afogando todos num dilúvio. Assim, o nosso herói constrói um grande barco onde guarda sua família, artistas, tesouro, e um macho e fêmea de cada animal vivo. Todos morrem exceto Utnapishtim, como Noé, que, após o dilúvio, envia uma andorinha, depois um corvo, para fora do barco para confirmar se já estão em terra seca. Coincidência?

7. Similar a Moisés, Nemo, o legislador; Babilônia Anterior, também trouxe as tabuletas da "verdade" da Montanha de Deus; Mises é o Moisés [parecido o nome, não?] da Síria e Egito, os 10 mandamentos são cópia e cola do Código de Hamurabi, muito mais antigo. "Ester", do Antigo Testamento, é uma repetição da deusa Ishtar, Astarte, Astoreth ou Isis, de quem vem Páscoa ("Easter").

8. Vishnu, hindu, reencarnou nove vezes para salvar o povo dos pecados. Quando Krishna, também hindu, nasceu, pastores foram enviar presentes e rajá mandou matar todas os recém-nascidos; Krishna ressuscitava os mortos, tinha discípulos, era chamado de Redentor, falava por parábolas, depois da sua morte seu corpo também sumiu. crença em mentira, não é crença, é fantasia.

9. Antes de Buda nascer, sua mãe teve um sonho (cf. Gautama: 2005, p.17). Era também o primogênito (cf. Gautama: 2005, p.17). Foi vista uma iluminação no céu (cf. Gautama: 2005, p.18). O pai dele foi visitado e pressagiado que nasceria "O Salvador do Mundo" (cf. Gautama: 2005, p.18). Gautama, quando jovem, foi para o deserto (cf. Gautama: 2005, p.19). Foi tentado por demônios (cf. Gautama: 2005, p.19-20) e um detestes demônios lhe disse que "ser-lhe-ia melhor voltar ao castelo e procurar outra solução; aí então todo o mundo será seu" (cf. Gautama: 2005, p.19). Davadatta era um discípulo que o traiu (Ikeda: 2001, p.19-20) como Judas. Ele também foi criticado pelos discípulos por aceitar ser servido por uma mulher (cf. Gautama: 2005, p.20). Embora mais tarde, quando jovem, Gautama também teve sua estrela do oriente (cf. Gautama: 2005, p.20). Também percorreu o país pregando seus ensinamentos (cf. Gautama: 2005, p.20). Passou a ser seguido por muitas pessoas (cf. Gautama: 2005, p.21). Seus familiares, a princípio, também relutaram em aceitar a decisão do Salvador (cf. Gautama: 2005, p.21). Predisse também a própria morte (cf. Gautama: 2005, p.21). Gautama morreu entre duas árvores (cf. Gautama: 2005, p.21), Jesus, entre duas cruzes. Gautama também não escreveu uma única linha e pediu para que os seus discípulos disseminassem a Verdade (cf. Gautama: 2005, p.22). Em suas últimas palavras, Buda falou do respeito mútuo e de colher os frutos (cf. Gautama: 2005, p.22-23). Buda falava por parábolas (cf. Sutra de Lótus 2:24). Tudo isso séculos antes do suposto Jesus ter vindo, coincidência?

10. Os deuses Ixion e Orpheus também foram crucificados, Prometheus sofreu por ter salvado os homens. Coincidência?

11. No livro de Habacuc (pergaminhos do Mar Morto, 1947), que foi escrito em hebraico (idioma popular) e não em grego (como o Novo Testamento), não só é anterior (apenas um século) ao advento do cristianismo de Jesus, como cita um tal Crestus, o essênio, traído por um dissidente, adivinha o nome? Judas! Coincidência?

As grandes idéias não surgem nunca subitamente; as que têm por base a verdade, têm sempre seus precursores que lhe preparam parcialmente os caminhos; depois, quando os tempos são chegados, Deus envia um homem com a missão de resumir, coordenar e completar esses elementos esparsos, e formar-lhes um corpo; deste modo, a idéia não chegando bruscamente, encontra Espíritos plenamente dispostos a aceitá-la. Assim ocorreu com a idéia cristã, que foi pressentida vários séculos antes de Jesus e dos Essênios, e da qual Sócrates e Platão foram os principais precursores. (Kardec: 1864, p.23-24)

12. Segundo a mitologia Cristã o suposto apóstolo Pedro (petra em grego) foi o fundador da Igreja e também foi escolhido por Jesus para ser o "Guardião das colchetes do reino dos céus". Está historia também foi copiada pelos cristãos da mitologia grega onde a divindade pagã egípcia Petra (Pedro em português) era o porteiro do céu e da vida após a morte, governados por Osíris. Repare que mais uma vez os cristãos criaram suas histórias baseadas em mitologias e nem sequer o nome dos personagens eles mudaram: Pedro (Petra) é o mesmo nome do Deus grego Petra (Pedro). Coincidência?

13. Nem mesmo a Santa Trindade é uma novidade: Anu, Enlil e Ea (Babilônia); Sin, Xamaxe e Istar (Babilônia); Brahma, Vishnu (Krishna encarnado) e Shiva (hinduismo); Deus, Espírito Santo, Jesus (cristianismo). Coincidência?

14. Hórus, dos egípcios, nasceu de uma virgem, seu nascimento era festejado em 25 de dezembro, realizava milagres, teria 12 discípulos,

ressuscitou Elazarus (Cristo ressuscitou Lázaro) e um dos seus títulos é "Krst" [Cristo?]. Coincidência?

15. Nos ritos mitríacos havia ritos com pão e vinho. Dos gregos se apropriaram da água lustral. Dos indostânicos adotaram o celibato, o jejum e a esmolação. Os etruscos juntavam as mãos ao rezar. Coincidência?

16. Atualmente, poucas pessoas instruídas e sérias aceitam a Bíblia tal qual ela é. Não é coincidência que os Evangelhos mais antigos demoraram décadas para aparecer, leva alguns anos para uma lenda crescer, mas não pense, só porque porventura achem Evangelhos bastante antigos seja verdadeiro, pois em menos de três décadas já é tempo suficiente para uma lenda se tornar popular (cf. Gondim: 2005, p.173), entretanto, o fato do Evangelho mais antigo ser novo, já é uma boa amostra da ilegitimidade bíblica. Faremos, pois, algumas citações, confirmam vocês mesmos:

17. De acordo com Claudinei Prieto, *A Origem do Cristianismo*:

Muitos pesquisadores procuraram chegar a uma conclusão sobre as origens do Cristianismo e sobre a existência real do próprio Cristo, através de provas históricas e materiais fidedignos para comprovarem a veracidade de sua religião e isso jamais foi conseguido.

Muitos autores renomados como Fílon de Alexandria, Plínio, Marcial, Sêneca [bem como Tácito e Josefo] e inúmeros outros que viveram no século I e estavam fortemente engajados nas questões religiosas de sua época, jamais citaram Jesus. Ele não é citado no Sinédrio de Jerusalém, nos anais do Imperador Tibério ou de Pilatos. Muitos documentos de pessoas que teriam vivido na mesma época que Jesus, são guardados em museus e bibliotecas, mas nenhum deles menciona sua existência. Seus prováveis discípulos, não escreveram sequer uma linha sobre Jesus.

Através de testes modernos como a do comparativo de Hegel, o uso de isótopos radioativos e radiocarbônicos, todos os escritos apresentados que buscavam comprovar a existência de Jesus pela Igreja revelaram-se falsificados.

Nos documentos existentes de gregos, hindus e romanos dos séculos I e II, constata-se que eles jamais ouviram falar de algum Jesus. Ninguém, entre escritores e historiadores, que teriam vivido na mesma pretensa época que Jesus, falou algo sobre ele ou sobre qualquer aparição pública ou tumulto religioso encabeçado por Jesus.

Os documentos que descrevem sobre a atuação de Pôncio Pilatos nada falam sobre alguém que chamado Jesus Cristo, ou sobre um Messias da época que teria sido preso ou crucificado por ter realizado feitos sobrenaturais. A existência de Pilatos é real e histórica e, se ele, que supostamente teria estado no centro dos acontecimentos, já que era o governador da Judéia, não soube ou relatou um fato tão importante quanto a existência e julgamento de Jesus, é por que ele realmente não existiu.

Na Escola de Tubíngen [laboratório renomado de pesquisas históricas], na Alemanha, Filósofos e Teólogos comprovaram que a Bíblia não possui nenhum valor histórico e que os Evangelhos seriam arranjos e ficções sustentadas pela Igreja, assim como o próprio Jesus.

Tudo isso milênios antes do suposto nascimento e existência de Cristo. Textos de pagãos, essênios e agnósticos foram as bases utilizadas no Concílio de Nicéia para compor o Novo Testamento.

Deduzimos então, que o Cristianismo não tem nada de original e nem que, o homem Cristo realmente existiu. Fica claro que os rituais, as raízes e bases do Cristianismo, provém de uma enorme variedade de diferentes religiões e mitos sobre as diferentes divindades solares existentes e muito cultuadas na época em que os judeus decidiram dar sequência a uma religiosidade que morria e desaparecia.

#### 18. De acordo com Alfredo Bernacchi, em *Jesus Cristo Nunca Existiu*:

Na época de Cristo, principalmente nos arredores de Roma, Grécia, Jerusalém, Judéia, Palestina, considerando apenas desde 200 anos a.C, havia muitos artistas, pintores, teatrólogos, filósofos, escritores e escultores.

Tanto foi o legado deixado pelos antigos dessa época em artes, que hoje se tem maquetes quase que perfeitas das cidades mais importantes daquela época e quantas ainda, são as ruínas originais. Os arqueólogos coletaram milhares de documentos escritos, pinturas e esculturas representando os imperadores, as suas vidas nos palácios, como o povo, suas tradições, suas danças, seus objetos de adorno, suas crenças, seus deuses, seus

infortúnios, suas vestimentas, um acervo tão fantástico que precisou se distribuir pelo mundo em museus diversos.

Os personagens citados na Bíblia e as personalidades da época estão lá. Os mais importantes Pôncio Pilatos, Nero, Herodes, Júlio César, Tibério, etc., e os menos importantes, mas nenhuma, NENHUMA referência a Jesus. Nada, absolutamente nada!... Nem texto, nem conto, nem pintura, nem gravura, nada, que documento ter ocorrido algum fato vinculado diretamente desse personagem com qualquer outro mais importante, como conta a Bíblia; e o mesmo dos seus discípulos.

Além disso, não é nenhum acidente que há 12 patriarcas e 12 discípulos, 12 que são o número das casas astrológicas, ou meses. Certamente, como os 12 trabalhos de Hércules e os 12 "ajudantes" de Hórus, os 12 discípulos de Jesus são simbólicos.

Há um século, Massey esboçou, e Graham reiterou recentemente, que mesmo o Êxodo próprio não é um evento histórico. Que a historicidade do Êxodo foi questionada é ecoado pela falta de todo o registro arqueológico, como é contado na *Revisão Bíblica de Arqueologia* ("BAR"), setembro/outubro de 1994.

19. Flávio Josefo, que tomou o cuidado de citar um por um todos os crimes praticados por Herodes, simplesmente se esqueceu deste evento "trivial". Aliás, que tipo de estadista mandaria os soldados matarem todas as crianças com até dois anos, como se fosse impossível discernir um recém-nascido de um bebê de um ano ou dois? Mas não é novidade na mitologia o aparecimento de "crianças perigosas": Zoroastro (Persa), Tammuz (Babilônica), Perseus e Adônis (Grega), Hórus (Egípcia), Rômulo e Remo (Romana), Gautama (Budismo). Os egípcios já tinham uma Trindade: adoravam Osíris, Isis e Hórus muito antes do Pai, do Filho e do Espírito Santo serem conhecidos. O batismo é muito mais antigo que o cristianismo. Egípcios, gregos e hindus, já tinham sua Água Sagrada muito antes do nascimento do primeiro cristão. Dupuis, um wiccano, nos deixou este convite a reflexão:

Quando tivermos feito ver que a pretensa história de um deus que nasceu de uma virgem, no solstício do inverno, depois de haver descido aos inferos, de um deus que arrasta consigo um cortejo de doze apóstolos –

os doze signos solares –, cujo chefe tem todos os atributos de Jano, um deus vencedor do deus das trevas, que faz transitar o homem império da luz e que repara os males da natureza, não passa de uma fábula solar... sob o nome de Jesus Cristo....então parecerá que os cristãos têm a mesma religião que os índios do Peru, a quem os primeiros fizeram degolar

20.

De novo bradou Jesus com grande voz, e entregou o espírito. E eis que o **véu do santuário se rasgou** em dois, de alto a baixo; a **terra tremeu**, as **pedras se fenderam**, os **sepulcros se abriram**, e muitos corpos de santos que tinham dormido **foram ressuscitados**; e, **saindo dos sepulcros**, depois da ressurreição dele, **entraram na cidade santa, e apareceram a muitos**. (Mt 27:50-53)

Incrivelmente, mais de quarenta escritores do tempo de cristo<sup>11</sup> sequer ouviram falar de algo a respeito [pedras se fenderam, terra tremeu!]; nem um pergaminho, nem uma escultura, nada em nome do homem mais importante da Terra e discípulos, tampouco os “muitos” dos zumbis-santos que entraram em Jerusalém, embora tenham, segundo a Bíblia, sido vistos por inúmeras pessoas, do que temos sobre escritos ou arqueologia, ninguém sabe, ninguém viu.

21. Como já citado, estou convencido de que existe entre pouca a nenhuma possibilidade de Jesus, filho de um José e Maria, e qualquer um de seus apóstolos ou familiares terem passado pela Terra. O cristianismo, contudo, não passa de um sincretismo de personagens reais com mitológicos que começa com o judaísmo, passando pelo essenismo, budismo, hinduismo, com reflexos inquestionáveis das mitologias egípcias, romanas, babilônicas e gregas. Desde a

<sup>11</sup> Josefo, Filon de Alexandria, Plínio o Velho, Arriano, Petrônio, Díon Pruseus, Patérculus, Suetônio, Juvenal, Marcial, Pérsio, Plutarco, Plínio o Moço, Tácito, Justus de Tiberíades, Apolônio, Quintiliano, Lucanus, Eptectus, Hermógenes, Sílio Itálico, Statius, Ptolomeu, Apiano, Flegon, Fedro, Valério, Máximo, Luciano, Pausânias, Floro Lúcio, Quinto Cúrcio, Aulo Gélíio, Díon, Crisóstomo, Columella, Valério Flaco, Dâmis, Favorino, Lísias, Pompônio, Mela, Apiano de Alexandria e Teão de Smyrna.

comemoração no dia 25 de dezembro ao juntar as mãos para rezar, desde a prática do batismo até a idéia de ressurreição, do dilúvio aos 12 apóstolos, do ser nascido por uma virgem até curar enfermos, não há nada, repito, não há nada no cristianismo que seja original, salvo uma ou outra reflexão que normalmente são re-interpretações e derivadas das parábolas budistas ou hinduístas, ou seja, no cristianismo as idéias boas não são originais, e as originais não são boas.

22. O Judaísmo que morria e suas profecias que nunca se cumpriam encontraram uma “luz no fim do túnel”. Reunidos, mais tarde, alguns sábios da época, por isso a Bíblia é em grego na maior parte e não em aramaico, para criar as mais belas reflexões possíveis, insistentemente invocando o Velho Testamento. Por isso que exaustivamente se fala “para cumprir as profecias” e “conforme Isaías (Daniel, Zacarias, Moisés)”, é exatamente por isto que Jesus supostamente disse que não ab-rogaria as Escrituras, e justamente por isso que se fala que “toda a Escritura é Sagrada” (2Tm 3:16; cf. Cl 3:16; 1Ts 5:20), nada mais do que um desespero Judeu. O povo escolhido “deseletizou” sua religião através de Paulo, diminuiu a rigidez de seus estatutos, renunciou o sacrifício de animais, tudo para se adaptar aos novos tempos e sobreviver, numa hercúlea tarefa de invenção de um Messias que fechasse as escrituras, relatada num livro editado, diminuído e aumentado durante séculos.

23. Mas nem todos acreditaram no Messias inventado, o que é bastante curioso tendo em vista de que seria a maior “grande prova” de que as profecias são verdadeiras. Os judeus que viveram onde supostamente viveu Jesus não creram nele simplesmente porque ele nunca tinha sido visto, só se falou em cristianismo pares de décadas mais tarde, por fontes altamente contestáveis (Tácito, Flávio Josefo, Justo de Tiberíades, Filon de Alexandria, Suetônio e Plínio o Jovem) e com uma evidente confusão com Crestus, dos Essênios, que também se chama cristianismo, uma religião semelhante e anterior ao cristianismo de Jesus. Por isso o preconceito implícito na nossa cultura e educação, pois os judeus são o povo que “recusou Jesus”, mas digo que é povo



que nos advertiu da verdade. Pois a verdade é que Nazaré não existia (até que alguns padres franciscanos “inventaram-na”)<sup>12</sup>, tanto que em momento algum sequer é citado no Velho Testamento. O abismo que há nos Evangelhos entre o nascimento até a pregação de Jesus é mais uma evidência da sua inexistência, pois, se até magos saíram de longe para adorá-lo, não é crível que, depois disso, ninguém mais desse atenção a tão ilustre figura, inclusive depois que voltou do Egito, ou os pais da Igreja seriam obrigados a aceitar os apócrifos, que dão mais ainda crédito a teoria de que Jesus é um mito.

24. Tácito se refere aos cristãos como arruaceiros, ao passo que a Bíblia diz exatamente o contrário. Flávio Josefo foi flagrante e já admitidamente falsificado – escreveu seis linhas sobre um fato notável como um homem que ressuscitou como se fosse a coisa mais comum, mas mesmo assim continuou ateu [mas acreditou em milagres?] –; Filon se refere ao cristianismo de Crestus, Geneval afirma que “foram expulsos de Roma os hebreus e os egípcios, por seguirem a mesma superstição” – fatalmente se refere aos essênios, que começou em Alexandria –; Suetônio limitou a dizer sobre um dos fatos mais importantes da história da humanidade com um irrelevante fragmento: “Roma expulsou os judeus instigados por Crestus, porque promoviam tumultos”, mais nenhuma palavra. A carta de Plínio a Trajano não passou pelo exame grafotécnico e nem passa por uma leitura crítica. Todos estes escritores foram admitidamente falsificados pela Igreja, bem como são falsos os três Santos Sudários que já apareceram, suas urnas e seus textos. Não é crível que um ser que curou leprosos, aleijados, endemoniados, multiplicou pães e vinhos, ressuscitou pessoas, ressuscitou a si mesmo, rodou durante três anos, desafiando a tudo e a todos, se intitulou rei sem ser rei, desafiou os fariseus, os saudeceus, Pôncio Pilatos, foi perseguido por Herodes quando nasceu,

<sup>12</sup> Escavações na região descobriram que a região onde supostamente seria a cidade de Nazaré não passou de um cemitério, e tão pouco era um monte, mas um vale. De qualquer maneira, como pode haver um Jesus de Nazaré, sem existir Nazaré? Uma Alice sem existir o País das Maravilhas?

tudo isto! Mas, incrivelmente, as bibliotecas históricas simplesmente não têm sequer um único texto que ateste que um homem chamado Jesus que curava e ressuscitou passou pela Terra senão a própria Bíblia, tantos e tantos escritores renomados ou não, instruídos ou não, mas nada [ninguém!] pode atestar a passagem de Jesus e dos seus discípulos que, não menos interessantíssimos, obtiveram de seu Mestre o poder de curar. Jesus nem precisou passar pela Terra, uma vez que já tinha bastante gente compenetrada em “passar” por ele, mas o religioso raramente ouve as nossas evidências, pois o religioso não busca uma Verdade, mas um divã.

E ainda muitas outras coisas há que Jesus fez; as quais, se fossem escritas uma por uma, creio que nem ainda no mundo inteiro caberiam os livros que se escrevessem. (Jo 21:25)

Entretanto, ninguém sabe, ninguém viu.

## Escritos

25. Ao discutir com religiosos cristãos sobre este tema, o único argumento que eles usam é “já foi ‘comprovado’ por escritos”, mas raramente eles sabem quais. Como eles não mostram as provas, mostrá-los:

26. Por volta de 116 d.C., Tácito (55-120 d.C.), nascido depois da suposta morte de Jesus, fala do incêndio de Roma ocorrido por volta de 70 d.C..

Um boato acabrunhador atribuía a Nero a ordem de pôr fogo na cidade. Então, para cortar o mal pela raiz, Nero imaginou culpados e entregou às torturas mais horríveis esses homens detestados pelas suas façanhas, que o povo **apelidava** de cristãos. Este nome vêm-lhes de Cristo, que, sob o reinado de Tibério, foi condenado ao suplício pelo procurador Pôncio Pilatos. Este **seita** pernicioso reprimida a princípio, expandiu-se de novo, não somente na Judéia, onde tinha a sua origem, mas na própria cidade de Roma. (Anais, XV, 44)

Não nos parece que Tácito falava com conhecimento de causa, mas se baseava na velha mitologia que tinha se espalhado pela região. O simples fato dele traduzir o cristianismo como uma seita já nos declara que ele nem sabia o que era o cristianismo. Outro detalhe é que ele resumiu a vida de alguém tão importante em surpreendentes poucas palavras, o qual também não podemos ter certeza se é de Jesus Cristo ou de Crestus que ele fala. Se este texto não convence considerando-o legítimo, o que os cristãos diriam se soubessem que eles também são considerados falsos?

27. Plínio, o Jovem (? 61 - ? 114 d.C.), jurista, político, e administrador imperial em Bitínia; também nascido depois da morte de Cristo, escreveu ao imperador Trajano, em **112 d.C.:**

...os cristãos estavam habituados a se reunir em dia determinado, antes do nascer do sol, e cantar um cântico a Cristo, que eles tinham como Deus

Oras, que diferença faz cantar a Cristo, Mitra, Baal, Crestus, Krishna? Este texto só prova que existiam cristãos, não Cristo. O fato de existirem budistas não indica que Buda existiu, tampouco o fato de existirem hindus significa que Krishna (Vishnu encarnado) existiu algum dia, o mesmo digo de Crestus, Hércules, Hórus, etc. Aliás, ele sequer citou que este tal Cristo era um homem que multiplicou pães para 9 mil pessoas e ressuscitou muitos outros. Desatento este Plínio. A história de Cristo era tão de populacho, uma lenda tão vulgar que Plínio sequer deu atenção ao conto de fadas: duas linhas e mais nada sobre Deus.

28. Suetônio (69-141 d.C.), também nascido depois que Jesus foi viver com ele mesmo (Deus), relatando a era claudiana (41-54 d.C.), afirma:

[O Imperador Cláudio] expulsou de Roma os judeus, que, sob o impulso de Chrestós (forma grega equivalente a Christós), se haviam tomado causa freqüente de tumultos" (Vita Claudii, XXV).

Esta informação coincide com o relato de Atos 18:2 ("Cláudio decretou que todos os judeus saíssem de Roma"); esta expulsão ocorre por volta do ano 49/50. Se Suetônio, estava se referindo a Chrestós (que também pode ser uma referência ao Crestus essênio) como alguém liderando os judeus, o erro foi afirmar que ele estava em Roma, mesmo porque Jesus já tinha morrido. Se Jesus estava morto, este "sob impulso" não se refere a necessariamente uma pessoa, mas pode ser uma crença. E crença por crença, este texto não quer dizer nada, a não ser que existiam cristãos.

29. O Talmude dos judeus também fazem referências a Jesus, mas com a mesma credibilidade que o Alcorão e os livros de Kardec fazem. No Tratado Sanhedrin 43a do Talmude da Babilônia:

Na véspera da Páscoa suspenderam a uma haste Jesus de Nazaré. Durante quarenta dias um arauto, à frente dele, clamava: "Merece ser lapidado, porque exerceu a magia, seduziu Israel e o levou à rebelião. Quem tiver algo para o justificar venha proferi-lo!" Nada, porém se encontrou que o justificasse; então suspenderam-no à haste na véspera da Páscoa.

Não sabemos exatamente quando isso foi escrito [a compilação foi feita só em 499 d.C.]. Pode ter sido uma história passada de geração em geração, sem valor histórico literal, escrita talvez por recém-convertidos.

30. Flávio Josefo (37 ou 38 – 100 ou 103 d.C.), nascidos depois da morte do Nazareno, com ascendência real e sacerdotal, supostamente escreveu:

Por essa época apareceu Jesus, homem sábio, se é que há lugar para o chamarmos homem. Porque Ele realizou coisas maravilhosas, foi o mestre

daqueles que recebem com júbilo a verdade, e arrastou muitos judeus e gregos. Ele era o Cristo. Por denúncia dos príncipes da nossa nação, Pilatos condenou-o ao suplício da Cruz, mas os seus fiéis não renunciaram ao amor por Ele, porque ao terceiro dia ele lhes apareceu ressuscitado, como o anunciaram os divinos profetas juntamente com mil outros prodígios a seu respeito. Ainda hoje subsiste o grupo que, por sua causa, recebeu o nome de cristãos (Antiguidades Judaicas, XVIII, 63a).

Este texto além de remontar uma falsificação grosseira, trata-se do embuste do tipo mais infantil. Josefo, não era místico e foi muito respeitado na sua época, simplesmente não é crível que ele tivesse falado de um homem que “realizou coisas maravilhosas” sem se dar ao trabalho de contar, como se fossem coisas triviais. Falou, como se fosse a coisa mais comum do mundo que ele ressuscitou, e, ainda assim, manteve-se cético. Esta inserção feita é tão incrível (literalmente) que Josefo estava falando sobre um assunto, de repente ele suspende a narração, fala de um homem que sequer pode ser chamado de homem, que fez coisas maravilhosas e ressuscitou, e depois volta ao velho assunto, como se ele tivesse contado que choveu ou que fez sol.

31. Aprofundando ainda mais na falta de legitimidade da literatura canônica, Gilson Gondim (p.151), escreve, citando o livro *Bíblia – Verdade e Ficção* do Professor de História Antiga da Universidade de Oxford Robin Lane Fox:

Logo no início de sua obra (pp.16-7), Lane Fox conta uma história curiosa. O primeiro elogio conhecido da Bíblia feito por um pagão é o do grego Longino, que viveu sob o Império Romano, provavelmente no século I d.C.. Ele elogiou o estilo literário da abertura do Gênesis.

No entanto a citação vem solta, perdida entre duas alusões à obra de Homero. É provável então, conclui, que seja um acréscimo posterior feito por um copista cristão ao texto de Longino.

(...)

Passando para o Novo Testamento (p.26), Fox mostra que Jesus não pode ter nascido durante o governo do romano Quirino, pois tal governo só começou em 6 d.C.. É historicamente falsa, por conseguinte, a justificativa

de Lucas para Jesus ter nascido em Belém e não em Nazaré, onde seus pais moravam: o recenseamento romano no tempo de Quirino. (...) Diferente do que diz Lucas (2:1-7), Quirino também não foi o contemporâneo, como administrador romano, do rei Herodes, o Grande, morto por volta de 4 a.C., dez anos antes do início do período Quirino. Herodes, o Grande, o que teria mandado matar as criancinhas, também não coincidiu com o recenseamento romano da Judéia.

Há mais: a ida de José a Belém para o censo, porque seus antepassados eram de lá, é uma fantasia, segundo Lane Fox. As pessoas eram recenseadas onde tinham suas propriedades e atividades econômicas, e toda vida de José estava em Nazaré. O censo romano tinha fins tributários e não levava em conta genealogias. Ainda mais genealogias falsas, diz Fox (p.29). Além de tudo mais, os romanos não faziam censos onde havia governos regionais autônomos, governos exercidos por alguém da região. Como comprovam relatos de historiadores e moedas da época, a Galiléia – região de José e Maria – tinha tal tipo de governo. Estava, pois, fora do censo romano. Lá, Roma não cobrava impostos diretamente; quem pagava tributos a Roma não eram as pessoas, mas o governo regional. (Gondim: 2005, p.152-3)

32. Tampouco houve o decreto de recenseamento por Augusto e citado por Lucas (2:1). Fox, citado por Gondim, conclui sem delongas que “a história de Lucas [sobre o recenseamento] é historicamente impossível e internamente incoerente. Colide com a data que ela própria dá para a Anunciação (que situa Herodes) e com a longa história da Natividade contada por Mateus.” (Fox: 1996, p.30). Mas como os cristãos não vivem sem uma boa falsificação, Fox, desenterra a Bíblia e a manda para o crematório:

(...) Fox (p.129) nos fala de uma descoberta feita em 1938 por T. C. Skeat, ao examinar um pergaminho do século IV da Era Cristã. Usando luz ultravioleta, o estudioso percebeu que um trecho do manuscrito – referente à passagem do Sermão da Montanha que fala dos lírios do campo – havia sido habilmente raspado e reescrito.

Em seguida, o historiador aponta para o fato de que há duas versões do livro Atos dos Apóstolos, do Novo Testamento, sendo uma cerca de 10%

maior do que a outra. A versão mais longa enfatiza mais a hostilidade dos, e contra os, judeus. Ressalta mais o papel condutor do Espírito Santo e transforma uma primeira pessoa do singular em primeira pessoa do plural, algo muito importante para as discussões sobre o dogma da Santíssima Trindade. Por fim, o texto mais longo, provavelmente escrito depois, talvez pelo mesmo autor, transforma a frase “mulheres gregas de alta posição” em “mulheres dos homens de alta posição”, eliminado a luz própria das mulheres no episódio narrado. Qual das duas versões, pergunta Fox, é a palavra “infalível”?

33. O famoso trecho sobre o apedrejamento (Jo 8:1-11) é uma evidente interpolação, não está nos manuscritos mais antigos, e não foi citada pelos outros evangelistas (cf. Gondim 2005, p.155). Diz Fox:

Acredita-se universalmente que seu estilo difere do resto do quarto Evangelho, e em sua posição atual ele interrompe a fluência do texto (...)

Se esta cena foi introduzida de modo tão canhestro, o que mais não poderia ter sido habilmente acrescentado durante os cerca de cem anos obscuros em que nada sabemos sobre a história do texto? E o que também não pode ter-lhe sido subtraído? (Fox: 1996, p.131-2).

34. Caro leitor, o raio do oceano de mentiras, lendas e falsificações cristãs parece não ter fim: quanto mais se estuda mais se descobre, e mais se pergunta “fui enganado este tempo todo?”. Mas Gondim, revelando Fox, parece que não quer mesmo parar. Concisamente: as cópias mais antigas do Evangelho de Marcos simplesmente param em 16:8 [e a Ressurreição?], os versículos 9 a 20 foram simplesmente inseridos. O Velho Testamento tem simplesmente 5.000 pontos discutíveis, o Novo Testamento (embora muito menor) 2.000 pontos em que os manuscritos nos remetem a leituras diferentes das que temos hoje. (cf. Gondim 2005:p.156; Fox: 1996, p.144). O autor do Livro de Crônicas (ao comparar com Samuel e Reis) “é absolutamente indigno de confiança como historiador” (Fox: 1996, p.181). Que tal encerrarmos este item com uma citação cristã? Eis o teólogo luterano alemão Rudolf Bultman (1926):

Nada podemos saber sobre a vida e a personalidade de Jesus porque as fontes cristãs que possuímos, muito fragmentárias e tomadas pela lenda, não manifestam interesse nesse ponto e porque **não existe nenhuma outra fonte** sobre Jesus. (extraído de Duquesne: 2000, p.205)

### Inferências e abstrações

35. Eles, os relatos bíblicos, não poderiam saber que quando do nascimento surgiu uma estrela, pois naquela época não se sabia bem o que era uma estrela, tanto que Josué parou o sol sobre a Terra; como explicar então o que conduziu os magos? Os trovões e terremotos relatados na Bíblia não têm consonância com nenhum escrito legado pelos judeus e romanos. Pilatos não deixou nada sobre Jesus, não existe um único documento sobre mandar prendê-lo. Pilatos, Caia ou Hannã não deixaram uma linha sobre este processo.

36. Tertuliano disse que Jesus era feio, Agostinho disse que era bonito, há quem o descreveu como Imberbe, outros como barbado: uma convenção no século doze definiu o Jesus europeu tal qual vemos hoje. “Poucas coisas são certas, nas quais a ortodoxia se apóia de preferência – as milagrosas e as sobre-humanas –, as quais jamais aconteceram. A pretensão de que a salvação humana dependa da fé em coisas das quais uma parte é certamente fictícia, outra sendo incerta, é um absurdo, que em nossos dias nem sequer devemos nos preocupar, refutando-o” (Strauss).

37. Figuras mitológicas da Bíblia: Beemote e Leviatã (Jó 40; 41), Sátiros (Is 13:21), Basilisco (Is 14:29) sempre “existiram”; pois cada época teve seu farsante: hoje em dia, Edir Macedo; na Idade Média, a Igreja Católica; há dois mil anos, os que inventaram Jesus Cristo.

“Para os cristãos, o problema da existência de Jesus Cristo concerne à fé, e não à história”<sup>13</sup>. Esta é a melhor resposta que eles têm? Se para você basta, basta.

38. Principais pontos da matéria veiculada na revista **Superinteressante**, edição 178 de julho de 2002:

Descobertas recentes da arqueologia indicam que a maior parte das escrituras sagradas não passa de lenda (Por Vinicius Romanini)

### 39. O DILÚVIO

Os filólogos (que estudam as línguas e os documentos escritos) conseguiram demonstrar que a narrativa do Gênesis é uma apropriação do mito mesopotâmico/babilônico de Gilgamesh<sup>14</sup> - que narra uma enchente de proporções enormes que teria acontecido no Oriente Médio e na Ásia Menor. O povo hebreu entrou em contato com esse mito no século VI a.C., durante o exílio babilônico. O Gênesis teria sido **re-escrito nessa época** assimilando a lenda. Ruínas achadas no Mar Negro mostram que houve uma catastrófica enchente por volta de 5.600 a.C. O nível do mar Mediterrâneo subiu e irrompeu pelo Estreito de Bósforo, inundando a planície onde hoje está localizado o Mar Negro. Sobreviventes migraram para a Mesopotâmia, surgindo assim a história do dilúvio no texto sumério de Gilgamesh\*.

### 40. O ÊXODO

Não há registro arqueológico ou histórico **da pessoa de Moisés** ou dos fatos ocorridos do Êxodo. O episódio foi incluído no Torá provavelmente no século VII a.C. por escribas do Templo de Jerusalém. Para combater o

<sup>13</sup> Papa Pio XII em 1955, falando para um Congresso Internacional de História em Roma

<sup>14</sup> **Gilgamesh**: importante obra literária suméria, escrita em caracteres cuneiformes sobre doze tablilhas ou pedras grandes de argila em torno de 2000 a.C. Este poema heróico recebe o nome de seu herói, Gilgamesh, um despótico rei da Babilônia que governou a cidade de Uruk (atual Warka, no Iraque). – Enciclopédia Encarta da Microsoft.

politeísmo e o culto das imagens, os rabinos **inventaram** um novo código de leis e histórias de patriarcas heróicos. A prova de que esses textos são lendas estaria nas inúmeras incongruências culturais e geográficas entre o texto e a realidade. Muitos reinos e locais mencionados no livro sequer existiam no século XIII a.C. e só surgiriam 500 anos depois.

### 41. MONTE SINAI

Não existe. A escolha do lugar que passou a ser conhecido como Monte Sinai ocorreu entre os séculos IV e VI d.C. **por monges bizantinos**.

### 42. AS MURALHAS DE JERICÓ

A arqueologia diz que Jericó nem tinha muralhas nesse período. A tomada de Canaã pelos hebreus aconteceu de forma gradual, quando as tribos hebraicas trocam o pastoreio pela agricultura dos vales férteis. A história da conquista foi escrita durante o século VII a.C., **mais de 500 anos depois** da chegada dos hebreus aos vales cananeus.

### 43. DAVI

Em 1993 foi encontrada uma pedra datada do século IX a.C. com escritos que mencionam um rei hebreu chamado Davi, mas não há qualquer evidência das conquistas narradas na Bíblia. Davi pode ter sido o líder de um grupo de rebeldes vindos de camadas pobres dos cananeus.

### 44. SALOMÃO

Não há sinal de arquitetura monumental em Jerusalém ou em qualquer das outras cidades citadas pela Bíblia em que o rei Salomão teria construído templos, palácios e fortalezas. Assim como Davi, Salomão seria apenas um pequeno líder tribal de Judá.

### 45. O NOVO TESTAMENTO

Seus textos não foram escritos pelos evangelistas em pessoa, como muita gente supõe, Lucas, Marcos, Paulo, Mateus, João, **mas por seus seguidores**, entre os anos 60 e 70, décadas depois da morte de Jesus, quando as versões estavam contaminadas pela fé e por disputas religiosas. Nessa época, os cristãos estavam sendo perseguidos e mortos pelos romanos, e alguns dos primeiros apóstolos estavam velhos e doentes. Havia, portanto, o perigo de que a mensagem cristã caísse no esquecimento se não fosse colocada no papel. Marcos foi o primeiro a

fazer isso, e seus textos serviram de base para os relatos de Mateus e Lucas, que aproveitaram para tirar do texto anterior algumas situações que lhes pareceram heresias. "Em Marcos, Jesus é uma figura estranha que precisa fazer rituais de magia para conseguir um milagre", afirma o historiador e arqueólogo André Chevitarese.

#### 46. JESUS

Ele nasceu na Palestina, provavelmente no ano 6 a.C. ao final do reinado de Herodes Antipas (que acabou em 4 a.C.) - em conformidade com Lucas e Mateus que afirmam que Jesus nasceu "perto do fim do reino de Herodes". A diferença entre o nascimento real de Jesus e o ano zero do calendário cristão se deve a um erro de cálculo cometido por um monge no século VI, quando a Igreja resolveu reformular o calendário.

Além disso, é praticamente certo que Jesus nasceu em Nazaré e não em Belém. Lucas afirma que a anunciação ocorreu em Nazaré, onde José e Maria viviam, mas eles foram obrigados a viajar até Belém pelo censo "ordenado quando Quirino era governador da Síria". Os registros romanos mostram que Quirino só assumiu no ano 6 d.C. - 12 anos depois do ano de nascimento de Jesus.

A explicação que o texto de Lucas dá para a viagem de Jesus até Belém seria falsa. A história foi criada porque a tradição judaica considerava essa cidade o berço do rei Davi - e o messias deveria ser da linhagem do primeiro rei dos judeus.

#### 47. OS APÓSTOLOS

Não há certeza quanto ao número de discípulos que viviam próximos de Jesus. Nos Evangelhos, apenas os oito primeiros conferem (???) - os quatro últimos têm muitas variações. A hipótese mais provável é que o número "redondo" de 12 discípulos foi uma **invenção** posterior para espelhar, no Novo Testamento, as 12 tribos dos hebreus descritas no Antigo Testamento.

\*\*\*

48. Como disse na introdução deste livro: "não há nenhuma vírgula colocada aqui que não tenha referencia em alguma obra ou estudo anterior"; sobre o assunto tratado neste trecho da revista, sugiro que

leiam o livro *A Bíblia Não Tinha Razão* de Neil Asher Silberman e Israel Finkelstein.

49. Alguns refutam que não se pode provar que Jesus existiu, mas também não se pode provar que ele não existiu. Mas tente provar que um cara chamado Zacarofredo não existiu há 2 mil anos! Ou um chamado Ricofenitico! Buda? Krishna? Mitra? Crestus? Eles existiram? Não? Prove! Você pode provar? O fato é que não é crível que Jesus, nascido em Nazaré, filho de uma Maria e supostamente de um José, tenha existido e, se existiu, não foi nada do que se disse até agora, ou seja, era um qualquer, ou melhor, um tanto faz. Agora, aguardo boas evidências para a existência do Homem-deus, cuja fama correu por toda a Síria (Mt 4:24); que foi recebido por toda a Jerusalém (Mt 21); cuja morte foi quase um prelúdio do apocalipse, onde muitos ressuscitaram, houve um grande terremoto e uma longa escuridão (Mt 27:45-54); que era procurado por uma grande multidão de Jerusalém, da Iduméia, de além do Jordão, e de perto de Tiro e de Sidom (Mc 3:98); que ensinava **doutores** de todas as aldeias da Judéia e da Galiléia (Lc 5:17); que fez tantas coisas que no mundo inteiro não caberiam os livros para descrevê-las (Jo 21:25).

50. Tampouco os apóstolos existiram, muito embora a maioria deles tivesse feitos milagres que deixariam qualquer um de cabelo em pé, não há nada, repito, nada que testifique a passagem deles pela Terra.

51. Paulo era um conhecido perseguidor de cristãos (At 9:21; Gl 1:13); foi um dos maiores rabinos da época (At:22:3); foi tomado como deus pelos romanos por curar um homem, causando grande alvoroço (At 14:6-18); causou tumulto em outra cidade, foi preso, orou e um grande terremoto, o qual avariou a prisão fazendo com que todos os prisioneiros fossem soltos, e fez com que alguns magistrados pedissem desculpas (At 16:40); em Éfeso, causou grande revolta, Demétrio atesta sua fama em Éfeso e toda a Ásia dizendo que ele era um perigo para a religião romana (At 19:22-41); causou grande tumulto também em Jerusalém e fez discurso à multidão (At 21:22); 40 judeus tentaram

armar uma cilada para Paulo (At 23:12-21); foi escoltado por 470 soldados até Cesaréia (At 23:22-24); e, finalmente, foi julgado perante os governadores Félix, Festo e o rei Agripina (At 24; 25; 26). Entretanto, não há uma única linha sobre ele em nenhuma literatura, fora a própria Bíblia. É crível isso?

#### IV. Legitimidade e historicidade

1. Falsificar documentos é uma atividade comum na cultura sacerdotal judaico-cristã: rei Josías, do Antigo Testamento, encontrou milagrosamente o livro Deuteronômio, em meio a uma disputa por importantes reformas, e que veio a confirmar todas as suas idéias (cf. Superinteressante: nº 178).

Anos de pesquisas convenceram todos os especialistas, exceto os mais conservadores, de que Abraão e outros patriarcas foram invenções dos autores da Bíblia. (Time: 18/12/1995, p.44)

2. Os documentos sobre a Doação de Constantino, os quais justificavam a ação Igreja-Estado e expansão da influência católica pela Europa, documento comprovado e flagrantemente falso, passou seis séculos tomado como legítimo. Sem contar os Santos Sudários. Até mesmo, ainda no começo do cristianismo, Orígenes, em *Contra Celsum*, já defendia a interpretação da Bíblia como meramente alegórica, duvidando destarte da sua credibilidade literal. O que seria mais um documento ou objeto falso a mais ou a menos, indício de que não seria nenhum “peso na consciência” falsificar um ou outro historiador (cf. Sagan: 1996; p.100-101; Arruda/Piletti: 1995; p.94b). Ademais, as pessoas são muito suscetíveis a acreditar em verdades pré-concebidas, comumente parciais, da história, ainda nos dias de hoje. Um bom exemplo é a Indústria do Holocausto, ninguém pensa em nazismo sem pensar no sofrimento judeu, esquecendo-se, entretanto, que morreram, em proporção, tantos ciganos quanto judeus (cf. Gondim: 2005: p.27-31), entretanto, ninguém fala neles, ninguém sabe, ninguém viu, e a sociedade diz amém. Mas, sem fugir ao assunto:

Muitos reinos e locais citados na jornada de Moisés pelo deserto não existiam no século 13 a.C., quando o Êxodo teria ocorrido. Esses locais só viriam a existir 500 anos depois, **justamente** no período dos escribas deuteronômicos, que seriam os verdadeiros autores dos livros Êxodo e Deuteronômio, entre outros. (Gondim: 2005, p.79; cf. Silberman/Finkelstein: 2003, p.96)

3. A divisão do calendário foi uma invenção católica [século VI], unir as mãos para rezar foi uma usurpação de outras crenças, a Santa Trindade foi inventada séculos depois de supostamente ser escrita a Bíblia [381 d.C.], o purgatório passou a existir só em 593. Essas e outras mentiras, todas não bíblicas e todas inventadas ou avaliadas pelos supostos papas infalíveis, mais tarde, retransmitidas pelos Calvinos e Luteros do mundo afora.

É interessante observar que o nome do faraó que teria se contraposto a Moisés no século 13 jamais é mencionado no relato do Êxodo. Ele é chamado simplesmente de “Faraó”, sem o artigo definido, como se Faraó fosse um nome próprio, e não o título majestático dos egípcios. Quem escreveu a epopéia certamente não sabia o nome do faraó que reinava no tempo dos supostos acontecimentos narrados no Livro do Êxodo. (Gondim: 2005, p.82)

“A verdade é única, embora os sábios a conheçam como muitas.” (Rig Veda: 1:164:46)

#### V. Falhas sobre Jesus ser o Messias

“Querer o castigo eterno para uma falta que não é eterna, é negar-lhe toda a razão de ser” (Kardec)

[Quero agradecer ao Paulo da Silva Neto Sobrinho pela imensurável contribuição com seu estudo disponibilizado ao público<sup>15</sup>]

<sup>15</sup> <http://www.espirito.com.br/portal/artigos/index.html>

1. Como sabemos, um dos argumentos mais utilizados para legitimar a vinda de Jesus como divina é a afirmação “suspeitíssima” de que ele seja o profeta anunciando no Antigo Testamento. Mas por que então os Judeus negaram que ele fosse o Messias sendo que isso seria o maior triunfo da religião judaica? O próprio Jesus “afirmou” que “não [veio] para destruir a Lei [Torá], mas para cumprir” (Mt 5:17); como podemos perceber, Jesus destruiu sim várias leis judaicas, mas isto não é o objeto de estudo deste capítulo e, de fato, acaba até sendo irrelevante uma vez que nem sequer o Messias ele era, vejamos o porquê.

(...) tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que fora dito da parte do Senhor pelo profeta: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, o qual será chamado EMANUEL, que traduzido é: Deus conosco. (Mt 1:22-23)

Portanto o Senhor mesmo vos dará um sinal: eis que uma virgem conceberá, e dará à luz um filho, e será o seu nome Emanuel. (Is 7:14)

Os próprios cristãos que acusam os céticos de analisarem a Bíblia fora do contexto, fazem o mesmo, como exemplo, neste caso.

Na passagem Isaías diz “o Senhor mesmo vos dará um sinal”, mas uma leitura desta passagem nos fará (com ou sem apoio das próprias Bíblias apologéticas), sem dúvida, dizer que Isaías está falando ao Rei Acáz para se tranquilizar que a dinastia de Davi será perene, o sinal que ele se refere é ao próprio filho de Acáz – não tem sentido você dizer para alguém hoje que Deus enviará um sinal, mas este sinal só vem séculos mais tarde, não é mesmo? –; ocorre que o reino do Norte e Aram atacariam Judá com medo que este se aliasse a Assíria; mas o profeta Isaías reprimiu esta idéia em Acáz, assegurando-o que Deus enviaria um sinal, que era o seu filho, Ezequias, o qual supostamente seria abençoado como Davi, por exemplo.

Além do mais, Emanuel significa (como a própria profecia diz) “Deus está conosco”, ao passo que Jesus significa “Deus é a salvação”. O autor do livro de Mateus claramente deturpou o significado da palavra Emanuel e o contexto no qual Isaías profetizou. Como Ezequias, filho de Acáz, na realidade, não foi o grande rei esperado pela profecia, os judeus foram estendendo a profecia para os filhos dos filhos seguintes, criando uma profecia infinita deturpando a original, mas evidentemente falsa.

2.

Em Belém da Judéia; pois assim está escrito pelo profeta: E tu, Belém, terra de Judá, de modo nenhum és a menor entre as principais cidades de Judá; porque de ti sairá o Guia que há de apascentar o meu povo de Israel. (Mt 2:5-6)

Mas tu, Belém Efrata, posto que pequena para estar entre os milhares de Judá, de ti é que me sairá aquele que há de reinar em Israel (Mq 5:2)

Lendo fora de contexto esta passagem é mesmo bastante convincente, mas vejamos como fica a profecia de Miquéias dando sequência a passagem:

Belém Efrata, (...) de ti é que me sairá aquele que há de reinar em Israel, (...) Portanto os entregará até o tempo em que a que está de parto tiver dado à luz; então o resto de seus irmãos voltará aos filhos de Israel. E ele permanecerá, e apascentará o povo na força do Senhor, na excelência do nome do Senhor seu Deus; e eles permanecerão, porque agora ele será grande até os fins da terra. E este será a nossa paz. **Quando a Assíria entrar em nossa terra**, e quando pisar em nossos palácios, então suscitaremos contra ela sete pastores e oito príncipes dentre os homens.

Claramente, Miquéias está se referindo a algum da dinastia de Davi (difícil saber quem), mas que certamente é contemporâneo da época do domínio assírio. E não romano (época de Jesus)!

3.



Levantou-se, pois, tomou de noite o menino e sua mãe, e partiu para o Egito. E lá ficou até a morte de Herodes, para que se cumprisse o que fora dito da parte do Senhor pelo profeta: **Do Egito chamei o meu Filho.** (Mt 2:14-15)

Quando Israel era menino, eu o amei, e **do Egito chamei a meu filho.** [É isso o que o pastor te mostrará, mas não se convença, continue lendo] Quanto mais eu os chamava, tanto mais se afastavam de mim; sacrificavam aos baalins, e queimavam incenso às imagens esculpidas. Todavia, eu ensinei aos de Efraim a andar; tomei-os nos meus braços; mas não entendiam que eu os curava. Atraí-os com cordas humanas, com laços de amor; e fui para eles como os que tiram o jugo de sobre as suas queixadas, e me inclinei para lhes dar de comer. Não voltarão para a terra do Egito [ou seja, o profeta se refere ao tempo do Egito, época de Moisés]; mas a Assíria será seu rei; porque recusam converter-se. Cairá a espada sobre as suas cidades, e consumirá os seus ferrolhos; e os devorará nas suas fortalezas. Porque o meu povo é inclinado a desviar-se de mim; ainda que clamem ao Altíssimo, nenhum deles o exalta. Como te deixaria, ó Efraim? como te entregaria, ó Israel? como te faria como Admá? ou como Zeboim? Está comovido em mim o meu coração, as minhas paixões à uma se acendem. Não executarei o furor da minha ira; não voltarei para destruir a Efraim, porque eu sou Deus e não homem, o Santo no meio de ti; eu não virei com ira. Andarão após o Senhor; ele bramará como leão; e, bramando ele, os filhos, tremendo, virão do ocidente. **Também, tremendo, virão como um passarinho os do Egito, e como uma pomba os da terra da Assíria; e os farei habitar em suas casas.** (Os 11:1-11).

A profecia completa, como pode conferir, se refere ao domínio Assírio sobre o povo de Israel, o primeiro versículo se refere ao passado, quando os hebreus viviam no Egito, alertando o povo que Deus sempre esteve com eles e que eles são o culpados do mal que os afetava; nada a ver com Jesus. Quando a passagem diz “do Egito chamei meu filho”, não existe a relação Deus e Jesus, mas Deus e Israel, como é comum no Torah, e a passagem não me deixa mentir.

4.

Então Herodes, vendo que fora iludido pelos magos, irou-se grandemente e mandou matar todos os meninos de dois anos para baixo que havia em Belém, e em todos os seus arredores, segundo o tempo que com precisão inquirira dos magos. Cumpriu-se então o que fora dito pelo profeta Jeremias: Em Ramá se ouviu uma voz, lamentação e grande pranto: Raquel chorando os seus filhos, e não querendo ser consolada, porque eles já não existem. (Mt 2:16-18)

Assim diz o Senhor: Ouviu-se um clamor em Ramá, lamentação e choro amargo. Raquel chora a seus filhos, e não se deixa consolar a respeito deles, porque já não existem. (Jr 31:15)

Mas uma análise rápida do contexto já nos diz que Jeremias se refere ao “Cativo na Babilônia”, por isso os “filhos de Raquel” lamentam: séculos antes de Jesus.

5.

retirou-se para as regiões da Galiléia, e foi habitar numa cidade chamada Nazaré; para que se cumprisse o que fora dito pelos profetas: Ele será chamado nazareno. (Mt 2:22-23)

Esta profecia não existe. Reiterando que não só a ligação Jesus Messias não existe, mas como sequer Jesus existe e, se existiu, não era o que disse, nem fez o que disseram que fez; ou seja, sequer pode ser chamado de Jesus.

6.

deixando Nazaré, foi habitar em Cafarnaum, cidade marítima, nos confins de Zabulom e Naftali; para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta Isaías: A terra de Zabulom e a terra de Naftali, o caminho do mar, além do Jordão, a Galiléia dos gentios, o povo que estava sentado em trevas viu uma grande luz; sim, aos que estavam sentados na região da sombra da morte, a estes a luz raiou. (Mt 4:13-16)

O povo que andava em trevas viu uma grande luz; e sobre os que habitavam na terra de profunda escuridão resplandeceu a luz. [É isso o que o pastor te mostrará, mas não se convença, continue lendo]

Tu multiplicaste este povo, a alegria lhe aumentaste; todos se alegrarão perante ti, (...) Porque tu quebraste o jugo da sua carga e o bordão do seu ombro, (...) Porque todo calçado daqueles que andavam no tumulto, e toda capa revolvida em sangue serão queimados, servindo de pasto ao fogo. Porque **um menino nos nasceu, um filho se nos deu [isto é, “já nasceu” e não “vai nascer!”]**; e o governo estará sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai Eterno, Príncipe da Paz. (Is 9:2-6)

Este trecho é uma reiteração do profeta ao nascimento do filho Acaz, Ezequias, muito antes de Jesus. Você está compreendendo porque os judeus não aceitam Jesus? E eu te pergunto por que Mateus está tão desesperado em reafirmar isto? Ganhar no grito?

7.

Caída a tarde, trouxeram-lhe muitos endemoninhados; e ele com a sua palavra expulsou os espíritos, e curou todos os enfermos; para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta Isaías: Ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e levou as nossas doenças. (Mt 8:16-17)

Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e carregou com as nossas dores (Is 53:4)

Uma análise contextual, com atenção aos versículos (Is 52:13; 53:8,9,12), deixam realmente em dúvida sobre se “servo” se refere a “Messias” ou ao “povo de Israel” – muito embora a comunidade judaica entenda como uma referência ao povo – em outras passagens de Isaías 42:1-4; 49:1-6; 50:4-9; 52:13-53, 12) se refira ora a “povo de Israel”, ora a algum profeta, ora a Ciro, ora a Joaquim ou outro profeta qualquer; mas os cristãos, donos da verdade, tem certeza absoluta de que se refere ao Messias.

Uma tentativa semelhante de se atribuir a palavra “servo” do Torah a “Messias”, por conseguinte, a “Jesus”; é continuada comparando a passagem de Mateus 12:15-17 com Isaías 42:1-4. Mas o termo “servo” é utilizado também para se referir a Abraão, Moisés, Caleb, Davi, Naamã, o próprio Isaías, Eliacim, Nabucodonosor (rei da Babilônia),

Zorobabel, Germe e, finalmente, Jó. Notemos que a expressão “meu servo”, conforme já falamos, também é atribuída ao próprio povo de Israel.

Bíblia de Jerusalém, pág. 1239:

No livro estão inseridas quatro peças líricas, os “cânticos do Servo” (42, 1-4 [5-9]); 49, 1-6; 50, 4-9 [10-11]; 52, 13-53, 12). Eles apresentam um perfeito servo de Iahweh, que reúne o seu povo e é a luz das nações, que prega a verdadeira fé, expia por sua morte os pecados do povo e é glorificado por Deus. Essas passagens estão incluídas entre as mais estudadas do Antigo Testamento, e não existe acordo nem quanto à sua origem nem quanto ao seu significado. A atribuição dos três primeiros cânticos ao Segundo Isaías é muito verossímil; é possível que o quarto seja obra de um dos seus discípulos. A identificação do Servo é muito discutida. Muitas vezes se tem visto nele uma figura da comunidade de Israel, à qual outras passagens do Segundo Isaías dão, de fato, o título de “servo”. Mas os traços individuais são marcados demais e é por isso que outros exegetas, que formam atualmente a maioria, reconhecem no Servo uma personagem histórica do passado ou do presente; nesta perspectiva, **a opinião mais atraente é a que identifica o Servo com o próprio Segundo Isaías**; o quarto cântico teria sido apresentado após sua morte. Combinaram-se assim as duas interpretações, considerando o Servo como um indivíduo que incorporava os destinos de seu povo. Seja como for, uma interpretação que se limitasse ao passado ou ao presente não explicaria os textos o suficiente. O Servo é o mediador da salvação messiânica, que uma parte da tradição judaica, dava destas passagens, afora o aspecto sofrimento.

Como podemos ver, esta interpretação Cristã de Servo para Messias é arbitrária, precipitada e grosseira, pois possibilitaria até mesmo que disséssemos que Nabucodonosor (da Babilônia) ou Ciro (da Pérsia) fosse o Messias, bem como inúmeros reis e profetas os quais já citamos.

8.

Por isso lhes falo por parábolas; porque eles, vendo, não vêem; e ouvindo, não ouvem nem entendem. E neles se cumpre a profecia de Isaías, que diz:

Ouvindo, ouvireis, e de maneira alguma entendereis; e, vendo, vereis, e de maneira alguma perceberéis. Porque o coração deste povo se endureceu, e com os ouvidos ouviram tardiamente, e fecharam os olhos, para que não vejam com os olhos, nem ouçam com os ouvidos, nem entendam com o coração, nem se convertam, e eu os cure. (Mt 13:13-15)

Depois disto ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem irá por nós? Então disse eu: Eis-me aqui, envia-me a mim. Disse, pois, ele: Vai, e dize a este povo: Ouvis, de fato, e não entendeis, e vedes, em verdade, mas não percebeis. Engorda o coração deste povo, e endurece-lhe os ouvidos, e fecha-lhe os olhos; para que ele não veja com os olhos, e ouça com os ouvidos, e entenda com o coração, e se converta, e seja sarado. (Is 6:8-10)

Bíblia de Jerusalém, pág. 1263-64:

A prontidão de Isaías lembra a fé de Abraão (Gn 12, 1-4) e contrasta com as hesitações de Moisés (Ex 4, 10-12) e sobretudo de Jeremias (Jr 1, 6). A pregação do profeta embaterá na incompreensão de seus ouvidos. Os imperativos aqui usados não devem causar ilusão, equivalem a indicações (cf. 29, 9) Deus não quer essa incompreensão, ele a prevê, ela serve aos seus desígnios. Ela desvela o pecado do coração e precipita o julgamento; comparar com o endurecimento do faraó (Ex 4, 21; 7, 3 etc.)

9.

Todas estas coisas falou Jesus às multidões por parábolas, e sem parábolas nada lhes falava; para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: Abrirei em parábolas a minha boca; publicarei coisas ocultas desde a fundação do mundo. (Mt 13:34-35)

Abrirei os lábios, pronunciarei sentenças, desvendarei os mistérios das origens. (Sl 77:2)

Asafe, neste Salmo 77, se vale do passado para advertir as gerações do presente, pois cometiam os mesmos erros, cita a provação no deserto, ingratidão durante o êxodo, infidelidade na época dos juízes, isto é,

mais uma passagem citada sem levar em conta o contexto, além do mais esta passagem sequer é uma profecia, basta ler.

10.

Estando ele ainda a falar, eis que uma nuvem luminosa os cobriu; e dela saiu uma voz que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; a ele ouvi. (Mt 17:5)

Eis aqui o meu servo, a quem sustenho; o meu escolhido, em quem se compraz a minha alma; pus o meu espírito sobre ele. ele trará justiça às nações. (Is 42:1)

O mesmo caso já citado: aplicação completamente fora de contexto.

11.

Quando se aproximaram de Jerusalém, e chegaram a Betfagé, ao Monte das Oliveiras, enviou Jesus dois discípulos, dizendo-lhes: Ide à aldeia que está defronte de vós, e logo encontrareis uma jumenta presa, e um jumentinho com ela; desprendeis-a, e trazei-mos. E, se alguém vos disser alguma coisa, respondei: O Senhor precisa deles; e logo os enviará. Ora, isso aconteceu para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: Dizei à filha de Sião: Eis que aí te vem o teu Rei, manso e montado em um jumento, em um jumentinho, cria de animal de carga. (Mt 21:1-5)

Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém; eis que vem a ti o teu rei; ele é justo e traz a salvação; ele é humilde e vem montado sobre um jumento, sobre um jumentinho, filho de jumenta.

[É isso o que o pastor te mostrará, mas não se convença, continue lendo]

De Efraim exterminarei os carros, e de Jerusalém os cavalos, e o arco de guerra será destruído, e ele anunciará paz às nações; e o seu domínio se estenderá de mar a mar, e desde o Rio até as extremidades da terra. (Zc 9:9-10).

Certamente Jesus não saiu destruindo arco de guerra e carro algum, esta passagem se refere a Alexandre Magno, jamais a Jesus.

12.

Disse-lhes Jesus: Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que os edificadores rejeitaram, essa foi posta como pedra angular; pelo Senhor foi feito isso, e é maravilhoso aos nossos olhos? (Mt 21:42)

A pedra que os edificadores rejeitaram, essa foi posta como pedra angular. Foi o Senhor que fez isto e é maravilhoso aos nossos olhos. (Sl 118:22-23)

Oras, a pedra angular é o próprio povo de Israel, e não Jesus. Em verdade, o povo de Israel foi rejeitado por outros impérios (os edificadores).

Bíblia Barsa, pág. 476:

Canto solene de ação de graças, (...) durante a procissão ao templo para comemorar festivamente o dia da vitória de Deus sobre os inimigos de seu povo (...) Chegando à porta do santuário (...) aos justos, que conformam sua vida às exigências da lei divina. O motivo da exultação dos fiéis no templo é o amor de Deus, manifestado na eleição de **Israel dentre todos os povos, para ser pedra angular no edifício da salvação da humanidade**. Os construtores do edifício da história humana excluíam dos conchavos da política internacional um povo tão insignificante como Israel **[eis os edificadores]**, o qual, porém, seguindo os desígnios de Deus, ocupa o lugar central na vida espiritual dos povos, por ser a chave do processo de estabelecer o reino de Deus na terra e o veículo de transmissão dos desígnios salvíficos de Deus na história.

13.

Então Jesus lhes disse: Todos vós esta noite vos scandalizareis de mim; pois está escrito: Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho se dispersarão. (Mt 26:31)

Ó espada, ergue-te contra o meu pastor, e contra o varão que é o meu companheiro, diz o Senhor dos exércitos; fere ao pastor, e espalhar-se-ão as ovelhas; mas volverei a minha mão para os pequenos. (Zc 13:7)

Esta passagem se refere ao Exílio, que foi o castigo necessário para que o povo despertasse para a fonte, Deus. Mais uma vez a profecia foi tomada fora de contexto. Pois vejamos o próximo versículo:

Em toda a terra, diz o Senhor, as duas partes dela serão exterminadas, e expirarão; mas a terceira parte restará nela.” (Zc 13:8)

Esta frase tem mais sentido quando colocada luz sobre as consequências do “Cativo na Babilônia” ou na Era Cristã? Se Jesus veio pagar nossos pecados que sentido faz esta profecia? Outras vezes, as supostas relações com as profecias passam longe do verificável e perto da imaginação.

14.

Saístes com espadas e varapaus para me prender, como a um salteador? Todos os dias estava eu sentado no templo ensinando, e não me prendestes. Mas tudo isso aconteceu para que se cumprissem as Escrituras dos profetas (Mt 22:55-56).

Eis uma que é uma mentira deslavada.

15.

Os principais sacerdotes, pois, tomaram as moedas de prata, e disseram: Não é lícito metê-las no cofre das ofertas, porque é preço de sangue. E, tendo deliberado em conselho, compraram com elas o campo do oleiro, para servir de cemitério para os estrangeiros. Por isso tem sido chamado aquele campo, até o dia de hoje, Campo de Sangue. Cumpriu-se, então, o que foi dito pelo profeta Jeremias: Tomaram as trinta moedas de prata, preço do que foi avaliado, a quem certos filhos de Israel avaliaram, e deram-nas pelo campo do oleiro, assim como me ordenou o Senhor. (Mt 27:6-9).

Jeremias jamais disse isso, leia e confira você mesmo. Alguns exegetas dão a localização desta profecia não a Jeremias, mas a Zacarias 11:12-13; numa explicação forçadíssima dizendo que Mateus se refere ao primeiro volume do livro na época (que supostamente era

Jeremias) e não ao nome do autor especificamente, diferente da ordem de hoje, que seria Isaías. Mas, de qualquer maneira, vejamos o que diz em Zacarias (com aproximação para Jeremias):

E eu lhes disse: Se parece bem aos vossos olhos, dai-me o que me é devido; e, se não, deixai-o. Pesaram, pois, por meu salário, trinta moedas de prata. Ora o Senhor disse-me: Arroja isso ao oleiro, esse belo preço em que fui avaliado por eles. E tomei as trinta moedas de prata, e as arrojé ao oleiro na casa do Senhor. (Zc 11:12-13) (cf. Jr 32:6-15)

Oras, nesta passagem Zacarias pede para que seu salário seja o preço que seria o de um simples escravo, ele fez isto porque rejeitaram o seu ministério. Não é uma profecia, de modo algum, mas um fato ocorrido.

16.

Então, depois de o crucificarem, repartiram as vestes dele, lançando sortes, [para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: Repartiram entre si as minhas vestes, e sobre a minha túnica deitaram sortes.] (Mt 27:35)

Repartem entre si as minhas vestes, e sobre a minha túnica lançam sortes. (Sl 22:18)

Todo o Salmo 22 se refere a Davi, que lamenta a sua própria sorte, não sendo, portanto, uma profecia. Veja que até aqui, muitas passagens que são tidas como profecias, na verdade não o são, são apenas fatos ou acontecimentos localizados ou daquela época, nada mais que isso; aliás, muito nos surpreende usarem como profecia uma afirmação com o verbo no passado.

17.

Também, com ele, crucificaram dois salteadores, um à sua direita, e outro à esquerda. [E cumpriu-se a escritura que diz: E com os malfeitores foi contado.] (Mc 15:27-28)

Pelo que lhe darei o seu quinhão com os grandes, e com os poderosos repartirá ele o despojo; porquanto derramou a sua alma até a morte, e foi contado com os transgressores; mas ele levou sobre si o pecado de muitos, e pelos transgressores intercedeu. (Is 53:12)

Este capítulo 53 de Isaías já nem mais é digno de observação, uma leitura contextualizada já diz, como se pode verificar, que se refere ao filho de Acaz, Ezequias.

18.

Chegando a Nazaré, onde fora criado; entrou na sinagoga no dia de sábado, segundo o seu costume, e levantou-se para ler. Foi-lhe entregue o livro do profeta Isaías; e abrindo-o, achou o lugar em que estava escrito: O Espírito do Senhor está sobre mim, porquanto me ungiu para anunciar boas novas aos pobres; enviou-me para proclamar liberdade aos cativos, e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e para proclamar o ano aceitável do Senhor. E fechando o livro, devolveu-o ao assistente e sentou-se; e os olhos de todos na sinagoga estavam fitos nele. Então começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu esta escritura aos vossos ouvidos. (Lc 4:16-21)

O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas-novas aos mansos; enviou-me a restaurar os contritos de coração, a proclamar liberdade aos cativos, e a abertura de prisão aos presos; a apregoar o ano aceitável do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus; a consolar todos os tristes (Is 61:1-2)

De cara já desconfiamos desta passagem pelo simples fato de Mateus e Marcos narrarem os mesmo acontecimento dos versículos anteriores excluindo esta suposta profecia. De qualquer maneira, nesta passagem Isaías esta falando dele mesmo, leia o contexto, e perceba que sequer pode ser atribuída o título de profecia a estes versículos.

19. Eis mais uma invencionice:

Tomando Jesus consigo os Doze, disse-lhes: Eis que subimos a Jerusalém e se cumprirá no filho do homem tudo o que pelos profetas foi escrito; pois será entregue aos gentios, e escamecido, injuriado e cuspidos; e depois de o açoitarem, o matarão; e ao terceiro dia ressurgirá. (Lc 18:31-33)

Tomando como minha as palavras de Paulo da Silva Neto Sobrinho:

Realmente não existe nenhuma profecia a respeito de que, especificamente, alguém deveria ressuscitar no terceiro dia. Entretanto em Oséias 6, 1-3 encontramos o seguinte pensamento: *“Eles, vendo-se na tribulação, dar-se-ão pressa a recorrer a mim: Vinde, e tomemo-nos para o Senhor: porque Ele é o que nos cativou, e o que nos sarará: Ele o que nos feriu, e o que nos curará. Ele nos dará a vida em dois dias: ao terceiro dia nos ressuscitará, e nós viveremos na sua presença. (...)”*. Vejamos o que encontramos a respeito dessa passagem: a) *“Para caracterizar a superficial conversão de Israel, o profeta recorre a uma possível fórmula penitencial da época (cf. 1Rs 8, 31-53; Jr 3, 21-25; Sl 85)”* [Bíblia Vozes p. 1117]; b) *“Depois de dois dias... terceiro dia. I.e., num curto espaço de tempo (veja Lc 13, 32-33; 2 Pe 3, 8)”* [Bíblia Anotada p. 1101]; c) *“A expressão “depois de dois dias”, “no terceiro dia” (cf. Am 1, 3: “por três crimes de Damasco e por quatro”) designa breve lapso de tempo. Desde Tertuliano a tradição cristã aplicou este texto à ressurreição de Cristo no terceiro dia. Mas o NT não o cita jamais; neste contexto é lembrada a estada de Jonas no ventre do peixe (Jn 2, 1 = Mt 12, 40). Contudo é possível que a menção da ressurreição no terceiro dia “conforme as escrituras” (1Cor 15, 4, cf. Lc. 24, 16) do querigma primitivo e dos símbolos de fé se refira ao nosso texto interpretado de acordo com as regras exegéticas da época”*. [Bíblia de Jerusalém p.1591].

20.

Ele, então, lhes disse: “Insensatos e lentos de coração para crer tudo o que os profetas anunciaram! E, começando por Moisés e percorrendo todos os Profetas, interpretou-lhes em todas as Escrituras o que a ele dizia respeito”. Depois disse-lhes: “São estas as palavras que eu vos falei, quando ainda estava convosco: era preciso que se cumprisse tudo o que está escrito sobre mim na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos”.

Então abriu-lhes a mente para que entendessem as Escrituras, e disse-lhes: “Assim está escrito que o Cristo devia sofrer e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia, e que, em seu Nome, fosse proclamado o arrependimento para a remissão dos pecados a todas as nações, a começar por Jerusalém. (Lc 24:25,27,44-46).

Mais uma cansativa tentativa de transformar a história do suposto Jesus num acontecimento surpreendente e real.

21.

Pois se crêsseis em Moisés, crerieis em mim; porque de mim ele escreveu. (Jo 5:46)

O Senhor teu Deus te suscitará do meio de ti, dentre teus irmãos, um profeta semelhante a mim<sup>16</sup>; a ele ouvirás (Dt 18:15)

Mais uma vez, uma leitura grosseira do contexto já nos remete ao entendimento de que se fala de uma linhagem de profetas que surgiram inspirados por Deus, não um em particular, tampouco um salvador. Mas leia você mesmo:

Então o Senhor me disse: Falaram bem naquilo que disseram. Do meio de seus irmãos lhes suscitarei um **profeta semelhante a ti**; e porei as minhas palavras na sua boca, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar. E de qualquer que não ouvir as minhas palavras, que ele falar em meu nome, eu exigirei contas. **Mas o profeta** que tiver a presunção de falar em meu nome alguma palavra que eu não tenha mandado falar, ou o que falar em nome de outros deuses, esse profeta morrerá. E, se disseres no teu coração: Como conheceremos qual seja a palavra que o Senhor falou? **Quando o profeta falar em nome do Senhor e tal palavra não se cumprir, nem suceder assim, esta é a palavra que o Senhor não falou;** com presunção a falou o profeta; não o temerás. (Dt 18:17-22).

<sup>16</sup> Nesta curiosa passagem, temos diferentes traduções dependendo do livro. Para análise, no texto a seguir, estarei usando a Bíblia Barsa. Mas, é bom notar, como um erro de tradução pode mudar completamente o significado de um texto, salientando o quão suspeitas são as Bíblias que temos ao nosso dispor.

Reflita você mesmo, pois se no texto de Moisés fala “profeta semelhante a ti”, e Moisés é inferior a Jesus (Hb 3:1-6), esta profecia jamais pode ser sobre Jesus Cristo.

22.

E embora tivesse operado tantos sinais diante deles, não criam nele; para que se cumprisse a palavra do profeta Isaías: Senhor, quem creu em nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do Senhor? Por isso não podiam crer, porque, como disse ainda Isaías: Cegou-lhes os olhos e endureceu-lhes o coração, para que não vejam com os olhos e entendam com o coração, e se convertam, e eu os cure. Estas coisas disse Isaías, porque viu a sua glória, e dele falou. (Jo 12:37-41)

Quem deu crédito à nossa pregação? e a quem se manifestou o braço do Senhor? (Is 53:1). Engorda o coração deste povo, e endurece-lhe os ouvidos, e fecha-lhe os olhos; para que ele não veja com os olhos, e ouça com os ouvidos, e entenda com o coração, e se converta, e seja sarado. (Is 6:10)

O mesmo erro infantil já apontado sobre Acaz e seu filho (Mt 13:13-15): falta de contexto.

23.

Não falo de todos vós; eu conheço aqueles que escolhi; mas para que se cumprisse a escritura: O que comia do meu pão, levantou contra mim o seu calcanhar. (Jo 13:18)

Até o meu próprio amigo íntimo em quem eu tanto confiava, e que comia do meu pão, levantou contra mim o seu calcanhar. (Sl 41:9)

Se o cristianismo não afetasse seriamente as nossas vidas eu daria gargalhadas sobre esta “profecia”. Oras, vejamos o que o profeta Samuel escreveu sobre este evento que enquanto Davi (autor do Salmo) fazia os sacrifícios, Absalão mandou buscar, na cidade de Gilo, o gilonita, Aquitofel, que era conselheiro de Davi. A conspiração se

fortalecia e o partido de Absalão aumentava. E disseram a Davi: “Aquitofel se uniu à conspiração de Absalão”. Davi, então, rezou: “Javé, faze com que o plano de Aquitofel fracasse”. (2Sm 15:12-31). Os autores do Novo Testamento quiseram legitimar o mito chamado Jesus a qualquer custo, como podem ver.

24.

Aquele que me odeia a mim, odeia também a meu Pai. Se eu entre eles não tivesse feito tais obras, quais nenhum outro fez, não teriam pecado; mas agora, não somente viram, mas também odiaram tanto a mim como a meu Pai. Mas isto é para que se cumpra a palavra que está escrita na sua lei: Odiaram-me sem causa. (Jo 15:23-25)

Não se alegrem sobre mim os que são meus inimigos sem razão, nem pisquem os olhos àqueles que me odeiam sem causa. (Sl 35:19) Aqueles que me odeiam sem causa são mais do que os cabelos da minha cabeça; poderosos são aqueles que procuram destruir-me, que me atacam com mentiras; por isso tenho de restituir o que não extorqui. (Sl 69:4)

Um erro após o outro: primeiro que “Lei” é uma referência ao Pentateuco de Moisés, e não a Salmos; mas verificando Salmos:

Bíblia Anotada, pág. 717:

Neste salmo imprecatório, Davi pede ao Senhor que o livre e traga destruição sobre seus inimigos (vv. 1-10), lamenta o ódio não justificado de seus inimigos contra ele (vv.11-16) e volta a solicitar a Deus livramento e justiça (vv. 17-28). É provável que tenha sido escrito numa época em que Davi estava sendo perseguido por Saul, sendo, em certo sentido, um desenvolvimento de 1 Sm 24:15. A impressão não é contra o próprio Saul (pois Davi poupou sua vida), mas contra aqueles que fomentavam o ciúme doentio que Saul sentia de Davi”. Isto se aplica as duas supostas pseudo-profecias.

25.

Enquanto eu estava com eles, eu os guardava no teu nome que me deste; e os conservei, e nenhum deles se perdeu, senão o filho da perdição, para

que se cumprisse a Escritura. (Jo 17:12). [É mentira! Esta passagem não existe! Nunca nenhum profeta disse isso.]

26.

Replicou-lhes Jesus: Já vos disse que sou eu; se, pois, é a mim que buscais, deixai ir estes; para que se cumprisse a palavra que dissera: Dos que me tens dado, nenhum deles perdi. (Jo 18:8-9) [É mentira também!]

27.

mas vindo a Jesus, e vendo que já estava morto, não lhe quebraram as pernas; contudo um dos soldados lhe furou o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água. E é quem viu isso que dá testemunho, e o seu testemunho é verdadeiro; e sabe que diz a verdade, para que também vós creiais. Porque isto aconteceu para que se cumprisse a escritura: Nenhum dos seus ossos será quebrado. (Jo 9:33-36)

Numa só casa se comerá o cordeiro; não levareis daquela carne fora da casa nem lhe quebrareis osso algum. (Ex 12:46). Ele lhe preserva todos os ossos; nem sequer um deles se quebra. (Sl 34:20). Mas sobre a casa de Davi, e sobre os habitantes de Jerusalém, derramarei o espírito de graça e de súplicas; e olharão para aquele a quem traspassaram, e o prantearão como quem pranteia por seu filho único; e chorarão amargamente por ele, como se chora pelo primogênito. (Zc 12:10)

Antes de falar que não se pode quebrar os ossos “disse mais o Senhor a Moisés e a Arão: Esta é a ordenança da páscoa; nenhum, estrangeiro comerá dela; mas todo escravo comprado por dinheiro, depois que o houveres circuncidado, comerá dela. O forasteiro e o assalariado não comerão dela.” (Ex 12:44-45). Aí sim ele fala que os **ossos do cordeiro** não deve ser quebrado. Oras, isto é ritual de sacrifício de animais, e não de Deus (que acreditam que seja Jesus)! Só faltou dizer que também não pode conter manchas e nem ter as unhas fendidas, como no contexto do Êxodo e Levítico!

Quanto ao Salmo 34:21, é uma oração de agradecimento que Davi faz a Deus, por ter ficado livre de Abimelec, que o perseguia, e, para se livrar dele, Davi fingiu de louco, não é uma profecia. Como se percebeu

em outra passagem, em Zacarias 12:10 faz-se referência ao Exílio, e os “traspassados” são os próprios judeus.

28. Também em Atos 8:30-35 há uma suposta ligação com Isaías 53:7-12, já não precisamos sequer entrar em detalhes mais.

29.

e assim todo o Israel será salvo, como está escrito: Virá de Sião o Libertador, e desviará de Jacó as impiedades; (Rm 11:26)

E virá um Redentor a Sião e aos que em Jacó se desviarem da transgressão, diz o Senhor. Quanto a mim, este é o meu pacto com eles, diz o Senhor: o meu Espírito, que está sobre ti, e as minhas palavras, que pus na tua boca, não se desviarão da tua boca, nem da boca dos teus filhos, nem da boca dos filhos dos teus filhos, diz o Senhor, desde agora e para todo o sempre. (Is 59:20-21). Por isso se expiará a iniquidade de Jacó; e este será todo o fruto da remoção do seu pecado: ele fará todas as pedras do altar como pedras de cal feitas em pedaços, de modo que os aserins e as imagens do sol não poderão ser mais levantados. (Is 27:9)

Isaías 59:20-21 não passa de uma liturgia penitencial: o povo estava desanimado e descrente; explica-se, lendo o capítulo todo, que o povo estava pagando pela sua própria incredulidade, longe de ser uma profecia. Isaías 27:9 é uma previsão apocalíptica, do fim dos tempos, e não da vinda do Messias.

30. Segundo o Dicionário Aurélio, profecia é: Predição do futuro feita por um profeta; oráculo, vaticínio, presságio. Já no Dicionário Prático, constante da Bíblia da Barsa, explicam: “Propriamente é o ato ou efeito de falar em nome de outrem. Assim Aarão é chamado, por Deus, o profeta de Moisés, por falar em nome deste (Ex 4, 10-15; 7, 1), mas, em geral, o nome de profeta é reservado ao que fala em nome de Deus. Hoje, porém, entende-se por profecia apenas a predição de algum acontecimento futuro, que depende da livre vontade de Deus ou do homem, e que, por conseguinte, só pode ser conhecida por divina revelação. Esta predição do futuro entrava nas profecias antigas apenas



como prova de que o profeta era autêntico e que suas palavras, ordens ou conselhos provinham, de fato, de Deus, uma vez que só Deus pode conhecer o futuro. Com o decorrer do tempo, a palavra profecia passou a designar apenas esta parte da profecia”.

“As profecias podem ser: **condicionais**, por ex.: a cidade de Nínive teria sido destruída se seus habitantes não tivessem feito penitência à pregação de Jonas (Jon 3): **absolutas**, por ex.: Cristo predisse sua morte e ressurreição. As duas espécies de profecias podem ser encontradas no Antigo como em O Novo Testamento. As profecias que anunciam a vida de Cristo são chamadas **Messiânicas**. O livro de Isaías abunda em profecias messiânicas e, por esta razão, é algumas vezes chamado o quinto Evangelho. O próprio Jesus, freqüentemente, apelou para as profecias como prova de sua divindade e de sua missão divina: “Investigai as Escrituras... São elas que dão testemunho de mim. (Jo 5, 39)”. Para que as coisas fiquem claras, esclarecemos que todas as vezes que se diz de profecias a respeito de Jesus, estão dizendo das previsões que os profetas fizeram para o futuro, portanto, podemos concluir que são profecias absolutas.

31. Assim terminamos nosso estudo sobre as falsas profecias, falsamente cumpridas e atribuídas a Jesus. Claro que existem outras profecias, que realmente são profecias, que realmente estão no Antigo Testamento e que, segundo os Evangelhos, acabaram se cumprindo. Mas este estudo já é suficientemente elucidativo para nos dizer que nem tudo o que a Bíblia diz é verdade. Refletindo como sendo os Evangelhos o produto de uma crença mitológica na ânsia de se legitimar, nada menos surpreendente do que vermos referências completamente infantis aos livros derradeiramente consagrados pelo judaísmo. Eis agora, um argumento judeu pelo qual eles não acreditam em Jesus como o Messias.

Mas quem dera se a única falha no Cristianismo fossem algumas dezenas de profecias falsamente relacionadas, leia, se tiver coragem, e

confira. Ler sem se ater ao contexto é tanta tolice quanto encontrar uma estrela “no céu” e nem desconfiar que existe o universo.

## VI. Falhas sobre as profecias de Jesus

Estudemos com calma:

1.

Então disse Jesus aos seus discípulos: Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz, e siga-me; pois, quem quiser salvar a sua vida por amor de mim perdê-la-á; mas quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á. Pois que aproveita ao homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua vida? ou que dará o homem em troca da sua vida? Porque o Filho do homem há de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos; e então retribuirá a cada um segundo as suas obras.

Em verdade vos digo, alguns dos que **aqui estão de modo nenhum provarão a morte até que vejam vir o Filho do homem no seu reino.** (Mt 16:24-28)

Esta profecia simplesmente não aconteceu, ela não pode ser confundida de modo algum com a ressurreição por causa da frase do próprio Jesus que diz, sobre a volta, que estaria “no seu reino”. Como sabemos, segundo a própria Bíblia, a ressurreição não teve elementos que caracterizassem um Jesus com seu reino, tampouco os anjos apareceram nas passagens.

2. A promessa é clara e feita diretamente aos discípulos, ou seja, Jesus era para ter retornado antes que ao menos dois discípulos tivessem morrido, mas a coisa ainda está mais embaixo, pois podemos destacar:

Porque o Filho do homem há de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos; e então retribuirá a **cada um segundo as suas obras.** (Mt 16:27)

Nas passagens que a Bíblia fala em “cada um segundo as suas obras”, ela está, evidentemente, falando do final dos tempos, do apocalipse. Mas Jesus cometeu um erro de 2 milênios.

3. Mas estamos apenas “esquentando o clima”, leremos um pouco mais:

Se, pois, alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! ou: Ei-lo aí! não acrediteis; porque não de surgir falsos cristos e falsos profetas, e farão grandes sinais e prodígios; de modo que, se possível fora, enganariam até os escolhidos. Eis que de antemão vo-lo tenho dito.

Portanto, se vos disserem: Eis que ele está no deserto; não saiais; ou: Eis que ele está no interior da casa; não acrediteis. Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até o ocidente, assim será também a vinda do filho do homem.

Pois onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão os abutres. Logo depois da tribulação daqueles dias, escurecerá o sol, e a lua não dará a sua luz; as estrelas cairão do céu e os poderes dos céus serão abalados. Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem, e todas as tribos da terra se lamentarão, e verão vir o Filho do homem sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória. E ele enviará os seus anjos com grande clangor de trombeta, os quais lhe ajuntarão os escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus.

Aprendeis, pois, da figueira a sua parábola: Quando já o seu ramo se toma tenro e brota folhas, sabeis que está próximo o verão. Igualmente, quando verdes todas essas coisas, sabeis que ele está próximo, mesmo às portas. Em verdade vos digo que **não passará esta geração sem que todas essas coisas se cumpram.** (Mt 24:23-34)

Esta profecia é uma reiteração da anterior. Ela deixa ainda mais claro que não podemos interpretar esta passagem como a ressurreição pois, segundo a própria Bíblia, quando Jesus apareceu não tivemos tais sinais, os quais dizem que “escurecerá o sol, e a lua não dará a sua luz; as estrelas cairão do céu e os poderes dos céus serão abalados”.

4. Então, a profecia se refere a uma segunda aparição pós-morte de Jesus, não qualquer ressurreição, mas apocalíptica, os quais, segundo o próprio Jesus, deveria ser antes do fim daquela geração de séculos e séculos atrás.

E se aqueles dias não fossem abreviados, ninguém se salvaria; mas por causa dos escolhidos serão abreviados aqueles dias. (Mt 24:22)

A passagem é obviamente apocalíptica. Se Jesus não tivesse dito que “seria nesta geração” ou que “alguns dentre vós testemunharão quando isso acontecer”, sem dúvida, os exegetas diriam que ela é simplesmente apocalíptica. Mas, como a passagem restringe, eles tentam jogar no “colo” da ressurreição, que foi um evento infinitamente mais medíocre do que o prometido, ou seja, se não é uma falsa profecia, é uma enorme contradição do próprio Jesus, que para muitos é o próprio Deus.

5. Rebatendo uma interpretação não menos lamentável, Gondim, no seu livro *Da Bíblia aos Múltiplos Universos*, rebate:

Ou seja, os eventos escritos poderiam aniquilar a humanidade ou até mesmo a vida no planeta. Não, Jesus definitivamente não está se referindo à queda de Jerusalém, mas à sua segunda vinda, aos fatos inconfundíveis a elas vinculados, fatos que aconteceriam durante a vida de alguns de seus contemporâneos. Tais fatos não aconteceram até hoje. A profecia não se realizou. Os cristãos podem retrucar que ela não se realizou ainda. Respondo que ela não se realizou na época prevista pelo seu autor. (Gondim: 2005, p.91)

6. Neste livro, o qual recomendo a leitura integral, Gondim ainda destaca mais dois trechos, em outro Evangelho, o de Lucas, onde fica ainda mais claros o prazo e a proporção [muito além de Jerusalém] da profecia:

Em verdade vos digo que não passará esta geração até que tudo isso se cumpra. (Lc 21:32)

Porque há de vir sobre todos os que habitam na face da terra. (Lc 21:35).

## VII. Falhas sobre a ressurreição

1. Este texto já é bastante conhecido nos fóruns de discussão ateístas, segue abaixo sem revisão, mas autêntico, o documento não é assinado, senão por um e-mail: [magen\\_david\\_br@yahoo.com.br](mailto:magen_david_br@yahoo.com.br). Todas as afirmações neste texto foram revistas e confirmadas por mim, mas está suficientemente clara para verificação por parte de qualquer um em posse da Bíblia.

### A FARSA DA MORTE E RESSURREIÇÃO DE CRISTO

2. Jesus provou vinho misturado com fel, e bebeu vinagre (Mt 27:34, 48). A palavra “fel” segundo os especialistas, designa o suco da papoula, ou o ópio, também chamado de “vinho de Sodoma” – substância alucinógena que bloqueia os sentidos (papaver somniferum).

3. De acordo com João, foi justamente após ter provado aquela bebida que Jesus teria morrido (Jo 19:30). Ou será que simplesmente “perdeu os sentidos” pelo efeito do sumo do ópio?

4. De acordo com Marcos 15:44, Pilatos ficou surpreso quando recebeu a notícia da morte de Jesus, pois não esperava que isso acontecesse tão rápido – isso deixa ainda mais suspeita a história de sua morte, pois se os castigos infligidos a ele fossem realmente tão cruéis como se supõem que foram, Pilatos não teria motivos para se surpreender!

5. De acordo com João 19:31-32, os soldados quebraram as pernas dos salteadores, para que sua morte fosse mais rápida. Entretanto, o texto diz que não quebraram as pernas de Jesus porque ELE JÁ ESTAVA MORTO. Curiosamente, mesmo assim, um soldado aplica-lhe um golpe de lança. Se já estava morto, que necessidade haveria de golpear-lhe com a lança (Jo 19:33-34)?

6. Cadáveres não sangram. O Jesus supostamente morto sangrou, ao ser golpeado pela lança do soldado romano (Jo 19:34)

7. É importante notar que a suposta morte de Jesus teria então sido mais rápida do que a dos ladrões. Note também que os ladrões não tomaram da mesma bebida que Jesus teria provado. Não é interessante?

8. Havia uma nítida pressa para que se retirassem os corpos das cruzes, pois o dia seguinte era um “grande sábado” (Jo 19:31). Este feriado foi um bom motivo para que José de Arimatéia pedisse permissão para Pilatos para que ele pessoalmente sepultasse Jesus. Assim, o Galileu teria sido apressadamente retirado da cruz.

9. Por que as mulheres levariam “especiarias e unguentos” ao sepulcro na manhã da suposta ressurreição (Lc 24:1) sendo que ANTES de colocar Jesus no sepulcro Nicodemos já havia tomado todas essas providências tendo preparado o cadáver com especiarias e aromas, envolvendo-o num lençol (Jo 19:39-40)? Lembre-se: as mulheres levaram UNGÜENTOS: ocorre que unguentos ou bálsamos são além de perfumes, também remédios cicatrizantes para chagas e feridas (Jr. 46:11; 51:8). Veja também Lucas 7:37 e Mateus 26:7 onde unguentos e bálsamos são sinônimos! Por que as mulheres iriam aplicar bálsamos e unguentos num CADÁVER que já havia sido preparado com especiarias para o sepultamento? Não é interessante que bálsamos e unguentos sejam substâncias cicatrizantes e Jesus tenha sido perfurado e lancinado? Mas por que aplicariam tais substâncias em Jesus se ele já estava morto?

10. Jesus tinha conexões secretas em Jerusalém – ele contava com certos aliados ou discípulos que nem mesmo os Doze conheciam. Basta lermos Mateus 21:1-3 no episódio em que ele ordena que seus discípulos vão até Betfagé, a fim de lhe arranjar um jumento no qual ele entrará em Jerusalém. Também é bom lermos Mateus 26:18, quando ele instrui seus discípulos a lhe prepararem a ceia. Tanto no caso do jumento quanto da ceia, as pessoas que cederam os animais e o local eram certamente contatos secretos de Jesus naquela cidade, pois os discípulos deveriam dizer apenas: “o mestre precisa deles” – no outro caso, tudo o que deveriam fazer era seguir o homem, o qual lhes mostraria o lugar

mobiliado, já preparado para a ceia. Quando as autoridades judaicas supostamente cogitaram a possibilidade de seu corpo ter sido roubado por seus discípulos de noite, certamente estavam pensando no bem conhecido grupo dos Doze... mas, por certo, não contavam com aqueles que secreta e anonimamente seguiam o Galileu. Daí, é só usar a imaginação...

11. Várias vezes os soldados romanos, por serem pagãos, ficaram impressionados com as palavras ou com os “sinais” que Jesus supostamente fazia (Jo 7:45-47). O povo de Deus, entretanto, não pode se deixar levar por palavras “bonitas” ou “sinais” – este é um costume dos detestáveis ídólatras entre as nações (Jr 10:1-2). Na crucificação, um centurião romano de acordo com Lucas, “deu glória a Deus” dizendo: “Verdadeiramente, este homem era filho de Deus” – mas, de que “deus” estaria um centurião romano falando? Adoravam eles o Deus de Israel, o único e verdadeiro? NÃO! É lógico que não!! O “deus” daqueles soldados não era outro senão MITRA, um ídolo adorado em todo o oriente por aqueles tempos. Sua adoração originou-se na Pérsia, e depois passou a ser considerado o “deus das legiões romanas” [veja O Homem em Busca de Deus, p.60-61].

12. É válido também notar que de acordo com Mateus 28:11-15, um grupo de soldados teria testemunhado a “ressurreição” – entretanto, nenhum deles se “converteu”! O centurião que estava ao pé da cruz ficou convencido, e aqueles que viram algo bem superior, não. Você não acha isso muito suspeito, caro leitor? Não é também suspeito que os soldados tenham recebido dinheiro para ficarem calados? E mais: por que encontramos esse relato sobre os soldados apenas no Evangelho de Mateus?

13. Como teria Mateus sabido que os soldados receberam dinheiro para ficarem calados quanto à suposta “ressurreição” de Jesus (Mt 28:11-15)? Teria ele testemunhado o momento em que os soldados receberam aquele dinheiro? Se ele presenciou o fato, por que não o denunciou aberta e publicamente, fazendo-o apenas em seu livro [que devemos notar foi escrito bastante tempo depois que os eventos teriam acontecido]? Se Mateus ficou sabendo disso por “inspiração” do “Espírito Santo”, por que esse mesmo “espírito” não o advertiu dos inúmeros erros absurdos que seu Evangelho contém? (um exemplo: Mateus alista Jeconias como ancestral

de Jesus, (cf. 1:11). Se a linhagem de Jesus passa por Jeconias, então Jesus JAMAIS poderia ou poderá ser rei dos judeus, pois Jeconias e SUA SEMENTE foram amaldiçoados para NUNCA MAIS governar o povo de Deus (cf. Jr 22:28-30).

14. Jesus proibiu seus discípulos de divulgar que ele iria “ressuscitar” (cf. Mc 9:30-32). Ele ensinava isso apenas a eles e em particular (cf. Mt 17:19-22; 16:20-21; Lc 8:21-22). Sendo assim, se a estória da ressurreição de Jesus é verdadeira, como as autoridades judaicas ficaram sabendo disso sendo que tudo sobre a “ressurreição” era falado em segredo (cf. Mt 27:62-63)?

15. E ainda: se as autoridades judaicas realmente estavam sabendo da doutrina da suposta “ressurreição” de Jesus, por que não o questionaram sobre isso enquanto o estavam julgando? A pergunta mais importante que fizeram era se ele admitia ser o Messias (Mt 26:63; Mc 14:61; Lc 22:66-67). As Escrituras NADA falam sobre MORTE e RESSURREIÇÃO do Messias – por isso mesmo não faria sentido se os sacerdotes lhe perguntassem algo sobre isso, visto que Jesus se considerava o Messias. Para a doutrina judaica embasada nas Escrituras, a obra do Messias será coroada de êxito, sucesso e vitória – jamais poderá acabar com condenação e morte por blasfêmia!

16. As Escrituras dizem que Deus não faz nada sem antes anunciar aos Seus servos, os profetas (Am 3:7). Sendo assim, quais são as profecias que dizem respeito a morte e ressurreição do messias dos cristãos – Jesus?

17. Se Jesus realmente ressuscitou, por que mentiu ao dizer: “Eis o que está escrito: O Cristo padecerá, e terceiro dia ressurgirá dentre os mortos” (Lc 24:46)? Onde está escrito isso na Lei ou nos Profetas?

18. Paulo, outro falsificador da Palavra de Deus, diz: “Pois primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados segundo as Escrituras, e que ressurgiu ao terceiro dia, segundo as Escrituras” (1Co 15:3-4) – RESSURGIU ao TERCEIRO DIA, segundo as Escrituras? Que Escrituras? Só se forem as “escrituras” dos pagãos e adoradores de ídolos, pois não há referência alguma nas Sagradas Escrituras Judaicas (o “Antigo Testamento”) que fale sobre isso. Já os

livros dos pagãos contêm muitos relatos de “ressurreições” de seus “deuses defuntos”, abominações como Baal, Tamuz, Mitra, Adonis, Apolônio de Tiana, etc. Por que Paulo não citou escritura alguma para amparar o que dizia? (veja também outra mentira em João 20:9)

19. Para quem Jesus teria dado o “sinal” relatado em Mateus 12:38-40? Não foi para os escribas e fariseus que NÃO acreditavam nele? É lógico que sim! Ora, se o sinal foi dado para aqueles que NÃO acreditavam nele, por que motivo Jesus só teria aparecido após a ressurreição APENAS para seus seguidores? Se o sinal foi dado para os INCRÉDULOS, por que Jesus NÃO apareceu para eles, a fim de que pudessem averiguar sua palavra? Mas é claro: provar uma suposta “ressurreição” para alguém que já acreditava nele seria muito mais fácil...

20. Que parte do sistema sacrificial levítico Jesus cumpriu “ressuscitando”? Os cristãos gostam de afirmar que Jesus “cumpriu” a Lei – mas não explicam, [ou não podem explicar] que parte do ritual levítico dos sacrifícios Jesus cumpriu ao “ressuscitar”? Por que não podem explicar? Simplesmente porque não existe nada acerca de “ressurreição” do Messias nas Escrituras e tão pouco no sistema sacrificial da Lei de Moisés.

21. Se a suposta “ressurreição” de Jesus já havia sido “prevista” pelas Escrituras, por que Jesus sempre a ensinou em segredo e só aos discípulos (cf. Lc 9:18-22; Mt 17:19-23)? Que mal havia em falar sobre algo que já estava previsto nas Escrituras? Por que todo o segredo e o mistério? Isso eles NÃO explicam...

22. Se Jesus realmente ressuscitou, então por que os discípulos foram pegos de surpresa, inclusive não acreditando e achando que tudo não passava de delírio? (Lc 24:11; Mc 16:11-14; Mt 28:17); eles já não estavam avisados?

23. Se Jesus realmente ressuscitou, por que os dois relatos sobre o caminho de Emaús são completamente diferentes? Em Lucas 24:33-35, os dois discípulos contam aos onze a suposta aparição de Jesus pelo caminho; e os onze acreditam no que eles disseram, afirmando: “ressurgiu verdadeiramente o senhor e já apareceu a Simão”(Lc 24:34). Já no relato

paralelo de Marcos 16:12-13, os dois discípulos contam aos outros sobre a suposta aparição de Jesus e qual é a reação deles? “tampouco acreditaram neles” – isto é: NÃO acreditaram no que ouviram dos dois. Qual dos dois textos é o “inspirado”? Podem dois textos ser “inspirados” ao mesmo tempo e conter testemunhos diferentes? Julguemos pelo reto juízo, e pela razão!

24. Quando Jesus supostamente “ressuscitou” Judas ainda estava vivo? Bem, de acordo com Mateus 27:3-5, fica claro que Judas teria se matado antes mesmo da morte de Jesus. Entretanto, Paulo diz que após sua ressurreição, Jesus “foi visto por Cefas e depois pelos doze” (1Co 15:5). Logo, se Judas já havia morrido, como teria Jesus sido visto pelos “doze”? Lucas 24:33-34 menciona onze apóstolos e fala de Cefas (Pedro) como se não estivesse presente naquela ocasião. Se isso é assim, então de acordo com Lucas o grupo dos Doze ainda estava completo, mesmo depois da suposta “ressurreição” de Jesus. Teria Judas Iscariotes então sido uma “testemunha” da “ressurreição” de Jesus?

25. Segundo Mateus (26:32; 28:7) e Marcos (16:7), os onze discípulos deveriam ir para a Galiléia após a “ressurreição” de Jesus. Muito bem; para que possamos demonstrar mais uma contradição, devemos ler Mateus 28:16-17: “Os onze discípulos partiram para a Galiléia para o monte que Jesus lhes tinha designado. Quando o viram, o adoraram, mas alguns duvidaram”. Fica claro, em primeiro lugar, que mesmo do grupo dos onze alguns creram e outros não! Isso demonstra no mínimo, que a experiência não foi assim tão convincente como os cristãos a pintam. Mas, o que diz Marcos 16:14? “Mais tarde, Jesus apareceu aos onze estando eles à mesa, e lançou-lhes em rosto a incredulidade e dureza de coração porque não creram nos que já o tinham visto ressuscitado” – mas, espere um momento aí, sr. “evangelista” Marcos! Não foi o mesmo grupo dos onze que esteve na Galiléia e ali o viram de acordo com Mateus 28:16-17? Como então não teriam crido naqueles que já o tinham visto ressuscitado, uma vez que foram eles mesmos que supostamente o viram? Quer dizer que não criam em seu próprio testemunho ou no que seus próprios olhos viram?

26. Como notamos, muitos discípulos não teriam crido nas “aparições” de Jesus após sua morte, e duvidaram, mesmo tendo visto o “ressurreto” nazareno. Jesus teria dito a Tomé, um daqueles que duvidou: “Porque me

viste, creste; bem-aventurados os que não viram e creram” (Jo 20:29). Como Jesus classificaria então aqueles que VIRAM e NÃO creram? Se eles que supostamente teriam visto o nazareno após a morte NÃO creram, como podemos nós que NÃO vimos crer? Se eles que tiveram essa experiência ainda não se convenceram, então como podem ser condenados os que não crêem? Será então que a experiência foi assim tão CONVINCENTE como pregada pelo cristianismo? É óbvio que não...

27. De acordo com João 2:19-22, quando Jesus disse: “Destruí este templo e em três dias o levantarei de novo” – ele falava de seu próprio corpo, numa referência oblíqua à sua suposta ressurreição. Como vimos, diante de sua trupe de iludidos, Jesus buscou amparar nas Escrituras [ainda que mentindo!] sua suposta “ressurreição” (Lc 24:45-46). Entretanto, quando questionado pelas autoridades judaicas (profundos conhecedores das Escrituras), o arquiembusteiro não ousou querer citar verso algum da Bíblia para tentar apoiar suas “doutrinas”. Por que ele não fez questão de dizer que ele deveria morrer e ressuscitar “de acordo com as Escrituras”? Por que ele não as citou em frente da autoridade religiosa de seus dias? Ele não citou nada das Escrituras simplesmente por que não tinha NADA para citar! As Escrituras NÃO falam de morte e ressurreição para o Messias.

28. Se a ressurreição de Jesus já fora prevista pelas Escrituras, por que então Jesus falou sobre isso secretamente e somente depois que os discípulos o identificaram como o seu “messias”? Veja:  
 “Simão Pedro respondeu: tu és o Cristo, o filho do Deus vivo (...) desde então começou Jesus a mostrar aos discípulos que era necessário ir a Jerusalém,... ser morto e ressurgir ao terceiro dia” (Mt 16:16,21)

“Respondendo Pedro lhe disse: tu és o Cristo(...) então começou a ensiná-lhes que importava que o filho do homem fosse morto, e que depois de três dias ressurgisse” (Mc 8:29,31; cf. Lc 9:20-22)

Não é bastante suspeito que apenas um seleto grupo de doze pessoas tenham ouvido falar de uma doutrina tão importante para o cristianismo quanto a ressurreição e que tenham falado dela APENAS após a morte de Jesus? (At 4:10; 5:30) – e mais uma questão cabe aqui: Segundo os Evangelhos, Jesus ordenou que os doze e depois os setenta discípulos

fossem e pregassem o Evangelho (Mt 10:5-7; Lc 9:1-6; 10:1-9). Como vemos pelos dois primeiros textos citados, “reino” e “Evangelho” são sinônimos, isto é, significam a mesma coisa. Devemos perguntar então: O QUE TERIAM OS DISCÍPULOS PREGADO ENTÃO? – sim, porque como sabemos, eles (a) não podiam dizer que Jesus era o Messias (cf. Mt 16:20); também (b) não podiam de forma alguma dizer que ele morreria [de acordo com o cristianismo para a “remissão” dos pecados] (cf. Mt 20:17-19; veja que ele chama os discípulos “à parte”), e (c) tão pouco podiam anunciar que depois de sua morte ele ressuscitaria.(Mc 9:30-32).

29. Reflita você mesmo. Um ponto de interrogação é o mínimo que presumo para quem leu o livro até aqui. O Deus descrito na Bíblia é simplesmente um fracassado, do texto ao contexto, dos fatos as conseqüências, da base ao teto. Primeiramente Deus fez os anjos, acabaram brigando entre eles, Deus fracassou em sua intenção. Deus fez uma mulher (a famosa Lilith), brigou com Adão, Deus fracassou. Deus fez a Eva, da costela do Adão, a criação não confiou no Criador, Deus fracassou. Adão também não o ouviu, Deus fracassou. Um filho direto da sua criação (Caim), já nasceu mau, Deus fracassou. A humanidade criada por Deus se perverteu, não deu certo, Deus se arrependeu de ter feito o homem, Deus fracassou. Embora Deus tenha tido esperança no sangue de Noé, estava errado, Israel se perverteu, Deus fracassou. Deus colocou Esaú como rei de Israel, Deus se arrependeu, Deus fracassou. Deus entregou sua palavra a infundáveis profetas, mas Israel não os ouvia, Deus fracassou. Deus ainda mandou seu filho unigênito para salvar Israel, depois muda de idéia e resolve que é mais interessante salvar o mundo inteiro de uma só vez, mas 2/3 da humanidade não liga a mínima para Ele até hoje, Deus fracassou. Enviou ainda Paulo para nos nortear pelo caminho de Deus, mas ninguém o segue, Deus fracassou. Confiou sua palavra de amor a Igreja, mas ela fez tudo errado, a história confirma, Deus fracassou. Os mesmos protestantes que protestam a favor do retorno literal da interpretação bíblica também queimaram cientistas e hereges, esqueceram das palavras de amor, Deus fracassou. Até mesmo seguindo a linha de Kardec: Deus ainda, neste caso, mudou completamente de

opinião e subverteu-se em reencarnacionista, enviou alguns de seus mais importantes Espíritos Superiores, mas Kardec fala mais de racismo do que de amor, os seus missionários fracassaram, Deus fracassou. O espiritismo não tomou o mundo, só faz sucesso no país do carnaval, as pessoas não conhecem a palavra de Deus, Deus é impotente, Deus fracassou... fracassou... fracassou, dizem os niilistas, nada além de um fracassado.

### VIII. Exegeses

E ao passo que os pagãos, com uma espécie de horror, de medo ao mistério, não nomeavam em geral Deus senão com toda solenidade, que epigrama que então os cristãos: o seu nome a mais corrente das palavras de todos os dias, e inquestionavelmente a palavra mais vazia de sentido, e a que se usa com menos cautela (Sören Kierkegaard)

1. O problema das exegeses não é o seu fundamento bíblico, pois “no caso de eu [Paulo] tardar, saibas como se deve proceder na casa de Deus, a qual é a Igreja do Deus vivo, coluna e esteio da verdade.” (1Tm 3:15). Contudo, o problema é que em nome das exegeses, que estão longe de ser um consenso até mesmo entre os teólogos da mesma religião, são as afirmações amiúde irresponsáveis: alguém já contou quantas vezes a exegese católica mudou de opinião em relação à prática de tortura? Em nome desta mesma exegese que estuda textos originais, autores, contextos, remetentes e destinatários a Igreja proclamou o geocentrismo, mas depois o redefiniu como alegoria; é desta exegese que os teólogos se valem? Por que nas passagens que são ambíguas não se declara como incognoscível, e pronto? “Tudo o que eu te ordeno, observarás; nada lhe acrescentarás nem diminuirás.” (Dt 12:32; 4:2), “Esforçai-vos, pois, para guardar e cumprir tudo quanto está escrito no livro da lei de Moisés, para que dela não vos desvieis nem para a direita nem para a esquerda” (Js 23:6). Os ensinamentos da Bíblia são claros, para praticar o cristianismo ninguém precisa de teologia, no entanto, para imputar um dogma, nada melhor que um teólogo.

2. Me dêem uma boa exegese para este Deus: “Veio mais a mim a palavra do Senhor, dizendo: Filho do homem, houve duas mulheres, filhas da mesma mãe. Estas se prostituíram no Egito; prostituíram-se na sua mocidade; ali foram apertados os seus peitos, e ali foram apalpados os seios da sua virgindade. E os seus nomes eram: Aolá, a mais velha, e Aolibá, sua irmã; e **foram minhas [de Deus?], e tiveram filhos e filhas**” (Ez 23:1-4)

3. Me dêem uma boa exegese para este Deus: “Depois disse Moisés a Faraó: Assim diz o Senhor: À meia-noite eu sairei pelo meio do Egito; e todos os primogênitos na terra do Egito morrerão, desde o primogênito de Faraó, que se assenta sobre o seu trono, até o primogênito da serva que está detrás da mó, e todos os primogênitos dos animais.” (Ex 11:4-5). Que culpa tem aquele que nada tem a ver com as decisões do faraó? Que Deus justíssimo, misericordiosíssimo ou prudentíssimo é este?

4. Me dêem uma boa exegese para este Deus: “Então disse Deus a Noé: O fim de toda carne é chegado perante mim; porque a terra está cheia da violência dos homens; **eis que os destruirei juntamente com a terra.**” (Gn 6:13). Que culpa tem os cangurus da Austrália?

5. Deixa-me adivinhar? Depois que Jesus veio mudou tudo, mas, neste ponto, Kardec, embora eu discorde de sua doutrina, transmitiu palavras sabias: “Se a proibição de evocar os mortos veio do próprio Deus, como pretende a Igreja, deve ter sido Deus quem editou a pena de morte contra os infratores. A pena tem, pois, uma origem tão sacra quanto a proibição; por que não a conservaram? Moisés promulgou todas as suas leis em nome de Deus, e por sua ordem. Se se crê que Deus seja seu autor, por que não são elas mais observadas? Se a lei de Moisés é para a Igreja um artigo de fé sobre algum ponto, por que não o é sobre todos? Por que a ela recorrer naquilo que tem necessidade [como o dízimo, que não tem referência neotestamentária] e repeli-la no que não convém? **Por que não segui-la em todas as suas prescrições,**

**a circuncisão, entre outras, que Jesus suportou e não aboliu?”**  
(Kardec: 1859, I:21)

### IX. Traduções

Tomei-me acaso vosso inimigo, porque vos disse a verdade? (Gl 4:16)

1. Há ainda uma curiosa particularidade no primeiro livro do Antigo Testamento, na primeira frase, em Gênesis 1:2, todas as Bíblias que você já leu estão erradas, pois a palavra hebraica “*elohim*” significa deuses, portanto, seria mais fidedigna a tradução assim “No princípio *os deuses* criaram os céus e a terra”; mais adiante, vemos, mesmo nas nossas traduções, uma aproximação do politeísmo e não do consagrado monoteísmo judaico-cristão, quando expressa “Então disse o Senhor Deus: Eis que o homem se tem tornado **como um de nós**, conhecendo o bem e o mal”, aludindo que há, na realidade, deuses e não um único Deus; mais adiante: “E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança” (Gn 1:26); “Eia, desçamos, e confundamos ali a sua linguagem, para que não entenda um a língua do outro” (Gn 11:7), está frase põe por Terra a forçada explicação da Santa Trindade, pois não é crível que Deus falasse no imperativo e na terceira pessoa consigo mesmo, mas, como defendemos, com diversos deuses. Também não é crível que “deuses” signifique Satanás, como os exegetas tentam explicar, mas justamente deuses submissos embora poderosos, com o Deus supremo, algo como o Zeus dos gregos. Esta opinião é reiterada quando colocamos a luz sobre as passagens em que a Bíblia se refere a Deus como sendo o “Deus dos deuses” (Dt 10:17; Sl 136:2; Dn 2:47; 11:36); oras, quando nos referimos a um time de futebol como “campeão dos campeões” estamos nos referindo ao grande campeão dentre todos os campeões, mas substituir “deuses” por Satanás é completamente desconexo, pois, ficaria, “Deus do Satanás” ou “Deus dos Satanases”. Não mesmo: estes trechos só têm sentido numa religião politeísta.

Em primeiro lugar, a Bíblia não diz que Jonas foi engolido por uma baleia, mas por um peixe grande. Em segundo lugar, no idioma em que a história foi escrita, dizia-se de qualquer pessoa posta em situação difícil que tinha sido engolida por um peixe. A mulher de Lot, por sua vez, não teria sido transformada literalmente numa estátua de sal, mas tomada estéril, já que o sal era associado à esterilidade, devido à infertilidade das terras salgadas. (Gondim: 2005, p.70; cf. Shenkman: 2005, p.147-8).

2. Moisés não só não dividiu coisa alguma, pois não há nada que corrobore o Êxodo (cf. Gondim: 2005, p.79; Time: 18/12/1995), como, supondo que ele tenha dividido, certamente não foi o mar vermelho, mas o mar de juncos. Este erro grosseiro e “apócrifo” é proveniente da primeira tradução para o inglês, a King James (cf. Gondim: 2005, p.71; Armstrong: 2001, p.30).

3. Mas os erros de tradução são mesmo muitos:

Agora, retomando nosso assunto, vamos falar sobre a origem da expressão Espírito Santo. No grego, só existem artigos definidos, não havendo, pois, o artigo indefinido *um*. Assim, quando se diz em grego *o*, aparece o artigo *ho*. Mas, quando se quer dizer *um*, não aparece artigo nenhum, porque, repetimos, não há em grego artigo indefinido.

E na Bíblia, quando aparece o Espírito Santo, vem sem artigo. Portanto, a tradução correta é, no português, **um** Espírito Santo, e não **o** Espírito Santo. O Professor Pastorino mostra isso, apontando para os erros de tradução de vários textos da Bíblia. E, com relação a essa questão da inexistência do artigo indefinido no grego, todos nós que estudamos em grego, por pouco que seja, sabemos que, de fato, não se pode dizer o Espírito Santo, mas um Espírito Santo, pois no original dos textos bíblicos não há o artigo definido, pelo que se conclui que o artigo é indefinido, ou seja, **um**. (Chaves: 2000, p.125-6).

4. Algumas, vezes, entretanto, os próprios autores dos Evangelhos tomam uma tradução de baixa qualidade, conforme conferimos a seguir:



Se a mãe de Jesus era virgem quando o teve, as pessoas da época não ficaram muito impressionadas com isso. Ninguém menciona o fato nas primeiras histórias sobre Cristo. Nem mesmo Paulo, que certamente teria apreciado evidências de um nascimento sobrenatural. A primeira referência a uma concepção imaculada está no Evangelho de Mateus, que foi escrito muito tempo depois da morte de Jesus.

De onde Mateus tirou tal idéia? É só um palpite, mas pode ter sido do Velho Testamento, que é de onde parece que ele tirou muitas de suas idéias sobre o messias. Mais uma vez ele parece estar sustentando sua tese sobre Jesus fazendo encaixar-se numa profecia do Velho Testamento. Neste caso, contudo, há um problema. A profecia não é sobre a concepção de virgem. Está profetizando que nascerá o filho de uma “garota jovem”. Mateus infelizmente usou uma má tradução grega segundo a qual o filho nasceria de uma “virgem”. (Shenkman: 2002, p.155)

5. Nem mesmo os Pergaminhos do Mar Morto foram uma vitória cristã. Não é raro vermos evangélicos dizerem que os livros encontrados no Mar Morto testificam a veracidade da Bíblia, alto lá! Essa afirmação é duplamente falsa. Primeiro porque os livros encontrados são do Velho Testamento, logo afirmar que “partes da Bíblia foram encontradas” nos dá uma falsa ilusão de que o Novo Testamento também foi achado. Segundo que, pelo menos de acordo com o pesquisador holandês Emanuel Tov, entrevistado pela Veja (nº 1747 17/04/2002), os livros não são tão fidedignos assim:

VEJA: Quais as principais contribuições dos Manuscritos do Mar Morto?

TOV: Bom, nós temos um conhecimento agora muito melhor das raízes do judaísmo e do início do cristianismo. Sabemos hoje mais sobre os diferentes grupos judeus daqueles tempos. Entre eles, os essênios, cujos sábios foram provavelmente os autores dos manuscritos. Há neles descrições das revelações desses grupos, que frequentemente brigavam entre si. Os manuscritos foram escritos no período que vai do ano 250 a.C. a 65 d.C., ou seja, compreendem exatamente a época do início do cristianismo. Há diversos textos bíblicos que, **comparados à Bíblia que conhecemos hoje, nos mostram que ela passou por vários estágios de mutação.**

VEJA: Mutações de que tipo?

TOV: Nas cavernas de Qumran e em outros lugares de Israel, nós encontramos centenas de manuscritos, **todos da Bíblia hebraica**, o Velho Testamento. Comparados com as traduções que temos hoje da Bíblia, notamos que há passagens que eram mais curtas, outras mais compridas ou com textos diferentes do que conhecemos hoje. **O Livro de Jeremias nos manuscritos aparece em uma versão talvez 15% mais curta.** Isso significa que, nas cópias feitas por gerações após gerações, freqüentemente os escribas mudavam os textos, acrescentando alguns detalhes, suprimindo outros. Eles consideram-se também autores e permitiam-se fazer alterações. Isso ocorreu com os textos de Homero, as tragédias gregas, não apenas com a Bíblia.

## X. O dilema do juízo final

### Estudo

1. É muito curioso alguém se dizer religioso e não conhecer bem sua própria religião, bem como é muito suspeito você perceber traduções flagrantemente erradas ou tendenciosas. Coloquemos a luz sobre as ocorrências do termo “inferno” nas diversas traduções brasileiras:

O “Inferno”, como um local de tormento eterno não existe na Bíblia. O que existe são traduções de quatro palavras diferentes: **Sheol, Hades, Geena e Tártaro.**

2. **Sheol**, no Antigo Testamento, significa literalmente “sepultura”. Em alguns locais e em algumas traduções ele é traduzido por Inferno. Por exemplo:

Em Deuteronômio 32:22: “inferno” na tradução de Almeida e “mundo dos mortos” na Linguagem de Hoje.

Em 2Samuel 22:6: “inferno” na Almeida Fiel, “Sheol” na Almeida Atualizada, e “morte” na Linguagem de Hoje.

Surge a questão se Davi foi para o inferno, ou apenas morreu ou foi para o Sheol? Tal que a Bíblia, em sua grande maioria, Sheol é traduzido como "sepultura", ou então o nosso famoso "abismo". Ou seja, a idéia de inferno não existe no Antigo Testamento, mas quantos religiosos sabem disso?

3. Da mesma forma que Sheol no Antigo Testamento, Hades significa sepultura no Novo Testamento (uma evidente influência da mitologia grega de Hades), e também pode ser encontrada (Mt 11:23) nas três formas (inferno, locais dos mortos, sepultura), dependendo da versão, Almeida Revista, Linguagem de hoje, Almeida Atualizada.

O mesmo ocorre com Mateus 16:18; Lucas 10:15, 16:23; Atos 2:27; 2:31, Apocalipse 1:18, 6:8, 20:13, 20:14.

Como podemos ver, Hades também significa sepultura, mais precisamente mundo dos mortos.

4. Geena é outra história. Significa um local onde se ofereciam sacrifícios a deuses pagãos, que posteriormente se transformou em um "lixão", e onde se jogavam corpos de indigentes, mendigos e ladrões. Ou seja, era uma espécie de crematório público, um lugar nojento e abandonado, onde ninguém gostaria de ir. (cf. Kardec: 1985, p.537-538)

Geena é traduzida por inferno todas as vezes que é encontrada. Porém vejamos como as coisas mudam de enfoque quando sabemos o que Geena significa (crematório público):

Eu, porém, vos digo que todo aquele que [sem motivo] se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal; e quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo. (Mt 5:22) [Ou seja, vai parar na Geena, junto com os ladrões e indigentes, e não torturado eternamente!]

Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno. (Mt 5:29)

Mateus 10:28: Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temeí, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo. (Mt 10:28) [Aqui Jesus fala que pode jogar na Geena tanto o corpo como a alma]

5. Tártaro é mencionado apenas uma vez em toda a Bíblia, em 2Pedro 2:4: “Ora, se Deus não poupou a anjos quando pecaram, antes os precipitando no inferno os entregou a abismos de trevas, reservando-os para juízo.”

Parece ser um local específico para os Anjos e Satanás.

## Conclusões

6. Apenas Jesus mencionou a Geena, e Tiago uma única vez. Todas as menções de Jesus não implicam necessariamente em sofrimento eterno, mas destruição e abandono. Isso colabora com a hipótese aniquilacionista.

7. Atos, as cartas de Paulo, Pedro, João, etc, mencionam apenas Hades, que já sabemos que é o lugar dos mortos.

8. Resta ainda o Lago de Fogo, o destino final de Satanás e seus anjos, bem como todos os seres humanos que não possuem o nome no livro da vida.

Quais são as implicações disso?

9. Primeira contradição, o destino das almas:

O pensamento geral então, segundo o aniquilacionismo, é de que, quando morremos, adormecemos, vamos para "o lugar dos mortos", Hades, e seremos ressuscitados para o julgamento final, e ir para o Lago de Fogo ou para o paraíso. “assim o homem se deita, e não se levanta; até que não haja mais céus não acordará nem será despertado de seu sono.” (Jó 14:12)

Isso estaria de acordo com as traduções de Sheol, Hades e Geena, mas contradiz Jesus quando disse:

Lucas 23:43: Jesus lhe respondeu: Em verdade te digo que **hoje** estarás comigo no paraíso.

Se vamos instantaneamente para o inferno ou paraíso, contradiz as traduções de Geena, Hades e Sheol.

10.

Por esta doutrina, apenas uma parte dos demônios está no inferno; a outra vaga em liberdade, envolvendo-se em tudo que aqui se passa, dando-se ao prazer de praticar o mal e isso até o fim do mundo, cuja época indeterminada não chegará tão cedo, provavelmente. Mas, por que uma tal distinção? Serão estes menos culpados? Certo que não, a menos que se não revezem, como se pode inferir destas palavras: “Enquanto uns ficam na tenebrosa morada, servindo de instrumento da justiça divina contra as almas infelizes que seduziram.”

Suas ocupações consistem, pois, em martirizar *as almas que seduziram*. Assim, não se encarregam de punir faltas livre e voluntariamente cometidas, porém as que eles próprios provocaram. São ao mesmo tempo a *causa do erro e o instrumento do castigo*; e, coisa singular, que a justiça humana por imperfeita não admitiria — a vítima que sucumbe por fraqueza, em contingências alheias e porventura superiores à sua vontade, é tanto ou mais severamente punida do que o agente provocador que emprega astúcia e artifício, visto como essa vítima, deixando a Terra, vai para o inferno sofrer sem tréguas, nem favor, eternamente, enquanto que o causador da sua primeira falta, o agente provocador, goza de uma tal ou qual dilação e liberdade até o fim do mundo.

Como pode a justiça de Deus ser menos perfeita que a dos homens? (Kardec: 1865, IX:14)

“O inferno é a derrota definitiva de Deus. Não importa o que digam, se foi preciso criar o inferno é porque algo deu errado...”

## XI. Acareação Bíblia Ciência

Afirmar que a terra gira em torno do sol é tão errôneo quanto afirmar que Jesus não nasceu de uma virgem  
[Cardeal Bellarmino (1615, durante o julgamento de Galileu)]

1. Que Deus é este que deixa sua palavra num livro evasivo e ambíguo destes? Que permite que o reinterpretem de maneiras mil? Cada exegeta de cada lugar e de cada época dentro da mesma Igreja interpreta a Bíblia de uma maneira distinta...

Quando a cidade sitiada de Baziers caiu [século XIII], os soldados perguntaram ao núncio papal Arnaud Amaury como podiam distinguir os infiéis dos fiéis entre os cativos. Ele ordenou: “Matem a todos. Deus conhecerá os seus”. Milhares foram massacrados – muitos sendo primeiro cegados, mutilados, arrastados por cavalos ou usados para prática de alvo. O núncio relatou ao papa: “A ira de Deus investiu de maneira assombrosa contra a cidade”. (Haught: 2003, p.55)

2. ...eis o cristianismo. Um livro que diz que a Terra tem meramente quatro milênios antes de Cristo, que cita pessoas que viveram mais de novecentos anos (Gn 5). Se o sexo é um ato “abominável” por que Deus esperava que Adão se multiplicasse e frutificasse (Gn 1:28), antes de ter conhecido a nudez? Se toda humanidade descende de Adão e, por conseguinte, é filho do pecado e conhece a “vergonha”, resta explicar por que os indígenas não sentem vergonha da própria nudez; mas tudo isto deve ser alegoria, não é mesmo? Na arca de Noé simplesmente não cabe nem um décimo de um casal de cada animal telúrico (Gn 6:15), isto é, 16 mil animais! O que comentar do geocentrismo (Js 10:10-13; Is 13:13; 38:8; Sl 104:5)? Por acaso a Terra é plana (Jó 37:18; Dn 4:20; Lc

4:5), e não uma esfera? Por acaso o universo não é infinito (Is 13:5)? Ou a água da chuva não volta aos céus (Is 55:10) e a lua é estrela para ter luz própria (Is 30:26)? “Se a Bíblia está errada ao nos dizer de onde viemos, como podemos confiar nela ao dizer pra onde iremos?” (Justin Brown).

3. Por acaso as águas estão sobre a terra ou é a terra que está sobre a água (Sl 136:6)? Em alguma época da história foi a lua (Sl 104:19), e não o movimento de translação, que determinou as estações? O Sol se assenta sobre o círculo da Terra (Is 40:22)? O Sol nasce e se põe no mesmo lado (Ec 1:5)? Não podemos ver o Sol, a noite, porque grossas nuvens o encobrem (Jó 22:14)? Por acaso, te pergunto, a Terra tem comportas nas bordas para que as águas não o transpassem (Jó 26:10; Pr 8:29)? E, como diria Dostoiévski, se Deus fez os planetas no quarto dia, de onde ele tirou a luz que iluminava o primeiro (Gn 1)? Talvez alguns refutem que estes dias são uma forma alegórica para se referir a milhões de anos, mas como as plantas criadas no terceiro dia sobreviveram a milhões de anos sem a luz do sol? De onde tirou os outros nove décimos de água que há hoje na Terra para completar o dilúvio (Gn 7:20)? Falando em dilúvio, como que as baleias, os répteis sobreviveram durante um ano inteiro (Gn 6; 7) dentro de um barco?

4. E quem disse que a Bíblia não é preconceituosa? Oras: “Eu sou **morena, mas** sou formosa. **Não repareis** em eu ser **morena**” (Ct 1:5); por que “mas”, por que “não repareis”? Paulo, ao criticar o homossexualismo, lamentou que “até as suas mulheres mudaram o uso natural no que é contrário à **natureza**” (Rm 1:26), como se ele realmente entendesse de biologia. Mas o problema mora na insistência dos crentes em dizer que toda a Bíblia é inspirada divinamente, o que transfere a culpa pela afirmação a Deus: pois na própria natureza se comete homossexualismo “contra a própria natureza”, mas se a natureza é uma obra de Deus, então sua obra voltou-se contra seu Criador?

5. Um pouco de bom senso, só isto que peço, pois Deus não pode “faz[er] os relâmpagos para a chuva” (Jr 10:13), pois os relâmpagos não

só não são para as chuvas, como eles são efeito de uma diferença de potencial e não da “voz divina”. “Diz o Senhor; não tremeis diante de mim, que pus a areia por limite ao mar, por ordenança eterna, que ele não pode passar?” (Jr 5:22). As estrelas ficam no céu literalmente, como as nuvens (Dn 8:10), ou no Universo? Se os limites do mar são uma determinação eterna legada por Deus, o homem suplantou suas leis, pois, com o nosso aquecimento global, já elevamos os seus níveis. “Há, porventura, entre os deuses falsos das nações, algum que faça chover? Ou podem os céus dar chuvas? Não és tu, ó Senhor, nosso Deus?” (Jr 14:22), “a chuva porventura tem pai? Ou quem gerou as gotas do orvalho? (Jó 38:28). Por que é tão difícil acreditar que o homem tem capacidade de fazer chover, lembrando que ele o faz se quiser? “Do ventre de quem saiu o gelo?” (Jó 38:29). Do ventre do freezer que o homem fez.

6. Como pode um livro inspirado por Deus prescrever a ingestão de um simples líquido, as “águas amargas”, para revelar se a mulher cometeu adultério ou não (Nm 5:27)? Por acaso Deus não sabe nada de medicina? A Babilônia nunca saqueou Tiro, no Líbano, como diz a Bíblia (Ez 26:7-9). Oras, por acaso os animais domésticos [domesticados pelos homens] foram criados antes mesmos de existir o primeiro humano (Gn 1:24-25)?

7. Pelo visto Deus também não compreende muito bem a geometria terrestre, pois: “Fez também o mar [tanque, vaso] de fundição; era redondo e media dez côvados duma borda à outra, cinco côvados de altura e trinta de circunferência.” (1Rs 7:23). Como a fórmula da circunferência é  $C = 2 \cdot \pi \cdot r$  (sendo “C” a circunferência, “r” é o raio ou metade do diâmetro, e “ $\pi$ ” é uma constante conhecida com aproximadamente valor escalar de 3,14), logo, confira você mesmo, ou a circunferência do vaso não era esta ou Deus descobriu um novo valor para “ $\pi$ ”, 3! Talvez alguns afirmem que o erro não é tão grande, mas um Deus perfeito não comete erros nem grandes nem pequenos. O problema não é que o homem da época mediu errado, mas que Deus não inspirou certo. Também a afirmação de que o valor de “ $\pi$ ” naquela

época era este mesmo é completamente equivocada, pois dois milênios antes de Moisés passar pela Terra, os egípcios já conheciam “pi” como 3,16; ou seja, o erro foi pior ainda. O pior de tudo é que o nosso famoso “mar” não poderia ter nem 2 mil batos (1Rs 7:26), que é equivalente a 41.642 litros e nem 3 mil (2Cr 4:5), que é equivalente a 62.463 litros; mas, de acordo com a fórmula do volume ( $V = Ab \times Alt$ ), calcule você mesmo, o número equivale a quase 33,5 litros, isto é, os dois estão em contradição entre eles, e os dois estão errados em relação a realidade.

8. Por acaso o morcego é uma ave (Lv 11:13-19) e não um mamífero? De acordo com a Gn 30:38-39: “e as varas que descascara pôs em frente dos rebanhos, nos cochos, isto é, nos bebedouros, onde os rebanhos bebiam; e conceberam quando vinham beber. Os rebanhos **concebiam diante das varas**, e as ovelhas davam **crias listradas**, salpicadas e malhadas.”, isto significa que se um cavalo cruzar olhando para uma parede pintada de preto e branco ele terá uma zebra e, se for um buldogue, terá um dálmata?

9. Será que alguém precisa discutir frases como esta: “Lançaste os alicerces da terra, para que ela não fosse abalada em tempo algum.” (Sl 104:5). E os animais falantes? “Nisso abriu o Senhor a boca da jumenta, a qual perguntou a Balaão: Que te fiz eu, para que me espancasses estas três vezes?” (Nm 22:28); “a serpente (...) disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim? (...) Disse a serpente à mulher: Certamente não morrereis” (Gn 3:1-4). Alguém acredita nisto tudo, que cobras tem cordas vocais e que um jumento dialogou com um homem? Ou que todo animal da Terra é vegetariano (Gn 1:30)? Ou que é possível que uma única estrela caia sobre a Terra sem destruí-la – tendo em vista que qualquer estrela é muitas vezes maior que a Terra – (Ap 6:13; 9:1)?

10. O dilúvio tal como descreve a Bíblia é tão inconcebível que realmente me surpreendo em saber que ainda haja cristãos que seguem a Bíblia literalmente, transcrevendo: “As águas prevaleceram excessivamente sobre a terra; e todos os altos montes que havia debaixo

do céu foram cobertos. Quinze côvados (9,9 metros) acima deles prevaleceram as águas; e assim foram cobertos” (Gn 7:19-20).

Como sabemos, o maior ponto do mundo é o Monte Everest 8.848,13 metros, adicionando os côvados, ficamos com aproximadamente 8.858 metros acima do solo. É realmente difícil de acreditar que Noé e sua família suportaram tal atitude (mudança brusca, em 40 dias, de temperatura, pressão, umidade, irradiação), tudo dentro de um barquinho, sem citar a fêmea e macho de todo animal da Terra, sem contar também que a Terra tem apenas um décimo da água necessária para formar um dilúvio. Pergunto-me também se a esta pressão durante um ano inteiro as pirâmides do Egito não explodiriam e se não teríamos marcas mais evidentes de um evento tão extraordinário no geografia mundial. Para vocês terem uma noção, o ponto mais fundo do oceano fica nas Ilhas Marianas, as Fossas Marinhas, com 10.924 metros, não muito mais do que o dilúvio porém “para cima” – se imagine lá em baixo –; bem sabemos a sofisticação necessária para chegar tão fundo, imagine o que seria da nossa Esfinge se jogássemos ela no fundo do mar, o que restaria dela e de nossas pirâmides egípcias? Todas datadas em antes de dois mil a.C., que é o ano aproximado da passagem de Noé pela terra segundo a própria Bíblia. Pergunte isto a um evangélico! O mais incrível é que as pegadas de dinossauros não sumiram. Logicamente, após um ano, toda vegetação terrestre tinha morrido, mas os crentes devem acreditar que os animais esperaram pacientemente (e vivos!) meses e meses até que as árvores voltassem a dar frutos. Durante o cativeiro da Arca, lá em cima, não precisamos nem mencionar as dificuldades que Deus obrigou a Noé passar – me pergunto por que Deus precisou complicar tanto se era só estalar os dedos para matar todos os seres da Terra –, como, por exemplo, alimentar as girafas, dinossauros e felinos, todos muito dóceis e pacientes? A Arca foi fechada hermeticamente, Deus sabe o cheiro insuportável e tóxico das fezes e urinas de todos os seres da Terra, tampouco a imensa quantidade de microorganismos que curiosamente não matou ninguém da família de Noé. Ou seja, essa idéia de dilúvio

universal, tal como descreve a Bíblia no literal, é literalmente impraticável.

11. Por acaso o ouro puro enferruja (Ti 5:3)? Ou pode ser transparente como um vidro (Ap 21:21)? O grão de trigo tem que morrer para germinar (Jo 12:24)? O grão de mostarda se torna árvore (Mt 13:31-32)? Lebres ruminam (Lv 11)? Responda-me se esta frase é provida de algum sentido: “[Deus diz:] ainda uma vez moverei, não só a terra, mas também o céu” (Hb 12:26).

12. Se um terço da população morrerá de peste, o segundo terço perecerá de fome, e o **último** terço tombará sob a espada (Ez 5:12), quem Ezequiel acha que restou para contar (Ez 12:16)?

13. Nem mesmo a astronomia nos diz que passou pela Terra alguma estrela conforme descrito (com a trajetória do oriente para belém). Tampouco é crível – nem mesmo é possível – que (Mt 27:53), após anos na sepultura, um corpo volte à vida. Oras, já sabemos que as moléculas do nosso corpo são um aglomerado de corpos de outras pessoas e animais do passado, ou seja, para que um homem ressuscite, é necessário que uma série de seres se despedacem em átomos para voltar a formar o morto-vivo, resumidamente digo: impossível.

14.

Mas nem todos deram ouvidos ao Evangelho; pois Isaías diz: Senhor, quem deu crédito à nossa mensagem? Logo a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Cristo. Mas pergunto: Porventura não ouviram? Sim, **por certo: Por toda a terra saiu a voz deles, e as suas palavras até os confins do mundo.**(Rm 10:16-18)

Não há registro algum de contato do primata americano com os pergaminhos do Velho Testamento. Isso é mentira!

15.

Elias era homem sujeito às mesmas paixões que nós, e orou com fervor para que não chovesse, e por três anos e seis meses não choveu sobre a terra. (Tg 5:17)

Imagina o que seria do ecossistema telúrico se parasse de chover em **todo globo terrestre** durante **três anos e meio** [!] O mundo teria estado, inequivocadamente, muitas vezes pior do que o sertão nordestino: fome, aniquilação da fauna e flora, superaquecimento, e muito mais. Aliás, a água parou de evaporar? Se não parou, imagina como estava o céu depois de tanto tempo, você acredita nisso? Meus parabéns. Não há registro em lugar algum que houve uma seca em proporções globais por tão longo período. Isso é mentira!

17. Texto integral publicado pela *Veja* número 1583, todo grifo é meu.

Vaticano reafirma a existência do Diabo e determina ritual sobre a prática exorcista.

Bons tempos àqueles que o Mal podia ser facilmente identificado. Na Idade Média. O Diabo tinha formas tão espetaculares quanto aterrorizantes. A cabeça era de um bode corado por imensos chifres. Os olhos ora se encontravam na ponta das asas, ora na barriga. A língua era comprida como a de um réptil. O cheiro insuportável de enxofre anunciava a presença de Lúcifer, Satanás, Belzebu, Macaco de Deus, ou outra qualquer das centenas de denominações do Demônio.

No documento sobre as práticas exorcistas divulgado pelo Vaticano em março de 1999, com o nome latino de “De exorcismis et Supplicationibus Quibusdam” o anjo decaído de Deus adquire dimensões bem mais humanas e, por isso, mais ameaçadoras.

Conforme definiu o Cardeal Jorge Arturo Medina Estévez, prefeito da Congregação para o Culto Divino, o Maligno está em toda a parte – na crença de que a felicidade se encontra no dinheiro e no poder. Na concupiscência camal. Na convicção de que Deus é desnecessário, porque o homem é auto-suficiente. Na substituição das leis divinas por hábitos e convenções ditados pela maioria. No grande engano e nas incertezas. No relativismo. Na convicção de que a liberdade se caracteriza por fazer o que se quer, e não o que determina a vontade de Deus. O pecado está em

tudo aquilo que o mundo pós-iluminista acreditou ser bom para a humanidade. Está na **democracia** que é o poder da maioria. Está na dúvida que fez a **ciência avançar**.

A Igreja católica segue sendo a velha senhora de sempre. Só que agora, pela primeira vez desde 1614, espremeu o conceito do Diabo, livrando-o das alegorias – que se tomam grotescas - para transformá-lo em PURA IDÉIA.

17. Tampouco o criacionismo bíblico é convincente. A idade da Terra não pode, de modo algum, ser de apenas 6 mil anos. Concordar com isso é automaticamente discordar da existência dos dinossauros, dos homens primatas, e de todo teste feito pelo carbono 14 (que datam inúmeras coisas com milhões de anos). Curiosamente, para atestar a idade de um ou outro texto bíblico, o teste do carbono serve, para contrariar a Bíblia não. Bom, especificamente sobre o evolucionismo, Gondim disserta:

(...) Um exemplo radical, hoje bem documentado por fósseis, é a transformação de um animal semelhante aos cães, mas com um focinho mais largo e achatado, nos golfinhos e baleias que conhecemos hoje. Talvez por causa de alguma mudança climática ou da migração para outro ambiente, aquele animal começou a buscar seu alimento na água, o que beneficiou aquelas mutações genéticas (...). Os golfinhos, baleias e assemelhados mantêm vestígios de suas origens em terra: entre outras coisas, têm quatro membros com cinco dedos cada um, ocultos em seu corpo, assim como nós humanos temos, por exemplo, músculos que um dia serviram para mexer as orelhas. São os órgãos vestigiais. (...)

A evolução é uma teoria corroborada pelos fatos observados; é uma teoria comprovada, mesmo que não seja habitualmente chamada de lei (“lei da evolução biológica”). A relatividade também não é chamada de Lei (ninguém fala em “lei da relatividade”). Apesar da comprovação empírica, continua-se a falar em teoria da relatividade. (Gondim: 2005: p.219)

(...) Como o meio ambiente da terra está mudando dramaticamente, sob o impacto da ação humana, novas espécies de vírus e bactérias, formadas a partir de espécies anteriores, têm surgido com frequência preocupante, constituindo-se numa grave ameaça ao e a outros animais. É a

macroevolução ao alcance de nossos microscópios. (Gondim: 2005: p.221)

18. Tendo em vista tudo o dito até agora, não há mais nada a não ser concordar com a síntese de Gondim (p.175), a qual diz que “falham todas as tentativas de defender o cristianismo intelectualmente. Resta a fé, que tem razões mais obscuras do que a Razão, com R maiúsculo.”

## XII. Algumas contradições

“O cristianismo prega o desapego da matéria, mas também condena o adultério. Mas o que é a fidelidade senão o sentimento de posse?”

(Mateus Davi)

1. Antes de começar nossa saraivada de contradições, quero deixar bem enaltecido esta que segue. Esta passagem se refere a quando Jesus já estava crucificado entre dois ladrões, um deles, questionou que se ele era Deus por que não salvava a si mesmo”, outro, entretanto, rogou:

Então disse: Jesus, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino. Respondeu-lhe Jesus: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso. (Lc 23:42-43)

Bom, realmente é surpreendente que um malfeitor vá para junto de Jesus com tanta facilidade, mas, de qualquer forma, lembramos que em outras passagens a Bíblia diz que os ladrões não herdarão o reino de Deus (1Co 6:9-10; Ex 22:3), ademais “[se] alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus” (Jo 3:3), e Jesus ainda disse: “não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos” (Jo 6:53). Bom certamente o malfeitor não fez nada disso, então Jesus se contradisse. Ademais, também está escrito que “a fé, se não tiver obras, é morta em si mesma” (Tg 2:17), mas o que podemos dizer da obra de um devasso que se arrependeu momentos antes da própria morte? Jesus também não subiu ao céu no

dia em que morreu (Jo 20:17), mas só depois que ressuscitou, isto é, o ladrão ou subiu sozinho [o que significa que Jesus mentiu], ou ele esperou Jesus até depois da ressurreição [o que também significa que Jesus mentiu, pois prometeu que “ainda hoje” ele estaria lá, acompanhado]. Bom, o ladrão não sofreu todas as torturas que o Galileu sofreu, logo, é surpreendente que ele tenha morrido no mesmo dia, e não entre três a sete dias, como era comum. Mas, antes fosse só esta contradição existente na Bíblia.

2. Por acaso a Bíblia não tem contradições? Ao passo que afirma que Deus “não é homem para que se arrependa” (Sm 15:29; Nm 23:19), no mesmo capítulo ele se arrepende de ter colocado Esaú como rei de Israel (Sm 15:10; Sm 15:35), e ainda se arrependeu de ter feito o homem (Gn 6:6); aliás, Deus se arrependeu infinitas vezes (2Sm 24:16; Ex 32:14; 1Cr 21:15; Jr 26:3,13,19; 18:8; 15:6); tomando as palavras de Samuel, se Deus não é homem para que se arrependa, então o Deus cristão, o que descreve a Bíblia, não passa de um homem.

3. Por acaso a Bíblia não tem contradições? Ao passo que na criação fomos feitos para exercer domínio sobre os animais (Gn 1:25), mais tarde se afirma que “o homem **não tem vantagem** sobre os animais.” (Ec 3:19). Nebuzaradã veio a Jerusalém no sétimo dia (2Rs 25:8-9) ou no décimo (Jr 52:12) do quinto mês? Eles saíram da Babilônia, no século VI a.C., com 2.499 utensílios (Es 1:9-10) ou 5.400 (Es 1:11)? Deus terminou o mundo no sétimo dia (Gn 2:2) ou no sexto (Ex 20:11)? O homem que se deita com uma mulher em menstruação será impuro por sete dias (Lv 15:24) ou será morto (Lv 20:18)? O sogro de Moisés era Reuel (Ex 2:18), Jetro (Ex 3:1) ou Hobabe (Jz 4:11)? Jotão reinou mais que vinte anos (2Rs 15:30) ou dezesseis anos (2Rs 15:32-33)? A sabedoria é algo bom (Pr 4:3-7; 28:26; 1Rs 4:29) ou ruim (Ec 7:16; 1Co 1:19)?

4. O Velho Testamento é perfeito (Sl 19:7), é imperfeito (Hb 8:6-7) ou Deus mudou de opinião? A última tese é cancelada pela Bíblia, conforme Gondim, pois “Deus reformou a si mesmo, pois foi ele quem,

no Livro do Gênesis, declarou que castigaria sete vezes quem castigasse Caim uma vez (“Se alguém matar Caim, setes vezes sofrerá vingança”). Os defensores da Bíblia dizem que Deus não muda, e é eternamente perfeito. Mas ele reforma a si mesmo ao longo da Bíblia: da vingança sete vezes maior ao “olho por olho”, do “dente por dente” ao “dê a outra face” (Gondim: 2005, p.142).

5. Por acaso a Bíblia não tem contradições? A questão da adoração a imagens, antes de ser um erro católico ou pedantismo protestante, é uma contradição evidente da Bíblia: ao passo que incontáveis passagens são contra as imagens que “têm ouvidos, mas não ouvem; têm nariz, mas não cheiram” (Sl 115:1-9)<sup>17</sup>, noutras, algumas vezes, o próprio Deus guarda querubins (Gn 3:24)<sup>18</sup> e, seus inspirados, esculturas de leões (2Cr 9:18,19; 1Rs 7:29,36; 10:19,20) e de bovinos (Jr 52:20). O uso da cruz é a mais lamentável prática católica tendo em vista que o emblema da cruz já era usado pelos egípcios há milhares de anos. De uma maneira ou de outra, o que vemos, na prática, é incontáveis protestantes adorando a Bíblia como se fosse também uma imagem, com que pompa nós não vemos um evangélico de terno e sua Bíblia de dez toneladas em baixo do braço? Eles não adoram imagens, mas transformaram um fardo de papel no símbolo único de Deus.

6. Por acaso a Bíblia não tem contradições? Salomão, infinitamente superior em sabedoria a Paulo, refletiu: “Eu me volvi, e apliquei (...) [a] buscar a sabedoria e a razão de tudo, e para conhecer que **a impiedade é insensatez** e que **a estultícia é loucura**. E eu achei [impiedade e estultícia] mais amarga do que a morte, a mulher cujo coração são laços e redes, e cujas mãos são grilhões (...) Vedes aqui, isto achei, diz o **pregador**, conferindo uma coisa com a outra para achar a causa; causa

<sup>17</sup> Outras passagens: 135:15; Gn 35:4; Ex 20:4; 32:1; 34:17; Lv 26:1; Nm 33:52; Dt 4:16; 7:5,25; 27:15; 2Rs 17:16; 18:3; 2Cr 13:8; 15:16; 24:18; 33:22; Sl 78:58; 97:7; 106:19.

<sup>18</sup> Outras passagens: 1Sm 4:4; 2Sm 6:2; 22:11; 1Rs 6:23-25; 7:36; 8:6; e 2Rs 7:29 1Cr 13:6; 28:18; 2Cr 3:7; 5:7; Ez 44:19-20.



que ainda busco, mas **não a achei**; um homem entre mil achei eu, mas uma mulher **entre todas, essa não achei**. Eis que isto tão-somente achei: que Deus fez o homem reto, mas **os homens buscaram muitos artificios**” (Ec 7:25-29). Tirando o fator “sagrado” é inegável a grandeza filosófica desta reflexão, mas, fingindo não tê-lo ouvido e negando em grande parte os Evangelhos, Paulo afirmou: “o homem (...) é a imagem e glória de Deus; mas a mulher é a glória do homem. Nem foi o homem criado por causa da mulher, mas sim, a mulher por causa do homem. Portanto, a mulher deve trazer sobre a cabeça um sinal de submissão” (1Co 11:7-10). “Porque o marido é a cabeça da mulher. Assim como a Igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres o sejam em tudo a seus maridos.” (Ef 5:23-24). “E a mulher reverencie a seu marido.” (Ef 5:33). “Mulheres, sede submissas a vossos maridos, como convém no Senhor.” (Cl 3:18; 1Pe 3:1). O que defendo, pois, aqui, é: as cartas de Paulo são tão apócrifas quanto qualquer Evangelho negado pelas Igrejas.

7. Por acaso a Bíblia não tem contradições? Se os nefelins, filhos de Anaque (Dt 9:2), foram vistos após o dilúvio (Nm 13:33), mas já existiam antes do dilúvio (Gn 6:4), o que esta frase está fazendo na Bíblia: “Assim foram exterminadas todas as criaturas que havia sobre a face da terra, tanto o homem como o gado, o réptil, e as aves do céu; todos foram exterminados da terra; ficou somente Noé, e os que com ele estavam na arca.” (Gn 7:23)? Elanã matou Golias (2Sm 21:19), o geteu, cuja lança tinha a haste como eixo de tecelão; ou esta descrição é do irmão de Golias, Lami, morto por Elanã (1Cr 20:5)?

8. Por acaso a Bíblia não tem contradições? Se Jesus e seus seguidores ressuscitaram uma série de pessoas, o que esta frase está fazendo na Bíblia: “assim o homem se deita, e não se levanta; até que não haja mais céus não acordará nem será despertado de seu sono.” (Jó 14:12)? Oras, Davi matou os homens de apenas setecentos carros e mais quarenta mil homens em cavalos (2Sm 10:18), ou homens de surpreendentes sete mil carros e quarenta mil a pé (1Cr 19:18)? Deus sabe o que se passa no coração do homem (Sl 44:21; At 1:24) ou

precisa testar para saber (Dt 8:2; 13:3; 2Cr 32:21)? Se Jesus diz que nenhum que chamar outro de tolo vai para o céu (Mt 5:22), porque, então, ele insultou outras pessoas assim (Mt 23:17)<sup>19</sup>? Devemos “remediar” os que se afastaram de Deus (Mt 9:12) ou nós nos afastarmos também deles (2Ts 3:6,14)? A disseminação do cristianismo sob a mentira é válida (Fp 1:15-18) ou devemos sempre ter com a verdade (Pr 22:20-21)?

9. Por acaso a Bíblia não tem contradições? Se Enoque esteve com Deus (Gn 5:24) e foi trasladado para lá (Hb 11:5), e se Elias subiu aos céus num redemoinho (2Re 2:11), o que esta frase está fazendo na Bíblia: “Ora, ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu, o Filho do homem.” (Jo 3:13)? Se é proibido matar (Ex 20:13), por que Deus manda matar homens, mulheres, velhos, crianças, homossexuais e até animais em Números 31:7, Êxodo 32:27, Josué 6:21, Romanos 1:28-32? Sem contar que ele mesmo matou quase todos os seres vivos da Terra no dilúvio.

10. Por acaso a Bíblia não tem contradições? Se “ninguém jamais viu a Deus” (1Jo 4:12) e também “nenhum dos homens tem visto nem pode ver [Deus]” (1Tm 6:16), por que Abraão (Gn 18:1), Jacó (Gn 32:24-30), Isaías (Is 6:1-13), Ezequiel (Ez 1:27-28), Moisés, Arão, Nadabe, Abiú, e setenta anciãos (Ex 24:9-10) puderam vê-lo? Devemos (Pr 3:29; 31:11; Is 8:2; 2Ts 3:4) ou não devemos (Jr 17:5; Sl 118:8) confiar nos outros? Devemos (Pr 28:26) ou não devemos (Pr 21:29) confiar em nós mesmos?

11. Por acaso a Bíblia não tem contradições? Se foi legado a Moisés todos os detalhes de como devemos oferecer sacrifícios para Deus

<sup>19</sup> Nestas passagens, todas as Bíblias famosas estão traduzidas erradamente. Tanto em Mt 5:22 quanto em Mt 23:17 são usadas palavras com o mesmo radical, ou seja, o grego “moros”, o que significa realmente “tolos”. A contradição é óbvia se a tradução não fosse errônea, usando um termo diferente para cada frase, esquecendo o termo original.

(Lv.1-7), de onde Jeremias tirou a idéia de que Deus “nem orden[ou] coisa alguma acerca de holocaustos ou sacrifícios” (Jr 7:22)? Se “no amor não há medo” (1Jo 4:18), como posso amar (Dt 6:5; Mt 22:37) e temer (Dt 6:13; 1Pe 2:17) a Deus ao mesmo tempo? Jesus julga (Jo 5:22,26; 9:39; 1Co 2:15; 2Co 5:10) ou não julga (Jo 8:15; 12:47) o mundo e as pessoas? Quem não segue o cristianismo deve (Rm 12:14) ou não deve (1Co 16:22) ser amaldiçoado?

12. Por acaso a Bíblia não tem contradições? Se por um lado: “Então disse o Senhor: O meu Espírito não permanecerá para sempre no homem, porquanto ele é carne, mas os seus dias serão **cento e vinte anos**.” (Gn 6:3); mais tarde, porém: “Depois disto [dezenas de anos] viveu Jó **cento e quarenta anos**, e viu seus filhos, e os filhos de seus filhos: até a quarta geração. (Jó 42:16). E não foi só ele: “Ora, os anos da vida de Sara foram **cento e vinte e sete**.” (Gn 23:1); “Estes, pois, são os dias dos anos da vida de Abraão, que ele viveu: **cento e setenta e, cinco anos**. (Gn 25:7)”; “E estes são os anos da vida de Ismael, **cento e trinta e sete anos**; e ele expirou e, morrendo, foi congregado ao seu povo” (Gn 25:17); “Foram os dias de Isaque **cento e oitenta anos**” (Gn 35:28); “E Jacó viveu na terra do Egito dezessete anos; de modo que os dias de Jacó, os anos da sua vida, foram **cento e quarenta e sete anos**.” (Gn 47:28); Levi viveu **cento e trinta e sete** (Ex 6:16); Coate, **cento e trinta e três** (Ex 6:18); Anrão, **cento e trinta e sete** (Ex 6:20). A própria Bíblia se contradisse nela mesma, mas estou certo de que estarei vivo para ver alguém ultrapassar os cento e vinte anos nos dias de hoje, e colocar por terra mais uma profecia bíblica.

13. Por acaso a Bíblia não tem contradições? Paulo tenta instaurar a pena de morte ao afirmar: “os quais [homossexuais, invejosos, homicidas, filho desobediente], conhecendo bem o decreto de Deus, que declara dignos de **morte** os que tais coisas praticam, não somente as fazem, mas também **aprovam** os que as praticam.” (Rm 1:32); mas ele esqueceu que “o Senhor Deus, que não tem prazer na morte do ímpio, mas sim em que o ímpio se converta do seu caminho” (Ez 33:11), ou um ou outro.

14. Por acaso a Bíblia não tem contradições? Qual gênese eu devo seguir a que está em Gn 1-2:3 ou a que está em Gn 2:4-25? Os dez mandamentos são estes Ex 20:2-17, estes Ex 34:1-27, ou estes Dt 5:6-21? Na Arca havia dois (Gn 6:19-20) ou sete (Gn 7:2) de cada animal? Raquel foi sepultada em Belém (Gn 35:19) ou em Zelza (1Sm 10:2)? Quem ficou com José foram os ismaelitas (Gn 37:26-28) ou os medianitas (Gn 37:36)? Esaú conhecia e era afeiçoado por Davi (1Sm 16:21-23) ou nem o conhecia (1Sm 17:58)?

15. Por acaso a Bíblia não tem contradições? A expulsão dos mercadores do templo foi feita logo após escolher os apóstolos (Jo 2:13-17) ou pouco antes da crucificação (Mt 21:12-13; Mc 11:15-19; Lc 19:45-48)? O milagre da pescaria foi depois da ressurreição (Jo 21:14) ou antes (Lc 5:4-7)? A Última Ceia foi na páscoa judaica (Mt 26:17; Mc 14:12; Lc 22:17) ou na semana anterior (Jo 13:1-9)?

16. Por acaso a Bíblia não tem contradições? Se Abraão, primogênito de Terá (1Cr 1:24-57), nasceu quando Terá tinha 70 anos (Gn 11:26) e só saiu da sua terra natal após a morte do seu pai (At 7:4), o qual morreu com 205 anos (Gn 11:32). Então Abraão não poderia ter 75 anos quando saiu (Gn 12:4), e sim 135! Ou então o pai dele morreu com 145 anos e não com 205 (Gn 11:32). As afirmações contidas em Gênesis 12:4 e 11:32, são excludentes considerando a premissa de At 7:4.

17. Por acaso a Bíblia não tem contradições? Responda-me então se Jesus, após a ressuscitação, ficou pouco mais de um dia na Terra (Lc 24) ou quarenta dias (At 1)? Se de acordo com Mateus (1:17) “desde Davi até a deportação para a Babilônia, **catorze gerações**”, por que em Crônicas (1Cr 3:11-16) está escrito que de Davi até a deportação temos **vinte gerações**?

18. Por acaso a Bíblia não tem contradições? Os hebreus ficaram 430 anos no Egito (Ex 12:40), mas Levi e seus filhos nasceram antes da

imigração (Gn 46:11), como conciliar a genealogia de Levi (Ex 6:16-26) que, seguindo ela, tivemos apenas duas gerações nascidas no cativeiro. Mesmo considerando (forçadamente, claro) que Coate, filho de Levi, era uma criança de colo ao entrar no Egito e gerou Anrão apenas no final dos seus 133 anos de vida, e este gerou Moisés e Arão também apenas no fim da sua vida de 137 anos, e somando isto com 80 anos, que é a idade na qual a Bíblia nos diz que Moisés tirou o povo do Egito (Êxodo 7:7), o tempo resultante não passa de 350 anos! Simplificando: Coate viveu 133 anos, somando-se Anrão com 137 e a idade de Moisés na saída do Egito, que era de 80; conclui-se que ficaram no Egito 350 anos! Ainda assim estamos com 80 anos de “interrogações sobre a permanência dos hebreus no Egito”.

19. Por acaso a Bíblia não tem contradições? Se no mesmo dia que Adão comesse da fruta morreria (Gn 2:16-17), por que ele depois de inclusive ter nascido seu filho Sete ainda viveu 670 anos (Gn 5:2-3)? Positivamente Deus mentiu para Adão e Eva, pois o fato é que ocorreu exatamente o que a serpente havia dito: “Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que **no dia** em que comerdes desse fruto, vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus, conhecendo o bem e o mal” (Gn 3:4-5), e o próprio Deus confirma isto (Gn 3:22), dizendo, inclusive, de que se o homem continuasse no jardim também viveria eternamente; ou seja, o fato de comer da árvore, não traz a morte, mas a vida eterna.

20. Por acaso a Bíblia não tem contradições? Se Deus matou todos os animais do Egito com uma pestilência (Ex 9:3-6), quem ou o que ele matou depois (Ex 9:19,21,25)? Saul cometeu suicídio (I Sm 31:4-6; 1Cr 10:4-5), foi morto por um amalecita (2 Sm 1:8-10) ou foi morto pelos filisteus (2Sm 21:12)? Baasa viveu até o 26º ano do reinado de Asa (1Rs 16:6-8) ou até para lá do 36º (1Cr 16:1)?

21. Por acaso a Bíblia não tem contradições? Se Deus é a causa da surdez e da cegueira (Ex 4:11), o que esta frase está fazendo na Bíblia: “porque [Deus] não aflige nem entristece de bom grado os filhos dos homens” (Lm 3:33)?

22. Como diria Gilson Gondim: A salvação é pelas obras (Jó 34:11; Sl 28:4; Gl 6:4; Mt 7:19; 6:14-15) ou a salvação é pela fé (Mt 22:14; 24:22,31; Lc 18:7)? Tem fé quem é escolhido (At 13:48) ou é escolhido quem tem fé (forçando uma incoerência)? Quem veio primeiro: os homens (Gn 2:4-24) ou os animais (Gn 1; 2:1-3)?

23. A primeira mulher foi criada junto com Adão (Gn 1:27) – a famosa Lilith – ou foi Eva (Gn 2:23)? A pedra que selava o sepulcro de Jesus foram retiradas por um Anjo na frente de Maria Madalena e da outra Maria (Mt 28:1-2), as quais se assustaram ao ver a cena (Mt 28:5); ou, segundo Marcos, quando chegaram já não havia pedra (16:1-2), logo, não viram anjo algum (Mc 16:3-8)? Devemos nos alegrar (Sl 58:10) ou não (Pr 24:17) quando vemos nosso inimigo sofrer? Deus tenta (Gn 22:1; 2Sm 24:1) ou não tenta (Tg 1:13) as pessoas? Deus só faz o bem (Dt 32:40; Jó 34:10; Sl 149:5) ou também faz o mal (Ex 4:11; Is 45:7; Jr 18:11; Lm 3:38; Ez 20:25-26; Am 3:6)?

24. Deus exigiu que os descendentes da fuga do Egito comessem codornizes durante um mês todo (Nm 11:18-20), entretanto, logo adiante, Deus retira a sua palavra (Nm 18:31-32), a pergunta é: o que esta passagem está fazendo, então, na Bíblia [?]: “Deus não é homem, para que minta; nem filho do homem, para que se arrependa. Porventura, tendo ele dito, não o fará? Ou, havendo falado, não o cumprirá?” (Nm 23:19).

25. Todo mundo sabe como Judas morreu, não? Da devolução do dinheiro ao suicídio por enforcamento, não é mesmo? Na verdade, depende de qual livro você está lendo. Na página 125 do livro de Gilson Gondim, há uma ótima síntese de contradições: “em Atos, portanto, não há arrependimento e não se faz menção a enforcamento, mas a uma tropeço (At 1:16-19). Em Mateus, quem compra o terreno são os sacerdotes (Mt 27:3-8); em Atos, quem o adquire é o próprio Judas. Em Mateus, o nome do campo se refere ao sangue de Jesus; em Atos refere-se ao sangue do traidor Judas. (...) O relato de Mateus, além de divergir

do de Atos, contradiz a si próprio, segundo o padre (Valdés: 1997-2003), pois afirma em 27:3 que Judas se encontra com os sumos sacerdotes e anciãos no Templo, enquanto diz, em 27:1-2, que eles estavam reunidos com Pilatos, em conselho contra Jesus no palácio do governador.”

26. Sobre a crucificação de Jesus, Gondim prossegue, sob a luz de ótima literatura, mostrando contradições inequívocas, como um trator esmagando “verdades” tradicionais:

Mais uma contradição dos Evangelhos apontada pelo padre Ariel Valdés (vol.6) são os relatos da relação entre Jesus e os dois ladrões crucificados com ele. Marcos (15:32) e Mateus (27:44) contam que os dois ladrões, um à direita e outro à esquerda, zombavam de Jesus. Lucas, ao contrário, afirma que somente um o insultava e o outro o defendia. O defensor chegou a pedir que se lembrasse dele no Céu. (...).

Valdés prossegue mostrando que Lucas atenua ou suprime várias cenas em que Jesus demonstra fraqueza ou é ultrajado, tentando assim enfatizar a majestade e a divindade de Cristo. No Evangelho de Lucas, Jesus não diz, por exemplo, “minha alma está triste até a morte”, como o faz em Mateus 26:38 e em Marcos 14:34. Onde Marcos diz que Jesus “caiu por terra e pedia” (Mc 14:35), Lucas escreve que ele “pôs-se de joelhos e orava” (Lc 22:41). No Evangelho de Marcos, Pedro nega Jesus três vezes com cada vez mais veemência; no de Lucas, as negações têm contundência cada vez menor. Marcos narra a fuga dos apóstolos e o abandono de Jesus por parte deles; Lucas suprime o episódio, deixando a sensação de que os apóstolos acompanharam Jesus até o fim. Marcos narra a flagelação de Jesus (14:65); Lucas diz que Pilatos entregou logo Cristo para que fosse crucificado, evitando a fase do açoite (23:20-25). Para Marcos, Jesus foi crucificado na mais absoluta solidão; para Lucas, ele subiu ao Calvário “com uma grande multidão de povo e de mulheres que batiam no peito e o lamentavam” (23:27). Em Marcos, os presentes insultavam Jesus; em Lucas, eles contemplavam perplexos o que acontecia e voltaram para casa batendo no peito, em sinal de consternação. E assim por diante. (Gondim: 2005, p.126-7).

27. O Juízo virá só quando não existir mais a Terra, pois, “assim o homem se deita, e não se levanta; **até que não haja mais céus** não acordará nem será despertado de seu sono. (Jó 14:12); porém, contrariando o que acabamos de ler, vemos que um dia “dirão os homens: Deveras há uma recompensa para o justo; deveras há um Deus que **julga na terra**. (Sl 58:11). Aliás, de acordo com Salomão, o paraíso é exatamente onde pisamos, “porque os retos habitarão a Terra, e os íntegros permanecerão nela. Mas os ímpios serão exterminados da Terra, e dela os aleivosos serão desarraigados.” (Pr 2:21,22; 9:18), e reitera que “O justo nunca será abalado; mas os ímpios não habitarão a terra.” (Pr 10:30), ficou tudo claro, menos quando efetivamente será o julgamento final? Quando acabar a Terra ou não?

28. Os cristãos insistem dizendo naquela velha resposta memorizada de que “texto, fora de contexto, é pretexto”. Entretanto, sob qualquer contexto, não há pretexto que justifique a maioria das contradições e falhas da Bíblia. O caso se torna ainda mais insolúvel quando a contradição é numérica. Texto, fora de contexto, realmente não passa de pretexto, entretanto, em relação a Bíblia, nem sob pretexto imaginários conseguimos dissolver suas falhas e contradições, e olha que só aponte algumas.

### XIII. Genealogia

1. Pelo fato da “questão da genealogia” ser uma das contradições mais gritantes da Bíblia e uma das defesas mais irrefutáveis do judeus sobre Jesus ser realmente o Messias anunciado pelo Velho Testamento ou não, dedicaremos este subcapítulo exclusivamente a isto

2. (contradições em negrito):

Genealogia de acordo com as Crônicas (Tanakh): Davi, **Salomão**, Roboão, Abias, Asa, Josafa, Jorão, Acazias, **Joas**, **Amazias**, Joatão, Acaz, Ezequias, Manassés, Amom, Josias, **Joiaquim**, Jeconias, **Sealtiel**, Zorobabel, Hananias.

Genealogia de acordo com o Evangelho de Mateus: Davi, **Salomão**, Roboão, Abias, **Asafe**, Josafa, Jorão, Ozias, Joatão, Acaz, Ezequias, Manassés, Amom, Josias, Jeconias, **Salatiel**, Zorobabel, **Abiúde**, Eliaquim, Azor, Sadoque, Aquim, Eliúde, Eleazar, Matã, **Jacó**, José, Jesus Cristo.

Genealogia de acordo com o Evangelho de Lucas: Davi, **Natã**, Matatã, Mená, Meleá, Eliaquim, Jonã, José, Juda, Simeão, Levi, Matate, Jorim, Eliézer, Josué, Er, Elmodão, Cosão, Adi, Melqui, Neri, **Salatiel**, Zorobabel, **Resa**, Joanã, Jodá, Joseque, Semei, Matatias, Maate, Nagai, Esli, Naum, Amós, Matatias, José, Janai, Melqui, Levi, Matate, **Eli**, José, Jesus Cristo.

3. O grande dilema mora no fato de que o Messias prometido deveria ser da estirpe davídica (Sl 72:1; Is 9:6; 11:1; At 13:22-23; 2Tm 2:8), por isto, para convencer os judeus de que Jesus era o prometido, fizeram as supracitas genealogias (Mt 1; Lc 3); o próprio Jesus se intitulou, consentiu e aludiu ser filho dele (Mt 9:27; Mc 10:47; Jo 7:42; Rm 1:3; 2Tm 2:8; Ap 22:16), mas há grandes falhas nesta tese:

4. O avô de Jesus é Jacó (cf. Mateus) ou Eli (cf. Lucas)? Do tronco de Salomão (cf. Mateus) ou de Natã (cf. Lucas)? Se a concepção de Cristo foi feita diretamente pelo Espírito Santo, Jesus não é “da descendência de Davi **segundo a carne**” (Rm 1:3), então do que estamos falando?

5. Fora este problema que é altamente não trivial, pois coloca Jesus na vala dos mesmos incontáveis profetas, essênios e zelotes da época, temos a flagrante contradição entre a linhagem narrada nas Crônicas do Antigo Testamento e a apresentada pelo Mateus, a saber: (a) o filho de Abias e pai de Josafa era Asa e não Asafe (cf. Mateus); (b) Ozias não era nem bisavô e tampouco pai de Joatão (cf. Mateus), mas bisneto de Acazias; e filho de Amazias; (c) Jeconias não era nem filho de Josias e nem pai de Salatiel (cf. Mateus), mas filho de Joiaquim e pai de Seatiel. Também tem flagrante contradição entre os Evangelhos de Mateus e

Lucas: (a) a já citada, sobre quem é o avô de Jesus; (b) eles concordam que Salatiel é pai de Zorobabel – controvertendo as Crônicas –, entretanto, discordam quem é o filho na linhagem que originou Jesus: Abiúde (cf. Mateus) ou Resa (cf. Lucas). Se a Bíblia não é confiável sequer ao dizer quem é o filho do homem, como posso confiar quando ela diz quem é o filho de Deus?

6. Mais tarde, entretanto, Paulo [supondo que tenha existido], numa carta a Timóteo, percebendo que o problema era, mesmo inspirado divinamente, insolúvel, o alertou: “Como te roguei, quando partia para a Macedônia, que ficasse em Éfeso, para advertires a alguns que não ensinassem doutrina diversa, nem se preocupassem com fábulas ou **genealogias intermináveis**, pois que produzem antes discussões que edificação para com Deus, que se funda na fé...” (1Tm 1:3-4; cf. Tt 3:9). Por que, nos perguntamos, Paulo disse isso a Timóteo?

#### XIV. Curiosidades

1. As passagens aqui citadas não vem demonstrar uma falha ou contradição irrefutável, mas apenas pontos curiosos, que se não são falhas, são altamente suspeitos, ou até mesmo controversos. A maioria destes não deveria, somente por este estudo, ser usada como uma prova incontestada de contradição [já existem muitas mesmo], mas são passagens dignas de, no mínimo, uma reflexão.

E, avistando uma figueira à beira do caminho, dela se aproximou, e não achou nela senão folhas somente; e disse-lhe: Nunca mais nasça fruto de ti. E a figueira secou imediatamente. (Mt 21:19).

Não é impressionante que Deus (cf. católicos e protestantes) nem conheça as estações do ano? E dizem que é deus? A sua fé move montanhas, mas não gera frutos. Eis o cristianismo.

Os refutadores costumam dizer que nesta passagem não há falha por se tratar de uma parábola. Na realidade, uma leitura do texto não nos dá exatamente margem para afirmar que é uma parábola, mas uma

demonstração do ensinamento, para ser mais bem apreendido, por alegoria. Isto é, Jesus, segundo a Bíblia, realmente secou a figueira, com o intuito de ilustrar melhor um ensinamento, uma questão didática. Entretanto, ele poderia, após a explicação, fazer reviver a figueira, mas não o fez. Para ilustrar melhor, uma segunda opinião:

A passagem da figueira nos evangelhos não tem nada de parábola. É narrada como um fato real. Curiosamente, mesmo Kardec apresenta o fato como se fosse uma parábola (história fictícia narrada com fins didáticos-espiritualizantes). Parece haver uma dificuldade muito grande por parte de muitos cristãos em geral (e de muitos kardecistas em especial) de narrar, lidar, e procurar entender os momentos de agressividade de Jesus. Acabam criando imagens de Jesus deturpadamente benévolos, e desinformadoras. (Barros: 2006, p.18)

2.

Entrou Simão Pedro no barco e puxou a rede para terra, **cheia de cento e cinquenta e três grandes peixes** (Jo 21:11)

Eu não sei o que João quis dizer com “grandes peixes”, mas se cada um tiver um único quilo, podemos perceber o quão incrivelmente forte era Pedro ao tirar da água 153kg e **arrastar** para a terra sozinho!

3.

Guardai-vos dos falsos profetas, que vêm a vós disfarçados em ovelhas, mas interiormente são lobos devoradores. Pelos seus frutos os conhecereis. Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros, ou figos dos abrolhos? **Assim, toda árvore boa produz bons frutos; porém a árvore má produz frutos maus. Uma árvore boa não pode dar maus frutos; nem uma árvore má dar frutos bons.** Toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada no fogo. Portanto, pelos seus frutos os conhecereis. (Mt 7:15-20)

Seguindo a lógica do Nazareno: o que podemos dizer dos frutos da árvore do cristianismo? Por exemplo, dos católicos e protestantes que mataram milhares de pessoas (ateus, pagãos, adúlteros, cientistas,

filósofos)? Ou do kardecismo que difundiu a tese fantástica de que o africano e o índio são raças inferiores [ver subcapítulo sobre]? Oras, se de acordo com Cristo “uma árvore boa **não** pode dar maus frutos”, não há árvore boa no cristianismo, não há nenhuma religião cristã que passe pelo crivo, pois todas [todas!] têm ao menos meia-dúzia de frutos ruins na sua colheita, “cortem-na e lancem ao fogo”, eis o ensinamento, mas esta passagem eles sempre esquecem.

Carl Sagan, *O Mundo Assombrado por Demônios*, pág. 128:

Nos julgamentos [de feiticeiras], prestava-se bastante atenção à qualidade e quantidade de orgasmos nas supostas cópulas das réis com os demônios ou com o Diabo (...) as marcas (...) eram encontradas em geral sobre os seios ou nas partes pudendas, [segundo Ludovico Sinistrari (1700)] (...) Em consequência, raspavam-se os pêlos púbicos e as genitálias eram **cuidadosamente** inspecionadas por inquisidores do sexo masculino.

Uma árvore boa não pode dar maus frutos? Ou a árvore não é boa, ou o fruto da maldade é contraditoriamente bom.

Eles vieram com uma Bíblia e sua religião – roubaram nossa terra, esmagaram nosso espírito... e agora nos dizem que devemos ser agradecidos ao “Senhor” por sermos salvos. (Chefe Pontiac, indígena americano)

Friederich Von Spee, *Cautio criminalis* [precauções para os acusadores], escrito em **1631**:

Para dar a impressão de muitos escrúpulos, alguns juízes mandam que a mulher seja exorcizada, transferida para algum outro lugar e novamente torturada, para quebrar o seu silêncio; se ela continua calada, eles podem finalmente queimá-la. Ora, pelo amor de Deus, eu gostaria de saber, já que aquela que confessa e que não confessa morrem ambas da mesma forma, como pode alguém escapar, por mais inocente que seja? Oh infeliz mulher, por que você alimentou precipitadamente esperanças? Ao entrar pela primeira vez na prisão, por que não admitiu tudo que eles queriam?

Oh mulher estúpida e louca, por que você quis morrer tantas vezes, quando poderia ter morrido uma só vez? Siga o meu conselho, e, antes de passar por todos esses horrores, confesse que é culpada e morra. Você não escapará, pois isso seria uma desgraça catastrófica para o zelo da Alemanha.

Julgue você mesmo a qualidade destes frutos.

4.

Finalmente, irmãos, orai por nós, para que a palavra do Senhor se propague e seja glorificada. como também o é entre vós (2Ts 3:1)

Os frutos católicos que por tantos séculos insistiram em esconder a Bíblia do público, simplesmente se esqueceram desta passagem.

5.

Não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganeis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os **efeminados**, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avaros, nem os bêbedos, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus. E tais fostes alguns de vós; mas fostes lavados, mas fostes santificados, mas fostes justificados em nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus. (1Co 7:9-11)

(...) até as suas mulheres mudaram o uso natural no que é **contrário à natureza**; semelhantemente, também os varões, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para como os outros, varão com varão, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a devida recompensa do seu **erro**. E assim como eles rejeitaram o conhecimento de Deus, Deus, por sua vez, os entregou a um sentimento depravado, para fazerem coisas que não convêm; estando cheios de toda a **injustiça, malícia, cobiça, maldade; cheios de inveja, homicídio, contenda, dolo, malignidade; sendo murmuradores, detratores, aborrecedores de Deus, injuriadores, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais; néscios, infiéis nos contratos, sem afeição natural, sem misericórdia**; os quais, conhecendo bem o decreto de Deus,

**que declara dignos de morte os que tais coisas praticam, não somente as fazem, mas também aprovam** os que as praticam. (Rm 1:26-32).

Se Deus tomará o julgamento para si [no dia do juízo final], por que ele disse que todos os pecadores eram dignos de morte? Oras, todos morrem um dia. Mas se não é para matá-los, o que Deus **declarou** através de Paulo então? Não há outra interpretação a não ser a que Deus declarou que devemos matar os homossexuais e os que consentem com o homossexualismo.

O homossexual, conforme a Bíblia, é “injusto, malicioso, cheio de cobiça, maldade; inveja, homicídio, contenda, dolo, malignidade; também são murmuradores, detratores, **aborrecedores de Deus**, injuriadores, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais; néscios, infiéis nos contratos, sem afeição natural, sem misericórdia, não herdarão o reino de Deus” e, para finalizar, sem mais para o mesmo, Paulo diz que simplesmente são dignos de morte o que o faz e o que consente que alguém o faça. Que cristão é este?

6.

Amados, enquanto eu empregava toda a diligência para escrever-vos acerca da salvação que nos é comum, senti a necessidade de vos escrever, **exortando-vos a pelejar pela fé** que de uma vez para sempre foi entregue aos santos. (Jd 1:3)

Pois eu vos digo que a todo o que tem, dar-se-lhe-á; mas ao que não tem, até aquilo que tem ser-lhe-á tirado. Quanto, porém, àqueles meus inimigos **que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trouxe-os aqui, e matei-os diante de mim**. (Lc 19:26-27)

Estas passagens também foram usadas, durante muito tempo, para justificar a morte aos hereges. Hoje em dia, na nova apologética, eles refutam que, o segundo fragmento, se trata de uma parábola: do senhor que entrega talentos de ouro para várias pessoas e, para cada qual, quando retorna, promove-os para uma nova função de acordo com a qualidade que soube administrar o talento. O último da parábola, é um homem que não fez nada com seu talento, senão mantê-lo intacto. A

parábola **termina** (vv 25-26) e Jesus a explica nesta hora, quando ele diz o trecho supracitado. Oras, é inegável não comparar o homem que dá talentos a Deus; e os que usaram os talentos (a vida), como melhor convinha, aos homens, pois têm livre-arbítrio. Na parábola, o senhor se vinga daquele que não soube usar bem o talento (vv 23-25), o talento é a vida. O senhor não toca no homem, mas manda que o expulsem. Então você conclui que o Deus vingativo nos manda julgar estes incrédulos que não aderem ao reino de Jesus. Mas eles, os evangélicos, respondem que não, de forma alguma, sou eu quem não sabe de nada. Que o trecho está fora de contexto; porém, dentro de qualquer contexto o texto é o texto, dentro de contexto as palavras de Deus tem menor-valia? Entretanto, é uma pena que esta passagem não é caso isolado:

Se alguém vem ter convosco, e não traz este ensino, não o recebais em casa, nem tampouco o saudeis. Porque quem o saúda participa de suas más obras (2Jo 1:10-11)

Porque há muitos insubordinados, faladores vãos, e enganadores, especialmente os da circuncisão, aos quais é preciso tapar a boca; porque transtornam casas inteiras ensinando o que não convém, por torpe ganância. Um dentre eles, seu próprio profeta, disse: Os cretenses são sempre mentirosos, bestas ruins, glutões preguiçosos. Este testemunho é verdadeiro. Portanto **repreende-os severamente**. (Tt 1:10-13)

Então Jesus entrou no templo, expulsou todos os que ali vendiam e compravam, e derribou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas (Mt 21:12)

É este o Jesus que perdoa sete vezes setenta? E o que falar desta passagem de Paulo, a seguir, sobre a disseminação da verdade sobre Jesus?

7.  
Verdade é que alguns pregam a Cristo até por inveja e contenda, mas outros o fazem de boa mente; estes por amor, sabendo que fui posto para defesa do Evangelho; mas aqueles por contenda anunciam a Cristo, não

sinceramente, julgando suscitar aflição às minhas prisões. Mas que importa? contanto que, de toda maneira, **ou por pretexto ou de verdade, Cristo seja anunciado**, nisto me regozijo, sim, e me regozijarei (Fp 1:15-18).

Realmente, pouco importa, segundo a Bíblia, se o que falam de Cristo é verdade ou não: seja a morte de feiticeiras, seja impedir o avanço da ciência. Eis o cristianismo.

8.

Uma das passagens mais vergonhosas para os cristãos é aquela das filhas de Lot, onde ocorre incesto (Gn 19:30-38), de antemão, sem sequer precisar estudar o assunto a fundo, vejamos o que os próprios cristãos dizem, neste caso, o Frei Mauro Strabeli:

O episódio não retrata acontecimento real, histórico; é brincadeira de mau gosto e ofensa feita pelos israelitas aos moabitas a aos amonitas. Esse relato é considerado apêndice à narração da destruição de Sodoma e Gomorra que está em Gênesis 19. em Gn 19:29 é dito que Deus fez Lot fugir da destruição, já que ele morava em Sodoma. A narração termina aí, segundo os estudiosos.

O acréscimo (19:30-38) é posterior e retrata uma história que corria na tradição popular dos hebreus a respeito de seus vizinhos e inimigos: os moabitas e os amonitas. Esses dois povos eram aparentados de longe com os hebreus. E foram grandes inimigos deles, quer na religião quer na política quer nas guerras. Os moabitas chegaram a constituir uma monarquia antes dos hebreus (Jz 3:12-30). A religião deles era politeísta e ofereciam sacrifícios humanos aos deuses (2Rs 3:26-27). Por isso tudo eram desprezados e odiados pelos judeus, e de tal forma o eram que o Deuteronômio diz que os filhos de israelita com moabita não podiam ser aceitos na comunidade israelita sequer na décima geração! (Dt 23:3-4). Esses dois povos, Israel e Moab, viviam em constantes conflitos (1Sm 14:47; 2Rs 3:4-27; 2Co 20:1-30).

O mesmo acontecia com os amonitas, tribo aramaica. Como os moabitas, eram eles inimigos dos israelitas, tanto na religião quanto nos costumes e



na política. Os conflitos entre Israel e os amonitas são também muito lembrados na Bíblia (Jz 3:13; 10:6-9; 11:1-11).

Por tudo isso, esses dois povos eram odiados pelos israelitas. Até os profetas criticavam violentamente os amonitas e os moabitas pelo fato de serem eles tentação para a fé dos israelitas (Am 1:13-15; Jr 9:25; Is 15).

Por causa dessa inimizade é que foi **inventada** essa história narrada aqui em Gênesis 19:30-38. já que eles, os moabitas e os amonitas, se consideravam parentes dos israelitas, esses – que não os aceitavam – resolveram demonstrar “historicamente” a origem desse parentesco entre eles. E construíram essa história: eles nasceram de um incesto entre um pai idoso e bêbado e as próprias filhas! Lot, o pai dos amonitas e moabitas, era sobrinho de Abraão, o grande patriarca e pai do povo judeu (Gn 13:8).

Na verdade, tal fato não se deu. É uma história de mau gosto, hostil e ofensiva – como se disse. Foi um modo literário que os israelitas encontraram para ofender e insultar seus vizinhos moabitas e amonitas. A história, **inventada**, toma por base o significado das palavras MOAB e AMON. Moab em hebraico significa “saído do pai” e Amon significa “filho do meu parente”. A história faz então um trocadilho com esses nomes, trocadilho ofensivo e humilhante. (Strabeli: 2003, p.48-50)

De fato, “ofensivo e humilhante”, mas não para o amonitas e moabitas, senão para Deus e seus autores, divinamente inspirados em mesquinharias e desrespeito a fé alheia.

9.

Mas vós, amados, edificando-vos sobre a vossa santíssima fé, orando no Espírito Santo, conservai-vos no amor de Deus, esperando a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo para a vida eterna.

E apiedai-vos de **alguns** que estão na dúvida, e salvai-os, arrebatando-os do fogo; e de **outros** tende misericórdia com temor, abominação até a túnica manchada pela carne. (Jd 1:21-23)

E o restante? Tirando os “alguns” e os alguns “outros”? Fogo neles?

## XV. A Bíblia e a mulher

### 1. Novo Testamento

Vós, mulheres, **SUJEITAI-VOS** a vosso marido, como ao Senhor; porque **o marido é a cabeça da mulher**, como também Cristo é a cabeça da Igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo. De sorte que, assim como a Igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seu marido. (Ef 5:22-24)

**A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição.** Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão. (1Tm 2:11-14)

Semelhantemente, vós, mulheres, **sede SUJEITAS ao vosso próprio marido**, para que também, se algum não obedece à palavra, pelo procedimento de sua mulher seja ganho sem palavra (...) (Pe 3:1)

O **homem** não deve cobrir a cabeça, porque ele é **a imagem e o reflexo de Deus**, a mulher, no entanto, é o reflexo do homem. Porque o homem não foi tirado da mulher, mas a mulher do homem. **Nem o homem foi criado para a mulher, mas a mulher para o homem.** (1Co 11:7-9)

Que **as mulheres fiquem caladas nas assembleias**, como se faz em todas as Igrejas dos cristãos, pois não lhes é permitido tomar a palavra. Devem ficar submissas, como diz também a lei. **Se desejam instruir-se sobre algum ponto, perguntem aos maridos em casa**; não é conveniente que a mulher fale nas assembleias. (1Co 14:34-35)

**Mulheres, sejam submissas a seus maridos**, pois assim convém a mulheres cristãs (Cl 3:18)

(...) ensinem as mulheres novas a amarem aos seus maridos e filhos, a serem moderadas, castas, operosas donas de casa, bondosas, submissas a seus maridos (Tt 2:4-5)

## 2. Velho Testamento

Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma **ajudadora** que lhe seja idônea. (Gn 2:18)

Então ele chamou depressa o moço, seu escudeiro, e disse-lhe: Desembainha a tua espada e mata-me, para que **não se diga de mim: uma mulher o matou** (Jz 9:54)

Enganosa é a graça, e vã é a formosura (Pr 31:30)

Se um homem tomar uma mulher por esposa, e, tendo coabitado com ela, vier a desprezá-la, e lhe atribuir coisas escandalosas, e contra ela divulgar má fama, dizendo: Tomei esta mulher e, quando me cheguei a ela, **não achei nela os sinais da virgindade**; então o pai e a mãe da moça tomarão os sinais da virgindade da moça, e os levarão aos anciãos da cidade (Dt 22:13-15)

Quando um homem tomar uma mulher e se casar com ela, se ela não achar graça aos seus olhos, por haver ele encontrado nela coisa vergonhosa, far-lhe-á uma carta de divórcio e lha dará na mão, e a despedirá de sua casa. (Dt 24:1)

E eu achei uma coisa mais amarga do que a morte, a mulher cujo coração são laços e redes, e cujas mãos são grilhões; quem agradar a Deus escapará dela; mas o pecador virá a ser preso por ela. (Ec 7:26)

**Arrume casamento para sua filha**, e terá realizado uma grande tarefa (Eclo 7:25)

**Não se entregue a uma mulher, para que ela não o domine.** (Eclo 9:2)

Foi pela **mulher** que começou o pecado, e é **por culpa dela que todos morremos.** (Eclo 25:24)

**É melhor a maldade do homem do que a bondade da mulher:** a mulher cobre de vergonha e chega a expor ao insulto (Eclo 25:24)

(...)Se uma mulher conceber e tiver **um menino**, será imunda **sete dias**; (...) Mas, se tiver **uma menina**, então será imunda **duas semanas**, como na sua impureza (...) (Lv 12:2-5)

Multiplicarei grandemente a dor da tua conceição; em dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará. (Gn 3:16)

Três vezes no ano todos os teus homens aparecerão diante do Senhor Deus. (Ex 23:17) [e as mulheres?]

Se for de um homem (...) a tua avaliação será de **cinquenta sidos de prata**, (...). Se for mulher, a tua avaliação será de **trinta sidos**. (Lv 27:3-4)

Não cobiçarás a mulher do teu próximo; não desejarás a casa do teu próximo; nem o seu campo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo. (Dt 5:21) [mulher, objeto, animal, tudo na mesma vala]

3. Se uma mulher for estuprada na cidade, e não gritar alto suficiente, ela deve ser apedrejada até à morte (Dt 22:23-24). Caso seja no campo, então ela vive (Dt 22:25). Enfim, se o estuprador for apanhado, ele deverá pagar uma quantia ao pai e casar com a estuprada (Dt 22:28-29).

Se a Bíblia é a palavra de Deus, as mulheres deveriam estar em posição subalterna ainda hoje, deveriam continuar para sempre socialmente inferiores. Se a inferiorização das mulheres não é a palavra de Deus, mas o espírito do lugar e da época, como separar um do outro? Como distinguir, dentro da Bíblia, a palavra de Deus e o espírito da época? Ao gosto do freguês? É tudo uma questão de interpretação? Se a Bíblia é relativizada desse modo, deixa de ser a manifestação da vontade divina. Se, por outro lado, ela for vista como um corpo doutrinário absoluto,

obrigará seus fiéis seguidores a adotar mentalidades, atitudes e condutas há muito superadas no Ocidente. (Gondim: 2005, p.23)

4. Em alguns debates tentam tirar o peso destas palavras ao Galileu, afirmando que quem disse isso não foi Jesus, mas humanos passíveis de erros [esta idéia é bastante comum dentre aqueles que se dizem simplesmente cristãos, mas sem seguir seita alguma], tal noção, por outro lado, ignora que em inúmeras passagens, em todos os Evangelhos, Jesus se vale de acontecimentos do Antigo Testamento para justificar seus atos (seja como analogia, seja como profecia). Entretanto, como sabemos, Jesus Cristo não escreveu uma única linha. Logo, os Evangelhos também deveriam, segundo esta noção, testificar contra ele. Pois, segundo o próprio evangelista Lucas (em Atos), Jesus passou seu ministério para Paulo. Ou você confia no discípulo ou não confia. Se você confia, precisa aceitar a Bíblia toda, pois ela é integralmente inspirada (2Tm 3:16; cf. Cl 3:16; 1Ts 5:20), se não confia, não tem o que ler, pois Jesus nada escreveu.

5. Loucura e mau uso da retórica seriam afirmar que depois que Jesus veio, tudo mudou, oras, comparemos estas passagens:

olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé (VELHO TESTAMENTO: Ex: 21:24-25).

Mas quem fizer agravo receberá agravo. (NOVO TESTAMENTO: Cl 3:25)

Se alguém leva em cativeiro, em cativeiro irá; se alguém matar à espada, necessário é que à espada seja morto. Aqui está a perseverança e a fé dos santos. (NOVO TESTAMENTO: Ap 13:10)

Como podemos ver, segundo a Bíblia, nem tanta coisa assim mudou. Com exceção do cessar do holocausto contínuo, existem muitas coisas abdicadas que não deveriam ter sido, por ora, continuemos estudando.

## XVI. Profecias

1. Muitos tentam atestar a divindade bíblica no “fato” de algumas profecias ditas em seus livros acabarem por se cumprir. Daria crédito para este argumento se a Bíblia fosse a única fonte de profecias que se cumprem, pois, Nietzsche previu a Primeira Guerra; Marx, as primeiras crises capitalistas; Nostradamus, a violação do próprio túmulo; os Maias, a invasão espanhola; até a Mãe Diná previu a queda dos Mamonas Assassinas. Todas estas “profecias” ocorreram e se cumpriram, mas quem acredita que Nietzsche e Diná sejam pessoas inspiradas por Deus? Ou que o ateu Marx subiu em algum monte para escrever *O Capital*? O fato de Isaías e Jeremias profetizarem o futuro e se cumprirem algumas destas não lhes dão de antemão o status de inspirado, mesmo porque nem tudo que eles disseram se cumpriu, por exemplo: “E Babilônia, (...) será como Sodoma e Gomorra (...) **Nunca mais será habitada**, nem nela morará alguém de geração em geração; **nem o árabe** armará ali a sua tenda; nem tampouco os pastores ali farão deitar os seus rebanhos.” (Is 13:19-20; Jr 50:12; 51:26, 37, 43); onde era a Babilônia, que fica a 110 quilômetros de Bagdá, no Iraque, ao contrário do que Isaías ou Jeremias achou que aconteceria, é sim habitada e é justamente por um povo de origem árabe. Mas as pseudoprocias não acabam por aí, pois disseram que “desde que tu [Babilônia] caíste [539 a.C.] ninguém sobe contra nós para nos cortar” (Is 14:8); salvo, obviamente, a época do jugo romano.

2. “Eu [Profeta Daniel], pois, no primeiro ano de Dario, medo [aquemênidas], levantei-me para o animar e fortalecer. E agora te declararei a verdade: Eis que ainda se levantarão três reis na Pérsia, e o **quarto** será muito mais rico do que todos eles; e tendo-se tornado forte por meio das suas riquezas, agitará todos contra o reino da Grécia. Depois se levantará um rei poderoso, que reinará com grande domínio, e fará o que lhe aprouver. Mas, estando ele em pé, o **seu reino será quebrado**, e será repartido para os quatro ventos do céu; porém não para os seus descendentes, nem tampouco segundo o poder com que reinou; porque o **seu reino será arrancado**, e passará a outros que não

eles.” (Dn 11:1-4). Entretanto, na história da Pérsia, após Dário I, tivemos: Xerxes I, Artaxerxes I, Xerxes II, Sogdianus, Dário II, Artaxerxes II, Artaxerxes III, Arses, Dário III; ou seja, está profecia foi absurda.

3. “Porque assim diz o Senhor Deus: Eis que eu trarei contra Tiro [cidade de Tiro, no Líbano] a Nabucodonosor, rei de Babilônia” (Ez 26:7). “E farei de ti uma rocha descalvada; viras a ser um enxugadouro das redes, **nunca mais serás edificada**; pois eu, o Senhor diz” (Ez 26:14); “Farei de ti um grande espanto, e **não mais existirás**; embora te procurem, contudo, **nunca serás achada**” (Ez 26:21). Quem quer comprovar a falácia desta profecia, que tome um vôo para Tiro, no Líbano. Se as profecias bíblicas não se cumprem ou não se cumpriram, por que devo acreditar que o juízo final se cumprirá?

## XVII. Origem duvidosa

### Livro de Daniel

1. Uma leitura cautelosa do livro de Daniel nos remeterá a crença de que ele foi escrito no século II a.C. e não VI a.C. como ele próprio diz (Dn 9:2). Oras, não é surpreendente que algumas profecias de Daniel tenham se cumprido tendo em vista que foi escrito depois que aconteceu [risos!]? Bom, estudemos algumas passagens:

Primeiro diz que Jeoiaquim era o rei de Judá quando Nabucodonosor sitiou Jerusalém (Daniel 1:1-2). Errado! O rei era o filho de Jeoiaquim: Joaquim (2Rs 24:8-13).

Depois diz que diz que Belsazar era filho de Nabucodonosor (Dn 5:1-2). Errado! Eles sequer eram parentes próximos. Belsazar foi filho de Nabonido.

Daniel (5:3:31) também diz que Dario, o Medo, reinou na Caldéia após a morte de Belsazar. Errado! A Caldéia (Babilônia) foi

conquistada por Ciro o Persa. Na verdade existiu um rei persa chamado Dario e que governou a Caldéia, mas isso foi setenta anos após a queda da Babilônia.

2.

Este Daniel, pois, prosperou no reinado de Dario, e no reinado de Ciro, o persa (Dn 6:28).

Aqui Daniel nos passa um atestado da sua ignorância histórica, pois nunca houve tal sucessão de reinados. Os reinos Caldeu e Medo coexistiram e ambos caíram perante Ciro, da Pérsia.

3.

no ano primeiro do seu reinado, eu, Daniel, entendi pelos livros que o número de anos, de que falara o Senhor ao profeta Jeremias, que haviam de durar as desolações de Jerusalém, era de setenta anos. (Dn 9:2).

Oras, se assim foi, o livro de Jeremias nem havia sido feito, como pôde ele ter, além do mais, acesso a este? Primeiro: Jeremias, na época citada pelo autor do Livro de Daniel, mal tinha começado a escrever seu livro. Segundo: como Daniel teria acesso a este livro, o de Jeremias, se o autor ainda estava no Cativo? Inspirado? Por Deus?

Curiosamente, hoje, se alguém diz que recebeu uma revelação de Deus poucas pessoas acreditariam, entretanto, só porque um livro é antigo e passou pela prova do tempo as pessoas dizem amém.

4. Por outro lado, a tese de que o livro foi realmente escrito no século II a.C., é confirmada não só pelos estudiosos (cf. Gondim: 2005 p.77-8), mas também quando em 1Macabeus 1:25 e Daniel 9:27 relatam com uma precisão inédita na Bíblia [para não dizer além-Jesus] o mesmo incidente. O que parece, contudo, é que foi atribuído o status de profético ao livro, principalmente por ele ser escrito no estilo apocalíptico, ou seja, para ter credibilidade, o peixe precisava ser vendido como uma “marca” da antiguidade, e os fatos ocorridos entre o século VI a.C. e II a.C. dariam credibilidade a tese da inspiração, afinal,

ele “adivinhou” tudo que aconteceu antes mesmo de acontecer, não é “verdade”?

### XVIII. Apócrifos

#### 1. De acordo com a revista Superinteressante (edição 178):

A concepção imaculada de Maria é um dos dogmas mais rígidos da Igreja, mas nem sempre foi um consenso entre os cristãos. Alguns textos apócrifos dos séculos II e III sugerem que Jesus é fruto de uma relação de Maria com um soldado romano. A menina Maria teria 12 anos quando concebeu Jesus. Na rígida tradição judaica, uma mulher que engravidasse assim poderia ser condenada à morte por apedrejamento. O velho carpinteiro José, provavelmente querendo poupar a menina, casou-se com ela e escondeu sua gravidez até o nascimento do bebê. A data de 25 de dezembro não está na Bíblia. É uma criação também do século VI, quando o calendário foi alterado.

A Bíblia afirma que Jesus teve duas irmãs e quatro irmãos: Tiago, Judas, José e Simão. Mas não se sabe se esses eram filhos de Maria ou de um primeiro casamento de José.

2. Quem tem autoridade para dizer qual livro bíblico é ou não é sagrado? Quem é o crente que confia no homem para apontar com o dedo: “este é sagrado!”; já disseram “não confieis em príncipes, nem em filho de homem.” (Sl 146:3); pois é “maldito o varão que confia no homem” (Jr 17:5). O Novo Testamento, pouco atesta de verossímil, pois, foi escrito em grego, ao passo que Jesus e seus discípulos falavam em aramaico, idioma popular.

3. Os livros apócrifos que fugiram das mãos dos eclesiásticos e das suas falsificações, na realidade, tem muito mais autenticidade do que os livros canônicos que foram, inquestionavelmente, editados pela Igreja de Roma. O fato é que a mitologia de um Cristo foi fomentada durante décadas, por isso que, quando o Império aceitou o cristianismo, tiveram que destacar o que era conveniente canonizar ou não dentre 60 Evangelhos. Destacados os quatro, então, foram perseguidos todos os

restantes durante pares e pares de séculos; mas, para a infelicidade dos crentes, um ou outro dia a dia vão sendo encontrados.

4. De acordo com o importantíssimo texto chamado *Concílio de Nicéia*, do escritor cristão Roberto C. P. Júnio (1977):

Em 313 d.C., com o grande avanço da "Religião do Carpinteiro", o Imperador Constantino Magno enfrentava problemas com o povo romano e necessitava de uma nova Religião para controlar as massas. Aproveitando-se da grande difusão do Cristianismo, apoderou-se dessa Religião e modificou-a, conforme seus interesses. Alguns anos depois, em 325 d.C., no Concílio de Nicéia, é fundada, oficialmente, a Igreja Católica..

Os quatro Evangelhos canônicos, que se acredita terem sido inspirados pelo Espírito Santo, não eram aceitos como tais no início da Igreja. O bispo de Lyon, Irineu, explica os pitorescos critérios utilizados na escolha dos quatro Evangelhos (reparem na fragilidade dos argumentos...) : "O Evangelho é a coluna da Igreja, a Igreja está espalhada por todo o mundo, o mundo tem quatro regiões, e convém, portanto, que haja também quatro Evangelhos. O Evangelho é o sopro do vento divino da vida para os homens, e pois, como há quatro pontos cardeais, daí a necessidade de quatro Evangelhos. (...) O Verbo criador do Universo reina e brilha sobre os querubins, os querubins têm quatro formas, eis porque o Verbo nos obsequiou com quatro Evangelhos".

As versões sobre como se deu a separação entre os Evangelhos canônicos e apócrifos, durante o Concílio de Nicéia no ano 325 d.C., são também singulares. Uma das versões diz que estando os bispos em oração, os Evangelhos inspirados foram depositar-se no altar por si só !!! ... Uma outra versão informa que todos os Evangelhos foram colocados por sobre o altar, e os apócrifos caíram no chão... Uma terceira versão afirma que o Espírito Santo entrou no recinto do Concílio em forma de pomba, através de uma vidraça (sem quebrá-la), e foi pousando no ombro direito de cada bispo, cochichando nos ouvidos deles os Evangelhos inspirados...

A Bíblia como um todo, aliás, não apresentou sempre a forma como é hoje conhecida. Vários textos, chamados hoje de "apócrifos", figuravam anteriormente na Bíblia, em contraposição aos canônicos reconhecidos pela Igreja.

5. Maria Helena de Oliveira Tricca, compiladora da obra *Apócrifos – Os Proscritos da Bíblia*, diz:

*"Muitos dos chamados textos apócrifos já fizeram parte da Bíblia, mas ao longo dos sucessivos concílios acabaram sendo eliminados. Houve os que depois viriam a ser beneficiados por uma reconsideração e tornariam a partilhar a Bíblia. Exemplos : O Livro da Sabedoria, atribuído a Salomão, o Eclesiástico ou Sirac, as Odes de Salomão, o Tobit ou Livro de Tobias, o Livro dos Macabeus e outros mais. A maioria ficou definitivamente fora, como o famoso Livro de Enoch, o Livro da Ascensão de Isaías e os Livros III e IV dos Macabeus."*

Perguntamos: Quais foram os motivos para excluir esses Livros das Santas Escrituras definitivamente? Será que os "santos padres" daquela época se achavam superiores aos Apóstolos e mártires que vivenciaram de perto os acontecimentos relacionados a Cristo e ao judaísmo? De que poder esses mesmos "santos padres" se revestiam a ponto de afirmarem que alguns Textos Evangélicos não representavam os ensinamentos e a Palavra de Deus?

Existem mais de 60 Evangelhos apócrifos, como os de Tomé, de Pedro, de Felipe, de Tiago, dos Hebreus, dos Nazarenos, dos Doze, dos Setenta, etc. Foi um bispo quem escolheu, no século IV, os 27 textos do atual Novo Testamento. Em relação ao Antigo Testamento, o problema só foi definitivamente resolvido no ano de 1546, durante o Concílio de Trento. Depois de muita controvérsia, acalorados debates e até luta física entre os participantes, o Concílio decretou que os livros 1 e 2 de Esdras e a Oração de Manassés saíam da Bíblia. Em compensação, alguns textos apócrifos foram incorporados aos livros canônicos, como o livro de Judite (acrescido em Ester), os livros do Dragão e do Cântico dos Três Santos Filhos (acrescidos em Daniel) e o livro de Baruque (contendo a Epístola de Jeremias).

No início do cristianismo, os Evangelhos eram em número de 315, sendo posteriormente reduzidos para 4, no Concílio de Nicéia. Tal número indica perfeitamente as várias formas de interpretação local das crenças religiosas da orla mediterrânea acerca da idéia messiânica lançada pelos sacerdotes judeus. Sem dúvida, este fato deve ter levado Irineu a escrever o seguinte: " Há apenas 4 Evangelhos, nem mais um, nem menos um, e que só pessoas de espírito leviano, os ignorantes e os insolentes é que

andam falseando a verdade". Disse isso, mesmo diante dos acontecimentos acima relatados e que eram de conhecimento geral.

Havia então, os Evangelhos dos Naziazenos, dos Judeus, dos Egípcios, dos Ebionistas, o de Pedro, o de Barnabé, entre outros, 3 dos quais foram queimados, restando apenas os 4 "sorteados" e oficializados no Concílio de Nicéia.

Celso, erudito romano, contemporâneo de Irineu, entre os anos 170 e 180 d.C., disse: "Certos fiéis modificaram o primeiro texto dos Evangelhos, três, quatro e mais vezes, para poder assim subtraí-los às refutações".

Foi necessária uma cuidadosa triagem de todos eles, visando retirar as divergências mais acentuadas, sendo adotada a de Hesíquies, de Alexandria; e de Pânfilo, de Cesaréia e a de Luciano, de Antióquia. Mesmo assim, só na de Luciano existem 3.500 passagens redigidas diferentemente. Disso resulta que, mesmo para os Padres da Igreja, os Evangelhos não são fonte segura e original.

Os Evangelhos que trazem a palavra "segundo", que em grego é "cata", não vieram diretamente dos pretensos evangelistas.

A discutível origem dos Evangelhos, explica porque os documentos mais antigos não fazem referência à vida terrena de Jesus.

Não é razoável supor que uma "palavra divina" possa ser alterada assim tão fácil e impunemente por mãos humanas. Que fique na dependência de ser julgada boa ou má por juízes e dignitários eclesiásticos.

Só me foi possível escrever este livro através dos conceitos que pude assimilar da obra Na Luz da Verdade, a Mensagem do Graal de Abdruschin.

6. O texto fala por si só. Mas, se já não bastasse, temos um Evangelho obscuro, pouco difundido, divulgado pelo sociólogo Gilson Gondim (p.162-3): "O Evangelho secreto de Marcos, anterior ao oficial, é citado nos fragmentos de uma carta de Clemente de Alexandria escrita em fins do século II, descoberta em 1958 por Morton Smith, da Universidade da Califórnia, num mosteiro ortodoxo localizado entre Belém e o Mar Morto." Então transcreve o tal fragmento:

E chegaram a Betânia. Havia ali uma mulher cujo irmão morrera. Aproximando-se de Jesus, ajoelhou-se diante dele e disse: "Filho de Davi, tem misericórdia de mim". Mas os discípulos a afastaram. Jesus,

encolerizado, saiu com ela para o horto onde estava o túmulo e logo se ouviu um grande grito vindo dali. Jesus aproximou-se e retirou a pedra da entrada do túmulo. E depois, entrando onde estava o jovem, estendeu a mão e o ressuscitou tomando-o pela mão. Erguendo os olhos o jovem o amou e lhe pediu que o deixasse ficar com ele. E ao sair do túmulo entraram na casa do jovem, que era rico. Passados seis dias, Jesus disse ao jovem o que devia fazer, e à noite este veio a ele com um vestido de linho sobre o corpo nu. E ficaram juntos naquela noite, pois Jesus ensinou-lhe o mistério do reino de Deus. E depois, levantando-se, voltou para as margens do Jordão.

Os cristãos, antes mesmo de terminar de ler, já dizem na própria cabeça “apócrifo, apócrifo!”; porém, não é mesmo curioso que um apócrifo tenha datação anterior ao suposto fidedigno? Foi o “apócrifo” criado deturpando o autêntico, ou foi o autêntico que riscou linhas do “apócrifo”, que é anterior àquele? Bom, as escolhas infalíveis e por parâmetros divinos nem sempre foram consensuais, pois:

7.

(...) quem acredita na escolha divinamente inspirada dos textos canônicos deve explicar por que o Livro do Apocalipse foi banido depois de canonizado e passou cerca de quatro décadas fora do cânone. Pessoas passaram a vida inteira acreditando que o Livro do Apocalipse não era inspirado, porque assim disse um concílio. (Gondim: 2005, p.163)

Será que a escolha anterior, a qual aceitava o Apocalipse, era inspirada? A que o derrubou não era? E a que o restabeleceu? Ou a primeira e a última são de ordem divina e a segunda não; ou a que negou é a divina e as resoluções antes e depois são “apócrifas”. Não tem saída, o crente é obrigado a admitir que nem sempre as escolhas dos pais da Igreja foram inspiradas divinamente, o que abre um ótimo precedente para duvidarmos de todas as outras escolhas supostamente inspiradas. Gondim, simplesmente conclui: “Bíblia: escolhas humanas envernizadas como escolhas divinas”.

8. Por outro lado, lembrando o subcapítulo sobre Jesus sequer ter existido um dia, eu questiono seriamente os renitentes cristãos. Bom, uma vez que se desconsideram todos os livros apócrifos, perguntar-se-ia baseado em que se aceita um ou não outro livro? Se a resposta for os parâmetros Eclesiastes de outrora, você está transferindo sua fé em Jesus para a fé nos pais da Igreja [onde eles seriam confiáveis]. Uma segunda pergunta seria por que se aceita os Evangelhos tal qual eles são, como se eles não tivessem sido editados? Mais uma vez, os cristãos estariam transferindo sua fé em Jesus para a fé nos pais da Igreja [confiabilíssimos]. Perceba que há uma diferença brutal em acreditar em Jesus e acreditar em Deus. Deus, poucos descrevem com fidedignidade, mas todos têm uma noção do que é ou pode ser; Jesus, por outro lado, tudo que temos são os Evangelhos Apócrifos e Evangelhos Canonizados pelos papas infalíveis, nada mais. Acreditar em Jesus, frente a tantas controvérsias é, sem dúvida, ter fé em seres humanos, os mesmos que mataram dezenas de milhares de pessoas em fogueiras “singelas”. “Esta visão caótica é católica, mas será a visão do criador?” (Yuri Persa).

## XIX. Se você é cristão

1. O Cristão, primeiramente, não deve dizer, de modo algum, que seguir os mandamentos é muito difícil...

Porque este é o amor de Deus, que guardemos os seus mandamentos; e os seus mandamentos **não** são penosos (1Jo 5:3)

2. Se você é cristão por que você se alcooliza (Pr 20:1; Pr 23:20-35; Jr 35:14)? Se você é cristão não só não é homossexual, como sequer consente com isto (Rm 1:32). Tampouco deveria tolerar o ateu, mas matá-lo (Lc 19:27) ou ao menos batalhar pela fé (Jd 1:3). Se você usa jóias, colares, pulseiras, brincos, bijuterias ou qualquer atavio (Ex 33:5,6; Gn 35:4; 1Tm 2:9-15) você não é cristão. Se você é saudosista (Ec 7:10) ou não usa roupas adequadas (Nm 15:38) você, certamente, não é cristão. Não deve reprimir o estrangeiro, seja de país, estado ou de

outra cidade (Jr 7:6). O cristão não vê diferença entre um pai, mãe ou discípulo (Mt 10:34-38; 12:46-50). Não confia no próprio coração (Pr 28:26; Jr 17:9) tampouco confia em humano algum [papa, pastor, exegeta] (Jr 17:5; Sl 118:8). O cristão também deve responder e explicar com razão (e não romantismo) a sua crença (1Pe 3:15-16). Aliás, se você teve acesso (Mc 10:21,25) a estas palavras minhas, vai ser difícil considerá-lo cristão. Espero que você não se revolte contra nenhuma autoridade [nenhumal!], pois todas são de Deus (Rm 13:1-3; 1Pe 2:13-17), seja cristão! Se você é casado, saiba que pensar em adular já é adular (Mt 5:28), se você não for, certamente você é virgem (At 15:29), se isso não se aplica a você, você não é cristão. “Aquele que diz que está nele, também deve andar como ele andou” (1Jo 2:6).

3. O cristão se conforma com o que tem (Fp 4:10-14), o que quer mais? De forma alguma questiona a Bíblia (Tg 4:11-12). O cristão só flexiona verbos no futuro precedidos de um “se Deus quiser” (Tg 4:15), mas de forma alguma ele diz “juro por Deus” (Tg 5:12). O cristão não é avaro (Cl 3:5). É despojado da ira, da cólera, da malícia, da maledicência, e mentira (Cl 3:8-9). O cristão não procura agradar ninguém (1Ts 2:5-6) e ora sem cessar (1Ts 5:17). O cristão se afasta de pessoas com problemas e dos não-cristãos (2Ts 3:6) e ora por todos os homens da Terra (1Tm 2:1-8). O cristão deve saudar todas as discípulos com beijo (1Ts 5:26), mas quem faz isso? É muito difícil? Pois eu digo que você faz o que convém e despreza o que não convém, muito embora tudo que está escrito acima esteja na Bíblia, abertamente “revelada” e cinicamente ignorada.

4. Afinal, não fui eu quem disse que:

Pois qualquer que guardar toda a lei, mas tropeçar em **um só ponto**, tem-se tornado culpado de todos (Tg 2:10)

Aquele, pois, que sabe fazer o bem e não o faz, comete pecado. (Tg 4:17)

5. Da mesma forma que não existe meio-bom, não existe meio cristão, pois...

Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente; oxalá foras frio ou quente! Assim, porque és momo, e não és quente nem frio, vomitar-te-ei da minha boca. (Ap 3:15-16)

6. Só para dar um exemplo, o natal é a comemoração anual mais equivocada do cristianismo. Não há passagem alguma na Bíblia em que Jesus pede para que comemoremos seu nascimento todo ano. Segundo a Bíblia, quando Jesus passou pela Terra, nos absolveu de todo o nosso pecado (Mt 1:21)<sup>20</sup>, mas, cá entre nós, há algo na Terra que se assemelhe mais a um sacrifício à moda antiga do que milhares de chesters e perus degolados no natal? “O único cristão que passou pela Terra morreu na cruz” (Nietzsche). O Papai Noel é o símbolo do Cristianismo, comemoração ao nascimento do mito, e o símbolo da mais lamentável idolatria.

7. Curioso ou não, Jesus, em momento algum se pronunciou contra a pena de morte. Os cristãos, contudo, dizem que “ninguém tem o direito de tirar a vida, senão Deus”, mas onde Deus disse isso? É claro que o suposto Jesus nos ensinou a perdoar, mas isso ele disse para as pessoas, e não para o sistema, para a lei, pois ele não veio destruí-la, e a lei [Antigo Testamento] prescreve a pena de morte. Paulo também não faz nenhuma menção no sentido de ab-rogarmos a pena de morte, aliás, ainda disse que toda a autoridade é de Deus (Rm 13:1-3), bem como Pedro (1Pe 2:13-17).

Quando Jesus foi crucificado ele não disse em momento algum para que se absolvesse, perante a lei dos homens, os dois malfeitores, nem o

<sup>20</sup> Outras passagens: Mt 12:31; 26:28; Mc 3:28; Lc 1:77; 3:3; 5:20; 24:47; Jô 1:29; At 2:38; 3:19; 5:31; 10:43; 13:38; 26:18; Rm 5:8; 6:2,11; 1Co 15:3; Gl 1:4; 1Tm 1:15; Hb 9:28; 1Pe 3:18; 1Jo 3:5; Ap 1:5.



que tinha se arrependido e tampouco o outro, então por que o cristão é contra?

Dar a César o que é de César não seria dar autoridade a quem é autoridade? Pois nem Jesus e nem seus apóstolos pretenderam, em momento algum, serem autoridades. Quando Jesus disse para que não apedrejásemos a Maria, ele estava se referindo aos discípulos, seguidores da doutrina, ou a César? Aos discípulos, naturalmente, pois os cristãos não deveriam ser césaes, ou seja, autoridades, contrariando a atitude da Igreja [todas elas] desde sempre. Qualquer outra interpretação seria somente mais uma contradição.

O cristão, indubitavelmente, deveria ser a favor da pena de morte, ou, tal qual Jesus, omissos em relação ao tema. Entretanto, como os cristãos de hoje são, senão anticristos?

8. Assim vou mostrando, verdade a verdade, letra a letra, falha a falha. Honestamente, falo isso como observador, não é uma verdade irrefutável, que na realidade não existe uma única pessoa que acredite piamente no Deus cristão. Explico. Suponha que você fez um exame de sangue e o médico te advirte que caso ingira determinada substância, como um princípio de algum remédio, você certamente morrerá; outros dez médicos confirmam o diagnóstico. O que você faria? Arriscaria, por alguma razão, conscientemente tomar algo que contenha o elemento fatal? Salvo no caso de suicídio, eu presumo que não. Logo, por analogia entendemos que se o cristão tivesse mesmo certeza absoluta e irrevogável de que seu pecado o levaria para o fogo eterno ele simplesmente não pecaria. Da mesma forma que eu não ingeriria conscientemente veneno de rato. Se o cristão comete um único pecado, ele está seriamente, segundo a Bíblia, arriscado a sofrer pela eternidade; mas como ele peca, ainda assim, estou certo de que o que lhe falta é fé. Todos sabemos ou temos acesso a como o verdadeiro cristão deve ou não agir, mas ninguém faz 10% tal qual. E isso não é uma novidade, nem sinal dos tempos, sempre foi assim, inclusive entre seus supostos

discípulos, todos vamos para o inferno, até aquele que mais acredita e luta para não acabar nele.

## XX. Benefícios trazidos pela Igreja

1. Se você reclama que não temos remédios que curam a aids e o câncer, lembre-se que se não fosse a contribuição milenar da Igreja em estatelar os avanços científicos, certamente estaríamos vacinados, ou muito melhor alentados, contra este mal. Se não fosse a sua Igreja que perseguiu os hereges, viveríamos cento e trinta anos e saudáveis. Se você vai ao dentista e dá “graças a Deus” porque existe anestesia, saiba que graças à Igreja seus ascendentes foram privados deste conforto, e graças à Igreja que só agora, e não há séculos, se pensa em tratamento genético. Se você lamenta a “impotência” da medicina em curar o esquizofrênico, agradeça, ao menos, o tratamento clínico, pois na Idade das Trevas esquizofrenia era chamada de endemoniação.

2. Se existe preconceito contra homossexual, prostituta, mulher solteira, negro, riqueza, felicidade, isto foi, no mínimo, fomentado pela Igreja. Se, durante a Idade Média inteira, a expectativa de vida na Europa Ocidental foi entre 20 e 30 anos, e não quase 80, como hoje, a culpa é toda da religião com suas infalibilidades papais.

Em 1766, em Abbeville, na França, foi acusado de cantar canções não-religiosas que gozavam da Virgem Maria, estragar um crucifixo e permanecer de chapéu enquanto passava uma procissão religiosa. Criticar a Igreja era ação punível de morte. O garoto, Chevalier de La Barre, foi condenado a ter a língua cortada e a mão direita decepada, e ser queimado na fogueira. O grande escritor Voltaire tentou salvá-lo. O caso foi levado ao parlamento de Paris. O clero exigia a pena de morte, alertando sobre a calamitosa expansão da dúvida. O parlamento mostrou misericórdia, permitindo que o jovem fosse decapitado em vez de mutilado e queimado vivo. Primeiro, ele foi torturado para que se extraísse uma confissão mais completa, e então executado, em 1º de julho de 1766. seu corpo foi queimado junto com um exemplar do Dicionário Filosófico de Voltaire. (Haught: 2003, p.13)

### 3. Os protestantes não são exceção.

Lutero era feroz anti-semita, tendo, talvez, a extraordinária virulência de seus escritos sobre os judeus preparado o caminho para o advento da era de Hitler na Alemanha do século XX. (Hart: 2002, p.175)

### 4. Voltando a Santa Inquisição.

Durante o século XV, a Santa Inquisição transferiu seu foco para a bruxaria, e os três séculos que se seguiram testemunharam uma bizarra orgia de enganos religiosos. Os agentes da Igreja torturaram incontáveis milhares de mulheres, e também alguns homens, para que confessassem que voavam pelo céu com missões demoníacas, faziam sexo com Satã, transformavam-se em animais, tomavam-se invisíveis e faziam outras maldades sobrenaturais. Praticamente todos os acusados foram condenados a morte. (Haught 2003, p.75)

5. E são realmente centenas e centenas de passagens encontradas nestes livros citados e em muito outros, até a página nos parece mais vermelha de sangue. Ao meu ver, um dos grandes “erros” dos filósofos do século XIX foi atacar demasiado o cristianismo, que é o efeito e não a causa, logo, eles erraram o alvo.

A minha síntese, a despeito deles, é bem diversa. Os cristãos, hipocritamente, atribuem as imbecilidades praticadas na história do cristianismo aos próprios cristãos, mas não a Cristo. Mas o mesmo Cristo descrito por Lucas, pelo mesmo Lucas consagrou Paulo, o qual, uma vez inspirado declarou toda a Escritura como obra inspirada, da mesma forma o mesmo João que escreveu o Evangelho declarou, em epístola, que toda a obra provinha de Deus (1Jo 2:3-11). Logo, Cristo assumiu o que em toda a Bíblia se escreveu [senão tanto o livro Atos como Evangelho de Lucas são apócrifos, o mesmo se dá em relação ao Evangelho de João, que, para matar tal tese, deve ser excomungado junto com suas 4 epístolas e o Livro do Apocalipse]. Inclusive o próprio Jesus agiu como que cumprindo o Velho Testamento, o usando para debates, e deixou claro que não veio destruí-lo. Quando, portanto, a

Bíblia é misógina, anti-homossexual, transgressora das próprias leis, da ciência e da história verdadeira, Cristo tem culpa incontestável, pois ele “é” Deus ou enviado por Este; o qual deu o seu aval. Os cristãos, não menos autômatos, só seguem o que o “gerente de Deus” assinou embaixo. A culpa é de Jesus Cristo! Quando Joana d’Arc foi queimada, não foi a Igreja que a matou, mas Jesus.

“A Igreja é divina, e a Igreja também é um fracasso. Seria falácia dizer que o divino fracassa?” (Mateus Davi)

## XXI. Argumentos típicos dos cristãos

“O desespero do crente é medido através da paixão do seu argumento: ou ele se torna ateu ou te manda para o inferno” (Mateus Davi)

### 1.

Em seu famoso livrinho *On liberty*, o filósofo inglês John Stuart Mill afirmava que silenciar uma opinião é “um mal peculiar”. Se a opinião é correta, somos roubados da “oportunidade de trocar o erro pela verdade”; e, se está errada, somos privados de uma compreensão mais profunda da verdade em sua “colisão com o erro”. Se conhecemos apenas o nosso lado da argumentação, mal sabemos sequer este pouco; ele se torna desgastado, logo aprendido de cor, não testado, uma verdade pálida e sem vida.

(...)

Sabe-se que as pessoas, quando têm a permissão de escutar opiniões alternativas e participar de debates substantivos, às vezes mudam de opinião. Pode acontecer. Por exemplo, Hugo Black, na sua juventude, era membro da Ku Klux Klan; tomou-se mais tarde juiz da Suprema Corte e foi um dos líderes das históricas decisões, baseadas em parte na 14ª emenda da Constituição, que afirmaram os direitos civis de todos os norte-americanos: dizia-se que, na sua juventude, ele se vestia com mantos brancos e assustava as pessoas negras; quando ficou mais velho, passou a vestir-se com mantos negros e a assustar as pessoas brancas. (Sagan: 1996, p. 415)

Antes de discutir com um religioso, de qualquer crença, é mister consciência de algumas regras gerais, para não ser enganado por eles: o religioso desconhece outra literatura que não aquela pregada pela sua religião; o religioso conhece pouco ou nada de ciência [mesmo as que se dizem científicas]; o religioso afirma a torto e a direito “está provado”, “é domínio público”, “é óbvio”, “indiscutível”, mas sem saber do que está falando, ou seja, desconfie do que o religioso disser que está escrito na sua literatura, mas duvide muito quando disser algo concernente a ciência; peça as fontes das afirmações para o religioso e veja como ele se embaraça.

## 2. Argumento da divisão do calendário

Primeiramente, segundo os próprios exegetas o mito Cristo nasceu em aproximadamente 5 a.C., ou seja, Cristo nasceu 5 anos antes de Cristo. Agora, não é por que milhões de moscas comem fezes que devemos comê-la também. Ou, como diria Anatole France: “Se 5 bilhões de pessoas acreditam em uma coisa estúpida, essa coisa continua sendo estúpida.”. E o que diremos de Collor, o ex-presidente, a maioria estava certa? Mentiras evidentes como as de que os comunistas comiam crianças já nem se discutem mais; mas quantas pessoas não acreditavam nisso piamente? Estavam todas erradas? Sim, estavam! Quantos séculos não se acreditou que o Brasil tinha sido descoberto por acaso? Ou que o negro não tinha alma? Que a terra era plana e o centro do universo? Uma brincadeira de dois homens, na Grã-Bretanha, perdurou por quinze anos, era a Saga dos Círculos (marcas feitas nas plantações, em desenho circular, que pareciam terem sido feitas por alienígenas e que tinham uma matemática, dita, “complexa”: a farsa só foi descoberta porque os homens contaram). Afirmações tradicionais podem ser mentiras tradicionais.

Papa Inocêncio VIII, 1484, em sua bula:

Tem chegado a nossos ouvidos que membros de ambos os sexos não evitam manter relações com **anjos, incubos e súcubos malignos**, e que

por meio de suas feitiçarias, palavras mágicas, amuletos e conjuros eles sufocam, extinguem e abortam filhos das mulheres.

[Deus abençoe a infalibilidade do papa]

Nada mais digno de riso do que afirmar que Jesus existiu porque dividiu o calendário. Como sabemos, o calendário como conhecemos foi instituído pelos católicos, e não por Jesus; e também não se refere ao nascimento de Jesus, pois se supõe que foi no dia 25 de dezembro e não no dia primeiro do ano; bem como já se sabe ser impossível que ele tenha nascido no ano um, sem entrar em conflito com os Evangelhos, mas alguns anos antes.

Efetivamente sobre o calendário, não se pode dizer que ele, Jesus, dividiu os tempos em antes e depois dele, salvo para o que tem a mente tão oblíqua a ponto de dizer que o mundo começa e termina no Brasil. Para os Judeus o ano 1 foi 3760 anos antes do suposto nascimento de Cristo; para os chineses, 2637 anos antes; no caso dos árabes 622 d.C.; na Índia, é por volta do ano 80 d.C.; na Rússia, o ano 1 é o nosso 46 d.C.; em Roma o ano 1 equivalia ao 753 a.C. (quem revisou o calendário em 45 d.C. não foi Jesus, mas Júlio César). Ou seja, o argumento da divisão do calendário por Jesus só é uma ferramenta para nós dividirmos os religiosos esclarecidos dos não-esclarecidos.

Oh, Ninlil, Senhora das Terras, em teu leito nupcial, na morada do teu prazer, interceda por mim junto a Enlil, o teu amado. [Assinado:] Mili-Shipak, Shatammu de Ninmah.”

Já faz muito tempo que existiu um Shatamu em Ninmah, ou até mesmo uma Ninmah. Apesar do fato de Enlil e Ninlil terem sido deuses importantes – pessoas em todo o mundo ocidental civilizado lhes prestaram preces durante 2 mil anos –, o pobre Mili-Shipak estava na realidade orando para um fantasma, para um produto socialmente tolerado de sua imaginação? E, nesse caso, que dizer de nós? Ou isso é uma blasfêmia, uma questão proibida – como era com certeza entre os cultuadores de Enlil? (Sagan: 1996, p.272-273)

## 3. Personagens bíblicos reais

Eu digo que viajei de avião até a Bahia, chegando lá, ainda no aeroporto, uma voz divina me disse os “Dez Mandamentos da Nova Era”. Existirá dezena de testemunhas que afirmarão que eu não estava em casa, que eu sai de casa, que eu estive no aeroporto, que eu estive na Bahia; haverá documentos como a nota fiscal do taxista, a passagem aérea, a hospedagem no hotel da Bahia. Na minha suposição tudo isto seriam fatos comprováveis e ainda assim a minha inspiração seria falsa.

#### **4. Os 7 dias da criação significam 7 milhões e milhões de anos**

Primeiramente, a Bíblia não diz isso, ou seja, esta interpretação é completamente forçada e apócrifa. Se você compreender cada dia como uma grande era geológica, como que as plantas, criadas no terceiro dia, sobreviveram sem a luz do sol, criado no quarto dia, por tantos milhares de anos? Está vendo? Os livros sagrados são assim, como um cobertor pequeno em dia de frio: você tapa o busto, descobre-se o pé.

#### **5. Nunca houve povo ateu, logo, a espiritualidade é parte do humano**

Primeiramente, nesta proposição há uma falácia lógica conhecida como “confusão das consequências”. O fato de nunca ter existido um povo ateu só indica, exclusivamente, que nunca teve um povo ateu. Ademais, não é porque até hoje a arqueologia não descobriu um único povo ateu que não tenha nunca existido um povo ateu.

Continuando, não é porque nunca existiu um povo ateu, que não existiam pessoas ateias. A regra não se aplica ao caso, o que seria outra falácia; isto é, um povo pode ter tido uma crença oficial, mas isso não indica que não tivemos sempre descrentes em meio as comunidades antigas.

Como apêndice, a noção de que a criança tem a idéia de Deus implícita é simplesmente metafísica: isso não está escrito em lugar

algum. O recém-nascido, evidentemente, não tem noção alguma de Deus, se assim não fosse, dentro do mesmo povo teríamos mais miscigenações de crenças do que a vemos no mundo, pois a criança, que tem a idéia de Deus impressa em seu DNA, procuraria uma religião adequada; mas o que vemos é padrão de comportamento religioso em diferentes culturas. Nunca se ouviu falar de uma única criança pronunciar o nome de Deus, senão depois que a mãe repetiu incontáveis vezes a mesma palavra, até que, por fim, a cultura e crença se enraizaram nela.

#### **6. Você não vê o ar, mas acredita que ele exista**

Entretanto, por um simples cálculo matemático eu tiro até o peso do ar; isto é, eu provo que ele existe. Também não vejo o calor, entretanto, vejo e meço seus efeitos, logo, eu provo que existe o calor. Também não enxergo o aroma, entretanto, eu o manipulo laboratorialmente, logo, eu provo que ele está além de uma sensação metafísica impalpável. Agora, sobre Deus... você já viu algum termômetro para medir sua presença? Algum paquímetro que calcule suas dimensões? Um pressostato que indique sua decepção? Então não me diga que sente Deus como algo que vem de fora, quando, na realidade, é uma mera resposta do corpo a um estado específico de espírito. Afinal, o que Deus fez para merecer ser Deus?

#### **7. Mas era só uma parábola...**

Como se isso mudasse tanta coisa. Um argumento evidentemente falacioso e de modo surpreende profuso nas cabeças dos cristãos é refutar algumas atitudes e palavras esquisitas de Jesus com o cansado argumento “mas era só uma parábola”. Normalmente, quando os cristãos usam este argumento, eles não verificam se a narrativa se trata de parábola verdadeiramente [isto é: uma história fantasiosa e somente narrada] ou uma atitude didática [ao exemplo da parábola da figueira]. Enfim, das esquisitices de Jesus, podemos citar: a matança de porcos em massa, a aniquilação de uma figueira que não tinha frutos, a curiosa

frase que diz que devemos trazer os incrédulos e matar-lhes, a virada de mesas e cadeiras de camelôs judeus, e outras mais. Bom, se eu incito a violência, pouco importa se eu o faço diretamente, indiretamente, por meio de parábolas, atos ou decretos, pois continua sendo violência! O Lobo Mau continua sendo mau, mesmo dentro de uma história de ficção tão singela. Por que então Jesus permanece bom mesmo tomando atitudes más, circunscritas ou não em alguma parábola?

## XXII. Santa Trindade

Cristo, de acordo com a doutrina, é a segunda pessoa da Santíssima Trindade, com o Pai sendo a primeira e o Espírito Santo a terceira. Cada uma dessas pessoas é Deus. Cristo é seu próprio pai e seu próprio filho. O Espírito Santo não é nem pai nem filho, mas ambos. O filho foi gerado pelo pai, mas já existia antes de ser gerado, exatamente o mesmo antes e depois. Cristo é tão velho quanto seu pai e o pai é tão jovem quanto seu filho. O Espírito Santo procede do Pai e do Filho, mas já era igual a eles antes de proceder, ou seja, antes de existir, mas mesmo assim ele tem a mesma idade que os outros dois. Deste modo, se afirma que o Pai é Deus, que o Filho é Deus e que o Espírito Santo é Deus e que esses três deuses fazem um só deus. De acordo com a tabela de multiplicação celestial, um vezes um é três e três vezes um é um, e de acordo com a regra de subtração do céu, se diminuirmos dois de três sobram três. A regra da adição também é estranha: se somarmos dois a um temos apenas um. Cada um é igual a si mesmo e aos outros dois. Nunca houve nem nunca haverá algo mais completamente idiota e absurdo que o dogma da Santíssima Trindade (Mike McClellan)<sup>21</sup>

1. Se Jesus morreu por nós, mas Jesus é Deus, mas Deus não está morto, quem é que morreu na cruz? E o que é uma crucificação para Deus senão um beliscão? Quatro cravos senão picadas de mosquito? Coroa de espinhos senão um boné desconfortável? Dar a Jesus o status de Deus, não eleva Jesus, mas diminui a Deus. Eis a Santa Trindade.

<sup>21</sup> Tradução de Fernando Silva, original disponível no endereço:  
<http://www.anzwers.org/free/jesuschrist/index.html>

2. Para justificar a Santa Trindade os católicos e evangélicos tem como passagem predileta a que diz: “antes que Abraão existisse, eu sou.” (Jo 8:58). A tese destes é de que Jesus usou o verbo no presente. Oras, como ele poderia viver antes mesmo de Abraão? Mas o que os exegetas fingem não terem lido são as passagens anteriores, em Moisés:

Então disse Moisés a Deus: Eis que quando eu for aos filhos de Israel, e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós; e eles me perguntarem: Qual é o seu nome? Que lhes direi?

Respondeu Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU. Disse mais: Assim dirás aos olhos de Israel: EU SOU me enviou a vós. (Ex 3:13-14)

Como podemos ver, o termo utilizado por Jesus, dizendo, “eu sou”, significa “enviado por Deus”, oras, e não são poucas passagens onde Jesus se diz enviado (Mt 10:40; Mc 9:37; Lc 4:18; 9:48; 10:16), ou teríamos que admitir que Moisés também é Deus [o que é um absurdo, pois Moisés cometeu pecados, tanto que não pôde entrar na terra prometida], mais um exemplo de análise descontextualizada.

3. Mas estudemos algumas passagens que derrubam tal tese [a maioria delas é evidentemente contra tal crença, procurar passagens contrárias, mostram somente mais contradições da Bíblia, diminuindo obviamente o valor dela, mais ainda]:

De sorte que haja em voz o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus. Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus (Fp 2:5-6)

Mas agora ainda não vemos todas as coisas sujeitas a ele [Deus]; vemos, porém, aquele que **foi feito** um pouco **menor que os anjos**, Jesus, coroadado de glória e honra, por causa da paixão da morte, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todos. (Hb 2:8-9)

Ninguém jamais viu a Deus; e nos amamos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor é em nós aperfeiçoado. Nisto

conhecemos que permanecemos nele, e ele em nós: por ele nos ter dado do seu Espírito. E nós temos visto, e testificamos que o Pai enviou seu Filho como Salvador (1Jo 4:12-14)

#### 4. E a lista de mentiras vai crescendo...

Como poderiam cinco litros de hemoglobina, criminosamente derramada por homens pecadores, ser a base da redenção do gênero humano? E como poderia o ato de um terceiro purificar as impurezas de milhões de homens? (Huberto Rohden)

### XXIII. Protestantismo

1. Muito embora o catolicismo seja a instituição mais pecadora em sua história do que qualquer outra, os protestantes, por outro lado, negaram a Bíblia para poder criar esta seita.

2. De fato, e eis um argumento católico, o protestantismo é o responsável pelas “bilhões” de seitas interpretações da Bíblia, aumentando em mais uma razão de levar as pessoas ao ceticismo e descrença; ao passo que diminui o status de cristão, pois se dizer “cristão” quer dizer pouco ou nada se você não especificar sua seita. Mas vejamos por que a Bíblia não concorda com o protestantismo:

Rogo-vos, irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que sejais concordes no falar, e que não haja dissensões entre vós; antes sejais unidos no mesmo pensamento e no mesmo parecer. (1Co 1:10)

sede **unânimes entre vós**; não ambicioneis coisas altivas mas acomodai-vos às humildes; não sejais sábios aos vossos olhos; (Rm 12:16)

3. Por estas passagens, claramente, Paulo ordena que dentro da Igreja primitiva não haja dissensões; ou seja, Lutero deveria ter discutido em *off* com os pais da Igreja, mas fazer o que ele fez foi uma heresia. Ademais, Paulo passa a sua palavra, caso seja ausente, à Igreja; a qual foi coroada pelo Império Romano, e não pelos protestantes.

para que, no caso de eu tardar, saibas como se deve proceder na casa de Deus, a qual é a Igreja do Deus vivo, coluna e esteio da verdade. (1Tm 3:15)

Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja (Mt 16:18)

Realmente, Paulo se refere a Igreja primitiva, a qual deu origem a católica, é a única atestada pela Bíblia. Só reescrevi as palavras que estão nela.

### XXIV. Eis o cristianismo

1. Se você, leitor, chegou até aqui, mas, ainda assim, continua acreditando na fidedignidade deste livro, meus parabéns! A minha razão não me permite. A fé destes tem que ser muito grande e muito tola para pensar que o mal só assola ao incrédulo. Quando seu filho levar um tiro, sua filha for estuprada, uma doença te afligir ou a injustiça endurecer seu coração, lembre-se destas palavras bíblicas:

O que habita no esconderijo do Altíssimo, e descansa à sombra do Onipotente, diz ao Senhor: Meu refúgio e meu baluarte, Deus meu, em quem confio. Pois ele te livrará do laço do passarinho e da peste perniciosa. Cobrir-te-á com suas penas, sob suas asas estarás seguro; a sua verdade é pavês e escudo. Não te assustarás do terror noturno, nem da seta [tiro] que voa de dia, nem da peste que se propaga nas trevas, nem da mortandade que assola ao meio dia. Caiarão mil ao teu lado, e dez mil à tua direita; tu não serás atingido... (Sl 91)

#### É MENTIRA!

O Senhor é o meu pastor; nada me faltará. (Sl 23:1)

#### É MENTIRA!

Então dirão os homens: Deveras há uma recompensa para o justo; deveras há um Deus que julga na terra. (Sl 58:11)

### É MENTIRA!

O justo é castigado na terra; **quanto mais** o ímpio e o pecador! (Pr 11:31)

### É MENTIRA!

Mas a sabedoria que vem do alto é, primeiramente, pura, depois pacífica, moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade, e sem hipocrisia. (Tg 3:17)

**É MENTIRA! Mentira, mentira atrás de mentira, tudo são mentiras.**

2.

*O que se deve ao cristianismo:*

O terrível prejuízo, pois tudo o que tem valor, o que é relevante em primeiro grau, não tem sido levado a sério...

– Agora é que começamos a levar a sério saúde, roupa, alimentação, moradia...

o desperdício de toda grande paixão, de todo entusiasmo, de toda profundidade e de todo refinamento de espírito. (Nietzsche: 2002, p.62)

## 4. KARDECISMO<sup>22</sup>

“Dizem que o kardecismo é a melhor explicação para as atribulações da vida; mas quem disse que a melhor explicação é a verdade? Todavia, em verdade vos digo que o espiritismo explica tudo, mas não resolve nada” (Mateus Davi)

[Quero agradecer ao Professor Mestre Biólogo Júlio César de Siqueira Barros pela imensurável contribuição com seus textos disponibilizados para o público<sup>23</sup>.]

### I. Prolegômenos

1. O grande argumento contra os refutadores é que o kardecismo se considera (pois está longe de ser) uma ciência; ou seja, está supostamente aberta a evoluções. Mas o problema mora justamente nesta “abertura”, pois, a partir do momento que você tem uma religião que concede uma margem às próprias besteiras que diz, fica-se suspeito dentre todo emaranhado de literatura, qual diz mais ou menos besteira do que a outra. Pelas minhas discussões com kardecistas esclarecidos, notei que quando se coloca uma falha evidente de uma suposta comunicação mediúnica diante da face destes, eles refutam que o kardecismo está evoluindo e que não há nada de errado em verificarmos erros, *mutatis mutandis*, o espiritismo pode falar quantas bobagens quiser com a salvaguarda de que os espíritos são falíveis. O problema é discernir o joio do trigo, e problema maior é quando, por exemplo, se considera o homossexual um espírito apegado a uma vida anterior, o assassino uma penitente espiritual, o esquizofrênico um espírito “mau”

<sup>22</sup> Todas as citações dos livros de Kardec estão com seus nomes abreviados, logo: Le, Livro dos Espíritos (1857); Oq, O que é o Espiritismo (1859); Lm, Livro dos Médiuns (1861); Ee, Evangelho Segundo o Espiritismo (1864); Ci, O Céu e o Inferno (1865); Ge, A Gênese (1868). As citações ao realmente primeiro livro de Kardec, isto é, a primeira edição do Livro dos Espíritos (1857), que tem discrepâncias com a segunda (1860), será abreviada como “Le (1ªed)”.

<sup>23</sup> <http://geocities.yahoo.com.br/criticandokardec>

ou inferior, com toda a certeza, mas tal certeza só dura até a ciência provar que é bobagem. O espírita comete a implícita crueldade de, ao ver um deficiente físico, no mínimo pensar: “certamente não foi uma boa pessoa na vida passada”. São tais afirmações precipitadas que nos remetem a acreditar que esta é certamente uma religião digna de ser contrariada; jamais poderemos aceitar que uma criança com deficiência física em detrimento de uma mãe fumante seja alguém destinado a sofrer por culpa, exclusivamente sua, quando sequer podemos saber até que ponto isto poderia ser verdade, uma vez que os espíritos se contradizem tanto quanto os livros da Bíblia. Tal precipitação nos faz esquecer de que as estatísticas mostram [dados circunscritos nos E.U.A (Sagan: 1996, p. 156-157)] que 85% dos presidiários americanos violentos sofreram abusos sexual na infância [mas a pessoa é violenta por que foi abusada ou por que o espírito está afastado de Deus?], 66% das mães adolescentes sofreram abuso sexual ou foram estupradas [mas o que determina o “desvio” é o espírito ou a história de vida?], “as vítimas de estupro são dez vezes mais propensas a ter o vício da bebida ou das drogas do que as outras mulheres” [mas eles insistem em dizer que o alcoolismo é um mal espiritual].

2. O problema é que muita coisa provavelmente jamais será comprovada, como a reencarnação. Eis que você pode estar acreditando numa mentira, mais um errinho de Kardec, que só porque a ciência não provou o contrário você acredita.

3. Colocamos abaixo, falha a falha e contradição a contradição encontrados nos principais livros da doutrina, esta que se diz a fé raciocinada não passa pelo crivo do bom senso simplesmente por ser incognoscível verificar a credibilidade dos espíritos que supostamente falam com as pessoas, caindo no ridículo de afirmar que o espírito era inferior quando fala bobagens, e superior quando fala verdades, mas, com o tempo, todos livros espíritas nos mostra as brechas que deixaram escapar e foram capturadas pela ciência – então todos os espíritos falam bobagens! –, colocando simplesmente todos os fenômenos de psicografia dignos de desconfiança e, caso tenham mesmo ocorrido,

certamente foram ditados por espíritos inferiores, inclusive os de kardec, apesar de insistir no contrário. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.

## II. Por que o kardecismo não é cristão?

1. É muito interessante uma doutrina se julgar cristã, mas renunciar a maior parte dos ensinamentos do próprio Jesus, fragmentando e destacando frases e passagens escolhidas a dedo, as quais, curiosamente, são as que justamente renunciam a possibilidade da coexistência cristianismo-kardecismo numa única pessoa, pois são excludentes entre si. Vamos dar a luz aqui ao fato notório de que os ensinamentos do Nazareno são irreconciliáveis com a doutrina de Kardec. Na minha opinião pessoal, é fato notório que Jesus sequer existiu, para aqueles que contemplam da mesma opinião sabem, de antemão, que o kardecismo já começa errado ao admitir a passagem física de Jesus pela Terra. (Le q. 856, 802, 665, 131)

2.

Quando o levaram dali tomaram um certo Simão, Cireneu, que vinha do campo, e puseram-lhe a cruz às costas, para que a levasse após Jesus (...) E levavam também com ele outros dois, que eram malfeitores, para serem mortos (...) Quando chegaram ao lugar chamado Caveira, ali o crucificaram, a ele e também aos malfeitores, um à direita e outro à esquerda.

(...) Então um dos malfeitores que estavam pendurados, blasfemava dele, dizendo: Não és tu o Cristo? salva-te a ti mesmo e a nós. Respondendo, porém, o outro, repreendia-o, dizendo: “Nem ao menos temes a Deus, estando na mesma condenação? E nós, na verdade, com justiça; porque recebemos o que os nossos feitos merecem; mas este nenhum mal fez.”

Então disse: “Jesus, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino.”

Respondeu-lhe Jesus: “Em verdade te digo que **hoje** estarás comigo no paraíso.” (Lc 23:26-43)

Se um malfeitor em uma única vida, só por ter se arrependido e confessado sua fé em Deus e Jesus conseguiu absolvição imediata,



aonde os kardecistas viram nos ensinamentos de Jesus algo como a salvação segundo as obras? Por que este malfeitor não precisou de centenas de vidas para poder adentrar no mundo de Jesus (espírito superior)? Em que vida tal malfeitor pagará pelos seus pecados se ele pegou passagem direto para os reinos superiores? Não se esqueçam que o espírito não retrograda (Le q.118, 178a, 194a, 612) e há um “imensa lacuna” (sic.) entre nós e Deus (Le introdução: XVII). Até quando os kardecistas se intitularam cristãos?

3.

Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? E em teu nome não **expulsamos demônios**? E em teu nome não fizemos muitos milagres? Então lhes direi claramente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim. (Mateus 7:21-23)

Que perturbador não deve ser para o kardecista (bem como o pastor evangélico) explicar esta passagem. Mas as passagens que contrariam a crença na reencarnação são incontáveis:

Não se achará no meio de ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro, nem encantador, nem quem consulte um espírito adivinhador, nem mágico, nem quem consulte os mortos; pois todo aquele que faz estas coisas é abominável ao Senhor, e é por causa destas abominações que o Senhor teu Deus os lança fora de diante de ti. (Dt 18:10-12)

Quanto àquele que se voltar para os que consultam os mortos e para os feiticeiros, substituindo-se após eles, porei o meu rosto contra aquele homem, e o extirparei do meio do seu povo. (Lv 20:6)

O homem ou mulher que consultar os mortos ou for feiticeiro, certamente será morto. (Lv 20:27)

A quem tenho eu no céu senão ati? (Sl 73:25)

Porque se lembrou de que eram carne, um vento que passa e não volta. (Sl 78:39)

Os mortos não louvam ao Senhor (Sl 115:17)

Quem subiu ao céu e desceu? (Pr 30:4)

porque esse é o seu quinhão; pois quem o fará voltar para ver o que será depois dele? (Ec 3:22)

Já não verei mais ao Senhor na terra dos viventes; jamais verei o homem com os moradores do mundo. (Is 38:11)

Se alguém disser alguma palavra contra o Filho do homem, isso lhe será perdoado; mas se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste mundo, nem no vindouro. (Mt 12:32) [para que serve então reencarnar?]

Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos pregasse **outro evangelho** além do que já vos pregamos, seja anátema. (Gl 1:8) [Que tal Evangelho Segundo o Espiritismo?]

Porque a lei foi dada por meio de Moisés; a **graça** e a verdade vieram por Jesus Cristo. (Jo 1:17) [“Graça” significa “perdão, dispensa de pena, despacho”. Esta interpretação é condizente com a idéia da salvação dos pecados por Jesus, mas incoerente com a tese kardecista de que pagaremos pelos nossos pecados em outras vidas. Afinal, segundo a Bíblia, Jesus já, de antemão, nos salvou. Repito, não sou eu quem diz, mas a Bíblia, ou se é cristão ou se não é].

E, como aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo depois o juízo (Hb 9:27)

4. Como já demonstrado no capítulo anterior deste livro, não existe “ensinamento de Jesus” sem existir “ensinamento da Bíblia na íntegra”. Por que? Jesus não escreveu uma única linha, tudo o que temos dele fora supostamente revelado por Mateus, Marcos, Lucas e João. Se

Lucas, segundo os espíritas, é confiável para falar de Jesus nos Evangelhos, por que não seria quando fala no Livro de Atos dos Apóstolos? Da mesma forma que se João é confiável para falar de Jesus em seu Evangelho, por que não seria nas suas Epístolas e Livro do Apocalipse, o qual é definitivamente avesso a crença na continuidade da vida material? Se não existe um argumento **racional** para admitir um e não o outro os espíritas deveriam admitir toda a literatura, no mínimo, neotestamentária. O curioso é que são justamente as cartas de Paulo que são diretamente contra consultar os mortos. O mesmo Paulo que recebeu o ministério de Jesus no livro do apóstolo Lucas, que é o mesmo autor do Evangelho de Lucas, evento que, curiosamente, foi confirmado pelos espíritos (Ese I:11), mas por que não se aceita as consequências de um evento real e assegurado? Oras, se os ensinamentos e atos, segundo Lucas, de Jesus, compilam tanto o que está em seu Evangelho como o que está em Atos, por que se admite um e não o outro? Por que não convém? Ao gosto do freguês? Bom, Paulo é abertamente contra o espiritismo, e Paulo é um ministro de Jesus, mas por que, afinal, **racionalmente**, admite-se um e não o outro? Ao meu ver seria muito mais simples o kardecista se dizer tão-somente espírita e não se embandeirar na fileira desmerecida de cristão.

5. Eles dizem: “As três revelações: Moisés, Cristo, Espiritismo. Aliança da Ciência e da Religião”; mas quem poderá acreditar? A desculpa kardecista para o cristão-espírita é de que Deus não poderia revelar a verdade integralmente, pois o povo supostamente não estaria preparado para a Verdade escancarada. Seria a razão para ele falar em parábolas. Entretanto, isto também significa que Deus considera os povos orientais superiores aos ocidentais, os quais, milênios de anos antes de Moisés supostamente passar pela Terra já acreditava em espíritos e reencarnação, isto é, se os hindus já estavam preparados para crer, e creram, e não aconteceu um dilúvio por causa disso, por que os judeus não estavam? Ou a palavra de Deus é tão mesquinha que só leva os europeus em conta? Este Deus que muda de opinião é o Deus que o kardecista acredita, pois até mesmo a Bíblia diz que a palavra de Deus é

para sempre (1Pe 1:25). Quem dera, ademais, se o único problema desta filosofia fosse este.

6.

(...)saiu-lhe ao encontro um homem da cidade, possesso de demônios (...). Quando ele viu a Jesus, gritou, prostrou-se diante dele, e com grande voz exclamou: Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Rogo-te que não me atormentes. Porque Jesus ordenara ao espírito imundo que saísse do homem. Pois já havia muito tempo que se apoderara dele (...) Perguntou-lhe Jesus: Qual é o teu nome? Respondeu ele: Legião; porque **tinham entrado nele muitos demônios**. (...)

Ora, andava ali pastando no monte uma grande manada de porcos; rogaram-lhe, pois que lhes permitisse entrar neles, e lho permitiu. **E tendo os demônios saído do homem, entraram nos porcos**; e a manada precipitou-se pelo despenhadeiro no lago, e afogou-se.

(...) foram ter com Jesus, a cujos pés acharam sentado, vestido e em perfeito juízo, o homem de quem havia saído os demônios; e se atemorizaram. Os que tinham visto aquilo contaram-lhes como fora curado o endemoninhado. ((Lc 8:27-36)

Como o espiritismo não admite demônios propriamente ditos, senão espíritos obsessores que outrora foram homens, significa então que na realidade o homem do trecho estava apenas sendo obsediado. Entretanto, se, de acordo com o espiritismo, não existe metempsicose (Le q.611-613), isto é, encarnação de espíritos de homens em animais, o que moveu os porcos então? Afinal, tampouco os animais têm as características necessárias [perispírito, fluído universal e animal adequados] para incorporar um espírito qualquer. O que aconteceu nesta passagem então?

“Se os espíritos não são confiáveis para interpretar a Bíblia, que é do nosso mundo, por que devo confiar na interpretação do além-terra, que é do mundo deles?” (Mateus Davi)

### III. Espiritismo e revelação

1. Os mais instruídos sobre o espiritismo, sabendo das falácias legadas por Kardec, tendem a dizer que “o codificador foi só mais um”, que “não inventou nada, pois o espiritismo sempre existiu”. Que o espiritismo sempre existiu realmente é fato notório, aliás a suposta comunicação com o mundo além-túmulo data de antes mesmo do Êxodo hebreu [hinduísmo], ou da aparição de algum suposto Salvador da Humanidade [budismo], até mesmo desta noção no ocidente [catarismo].

2. Bom, o espiritismo, isto é, a crença na comunicação com os espíritos, realmente não foi inventada por Kardec, mas o que dizer da doutrina espírita? Se por um lado você pode dizer que Kardec está proscrito, você não pode dizer que a crença na reencarnação, evolução dos espíritos, pluralidade dos mundos, não-regressão espiritual, etc., não são frutos da filosofia kardecista. Por isso que o espírita que segue a doutrina com base na filosofia de kardec, é kardecista [embora eles detestem este termo].

3. Das crenças do mundo podemos destacar as espiritualistas, das espiritualistas podemos destacar as reencarnacionistas, das reencarnacionistas podemos destacar as espíritas, das espíritas podemos destacar as kardecistas. O candomblé, por exemplo, é espírita, mas de forma alguma podemos dizer que eles seguem a filosofia de Kardec, logo, dentre os espíritas temos mais de uma vertente, o nosso estudo se refere aos kardecistas.

4. Para legitimar sua crença, Kardec interpretou a volta prometida por Jesus, não como um retorno em forma humana nem como Espírito Santo, mas em uma nova mensagem, a Terceira Revelação, da Verdade integral. Por isso que o principal espírito que orientou a publicação dos livros de Kardec se intitulou o Espírito da Verdade (cf. Ci VI:24; Ese introdução).

5. Logo, a base da doutrina espírita [que segue os preceitos de Kardec] é, e só pode ser, o legado deixado pelo próprio Kardec. Para

justificar a sua crença é necessário ter algo como base. Baseado em que você acredita em reencarnação? Baseado em que você acredita que o homossexual é alguém sob influência da matéria anterior? Se você não tiver um livro de alguma autoridade como base, sua crença é sem base ou você é autoridade no assunto. Se você é autoridade no assunto você deve conhecer bem todas as religiões e explicar suas fontes divinas ou não para afirmar “x” ou “y”. Se você não é autoridade no assunto, você simplesmente deturpou uma crença anterior, pegando do kardecismo só o que convém. É muita presunção crer que a Verdade seja exatamente aquilo que você gostaria que fosse verdade, sobretudo se baseando numa meia-verdade ou inverdade. Eis o que chamo de fé sob medida: o nome disso nem deveria ser fé, senão hipocrisia.

#### IV. Problemas da crença na reencarnação

1. Se até mesmo o ser em estado não-corpóreo tem livre-arbítrio e sofre (Le 332-335a), convive com outros espíritos, conversa, se move, para que serve então reencarnar? Se a alma não é imaterial como pode ser eterna, se nada material é eterno (mantendo a mesma natureza)? Ainda argumentarão que a alma, o espírito, na realidade, é semi-material. Não obstante a imensa dificuldade que os próprios espíritas têm para definir o que é algo semi-material, eu ainda refuto: este tal de semi-material não tem propriedades imateriais, pois não é imutável; mas também não tem propriedades materiais, pois é eterno. O que é isso então?

Como é, pergunto a mim mesmo, que os canalizadores nunca nos dão informações verificáveis que nos são inacessíveis por outros meios? Por que Alexandre, o Grande, nunca nos informa sobre a localização de sua tumba, Fermat sobre o seu último teorema, James Wilkes Booth sobre a conspiração do assassinato de Lincoln, Hermann Goering sobre o incêndio do Reichstag? Por que Sófocles, Demócrito e Aristarco não ditam as suas obras perdidas? Não querem que as gerações futuras conheçam as suas obras-primas? (Sagan: 1996, p. 201)

2. De acordo com a doutrina, todas as almas foram criadas simples e ignorantes (Le q.114-133). Para explicar a diversidade de desenvolvimento intelectual e moral, o espiritismo relaciona isso com a diversidade de idades entre os espíritos, bem como pela prática do livre-arbítrio (Oqe III:113). Para ilustrar melhor, eis o fragmento:

Se Deus tivesse feito almas mais perfeitas, umas que as outras, essa preferência não seria conciliável com a sua justiça. Sendo todas suas criaturas, **por que isentaria umas do trabalho**, que impõe às outras, para alcançarem a felicidade eterna? A desigualdade das almas, quanto à sua origem, seria a negação da justiça de Deus. (Oqe III:112)

O texto realmente parece claro, também sabemos que as almas são eternamente criadas por Deus (Le q.78,80), talvez isso dê uma aparente justificativa à “diversidade de trabalho” entre uma e outra alma, nos dias de hoje. Mas não é mesmo surpreendente imaginar como seria a primeira legião de espíritos que Deus criou? Todos simples e ignorante, como os primatas na Terra? Entretanto, bem sabemos que os neanthertales foram subjugados aos homo sapiens porque havia diferença de inteligência entre eles, e também não podemos esquecer da decisiva ação do meio-ambiente, tornando o homem mais forte, mais claro ou negro, mais resistente, etc., em diferentes quantidades entre os diferentes povos e em diferentes quantidades até mesmo entre os mesmos indivíduos do mesmo povo. Bom, se isso ocorreu com a primeira legião de espíritos, certamente Deus não foi justo, pois uns tiveram mais possibilidades de se desenvolver do que o outro. Se isso não ocorreu, significa que todos os espíritos se desenvolveram em igualdade de velocidade e qualidade, ou seja, todos alcançaram pureza passando por mundos tais que eram o supra-sumo da democracia, onde até a inteligência era eqüitativa, então Deus não foi justo conosco, pois trabalhamos mais do que a primeira legião trabalhou. Eis só o começo das falhas do kardecismo.

3. O espiritismo, curiosamente, nega mais de uma vez o livre-arbítrio que ele prega, ao impor, por ordem de Deus, o avanço espiritual

(Le q.337). Através de existências cada vez mais dolorosas e providas de grande sofrimento, Deus, destarte, força o desenvolvimento e nega o livre-arbítrio.

4. Mas de onde Kardec tirou a idéia de reencarnação? Seria um escândalo dizermos que ele se baseou no budismo ou hinduismo, pois ele sempre se referiu a tais crenças como antiquadas e de inferências equivocadas, mas dizemos que foram passadas pelos espíritos, preferencialmente superiores, mas o que parece, entretanto, é que tais seres eram inferiores. Bom, segundo o próprio Kardec, foi através dos espíritos que ele chegou a esta conclusão; mas sua metodologia é confiável?

Na *Revista Espírita* de novembro de 1858, página 296 (artigo "*Da Pluralidade das Existências Corpóreas*"), Kardec fala sobre a reencarnação, dizendo que é um tema ainda polêmico. Diz ainda que ele foi levado a acreditar na reencarnação devido às comunicações dos espíritos sobre esse assunto, e devido à lógica desse sistema explicativo. Afirma ele que desde que iniciou seus estudos espíritas, teve oportunidade de consultar "mais de cinquenta médiuns" a respeito dessa questão da reencarnação, "e que, **em nenhum caso, os Espíritos foram desmentidos** sobre essa questão;" (**grifos meus**). Essa afirmação não pareceu muito clara para mim. É mais ou menos como se desse margem à seguinte pergunta: "Sim. Cinquenta não desmentiram a reencarnação. Mas quantos afirmaram que há reencarnação, e quantos afirmaram que a reencarnação é compulsória e necessária?". (Barros: 2003, p.28)

Essa justificativa numérica não só é ridícula, como, ao que parece, sob a luz da ciência atual, caiu por terra em outras passagens.

Na *Revista Espírita* de março de 1858, página 70 (artigo "*Júpiter e Alguns Outros Mundos*"), Kardec fala sobre as revelações a respeito da vida de seres corpóreos nos diversos planetas do nosso Sistema Solar. Ele apresentava tais informações do seguinte modo:

*Para nós, que fomos cem vezes testemunhas destas comunicações, que pudemos apreciá-las em seus menores detalhes, que nelas escrutamos o forte e o fraco, observamos as semelhanças e as contradições, encontramos todos os caracteres da probabilidade; todavia, não lhes damos senão sob o benefício de inventário, a título de notícias, aos quais cada um está livre para ligar a importância que julga adequada.*

Aqui temos "cem vezes" o testemunho e a análise minuciosa de comunicações levando a uma identificação de "todos os caracteres da probabilidade". Mas acontece que esta "revelação" específica está em profundo desacordo com o que é admitido pela ciência atualmente (vida relativamente semelhante à humana em Marte, Vênus, Júpiter, etc.). Se compararmos isso com os "cinquenta não desmentidos" quanto à reencarnação, seríamos talvez levados atualmente à conclusão de que há "aí" (ou seja, na questão da reencarnação) "todos os caracteres da improbabilidade". (Barros: 2003, p.29)

5. Como você pode conferir pela forma que eu fiz a citação, tal opinião não é só minha. Estou demonstrando, item por item, passagem por passagem, que da crença em espírito até a reencarnação há tantos tropeços e inferências esquisitas que não batem com qualquer pretensão científica ou filosófica de um sistema fechado.

6. Os espíritas unanimemente argumentam que o esquecimento dos atos do passado, da vida anterior, é supostamente uma benção [é uma pena, contudo, que este esquecimento seja justamente o sustentáculo da dúvida na tese].

Ocorre que o que se dá no mundo espiritual não tem analogia no mundo terrestre, embora sejam aplicados nos mesmos seres, afinal, ninguém esquece os dados marcantes do passado naturalmente. O que me faz crer, contrariando o que a crença proclama, que a Lei de Deus não é a Lei da Natureza, senão teríamos uma contradição que periclita a própria tese que promove.

7. Acaso se eu cometo um crime, mesmo sem esquecê-lo, não posso me arrepender verdadeiramente? Acaso todo bandido defende a virtude do crime a vida toda? Acaso não existe reforma íntima e arrependimento verdadeiro justamente nesta vida? Onde mora, então, a lógica de expiar por um pecado que jamais se conhece, com causas nunca reveladas?

Sem dúvida, entretanto, teríamos mesmo inconvenientes se soubéssemos que nosso filho ou nosso pai foi quem nos matou em outra vida, mas Deus não poderia proporcionar uma relação na qual não tivéssemos meios de nos vingar? Saber que nosso pai nos matou um dia, mas saber que também já matamos outras pessoas, também em outras vidas, já não nos daria compreensão mais do que suficiente para não sermos tão duros ou sermos indiferentes a este fato? Não é Deus onipotente o suficiente para criar este sistema? A humanidade não evoluiria em todo o globo mais rapidamente se já reiniciássemos de onde paramos, sem termos que cumprir os dramas da educação e cultura da adolescência?

8. Eu não poderia, ainda mais além, reencarnar num lugar inédito aos que me rodeiam, onde ninguém recorda do que eu fui ou fiz e vice-versa [destarte, livre da memória daqueles]? Não vejo razão alguma para que compulsoriamente conviva durante várias vidas no meio das mesmas pessoas? Deus acaso não é suficientemente inteligente para fazer com que passamos por provações sob diferentes circunstâncias que não necessariamente o resgate da dívida diretamente ao que me infligiu?

Ou então, ainda que eu reencarnasse no meio destas pessoas, as quais já conviveram comigo em outras encarnações, não poderíamos esquecer tão somente aquilo que representasse um obstáculo a minha evolução, sem esquecer o que não prejudica em nada? Por exemplo, que um dia morri no parto? Ou que fui uma outra vida um simples retardado mental? Ou aquelas determinadas encarnações, primitivas ou não, onde as pessoas do meu meio hoje não passaram comigo pela Terra? Por

que precisamos esquecer necessariamente tudo se só algumas encarnações poderiam ser consideradas perniciosas?

9. Não há respostas simplesmente porque não há lógica. O espiritismo faz tanto sentido quanto a teoria do *Matrix*, isto é, o sistema que propõe se fecha porque é ininteligível, intangível, incrível, improvável. Porém, coisa singular, não só não se refuta como não se prova cientificamente. Porque, em ambos os casos, tanto na *Matrix* quanto no espiritismo, não há o que refutar. Porque não ciência de qualquer evidência do espiritismo ou da *Matrix*. No tocante a coerência, ambos são igualmente sustentáveis. No tocante a cientificidade, ambos são igualmente improváveis. No tocante a imaginação, ambos são igualmente criativos [embora o espiritismo seja adaptação de crenças orientais]. Por que, pergunto eu, se aceita um e se refuta o outro? Repito, não há respostas simplesmente porque não há lógica, embora assim pretenda os defensores desta tese ser.

## V. Método

1. Ao espírita convém perguntar se o móvel da sua escolha é uma resolução religiosa ou científica. Se a resolução é religiosa, não passa pelas provas empíricas e não nos dá conclusões lógicas, o assunto está encerrado, ele acredita porque acredita, neste caso, não há mais nada a dizer. Mas se meu interlocutor responde que a base da sua crença é científica, é mister fazermos algumas observações. Como a reencarnação, mundo espiritual, pluralidade de mundos habitados são idéias não-comprovadas, o kardecismo é uma teoria. Dificilmente você ouvirá dizer que algum teórico moldou toda sua vida em pró de agir tal qual sua teoria prescrevia. Seria algo como crer que um teórico que formulasse uma tese incomprovada de que venenos de ratos curam câncer, caso este tenha câncer, realmente venha a ingerir o medicamento, em nome da teoria. Então, o que vemos no espírita? Ele acredita na sua teoria veementemente. Crença científica? Na verdade, tendo em vista que é ciência, a crença é numa teoria, e todas as orações, reformas íntimas, conversas mediúnicas, são consequências de uma

hipótese. E tal hipótese delineia a vida inteira de uma pessoa que, segundo ela mesma, pois é ciência, não passa de uma teoria, de uma hipótese. Isto, se não é ridículo, é, no mínimo, risível.

2. Mas, em termos práticos, o que podemos dizer sobre a cientificidade do legado kardecista? O biólogo Julio César de Siqueira Barros [vide bibliografia] nos deixa um interessante legado sobre os passos do codificador.

Pelo menos professamente, Kardec era crente no indutivismo científico, ou seja, ele alegava a inexistência de idéias pré-concebidas em suas investigações (isto é, em seu modo de conduzir suas pesquisas). Tal idéia de Kardec, além de ingênua e incorreta (à luz das visões das filosofias da ciência atuais, e à luz do atual conhecimento a respeito do inconsciente - há inclusive, na área da filosofia da ciência, o termo "indutivismo ingênuo"), chega a se constituir em notável contradição para alguém que se acreditava "pré-concebido", ou seja, reencarnado: como pode alguém que é reencarnado não possuir idéias ou pelo menos intuições pré-concebidas a respeito do espiritismo?

Kardec era claramente "elitista", acreditando que o trabalho intelectual é uma forma superior de atividade humana-espiritual, e que o trabalho manual é algo inferior a esse respeito. Existem críticas a seu respeito que dizem que ele relegava certo desprezo, no seus estudos do espiritismo, aos fenômenos físicos e à experimentação prática correlata (vide o texto do site kardecista Novavoz, onde consta um prefácio do livro *Os Quatro Evangelhos* de Roustaing constante da edição de 1920, prefácio esse que teria sido, segundo Novavoz, posteriormente expurgado pela FEB - <http://novavoz.org.br/polemico-06.htm>).

(...)

Era confiante em demasia na sua própria lógica (e confiante em demasia na "lógica" em si). Igualmente, não sendo médium, era confiante em demasia na sua intuição, ou seja, na sua capacidade de através do uso da sua intuição humana normal entender o que era apropriado para o movimento espírita que dirigia. Em pelo menos alguns pontos importantes, alterou o conteúdo de trechos de seus livros espíritas sem motivos claramente expostos, itens esses de graves consequências para a

natureza e credibilidade do espiritismo (vide a questão da "tendência inata para o homicídio", presente na primeira edição do *Livro dos Espíritos*, de 1857 e retirada na segunda, a que se tornou a definitiva, de 1860. E também o texto considerado potencialmente "não apócrifo" de autoria de "Jesus de Nazaré", segundo relatado na parte final do *Livro dos Médiuns*, e que aparece novamente no *Evangelho Segundo o Espiritismo* com a assinatura alterada para "Espírito de Verdade" e principalmente com estranhas alterações no corpo do texto...). (Barros: 2003, p.06)

Nesta crítica direta a Kardec, Julio Siqueira [como é mais conhecido], conclui que: “Kardec erigiu todo um sólido e robusto sistema de crenças (que ele rotulava de Fé Raciocinada) sobre um oceano abismal e tenebroso de dúvidas.” Assim começa a obra de Siqueira, primeiro, nos fazendo duvidar de quem Kardec é; bom, ninguém confiaria num mentiroso. A partir daí, então, Siqueira começa a explicar as bases do kardecismo, depois passa a contestar, não mais Kardec como pessoa, mas a sua metodologia.

Certa vez, em uma ata de reunião da *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos*, se fez menção expressa à necessidade de que não fossem tratados temas que pudessem conflitar com dogmas religiosos, pois que havia em tal sociedade membros praticantes de vários credos religiosos! Isso é pouco conhecido mesmo de alguns bons estudiosos do espiritismo na atualidade, além de sem dúvida ser algo que parece bem estranho aos nossos olhos atualmente. E causava, na época, muito mais estranheza ainda! Um outro aspecto "científico" no procedimento de Kardec era a importância que ele dava à "replicação" de uma determinada observação por vários "pesquisadores independentes". (Barros: 2003, p.09)

3. Após explicar a metodologia de trabalho de Kardec, Siqueira demonstra a primeira contradição evidente: a de que Kardec afirma, em diversos momentos, que ninguém imaginou a explicação “espíritos” para tais fenômenos, mas ele mesmo afirma (Le: introdução) que o fenômeno já tinha sido observado outrora (1853), bem como na “mais alta Antiguidade”. Ainda cita o caso das irmãs Fox, no qual, uma criança de apenas 9 anos (1848) já entendia um personagem que

conversava como um espírito (cf. Barros: 2003, p.13-14). A intenção de Siqueira, nesta parte do texto, não é a de demonstrar exatamente contradições, como farei exclusivamente em outro subcapítulo, mas de nos fazer duvidar da credibilidade de Kardec e seu método. Voltando ao texto, Siqueira cita o evento curioso de que Kardec recebeu 50 cadernos de ilustres franceses com textos psicografados.

Sem dúvida, não se trata de nada de extraordinário, e é bem possível que tais cadernos de fato tenham existido e desempenhado papel importante na elaboração da primeira edição do *Livro dos Espíritos*. Um dado adicional curioso é comentado por Wantuil e Thiesen (Allan Kardec - Pesquisa Bibliográfica e Ensaio de Interpretação, vol. 2, pág. 71). Eles afirmam que o conteúdo de tais cadernos teria sido obtido principalmente através do trabalho da sonâmbula e médium Srta. Japhet. Se assim de fato foi, então os cinquenta cadernos, obtidos pela Srta. Japhet, foram usados como insumos para os trabalhos junto com a Srta. Caroline Baudin, tendo o resultado de tais trabalhos sido posteriormente revisto pela Srta. Japhet, e daí levando à elaboração da primeira edição do *Livro dos Espíritos*. Ou seja: Japhet -> Baudin -> Japhet-> *Livro dos Espíritos*. Um percurso um tanto quanto circular e restrito. (Barros: 2003, p.15)

Eu acrescentaria que é restrito demais para concluir qualquer coisa, e ingênuo demais para ser científico. Logo adiante, Siqueira deixa claro que o único lugar onde se encontra qualquer referência sobre Kardec ter escrito seu livro por “mais de dez outros médiuns” é o livro *Obras Póstumas*, que é tão veementemente negado quando fala em racismo, entretanto, aceito quando fala de números favoráveis. Logo adiante, são destacados os trechos que falam sobre os métodos de comunicação com os espíritos (Lm n.153-155) e, em seguida, questionada sua fidedignidade.

Mesmo na fase inicial das "pesquisas" de Kardec, com Caroline Baudin, a médium acabou utilizando-se da psicografia direta, apesar de não sabermos o quanto do *Livro dos Espíritos* foi obtido desta forma. O método anterior utilizado por Caroline Baudin, "*cesta-pião*", apesar de ser descrito por Kardec como imune da interferência do médium, possuía,

contudo, um ponto especialmente fraco a meu ver, pelo que se pode compreender de sua descrição. Kardec diz: "Nem sempre é muito legível a escrita assim feita, por não ficarem separadas as palavras. Entretanto, o médium, por **uma espécie de intuição**, facilmente a decifra.". Com relação aos trabalhos com Caroline Baudin, não sabemos o quanto do trabalho foi obtido por psicografia direta, e não sabemos também, do que foi obtido através da "*cesta-piã*", o quanto constituía-se de textos cuja identificação podia ser feita apenas por ela.

Já com relação à Srta. Japhet, a utilização de um mecanismo aparentemente mais suscetível de interferência do médium ("*cesta de bico*") somada à possibilidade de auxílio através do sonambulismo, são fatores que "enfraquecem" o fenômeno objeto de estudo. (Barros: 2003, p.20)

#### 4. Em seguida, Siqueira questiona a confiabilidade investigativa e postura de Kardec.

Além disso, por mais que de fato Kardec possuísse cuidado com relação a fraudes, muitas vezes só pessoas com vasta experiência em técnicas de ilusionismo conseguem detectar possíveis pontos fracos em mecanismos como, por exemplo, os utilizados pelas médiuns em questão ("*cesta-piã*" e "*cesta de bico*"). E o mesmo pode ser dito com relação ao uso específico destes instrumentos, feito por estas duas médiuns específicas, nas várias sessões específicas acompanhadas por Kardec.

(...)

("Postura epistemológico-filosófica"), considero altamente criticáveis as afirmações freqüentes de Kardec de que ele "não partia de idéias pré-concebidas" e de que "*ninguém pensou na hipótese 'espíritos'; foi o fenômeno que se nomeou como tal*". Tais afirmações parecem ter como objetivo principal, senão exclusivo, construir uma respeitabilidade para as proposições de Kardec (ou para as proposições dos "espíritos" que foram através dele divulgados) perante a visão científica da época; e são, a meu ver, afirmações na verdade com uma base muito fraca. (Barros: 2003, p.21)

#### 5. Depois disto, assim espero, começamos a realmente duvidar do que Kardec legou. Até que ponto o que ele escreveu é ou não confiável?

Até que ponto ele confiou demais em seu método? Se não podemos confiar no autor, o que diríamos da obra?

Veja bem, aqui está em jogo se a crença na reencarnação pode ou não ser considerada como teoria científica; se pode ou não ser considerada com uma explicação racional [que não deve ser confundido com convincente]. A arrogância de Kardec certamente nos deixa grandes dúvidas sobre se o que ele escreveu é digno de estudo.

A distinção entre Espíritos bons e impuros é **extremamente fácil**: A linguagem dos Espíritos Superiores é constantemente digna, nobre, impregnada da mais alta moralidade, imune de qualquer paixão inferior; seus conselhos transpiram a mais pura sabedoria e têm sempre por escopo nossa melhoria e o bem da Humanidade. A linguagem dos Espíritos inferiores, ao contrário, é inconsequente, quase sempre trivial e até grosseira; se dizem por vezes coisas boas e verdadeiras, dizem-nas mais freqüentemente falsas e absurdas por malícia ou por ignorância; tiram todo proveito da credulidade e se divertem à custa dos que os interrogam, ora insuflando-lhes a vaidade, ora embalando-lhes os desejos com falsas esperanças. Em suma, as comunicações sérias, na verdadeira acepção da frase, só serão transmitidas nos centros sérios, naqueles em que os companheiros se acharem unidos por íntima comunhão de pensamentos visando ao Bem. [Le (1ªed) p.12]

Honestamente, se nem saber se um fenômeno é ou não é falso é uma atividade trivial, o que dizer de identificar seres que conhecem sua mente como um livro aberto (Lm n.237; Oqe II:17)? Siqueira, então, atento a isso, parte para o ataque.

Há um aspecto, porém, ainda mais problemático neste sub-item da "concordância". Não se trata exatamente de uma falha deste sub-item em si, mas sim uma contrapartida que surge do uso dele. Usar o critério da "concordância" exige, como contrapartida, uma demonstração de que a "concordância" de fato ocorreu. E nesse ponto em particular, apesar de Kardec ter de fato fornecido uma demonstração muitíssimo maior e mais sólida do que possivelmente qualquer religião de seu tempo (e talvez mesmo maior e mais sólida do que algumas "ciências" de seu tempo ou do nosso), a "demonstração da concordância" fornecida por Kardec situou-se



muitíssimo abaixo do requerido para que se possa considerar os itens da "Teoria Espírita Kardecista" como  fatos, ou mesmo para que se possa considerá-los como uma teoria científica estabelecida com um mínimo de solidez. (Barros: 2003, p.23)

6. A linha de defesa “da contrapartida” adotada por Siqueira é a de demonstrar que a classificação dada por Kardec aos espíritos contraria justamente o julgamento que ele fez dos próprios espíritos que se comunicavam com ele direta ou indiretamente.

Kardec afirma que "Todo espírito que, em suas comunicações, trai um mau pensamento, pode ser classificado na terceira ordem.". Julgar o que é o "bem" e o que é o "mal" é uma tarefa muito difícil, bastante subjetiva, e também fortemente sujeita aos nossos condicionamentos culturais e históricos. Por exemplo, o espírito "São Luís" (que era tido mais ou menos como um "presidente espiritual" da *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos* ao tempo de Kardec) em algumas ocasiões emitiu opiniões que para mim parecem claramente oriundas não de um "Espírito Superior", como ele era considerado por Kardec e demais membros da *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos*, mas na verdade procedentes de um espírito da terceira e mais inferior das ordens espíritas: a ordem dos espíritos imperfeitos. (Barros: 2003, p.24)

Para demonstrar que o julgamento de Kardec sobre os espíritos, confrontados com a classificação que ele próprio criou é falho, Siqueira cita uma passagem do livro *O Céu e o Inferno* (2Ci V) onde se conta a história de um pai que se suicida para que o filho fosse desobrigado dos serviços militares.

São Luís, um espírito considerado superior é evocado para dar seu parecer sobre o assunto e diz que “este espírito sofre justamente, pois lhe faltou a confiança em Deus, falta que é sempre punível.”. Então Kardec discorre melhor sobre o assunto:

À primeira vista, como ato de abnegação, este suicídio poder-se-ia considerar desculpável. Efetivamente assim é, mas não de modo absoluto. A esse homem faltou a confiança em Deus, como disse o Espírito S. Luís.

A sua ação talvez impediu a realização dos destinos do filho; ao demais, ele não tinha a certeza de que aquele sucumbiria na guerra e a carreira militar talvez lhe fornecesse ocasião de adiantar-se. A intenção era boa, e isso lhe atenua o mal provocado e merece indulgência; mas o mal é sempre o mal, e se o não fora, poder-se-ia, escudado no raciocínio, desculpar todos os crimes e até matar a pretexto de prestar serviços. (...) O suicídio mais severamente punido é o resultante do desespero que visa a redenção das misérias terrenas, misérias que são ao mesmo tempo expiações e provações. Furtar-se a elas é recuar ante a tarefa aceita e, às vezes, ante a missão que se devera cumprir. (2Ci V)

7. As observações de Siqueira, neste ponto, merecem serem transcritas:

Curioso que ninguém viu o mérito de se impedir que o filho cometesse homicídios e diversos outros tipos de destruições na guerra. Kardec enxerga a possibilidade de que a "a carreira militar talvez lhe fornecesse ocasião de adiantar-se.", mas não assinala que isso se daria às custas possivelmente da morte de outros. E ele incorre em inacreditável incoerência ao dizer "mas o mal é sempre o mal, e se o não fora, poder-se-ia, escudado no raciocínio, desculpar todos os crimes e até matar a pretexto de prestar serviços.". Ele considera o suicídio do pai um mal que não deixou de ser mal apesar das nobres intenções; por um lado, "condena o ato de matar a pretexto de prestar serviços"; e acaba, em franca contradição, apoando o ato de matar a pretexto de prestar serviços (na guerra). De fato, para mim, neste ponto (e de acordo com os meus "condicionamentos culturais e históricos"), São Luís manifestou uma opinião má. Mas Kardec foi ainda pior. (Barros: 2003, p.25)

Então, logo em seguida, colocamos a luz sobre outro caso, no mesmo capítulo, onde narra o suicídio de um ex-noivo com uma facada no próprio peito a porta da casa da ex-preendente. A separação teve como causa uma discussão “por motivos fúteis” onde o rapaz falou que não mais voltaria, se arrependeu e, no dia seguinte, voltou à casa da moça, ela não o atendeu, e então ele se matou. O espírito do rapaz é evocado e afirma sobre seu amor: “Paixão somente, creia; pois se o amor fosse puro eu me teria poupado de lhe causar um desgosto.”.

São Luís, contudo, fez algumas afirmações curiosas. Kardec perguntou: "E o suicídio de Luís tem desculpa pelo desvario que lhe acarretou a obstinação de Victorine?", São Luís responde: "Sim, pois o suicídio **oriundo do amor** é menos criminoso aos olhos de Deus, do que o suicídio de quem procura libertar-se da vida por motivos de covardia."

Observem que: no suicídio do pai que queria evitar que o filho fosse para a guerra, Kardec comenta abertamente que "o suicídio mais severamente punido é o resultante do desespero que visa a redenção das misérias terrenas". Já no caso do apaixonado suicida, "São Luís" fala do atenuante do "amor"! Ou seja, segundo "Kardec-São Luís" é menos punível quem se mata porque a noiva desistiu do casamento do que quem se mata devido a anos de dores lancinantes com alguma doença terminal, como o câncer. (Barros: 2003, p.26)

Para esclarecer ainda mais este ponto de vista de Kardec:

Por isso se vê ainda uma nova confirmação da justiça que preside à distribuição das penas, conforme o grau de responsabilidade dos culpados **É à moça, neste caso, que cabe a maior responsabilidade**, por haver entretido em Luís, por brincadeira, um amor que não sentia. **Quanto ao moço**, este já é de sobejo punido pelo sofrimento que lhe perdura, **mas a sua pena é leve, porquanto apenas cedeu** a um movimento irrefletido em momento de exaltação, que não à fria premeditação dos suicidas que buscam subtrair-se às provações da vida. (2Ci V)

8. Dito isso, e ficando bem clara a irreflexão das opiniões de Kardec e de seus espíritos superiores, Siqueira apunhala.

Então, segundo o juízo de Kardec, é à moça que cabe a maior pena?!! O rapaz abandona a mesa do almoço durante a discussão, sai da casa da sogra dizendo que não vai mais se casar, volta somente no dia seguinte arrependido, e tem que ser recebido com braços abertos? (...) Se mata, e a culpa maior é da moça? De onde Kardec tirou a informação de que "a moça não amava o rapaz, que estava apenas levando avante uma brincadeira"? O jornal de onde este fato foi colhido (*Siècle*, 7 de abril de

1858, segundo consta na *Revista Espírita*, de novembro de 1858, página 262, em artigo que Kardec colocou com o título: *Problemas Morais: Suicídio por Amor*) não dá subsídios para tal conclusão. O "espírito suicida" disse de fato que ela não o amava, mas que ela se iludia, e que foi a briga que lhe abriu os olhos. Nem mesmo "São Luís" diz que ela havia mantido a relação com o moço "por brincadeira", como coloca Kardec. De onde Kardec tirou essa informação e esse julgamento? Novamente, "São Luís" parece ter emitido pensamentos incompatíveis com os de um Espírito Superior. Mas Kardec foi ainda pior. (Barros: 2003, p.26)

Para continuar defendendo a tese da defeituosa classificação dos espíritos por parte de Kardec e de seu julgamento a partir desta premissa, Siqueira cita uma passagem racista [mais adiante assinalaremos mais uma boa porção delas, eis a primeira]

Em outra ocasião (*Revista Espírita*, junho de 1859, página 162), Kardec indagou a "São Luís": "A raça negra é verdadeiramente uma raça inferior?". "São Luís" respondeu: "A raça negra desaparecerá da Terra. Ela foi feita para uma latitude diferente da vossa.". É compreensível que Kardec possuísse idéias relativamente racistas com relação às raças negras, e igualmente que tivesse informações de validade científica altamente duvidosas. Mas o mesmo não pode ser dito de "São Luís", supostamente um Espírito Superior. (Barros: 2003, p.26).

9. Esta é a conclusão, sob a luz do texto do biólogo Júlio Siqueira, sob o método investigativo, pessoa, e coerência de Allan Kardec, o que nos parece, para mim indiscutível, é que se trata de uma idéia altamente suspeita sobre alicerces duvidosos.

## VI. Premissas para refutar o legado kardecista

1. O preconceito suscitado pela "fé raciocinada" é o grande líquido propulsor do meu ímpeto em desmistificá-la. Em nome de um suposto espírito superior se afirma as mais absurdas asneiras e, o que é pior, em nome destas mesmas tolices se vangloria o são em relação ao doente, o inteligente ao problemático, o civilizado em relação ao inculto, o

heterossexual em relação ao homossexual. Tudo invencionices em consequência da crença em fantasmas, a “necromancia científica”.

Antes de apontarmos os erros nos seus livros, veremos o que está escrito nos próprios livros de Kardec com o fim de legitimá-los. Note que, segundo Kardec, todos os seus livros foram ditados por espíritos superiores. Vejamos a noção destes e as consequências:

## 2. Testemunho

Há muitos anos, quando ainda iniciava meus estudos sobre o Espiritismo, estando certa noite entregue a um trabalho referente a esta matéria, pancadas se fizeram ouvir em torno de mim, durante quatro horas consecutivas. Era a primeira vez que tal coisa me acontecia. Verifiquei não serem devidas a nenhuma causa accidental, mas, na ocasião, foi só o que pude saber. Por essa época, tinha eu freqüentes ensejos de estar com um excelente médium escrevente. No dia seguinte, perguntei ao Espírito, que por seu intermédio se comunicava, qual a causa daquelas pancadas. *Era*, respondeu-me ele, *o teu Espírito familiar que te desejava falar*. - Que queria de mim? Resp.: Ele está aqui, pergunta-lhe. - Tendo-o interrogado, aquele Espírito se deu a conhecer sob um nome alegórico (Vim a saber depois, por outros Espíritos, que pertence a uma categoria muito elevada e que desempenhou na Terra importante papel). Apontou erros no meu trabalho, indicando-me *as linhas* onde se encontravam; deu-me úteis e sábios conselhos e acrescentou que estaria sempre comigo e atenderia ao meu chamado todas as vezes que o quisesse interrogar. (Lm V:86)

## 3. Sobre os Espíritos Superiores

**Reunem a ciência, a sabedoria e a bondade.** Sua linguagem, que só transpira benevolência, é **sempre digna, elevada** e freqüentemente sublime. Sua superioridade os toma, mais que os outros, aptos a nos proporcionar **as mais justas noções** sobre as coisas do mundo incorpóreo, dentro dos limites do que nos é dado conhecer. (Le q.111)

Reconhece-se a qualidade dos Espíritos pela sua linguagem; a dos Espíritos verdadeiramente bons e superiores é **sempre digna, nobre, lógica, isenta de contradições** (Oqe II:37)

Os da primeira ordem são os Espíritos Superiores que se distinguem pela **perfeição**, pelos **conhecimentos** e pela proximidade de Deus, pela pureza dos sentimentos e o amor do bem (Le introdução:VI)

Quanto aos Espíritos que se servem de nomes respeitáveis, logo se traem por sua linguagem e suas máximas. Aquele que se dissesse Fénelon, por exemplo, e ainda que accidentalmente ferisse o bom senso e a moral, mostraria nisso mesmo o seu embuste. Se, ao contrário, **os pensamentos que exprime são sempre puros, sem contradições**, constantemente a altura do caráter de Fénelon, não haverá motivos para duvidar-se de sua identidade. (Le introdução:XI)

Só os Espíritos inferiores podem ter, segundo as circunstâncias, uma linguagem diferente, pois os **Espíritos superiores jamais se contradizem**. (Oqe II:98)

O Espírito pode falir na sua missão, por sua culpa?

— Sim, se não for um Espírito superior. (Le q.578)

Pode o homem receber, fora das investigações da Ciência, comunicações de uma ordem **mais elevada** sobre aquilo que escapa ao testemunho dos sentidos?

— Sim, se Deus o julgar útil, pode revelar-lhe aquilo que a Ciência não consegue apreender. (Le q.20).

[sobre uma manifestação de um espírito supostamente superior] Estas explicações são claras, categóricas e isentas de ambigüidade. (Lm IV:75)

A categoria do Espírito se reconhece por sua linguagem: os verdadeiramente bons e superiores têm-na sempre digna, nobre, lógica, imune de qualquer contradição; ressumbra sabedoria, modéstia, benevolência e a mais pura moral. Além disso é concisa, clara, sem redundâncias inúteis. (1Ci X:13)

#### 4. Sobre a autoria dos livros de Kardec

Antes de o divulgares, revê-lo-emos juntos [Espíritos Superiores e Kardec], a fim de controlar **todos os detalhes**. (Le prolegômenos)

Importantes alterações para melhor foram introduzidas nesta segunda edição [do Livro dos Médiuns], muito mais completa do que a primeira. Acrescentando-lhe grande número de notas e instruções do maior interesse, os **Espíritos a corrigiram**, com particular cuidado. **Como reviram tudo, aprovando-a, ou modificando-a à sua vontade**, pode dizer-se que ela é, em grande parte, obra deles (Lm introdução)

Há entre o Espiritismo e os outros sistemas filosóficos esta diferença capital: os últimos são obra de homens mais ou menos esclarecidos, enquanto que naquele que vós me atribuíis **não tenho [Kardec] o mérito de invenção de um único princípio**. (Oqe I:20). [Ou seja, todos os erros encontrados são dos espíritos superiores.]

**A todas as questões que tocam à Doutrina Espírita, jamais respondemos segundo as nossas próprias idéias**, contra as quais estamos sempre desconfiando. **Limitamo-nos a transmitir o ensinamento que nos foi dado**, ensinamento que não aceitamos com leviandade e com um entusiasmo irrefletido. (Revista Espírita: 03/1858, p.70-71)

#### 5. Interpretação e objetividade dos livros

...com a compreensão que o Espiritismo vos dá quanto ao vosso estado futuro real e **não desfigurado pelas ficções alegóricas** (Le q.917). [Ou seja, quando o kardecismo é racista, ele é racista mesmo (leia mais adiante).]

E como é chegado o tempo de substituir a linguagem figurada, dando às coisas um sentido claro e preciso que não possa ser objeto de nenhuma falsa interpretação. (Le q.1010a)

uma boa religião não pode ser o pretexto de um mal qualquer; ela não deve lhe deixar **nenhuma porta aberta, nem diretamente, nem pela interpretação**. (Oqe I:21).

#### 6. Observações minhas

Se o livro foi ditado por espíritos superiores (Oqe I:14), os quais reúnem a sabedoria, sua linguagem é sempre digna, dão as mais justas noções (Le q.111), se distinguem pela perfeição e conhecimento (Le introdução:VI), e não entram em contradições (Oqe II:37,98), jamais falham nas suas missões (Le q.578); mas o livro contém erros e contradições, duas opções: ou os espíritos não são superiores ou o codificador foi quem errou. Se os espíritos não são superiores, Kardec mentiu (Oqe I:14), os espíritos se esqueceram de alertá-lo, e não há nenhuma razão para confiar no restante dos estudos; se os espíritos são superiores, eles mentiram e, na realidade, não são superiores, pois disseram que cuidariam de todos os detalhes da publicação (Le prolegômenos). Ou seja, de uma maneira ou de outra, o espiritismo é uma farsa. Este argumento pode ser utilizado em todas as discussões sobre as falhas da doutrina. Anote-o!

7. Como podemos ver, a literatura kardecista não dá margens para alegorias, foi ditado por espíritos superiores (que se distinguem pela **perfeição**), os quais nos dão as mais **justas** (exatas) considerações por reunirem a ciência e a sabedoria. Mas o que devo inferir se neste mesmo livro, onde “todos os detalhes” foram supervisionados pelos espíritos superiores, contém erros?

8. Note que os espíritos superiores, que se distinguem pela perfeição, não deveriam errar; mas se erram não controlaram todos os detalhes da obra; mas se não controlaram todos os detalhes, ou Kardec mentiu no livro ou os espíritos não são superiores.

9. Outros refutaram dizendo que um erro (na verdade são muitos) não coloca por terra toda uma obra. Mas recordo de Nietzsche e digo

que “para um lago de pureza, uma gota [de sujeira] basta”, que não existe meio-perfeito, que não existe meia-verdade; mas, respectivamente, falhas humanas e mentiras. Segue nosso estudo.

## VII. Kardec e o racismo

1. Nesta passagem, Kardec defende que a reencarnação é a única doutrina que explica as diferenças intelectuais entre uma pessoa e outra, mas olhe o argumento que ele usa para explicar a “inferioridade” do selvagem:

Por que há selvagens e homens civilizados? Se tomarmos uma criança hotentote, de peito, e a educarmos enviando-a depois aos mais renomados liceus, faremos dela um Laplace ou um Newton? (...) Então, por que essa superioridade inata, conferida a alguns [aos civilizados]? (Le q.222)

Obviamente, Kardec não sabia que não existe esta diferença que ele afirma, e todas as filosofias que defenderam a existência de algum tipo de raça superior já caíram por terra, tampouco existe esta diferença “civilizado e selvagem”, do ponto de vista biológico e intelectual (seus DNA são quase indistinguíveis) desde o nascimento, pois, na verdade, contrariando diretamente o que o espiritismo afirma: um descendente de “selvagem” [até o termo já é preconceituoso], pode, caso estude em renomados colégios, ser um Laplace ou Newton sim! Alguns refutadores dizem que o codificador só estava sendo influenciado pela ciência da época, mas ele mesmo diz que os espíritos podem dar noções avançadas em relação à ciência (Le q.20). Aliás, não é mesmo surpreendente que um “cientista” não tivesse dado atenção ao livro de Darwin, que foi publicado apenas dois anos depois de seu primeiro livro, em 1859? Mas Kardec, com toda sua arrogância, estuprando a biologia, não parou por aí:

2.  
“Esses Espíritos dos selvagens, entretanto pertencem à humanidade; atingirão um dia o nível de seus irmãos mais velhos, mas **certamente** isso

**não se dará no corpo da mesma raça física, impróprio a certo desenvolvimento intelectual e moral.** Quando o instrumento não estiver mais em relação ao desenvolvimento, emigrarão de tal ambiente para se encarnar num grau superior, e assim por diante, até que hajam conquistado todos os **graus terrestres**, depois do que deixarão a Terra para passar a mundos mais e mais adiantados” (**Revue Spirite**, abril de 1863, pág. 97: **Perfectibilidade da raça negra.**)

“Em relação à sexta questão, dir-se-á, sem dúvida, que o Hotentote é de uma raça inferior; então, perguntaremos se o Hotentote é um homem ou não. Se é um homem, por que Deus o fez, e à sua raça, deserdado dos privilégios concedidos à raça caucásica? Se não é um homem, porque procurar fazê-lo cristão?” (Le q.222).

Será que existe algum negro kardecista? O que diria Nelson Mandela, ao se descobrir impróprio a moral que ele mesmo tem. Naturalmente, segundo os espíritas, Lao-Tsé e Gandhi são aberrações da natureza. [aqui veremos que o racismo kardecista se aplica a todos os povos não-europeus]. O que diremos então dos “selvagens” maias, incas e astecas: como podem seres com corpos incompatíveis a desenvolver-se intelectual e moralmente, terem tido uma sociedade tão bem organizada e o melhor calendário do mundo, na época. Julio Siqueira, particularmente sobre este trecho sintetiza:

Kardec defendia (ou concordava com) a idéia de que a "raça negra" era fisicamente inferior às "raças brancas", e que conseqüentemente recebia a encarnação de espíritos inferiores. A "raça negra" só era, segundo ele afirma nesse texto, "perfectível" (ou seja, passível de aperfeiçoamento) através de cruzamentos com as "raças brancas" (superiores). Mesmo se um espírito de grande elevação, como o de um "sábio do instituto", encarnasse entre os negros, não seria possível levar a um desenvolvimento dos "órgãos rudimentares" (entenda-se: as áreas cerebrais relacionadas à inteligência). Logo, nesse caso, a perfectibilidade seria possível apenas em um espectro muito pequeno, a menos que houvesse cruzamento com as raças superiores. Kardec desconhecia as raças negras a fundo, e apesar disso tecia considerações teóricas a seu respeito. E elaborava teorias claramente racistas, pois que eram teorias intrinsecamente (e injustificadamente) incoerentes, já que ele relegava à "raça negra" a

condição de "imperfectível" enquanto não via da mesma maneira (ou pelo menos não se referia da mesma maneira) as "raças brancas". Seguindo rigorosamente a lógica de Kardec, as raças brancas só seriam perfectíveis através de cruzamentos físicos com os habitantes de Júpiter! (planeta esse considerado, de acordo com "revelações" mediúnicas que constam mesmo do *Livro dos Espíritos*, como o planeta onde os habitantes possuem o mais alto nível de desenvolvimento intelectual, moral, e físico de todo o Sistema Solar). Uma postura de fato coerente seria dizer de modo bem claro e direto que todas as raças são iguais, ou perfectíveis ou não. (Barros: 2003, p.05)

### 3. Tem mais um pouco:

Não foi, portanto, uniforme o progresso em toda a espécie humana. Como era natural, as raças mais inteligentes adiantaram-se às outras, mesmo sem se levar em conta que muitos Espíritos recém-nascidos para a vida espiritual, vindo encarnar na Terra juntamente com os primeiros aí chegados, tomaram ainda mais sensível a diferença em matéria de progresso. Fora, com efeito, impossível atribuir-se a mesma ancianidade de criação aos selvagens [africanos], **que mal se distinguem do macaco, e aos chineses, nem, ainda menos, aos europeus civilizados**" (Ge XI, 32).

Desconsiderando a questão do racismo, há um grave erro arqueológico. Oras, para justificar a superioridade européia, os espíritos disseram que seria **impossível atribuir-se a mesma ancianidade de criação aos selvagens** (sic.). Ou seja, a raça (raça mesmo!) caucasiana é mais desenvolvida porque é **mais velha**. Entretanto, como sabemos, os primeiros povos da Terra eram negros. E, da diáspora das cinco raças existentes na hoje África, **uma única** se espalhou pelo mundo, e, desta uma, se espalhou suas gerações pela Ásia e Europa, etc.

Bom, há então 4 erros: 2 biológicos (raça negra e chinesa não são inferiores), e 2 arqueológicos (o europeu **não** só não é o povo mais velho da Terra, como eles **não** são mais velhos que os chineses).

4. Neste caso, a seguir, Kardec impõe que um selvagem [independente de quem seja] será **invariavelmente** inferior moralmente a um europeu, mesmo como espíritos:

Entre eles há os que estão mais ou menos avançados intelectual e **moralmente** (...) Credes, por exemplo, que quando morrerdes não haverá nenhuma diferença entre vosso Espírito e o de um selvagem (...)? Se fora assim, de que vos serviria ter trabalhado pela vossa instrução e aprimoramento. (Oqe I:16).

Oras, de que direito Kardec se vale para afirmar, de antemão, que todo índio, negro, etc., [vulgarmente chamado de selvagem] é inferior moralmente a um europeu. Uma coisa é falar de conhecimento, outra de moral.

### 5.

Seria também ilógico admitir-se que o Espírito de um selvagem (...) torne-se de repente sábio e virtuoso, como seria contrário à justiça de Deus pensar que ele ficaria perpetuamente em sua **inferioridade**. (Oqe II:21)

a razão recusa admitir que, depois da morte, a alma do selvagem permaneça perpetuamente num estado de inferioridade, **nem que ela esteja na mesma posição da do homem esclarecido**.

(...)

A alma do selvagem alcançará, pois, com o tempo, o **grau** de alma civilizada; mas, como todos os dias morrem selvagens, sua alma não pode alcançar esse grau senão nas encarnações sucessivas, cada vez mais aperfeiçoadas e **apropriadas ao seu adiantamento**, passando por todos os **graus intermediários entre os dois pontos extremos**. (Oqe III:139).

Dois pontos extremos? Leia-se: índios, passando pelos negros, então os orientais e, finalmente, os europeus; raças completamente distintas umas das outras. Isso que chamam de fé raciocinada?

### 6.

*Por que se encontram, no meio de sociedades civilizadas, seres de uma ferocidade semelhante à dos selvagens mais bárbaros?*

São Espíritos muito inferiores, **saídos de raças bárbaras**, e que ensaiaram se reencarnar num **meio que não é o seu**, e onde se encontram deslocados, como se um camponês se encontrasse de repente transportado para as altas rodas sociais. (Oqe III:141)

Um chinês, por exemplo, que progrediu suficientemente, e não encontra na sua raça um meio correspondente ao grau que alcançou, se **encarnará entre um povo mais avançado**. (Oqe III:143)

seria **irracional** admitir que a alma atrasada do selvagem, (...), estivesse no nível da do sábio, do homem de bem. (1Ci I:10)

Como poderia o selvagem, por exemplo, em uma só encarnação nivelar-se moral e intelectualmente ao mais adiantado europeu? É **materialmente impossível**. Deve ele, pois, ficar eternamente na ignorância e barbaria, privado dos gozos que só o desenvolvimento das faculdades pode proporcionar-lhe? (1Ci III:9)

É incontestável que a alma atrasada moral e intelectualmente, como a dos povos bárbaros, não pode ter os mesmos elementos de felicidade, as mesmas aptidões para gozar dos esplendores do infinito, como a alma cujas faculdades estão largamente desenvolvidas. Se, portanto, estas almas não progredirem, não podem em condições mais favoráveis gozar na eternidade senão de uma felicidade, por assim dizer, negativa. (1Ci VI:19)

Fica na criatividade de cada um o que Kardec quis dizer com povos bárbaros em pleno século XIX [tirando a Europa, o resto do mundo?].

7.

Aqui reponta uma questão vital, qual a de saber-se se a alma pode adquirir conhecimentos após a morte do corpo. Se uma vez liberta do corpo não pode adquirir novos conhecimentos, a alma da criança, do **selvagem**, do imbecil do idiota ou do ignorante permanecera tal qual era no momento da morte, condenada à **nulidade** por todo o sempre. (1Ci VIII:8)

*Que diferença há, depois da morte, entre a alma do sábio e do ignorante, do selvagem e do homem civilizado?*

**A mesma diferença, aproximadamente, que existe entre eles durante a vida**, porque a entrada no mundo dos Espíritos não dá à alma todos os conhecimentos que lhe faltavam sobre a Terra. (Oqe III:155)

O sentimento íntimo da existência de Deus, que trazemos conosco, não seria o efeito da *educação* e o produto de idéias adquiridas?

– Se assim fosse, por que os vossos *selvagens* também teriam este sentimento? (Le q.6)

Do ponto de vista estritamente lógico, há uma enorme falácia nesta resposta dos espíritos, ditos, superiores, pois mesmo os africanos das mais remotas tribos também recebem algum tipo de educação e a noção de Deus é certamente algo tradicional, passado pelos pais, e não algo que “brota” em toda pessoa. Um indivíduo que crescesse completamente isolado da sociedade, na selva, provavelmente ignoraria a existência de Deus ou simplesmente adoraria algo visível e estritamente material como o Sol e a Lua, a exemplo de alguns indígenas, embora nestes casos a credence também seja produto da educação.

8.

Os homens no **estado selvagem** ou de inferioridade moral têm igualmente seus Espíritos protetores, e nesse caso esses Espíritos são de uma ordem tão elevada como os dos homens adiantados?

— Cada homem tem um Espírito que vela por ele, (...) Não dareis a uma criança que aprende a ler um professor de Filosofia. O progresso do Espírito familiar segue o do Espírito protegido. Tendo um Espírito superior que vela por vós, podeis também vos tomar o protetor de um Espírito que vos seja inferior [ou seja, o de um selvagem!], e o progresso que o ajudardes a fazer contribuirá para o vosso adiantamento. Deus não pede ao Espírito mais do que aquilo que comporte a sua natureza e o grau a que tenha atingido. (Le q.509).

A desigualdade natural das aptidões não coloca certas **raças humanas** sob a dependência das raças inteligentes?

— Sim, para as elevar, e não para as embrutecer ainda mais na escravidão. (Le q.831)

Para o Espírito do selvagem, que está apenas no início da vida espiritual, a encarnação é um meio de ele desenvolver a sua inteligência.

(...)

Semelhante modo de ver só seria admissível se, na Terra, todos os homens estivessem exatamente no mesmo nível intelectual e moral. As diferenças que há entre eles, desde o selvagem ao homem civilizado, mostram quais os degraus que têm de subir. (Ese IV:26)

Há quem tente salvar a doutrina desta estupidez, afirmando que, cinicamente, o erro foi do codificador, mas, como já dito, “todos os detalhes foram revisados pelos espíritos” (Le prolegômenos); além do mais, Kardec afirmou que “não te[m] o mérito de invenção de um único princípio (Oqe I:20). Alguém está mentindo para nós, ou quem defende esta tese ou quem criou esta doutrina, certamente não são os ateus.

9. Para que se tenha noção da suposta influência “avassaladora” e ostensiva dos espíritos nos livros de Kardec, contrariando qualquer crença no argumento falacioso do “erro do codificador”, temos sua biografia. Neste texto ele narra uma discussão que teve com o espírito chamado *a Verdade* em março de 1856 (antes da publicação de qualquer obra espírita), o mais importante espírito da doutrina:

“Espírito familiar, (...). Quereis ter a bondade de esclarecer-me quem sois?”

— Meu nome, para ti, será *A Verdade*.

“Ontem, quando batestes, no momento em que eu trabalhava, tínheis algo particular a dizer-me?”

— O que eu pretendia dizer-te relacionava-se com o trabalho que realizavas; o que estava escrevendo me desagradava e eu desejava que parasse.

*Nota: O que eu [Kardec] escrevia era, exatamente, referente aos estudos que eu fazia a respeito dos Espíritos e suas manifestações.*

(...)

— Ao capítulo de ontem; faço-te o juiz dele. Relê-o esta noite; descobrirás os erros nele e os corrigirás.

“Mesmo eu não estava muito contente com esse capítulo e hoje o refiz. Está melhor?”

— Está, porém não muito bom. Lê da terceira a trigésima linha e encontrarás um grave erro.

“Rasguei aquele que ontem fizera”

— Não importa. Esta destruição não impede a subsistência do erro. Relê e verás. (Kardec: 1985, p.07)

Este texto deixa claro o quão “em cima” é a fiscalização espiritual. A crença numa deturpação do codificador é incompatível com o *modus operandi* dos espíritos. Eles jamais deixariam que um erro passasse batido, a não ser que eles também acreditassem no erro. O que este estudo deflagrará, só não quero que se crie a falsa ilusão no falso argumento de que os acerto são dos espíritos, os erros são de Kardec.

10. Também encontrarão, aqueles que discutem com espíritos, a noção de que, segundo a doutrina, todos são irmãos perante Deus ou que esta diferenciação para Deus não existe. Oras, pouco me importa o que Deus acha das almas das pessoas. O erro kardecista, neste caso, não é doutrinário, mas científico: essa diferença de raça não existe no que tange o intelecto ou moral, não existe este papo-furado de que algum corpo de algum humano é impróprio a almas elevadas e inteligentes, não estou falando de crença, mas de biologia, de ciência.

11. Mas a soberba espírita com relação ao racismo, que muitas vezes tentou se valer de invenções históricas para se justificar, piorando ainda mais, parece não ter mais fim. Olhemos este trecho do texto de Julio Siqueira.

Há também, na *Revista Espírita* de agosto de 1864, página 241, uma carta muito interessante enviada para Kardec de um leitor da cidade de Bourdeaux (França). Esse leitor comenta que teria lido no *Civilisateur* (do autor Lamartine, pelo que pude entender) as cartas de Cristóvão Colombo sobre a situação do México no momento de sua descoberta. É descrita



então a situação paradisíaca das tribos indígenas locais de então, seres humanos vivendo aparentemente em verdadeira "Idade de Ouro", quase um Céu na Terra. E daí, vieram as invasões européias, os extermínios, torturas, violências diversas, etc. O leitor então pergunta a Kardec onde está a justiça nisso? Kardec expõe então a resposta dada pelos espíritos após submeter-lhes tal questão, e a comunicação espírita recebida (em 8 de julho de 1864, através do médium Sr. D'Ambel) esclarece por que tal genocídio na verdade era algo justo. O "espírito" comunicante começa, na mensagem, falando dos Incas, que nada tinham a ver com a história (pois os Incas habitaram regiões a milhares de quilômetros do México). Fala depois sobre os Astecas (mas bem menos), que de fato habitavam o México, mas que nada tinham a ver com os povos descritos pelo missivista. Enfim, acreditando saber do que falava, o suposto espírito fez diversas afirmações incorretas do ponto de vista histórico, não respondeu à questão, justificou o genocídio dizendo que os Incas estavam indolentemente estagnados ("sob as aparências de uma certa bondade natural e com os costumes antes doces do que virtuosos, os Incas viviam negligentemente, sem progredir nem se elevar."), e terminou dizendo que as matanças não haviam sido tão intensas quanto se pensava: "De tanto sangue derramado que resta, pergunta-se de Bordeaux? Primeiro, o sangue derramado não foi tão considerável quanto se poderia crê-lo. Diante das armas de fogo e diante de alguns soldados de Pizarro, todo o continente invadido se submeteu como diante dos semi-deuses saídos das águas.". Na verdade, os Incas, que distavam milhares de quilômetros do objeto real da discussão, não tinham nada de bonzinhos. Era um império conquistador, assim como os Astecas. E com relação ao "sangue que não foi derramado": se não o foi, isso se deu, em boa parte, devido à uma dizimação prévia das populações nativas por doenças vindas junto com os conquistadores europeus, sendo que tais doenças conseguiram chegar no Império Inca antes dos próprios conquistadores (através de hospedeiros humanos indígenas), conforme relatado nos artigos *Death by Disease* (Archaeology. March/April 1992, Vol. 45, No. 2, pp. 47-49) e *The Great Disease Migration* (Newsweek. Special Issue, Fall/Winter 1991, pp. 54-56)<sup>24</sup>.

<sup>24</sup> <http://muweb.millersville.edu/~columbus/data/art/RAMENOF1.ART> e <http://muweb.millersville.edu/~columbus/data/art/COWLEY01.ART>.

Os contatos de Colombo com “sociedades nativas paradisíacas” se deram principalmente em suas primeiras viagens ao continente americano, notadamente em ilhas do Caribe. Eram sociedades tribais habitantes das primeiras ilhas nas quais Colombo aportou. Tais populações estavam longe de serem tão "divinas" como os relatos iniciais de Colombo podem ter feito crer. Mas elas de fato eram muitíssimo "melhor" do que os brutais Astecas e Incas. E sem dúvida elas eram ainda muito melhores do que os genocidas espanhóis. (Barros: 2003, p.25)

## 12. Mas ainda bem que Kardec já nos alertou que...

se o Espiritismo é um erro, ele cairá por si mesmo; **se é uma verdade, todas as diatribes [críticas pungentes] não farão dele uma mentira.** (Oqe I:1)

Então, pelo estudado até agora, confrontando com o texto acima, o espiritismo não é uma verdade.

“Se os espíritos não são confiáveis para dizer sobre o corpo, por que devo confiar neles quando dizem sobre o espírito?” (Mateus Davi)

## VIII. Acareação do kardecismo com a ciência

“O problema na crença no espiritismo é que a única fonte de informação sobre o mundo espiritual, são os próprios espíritos e [pasmem!] eles não são confiáveis!” (Mateus Davi)

Digo, portanto, que o Espiritismo não tem nenhum privilégio neste assunto. E vou mais longe: digo que o Espiritismo bem compreendido é um preservativo da loucura. (Le introdução: XV).

Será mesmo?

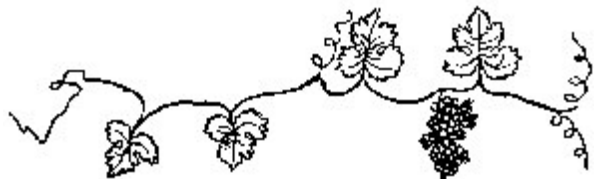
1. Uma das causas da presunção dos kardecistas é o fato de que esta religião se diz a “Aliança da Ciência e da Religião”; mas vejamos até onde vai esta aliança. Questionem-se: “Se há um único erro no

kardecismo, baseado em que fé raciocinada eu confiaria na fidedignidade do restante?”. Ademais, se o espiritismo é uma crença baseada na ciência [o que é outra mentira] significa que toda a base da fé do espírita, causa de incontáveis explicações teóricas e inferências filosóficas, é uma mera hipótese não comprovada de uma fonte suspeitíssima? Toda a crença de uma vida toda pode não passar ou se resumir a uma hipótese científica? Para ser coerente com a ciência não há outro meio, sejam, pois, suficientemente não hipócritas para justificar os erros a seguir.

2. O primeiro erro do kardecismo remonta, de cara, as suas primeiras páginas do seu primeiro e mais importante livro, *O Livro dos Espíritos*.

Segundo Kardec, os espíritos superiores ordenaram:

Porás no cabeçalho do livro a cepa que te desenhamos, porque é o emblema do trabalho do Criador. Aí se acham reunidos todos os princípios materiais que melhor podem representar o corpo e o espírito. O corpo é a cepa; o espírito é o licor; a alma ou espírito ligado à matéria é o bago. O homem quintessencia o espírito pelo trabalho e tu sabes que só mediante o trabalho do corpo o Espírito adquire conhecimentos (Le prolegômenos)



Este símbolo, no mínimo, curioso é explicado no item 196 do mesmo livro:

O suco da vide nos oferece um símile material dos diferentes graus da depuração da alma. Ele contém o licor que se chama espírito ou álcool, mas enfraquecido por uma imensidade de matérias estranhas, que lhe alteram a essência. Esta só chega à pureza absoluta depois de múltiplas destilações, em cada uma das quais se despoja de algumas impurezas. O corpo é o alambique em que a alma tem que entrar para se purificar. Às matérias estranhas se assemelha o perispírito, que também se depura, à medida que o Espírito se aproxima da perfeição (Le q.196).

Nada melhor do que um biólogo para elucidar melhor esta questão:

Poderia haver algo de errado em uma metáfora tão singela? Infelizmente, ou, felizmente, há!

Não há licor no desenho acima. O álcool ainda não está, aí, presente! Só depois, quando as uvas (bagos) forem rompidas e determinadas espécies de fungos iniciarem a metabolização do açúcar contido no interior da uva, é que o álcool será criado.

Por uma estranha ironia do destino, o único símbolo que uma doutrina altamente não-simbólica como o kardecismo aceitou colocar em um de seus livros, "abrindo" por assim dizer a obra mais importante da Doutrina Espírita, *O Livro dos Espíritos*, símbolo este aí colocado por "ordem" dos "Espíritos Superiores" e com a supervisão e revisão do "Espírito de Verdade", não é um símbolo espírita, e nem sequer um símbolo espiritualista:

É um símbolo materialista! (Barros: 2003, p.63)

Por fim, filosoficamente, Julio Siqueira conclui (p.63).

Isso sem dúvida dá margem a muitas reflexões. Uma lição que talvez esteja contida nisso seja a de que, na verdade, devemos valorizar todas as opiniões (no caso, mesmo as opiniões materialistas), pois fragmentos da verdade podem se esconder nos locais mais inesperados. Mas talvez mais do que isso, haja também aí uma estranha mensagem: a de que, se não

houver espíritos, nada impede que eles sejam... criados! Afinal, é isso o que fazem os fungos com as uvas: criam o licor.

### 3. Mas há mesmo muitos erros científicos...

Os cometas seriam, como agora se pensa, um começo de condensação da matéria, mundos em vias de formação?

— Isso está certo (Le q.40)

Na realidade, isso está ERRADO. Se você entender mundo como corpos celestes, você está pecando ao dar uma afirmação absolutista, pois muitos cometas se destroem no sol, mas a palavra francesa “monde” não tem uma significação tão abrangente quanto “mundo” em português. Se Kardec estiver se referindo a “planetas” (como em todas as passagens em que ele recorre a este termo), esta afirmação beira o ridículo, pois os cometas que não se destroem tornam-se meramente meteoritos, jamais planetas. Bem como os espíritos se enganaram ao responder positivamente que os cometas são começo de condensação da matéria. Na verdade, isso só ocorre com os cometas que estão em sentido oposto ao Sol, e não em direção deste. Os espíritos, neste caso, deveriam dizer “depende”, ou explicar o que eu disse. Se os espíritos sequer conhecem o mundo visível, por que devo confiar no que eles dizem sobre o invisível? Mas tem muito mais, continuemos os estudos.

### 4.

A união entre o Espírito e o corpo é definitiva desde o momento da concepção? Durante esse primeiro período o Espírito poderia renunciar a tomar o corpo que lhe foi designado?

— A união é definitiva, no sentido em que outro Espírito não poderia substituir o que foi designado para o corpo, mas, como os laços que o prendem são mais frágeis, fáceis de romper, podem ser rompidos pela vontade do Espírito que recua ante a prova escolhida. Nesse caso, a criança não vinga. (Le q.345)

Ou seja, descobrimos a causa do aborto.

### 5.

Como se explica a vida intra-uterina?

— É a da planta que vegeta. A criança vive a vida animal. O homem possui em si a vida animal e a vida vegetal, que completa, ao nascer, com a vida espiritual. (Le q.354)

O espiritismo acabou de negar a consciência que a criança têm quando está na barriga da mãe, tendo um consciência, no máximo, semelhante a de um bezerro. Como se a criança não raciocinasse quando estivesse na vida intra-uterina, contrariando tudo o que a ciência revelou sobre as influências psicológicas da mãe na criança durante a gestação.

### 6.

A alimentação animal, para o homem, é contrária à lei natural?

— Na vossa constituição física, a carne nutre a carne, pois **do contrário o homem perece**. (Le q.723)

Gostaria muito de saber, então, como pode ainda ter algum vegetariano vivo. E o que dizer da população da Índia inteira? Dizer que o homem perece se não for carnívoro é um grande equívoco.

### 7.

Segundo os Espíritos, o planeta **Marte** seria ainda menos avançado do que a *Terra*; os Espíritos que nele estão encarnados pareceriam pertencer, quase exclusivamente, à nona classe, (...). A *Terra* viria em seguida; (...). Os Espíritos superiores, os da segunda e da terceira classe, nela cumprem, algumas vezes, uma missão de civilização e progresso, e são exceções. ***Mercúrio e Saturno*** vêm depois da *Terra*. (...). A ***Lua e Vênus*** estão quase no mesmo grau e, sob todos os aspectos, mais avançados do que ***Mercúrio e Saturno***. Juno (***Juno é o nome de uma divindade itálica. Deve ter ocorrido um lapso do autor, uma vez que não há, no nosso sistema solar, nenhum planeta com este nome. N. do T.***) e ***Urano*** seriam ainda superiores a esses últimos. (...). Os **homens**, neles, são infinitamente mais felizes do que sobre a *Terra*, (...) De todos os planetas, o mais avançado, sob todos os aspectos, é ***Júpiter***. Ali, é o reino exclusivo do bem e da justiça (...) A superioridade de Júpiter não está somente no

estado moral dos seus habitantes; está, também, na sua **constituição física**. Eis a descrição que nos foi dada (...). **A conformação dos corpos é quase a mesma desse mundo**, mas é menos material [os marcianos são mais materiais?], menos denso e de uma maior leveza específica. (...) o habitante de Júpiter se transporta, de um lugar para outro, roçando a superfície do solo, quase sem fadiga, como o pássaro no ar ou o peixe na água. Sendo a matéria, da qual o corpo está formado, mais depurada, ela se dissipa, depois da morte, sem ser submetida à decomposição pútrida. (...). A alimentação está em relação com essa organização etérea; não seria bastante substanciosa para os nossos estômagos grosseiros, e a nossa seria muito pesada para eles [traduzindo: em Júpiter há seres que se alimentam?]; ela se compõe de frutas e plantas, e, aliás, haurem, de algum modo, a maior parte do meio ambiente do qual aspiram as emanções nutritivas. (...) a linguagem articulada; (...) seu estado normal pode ser comparado ao dos nossos sonâmbulos lúcidos; é também porque se manifestam, a nós, mais facilmente do que aqueles que estão encamados em mundos mais grosseiros e mais materiais [mais materiais?]. (...).

Os animais não estão excluídos desse estado progressivo, sem se aproximarem, entretanto, do homem, mesmo sob o aspecto físico; seus corpos, mais materiais ligam-se ao solo, como nós à Terra. Sua inteligência é mais desenvolvida do que nos nossos; a estrutura dos seus membros se dobra a todas as exigências do trabalho; são encarregados da execução de obras manuais; são os servidores e os operários [traduzindo: há edifícios em Júpiter] (...) Os Espíritos que habitam Júpiter, geralmente, se comprazem, quando querem se comunicar conosco na descrição do seu planeta (...). Alguns retratam personagens, animais, cenas da vida privada; mas, os mais notáveis, são aqueles que representam **habitações**, verdadeiras obras-primas das quais nada sobre a Terra poderia nos dar uma idéia (...) O planeta Júpiter, apesar do quadro sedutor que dele nos foi dado, não é o mais perfeito entre os mundos. (...) Várias vezes, perguntaram-nos se pensamos que a condição do homem nesse mundo é um obstáculo absoluto a que pudesse passar, sem intermediário, da Terra para Júpiter. **A todas as questões que tocam à Doutrina Espírita, jamais respondemos segundo as nossas próprias idéias**, [e o “lapso do autor” dito pelo tradutor logo atrás: seria lapso do Espírito Superior? Aquele que nunca se contradiz?] contra as quais estamos sempre desconfiando. **Limitamo-nos a transmitir o ensinamento que nos foi**

**dado**, ensinamento que não aceitamos com leviandade e com um entusiasmo irrefletido. À questão acima, respondemos simplesmente, porque tal é o sentido formal das nossas instruções e o resultado das nossas próprias observações: SIM, o homem, deixando a Terra, pode ir imediatamente para Júpiter, ou para um mundo análogo, porque esse não é único dessa categoria. (...) (Revista Espírita: 03/1858, p.70-71)

Respirem fundo. “Armstrong, você que foi para lua, tropeçou em algum ser mais material do que o homem? Será que você calculou direito e não esmagou a cabeça de algum lunático?” Ou o único lunático se chamava Allan Kardec?

8. Marcianos? Lunáticos? Venezianos? Povos em Vênus, Saturno, Mercúrio, Juno [Juno]? Arquiteturas belíssimas idealizadas por povos que se alimentam de plantas e construídas por animais operários em Júpiter? Do que estamos falando afinal? Por que estamos discutindo esta religião afinal? Não é óbvio que é bobagem?

9.  
Oh! quão mesquinha se nos afigura essa idéia da grandeza, do poder e da bondade de Deus! Quanto é sublime a idéia que dEle fazemos pelo Espiritismo! Quanto a sua doutrina engrandece as idéias e amplia o pensamento! Mas, **quem diz que ela é verdadeira?** A Razão primeiro, a Revelação depois, e, finalmente, a sua **concordância com os progressos da Ciência**. Entre duas doutrinas, das quais uma amesquinha e a outra exalta os atributos de Deus; das quais uma só está em desacordo e a outra em harmonia com o progresso; das quais uma se deixa ficar na retaguarda enquanto a outra caminha, o **bom-senso** diz de que lado está a verdade. Que, confrontando-as, consulte cada qual a consciência, e uma voz íntima lhe falará por ela. Pois bem, essas aspirações íntimas são a voz de Deus (1Ci III:18)

O que a “voz íntima” lhe diz?

10. Os espíritas dizem que “todo efeito tem causa, [e] todo efeito inteligente tem uma causa inteligente.” (Oqe I:9). E eu vos digo que todo ensino mentiroso vem de uma fonte mentirosa. Eis o espiritismo.

11. O curioso é que mesmo em outros psicógrafos temos “lapsos” [adorei este termo] iguais ou ainda piores do que os revelados a Kardec. Mesmo os sujeitos de índole supostamente intocável como Chico Xavier ou Divaldo Franco tiveram mentores, como diria Kardec, nem tão superiores assim, como se supõe no Brasil. Estudemos.

### Chico Xavier e Divaldo Franco

11. Publio Lentulus, uma das encarnações de Emmanuel (o suposto espírito que conversava com Chico Xavier), provavelmente foi uma fraude<sup>25</sup>. O Espírito da Verdade [de Kardec] fala que Marte é inferior a Terra, mas Emmanuel pensa diferente (Xavier: 1937-38).

12. Emanuel ainda afirma que “todas as teorias que pretendem elucidar os fenômenos mediúnicos, alheios à Doutrina Espiritista, pecam pela sua insuficiência e falsidade” (Xavier: 1937-38, p.81). Mas eu arremato que inclusive a própria Doutrina Espírita peca pela insuficiência e falsidade.

13. A parceria Emmanuel-Xavier tinha sérios problemas com a ciência, pois “em contraposição aos assertos dos negadores, podeis notar que, cientificamente, a Terra é o local no Universo onde a vida encontra mais dificuldades para se estabelecer” (Xavier: 1937-38, p.89-90). Mas é o único lugar conhecido que tem vida.

14. Xavier ainda afirma que doenças infecciosas, como a tuberculose, tinham causas divinas e que não seriam produto de

comprimidos (cf. Xavier: 1937-38, p.125). Mas, pelo visto, nem tão divinas assim a ponto de não serem vacinadas ou curadas pelo homem.

15. Os primeiros seres que habitaram a terra eram acelulares e bactérias e não amebas (cf. Xavier: 1938, p.26-7). As amebas [que têm núcleo], de acordo com a ciência, vieram 1 bilhão e 700 milhões de anos depois do primeiro ser. O biólogo Julio Siqueira complementa:

Ao contrário do que afirma Emmanuel, o oxigênio não só era desnecessário à vida como era também letal para os seres de então. Só muito mais tarde as células desenvolveram mecanismos bioquímicos para lidar com o altíssimo poder destrutivo do oxigênio. Igualmente, não foram as vegetações de terra firme que produziram o oxigênio atmosférico que possuímos atualmente, mas sim bactérias fotossintetizantes, que praticamente oxidaram a superfície do planeta inteiro. Há 1,8 bilhões de anos os níveis de oxigênio já teriam subido de praticamente 0 % para 3 % (atualmente são 21 %, aproximadamente). (Barros: 2006, p.06)

16. O pior de tudo é que nem mesmo o argumento falacioso dos espíritas ao dizerem que os espíritos podem cometer enganos quando falam de assuntos que não lhes são da respectiva alçada serve, ao menos neste caso, pois Emmanuel, o qual falou estas e outras bobagens, era declaradamente um estudioso da evolução biológica (Xavier: 1937-38, p.95). É bom notar que o estudadíssimo Emmanuel considera que cada ser teve sua própria linhagem desde o início da criação. Diz, ainda por cima, que não temos uma ancestralidade comum com outros seres, mas o que houve foi uma “convergência evolutiva” (cf. Xavier: 1938, p.30-31). Mas nada como um biólogo para continuar a falar disso:

Com relação à época do “homem primitivo” (possivelmente há 40 mil anos atrás ou menos) afirma que: “...se as observações do mendelismo fossem transferidas àqueles milênios distantes, não se encontraria nenhuma equação definitiva nos seus estudos de biologia. A moderna genética não poderia fixar, como hoje, as expressões dos genes...” (Xavier: 1938, p.36). Comentário: Isso equivaleria a dizer o seguinte: se um homem com sangue O negativo se casasse com uma mulher com sangue

<sup>25</sup> Leia mais: <http://answers.org/bible/description.html> e <http://www.newadvent.org/cathen/09154a.htm>

*também O negativo, poderia ter filhos AB positivo, já que as equações da genética mendeliana não se encontravam definidas! À luz do conhecido e considerado pela ciência atual, isto é um absurdo.* (Barros: 2006, p.07)

17. Já no livro *Evolução em Dois Mundos*, afirma-se que os primeiros seres a habitarem a Terra foram os vírus, e não as bactérias ou amebas (cf. Xavier/Vieira: 1958, p.32).

18. Tampouco o tecido cardíaco é sincício como o espiritismo afirma (cf. Xavier/Vieira: 1958, p.42). Também é besteira que o tecido muscular pode ser desdiferenciar ao tipo conjuntivo (cf. Xavier/Vieira: 1958, p.45-6). A ciência acredita que a vida iniciou-se há 3,5 bilhões de anos (cf. Barros: 2006, p.15) e não há 1,5 (cf. Xavier/Vieira: 1958, p.53). Os cromossomos, durante a divisão celular, não se movem por um impulso mental (cf. Xavier/Vieira: 1958, p.55). Falácia após falácia.

19. Se existem medicamento que geram o processo teratológico (Barros: 2006, p.17), como eles podem ser de responsabilidade do perispírito (cf. Franco: 1973, p.43)? O bom senso não diz ser ridículo afirmar que o povo judeu é o que mais sofreu na história inteira da humanidade (cf. Franco: 1967, p.26)?

20. Existem muitos outros erros, basta estudar mais...

“Se os espíritos não são confiáveis sobre a ciência humana, por que eles seriam sobre ‘ciência’ celestial?” (Mateus Davi)

## IX. Algumas contradições

### 1. Sobre a definição de Espírito Superior

Num primeiro momento ele define os Espíritos Superiores assim:

**Os da primeira ordem são os Espíritos Superiores** que se distinguem pela perfeição, pelos conhecimentos e pela proximidade de Deus, pela

pureza dos sentimentos e o amor do bem: são os anjos ou **Espíritos Puros**. (Le introdução:VI)

Nitidamente Kardec se embaraça ao distinguir Espírito Superior de Espírito Puro, deixando claro que não existe esta diferença. Mais tarde, eis a contradição, ele distingue um do outro:

**“SEGUNDA ORDEM [não era primeira?] — ESPÍRITOS SUPERIORES:** Reúnem a ciência, a sabedoria e a bondade. Sua linguagem, que só transpira benevolência, é sempre digna, elevada e freqüentemente sublime.” (Le q.111)

**“PRIMEIRA ORDEM — ESPÍRITOS PUROS:** Percorreram todos os graus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria. Havendo atingido a soma de perfeições de que é suscetível a criatura, não têm mais provas nem expiações a sofrer.” (Le q.113)

### 2. Sobre a identificação dos espíritos

Quando se manifesta o Espírito de alguém que pessoalmente conhecemos, de um parente ou de um amigo, sobretudo se morreu há pouco tempo, acontece geralmente que sua linguagem corresponde com perfeição às características que conhecíamos. Isto já é um indício de identidade. **Mas a dúvida já não será certamente possível quando esse Espírito fala de coisas particulares, lembra casos familiares que somente o interlocutor conhece.** (Le introdução:XI)

Os Espíritos têm todas as percepções que tinham sobre a Terra, (...) vêem e ouvem coisas que nossos sentidos limitados não nos permitem nem ver, nem ouvir. (...) **Todos os nossos pensamentos repercutem neles, que os lêem como em um livro aberto; de sorte que aquilo que podemos ocultar a qualquer outra pessoa, não o podemos mais desde que ela é Espírito.** (Lm n.237; Oq II:17)

A contradição reside no fato de que, no primeiro fragmento, atesta-se a legitimidade da identificação dada pelo espírito meramente por saber coisas que só o interlocutor poderia saber, o que não legitima

coisa alguma, uma vez o nosso pensamento é um livro aberto, conforme o segundo texto.

### 3. Sobre os seres que habitam outros mundos

Sobre a pluralidade dos mundos e os habitantes destes, o espiritismo diz que...

a forma geral poderia ser mais ou menos a mesma, mas o organismo deve estar adaptado ao meio no qual deve viver, como os peixes estão feitos para viverem na água e os pássaros no ar. Se o meio é diferente, como tudo leva a crer, e como parecem demonstrá-lo as observações astronômicas, o organismo deve ser diferente; **não é, pois, provável que, em seu estado normal, eles possam viver uns entre os outros com os mesmos corpos.** É o que confirmam **todos** os Espíritos. (Oqe III:106; Le: q.56)

nas existências corporais de mundos superiores, que **nada têm da materialidade terrestre.** (1 Ci III:9)

Mas quando questionado, em outro livro, como são os seres vivos de mundos superiores, os espíritos disseram que nestes mundos

tudo é mais perfeito: mas as plantas são sempre plantas, como os animais são sempre animais e **os homens sempre homens.** (Le q.591)

Como o espiritismo não fala por alegorias (Le q.917), e nem dá margem para interpretações (Oqe I:21). Eles chegaram a fantástica conclusão de que é impossível que o gênero humano esteja em mundos superiores, mas outros seres; muito embora os humanos sejam sempre humanos. O que me deixa uma única alternativa: nunca evoluiremos! Afinal, se o homem é sempre homem, e os mundos superiores não podem ser habitados por homens; mas os espíritos dizem que há evolução, certamente alguém está mentindo para nós.

### 4. Sobre o teste do Carbono 14.

Podemos conhecer a época da aparição do homem e de outros seres vivos sobre a Terra?

— Não; todos os vossos cálculos são quiméricos. (Le q.48)

Bom, o método de cálculo do tempo em sítios arqueológicos é feito através do teste do Carbono 14, o nome disto é ciência. Entretanto, pouco tempo depois, no mesmo livro ainda por cima, ele usa do mesmo princípio para defender o kardecismo.

A formação do globo está gravada em caracteres indeléveis no mundo fóssil, e está provado que os seis dias da Criação representam outros tantos períodos, cada um deles, talvez, de muitas centenas de milhares de anos (...). A Ciência, escavando os arquivos da Terra, descobriu a ordem em que os diferentes seres vivos apareceram na sua superfície. (Le q.59)

### 5. Sobre antever as vidas futuras

As existências futuras **não podem ser reveladas em caso algum**, por dependerem da maneira por que se cumpre a existência presente e da escolha ulterior do Espírito. (Le q.399)

Realmente esta explicação é coerente, uma vez você tem, segundo a doutrina, livre-arbítrio e pode mudar, agora mesmo, a sua história, porém...

Pelos sonhos. Sabeis que, quando o corpo repousa, o Espírito dispõe de mais faculdades que no estado de vigília. Tem a lembrança do passado e às vezes a previsão do futuro; (...) É quase sempre uma lembrança de lugares e de coisas que viste ou que **verás numa outra existência** ou em outra ocasião. (Le q.402)

Que conseqüências se podem tirar dos fenômenos do sonambulismo e do êxtase? Não seriam uma espécie de iniciação à vida futura?

— Ou, melhor dito, é a vida passada e a **vida futura que o homem entrevê.** (Le q.445)

A contradição, neste caso, é bem óbvia.

## 6. Lei de Deus e Lei da Natureza

Estando as leis divinas escritas no livro da Natureza, o homem pôde conhecê-las sempre que desejou procurá-las. (Le q.686)

Aqueles que em situações críticas se viram obrigados a sacrificar os semelhantes para matar a fome cometeram com isso um crime? Se houve crime, é ele atenuado pela necessidade de viver que o **instinto de conservação** lhes dá?

— Já respondi, ao dizer que há mais mérito em sofrer todas as provas da vida com abnegação e coragem. **Há homicídio e crime de lesa-natureza, que deve ser duplamente punido.** (Le q.709)

Oras, se a lei de Deus é a lei da Natureza, e na lei da Natureza o instinto de conservação da espécie também entra. De qual lei Kardec se vale para dizer que é um duplo homicídio preservar a vida? Oras, Kardec ainda diz que “Deus só proíbe o abuso, por ser contrário a **conservação**” (Le q.719). Está definitivamente tudo errado nesta teoria.

## 7. Culpabilidade

O homem é culpável pelos assassinios que comete na guerra?

— Não, quando é constrangido pela força (Le q.749)

O bem é sempre bem e o mal sempre mal, qualquer que seja a posição do homem (Le q.636). Todo crime é crime. (Le q.750)

Ou um ou outro?

## 8. Sobre a desigualdade de riquezas

A desigualdade das condições sociais é uma lei natural?

— Não; é obra do homem e não de Deus. (Le q.806)

Essa desigualdade desaparecerá um dia?

— Só as leis de Deus são eternas. Não a vê desaparecer pouco a pouco, todos os dias? (Le q.806a)

A igualdade absoluta das riquezas é possível e existiu alguma vez?

— Não, não é possível. A diversidade das faculdades e dos caracteres se opõe a isso. (Le q.811)

Muito embora na segunda frase Kardec tenha utilizado o termo “igualdade absoluta”, percebemos, entretanto, que a infantilidade do argumento do primeiro fragmento testificam e vão contra, ainda assim, com o segundo: contradição. Eis o kardecismo.

## 9. Sobre ler o pensamento

Os Espíritos têm todas as percepções que tinham sobre a Terra, (...) vêem e ouvem coisas que nossos sentidos limitados não nos permitem nem ver, nem ouvir. (...) **Todos os nossos pensamentos repercutem neles, que os lêem como em um livro aberto; de sorte que aquilo que podemos ocultar a qualquer outra pessoa, não o podemos mais desde que ela é Espírito.** (Lm n.237; Oq II:17)

834. O homem é responsável pelo seu **pensamento**?

— Ele é responsável perante Deus. Só Deus, **podendo conhecê-lo**, condena-o ou absolve-o, segundo a sua justiça. (Le q.834)

Ou Deus e espírito é a mesma coisa, ou só “Deus” sabe quem pode ou não ler meus pensamentos. Ou um ou outro.

## 10. Fatalidade

A fatalidade **só consiste nestas duas horas**: aquelas em que deveis aparecer e desaparecer neste mundo. (Le q.859)

Como explicar a sorte que favorece certas pessoas em circunstâncias que não dependem da vontade nem da inteligência, como no jogo, por exemplo?



— Certos Espíritos **escolheram antecipadamente** determinadas espécies de prazer, e a sorte que os favorece é uma tentação. (...)

Então, a fatalidade que parece presidir aos destinos do homem na vida material seria também resultado do nosso livre arbítrio?

— Tu mesmo escolheste a tua prova: quanto mais rude ela for, se melhor a suportas, mais te elevas. (Le 865-866)

Um acontecimento fatal é um acontecimento fadado a acontecer, destinado a vir a ser. Se no primeiro fragmento Kardec diz que só duas coisas na vida são determinadas (nascimento e morte), depois, já no outro, curiosamente, ele insere mais um monte de circunstâncias que, embora escolhidas antecipadamente pelo espírito, **fatalmente** ocorrerá. Ou um ou outro.

## 11. Sobre o que anima o corpo

Há crianças natimortas que não foram destinadas à encarnação de um Espírito?

— Sim, há as que **jamaiz tiveram um Espírito** destinado aos seus corpos (Le q.356)

Porém, o perispírito, só por só, não é o Espírito, do mesmo modo que só o corpo não constitui o homem, porquanto o perispírito não pensa. Ele é para o Espírito o que o corpo é para o homem: o **agente ou instrumento de sua ação**. (Lm I:55)

Neste caso, há um erro científico no segundo fragmento, e uma contradição com o primeiro.

É fato notório que as crianças, mesmo as natimortas, podem ter sido vivas antes do parto. O termo natimorta indica a criança pós-parto, e não pós-concepção.

Bom se as crianças natimortas jamais tiveram espírito, qual era o agente de sua ação antes do falecimento?

## 12. Da necessidade do médium nas manifestações espíritas.

Nesta passagem, Kardec procura explicar porque os espíritos precisam dos médiuns para se manifestar. [O termo perispírito designa um meio-termo, um fluído universal, entre o mundo material e o imaterial]:

Quando se tem vontade de atuar materialmente sobre um ponto colocado a distância, quem quer é o pensamento, mas o pensamento por si só não irá percutir o ponto; é-lhe preciso um intermediário, posto sob a sua direção: uma vara, um projétil, uma corrente de ar, etc. Notai também que o pensamento não atua diretamente sobre a vara, porquanto, se esta não for tocada, não se moverá. O pensamento, que não é senão o Espírito encarnado, está unido ao corpo pelo perispírito e não pode atuar sobre o corpo sem o perispírito, como não o pode sobre a vara sem o corpo. Atua sobre o perispírito, por ser esta a substância com que tem mais afinidade; o perispírito atua sobre os músculos, os músculos tomam a vara e a vara bate no ponto visado. Quando o Espírito não está encarnado, faz-se-lhe mister um auxiliar estranho e este auxiliar é o fluído, mediante o qual torna ele o objeto, sobre que quer atuar, apto a lhe obedecer à impulsão da vontade. (Lm IV:76)

Já eu disse que o fluído próprio do médium se combina com o fluído universal que o Espírito acumula. É necessária a união desses dois fluídos, isto é, do fluído animalizado e do fluído universal para dar vida à mesa (Lm IV:74)

Onde está a falácia [?]: se o fluído é universal (Lm IV:74-75) é estranho que o espírito não-encarnado precise do médium para atuar, embora eles tenham dado uma explicação. Bom, de acordo com a comparação, o fluído animalizado é fundamental para a manifestação (Lm IV:74), e o fluído é o perispírito (Le q.141), que é individual, mas se dois espíritos não podem atuar no mesmo corpo, como podem dois espíritos (o do encarnado e do desencarnado) atuarem sobre o mesmo perispírito da alma do encarnado, tendo em vista que o corpo não é animado por dois espíritos (Le q.364)?

## 13. Espíritos puros podem encarnar?

De modo algum:

#### PRIMEIRA ORDEM — ESPÍRITOS PUROS

CARACTERES GERAIS. Nenhuma influência da matéria. Superioridade intelectual e moral absoluta (...)

PRIMEIRA CLASSE. Classe única. Percorreram todos os graus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria. Havendo atingido a soma de perfeições de que é suscetível a criatura, não têm mais provas nem expiações a sofrer. **Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis**, vivem a vida eterna, que desfrutam no seio de Deus.

Aqui eles já mudaram de opinião:

Os puros Espíritos são os Messias ou mensageiros de Deus pela transmissão e execução das suas vontades. (1Ci III:12)

“Se os espíritos não se entendem entre eles, por que devo confiar no entendimento que vem deles?” (Mateus Davi)

### X. Apócrifo kardecista (O Primeiro Livro dos Espíritos)

1. Assombrosamente, a primeira edição do Livro dos Espíritos, de 1857, é praticamente inencontrável. Senão com todo o zelo e ímpeto o encontrei em um sebo do centro da cidade de São Paulo, os detalhes da obra estão na referência bibliográfica. Em suma, o livro é profundamente desconhecido no meio espírita e raramente citado na literatura, salvo que, quando citado, não passa de um marco obscuro que sagra o início da literatura kardecista. Qualquer fragmento do texto, pelo contrário, não vemos em lugar algum, senão com muita busca.

2. Ao meu ver, esta é uma das atitudes mais ridículas da FEB (Federação Espírita do Brasil) e FEESP (Federação Espírita do Estado de São Paulo). Eles têm algum problema com verdades? É baseada em mentiras a crença deles? Por que nem mesmo os estudiosos têm acesso fácil a esta obra? Se há nesta obra qualquer coisa que vocês discordam, expliquem-na em notas de rodapé, mas, esconder a verdade, e negar a

existência ou omiti-la, coloca a crença kardecista não melhor, nem um fio, que as crenças cristãs comuns, as quais fazem com os seus apócrifos o que o espiritismo faz com sua primeira edição obscura. Mas eu a divulgarei.

3. O primeiro ponto obscuro do livro remonta, de antemão, a introdução do tradutor, onde Canuto de Abreu diz.

No espaço de tempo entre o pedido oficial de alguns Confrades (O pedido oficial do Conselho Federativo Nacional, do Rio de Janeiro, é datado de 9 de Outubro de 1956, e o da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, de 18 do mesmo mês e ano), este modesto trabalho foi tudo quanto o Tradutor pode preparar para a comemoração do primeiro centenário do Livro dos Espíritos. **Ele espera, entretanto, se Deus o permitir, publicar um segundo volume, relatando a tradição histórica e esotérica do Primeiro Livro dos Espíritos.**

(..)

A edição original continha 501 questões principais e várias acessórias. As edições sucessivas contem 1018 perguntas numeradas e múltiplas aditivas, além de comentários e notas privativas do Mestre.

Finalmente, a edição de 1857 foi totalmente revista, corrigida e homologada por Espíritos incumbidos por Deus de instituir "a verdadeira religião, a Religião Natural, aquela que emana do coração e sobe diretamente a Deus" (*Obras Póstumas*, página 332). **As demais, a partir de 1860, em mais da metade de seu texto, aprovadas tão somente pelo Missionário que fundou a Filosofia Espírita.** [Le (1ªed) introdução]

Realmente estas notas introdutórias colocam em xeque os alicerces nos quais se assentou todo o espiritismo. Seria tudo isso a invenção de um homem astuto que simplesmente ocidentalizou a idéia de reencarnação?

4. Ao que nos parece, o próprio Kardec correu para corrigir o que os espíritos disseram e ficou deflagrado, pela introdução do próprio Kardec na segunda edição do *Livro dos Espíritos*, que o codificador não se fazia muito de rogado para contar uma mentirinha ou outra.

Na primeira edição desta obra, anunciamos uma parte suplementar. Ela deveria se compor de todas as perguntas que não encontraram ali lugar, onde as circunstâncias ulteriores e novos estudos deveriam dar nascimento; mas como são todas elas relativas, há algumas das partes já tratadas e das quais são o desenvolvimento, sua publicação isolada não apresentaria nenhuma continuidade. Preferimos esperar a reimpressão do livro para fundir todo o conjunto, e nisto aproveitamos para dar, na distribuição das matérias, uma ordem muito mais metódica, ao mesmo tempo que podamos tudo o que tinha duplo emprego. **Esta reimpressão pode, pois, ser considerada como uma obra nova, embora os princípios não hajam sofrido nenhuma mudança, com um número muito pequeno de exceções, que são antes complementos e esclarecimentos que verdadeiras modificações.** Esta conformidade nos princípios emitidos, apesar da diversidade das fontes onde os haurimos, é um fato importante para o estabelecimento da ciência espírita. Nossa correspondência nos prova mesmo que comunicações em todos os pontos idênticas, se não pela forma ao menos pelo fundo, foram obtidas em diferentes localidades, e isso bem antes da publicação do nosso livro, que veio confirmá-las e dar-lhes um corpo regular. A história, de seu lado, atesta que a maioria destes princípios foram professados por homens eminentes de tempos antigos e modernos, e vem trazer-lhe sua sanção. (Le introdução)

5. Realmente, como veremos adiante, Kardec mentiu sim ao dizer que não houve mudanças em alguns princípios da teoria. O livro de 1857, embora traduzido para o português, traz nas páginas da esquerda a versão em francês, o original, nos dando uma inequívoca noção do que Kardec ou os supostos espíritos superiores realmente quiseram dizer. Estudemos.

6. O primeiro ponto controverso, entre a primeira (1857) e a segunda (1860) edição de *O Livro dos Espíritos* se refere a de onde provém os espíritos dos homens. Criados para serem humanos desde o princípio ou habitantes em outros filos até chegarem a poder encarnar em humanos?

## 7. Espíritos procedem de espíritos de animais ou não?

Em meio às diferentes espécies de seres corporais, Deus escolheu a humana para encarnação dos Espíritos; é o que dá à espécie humana superioridade moral e intelectual sobre todas as outras. [Le (1ªed) p.10]

A encarnação dos Espíritos dá-se invariavelmente na espécie humana; seria grave erro supor que a alma humana ou Espírito se possa encarnar no corpo duma alimária. [Le (1ªed) p.11]

Nos parece que não, mas, na segunda edição:

Entre as diferentes espécies de seres corpóreos, Deus escolheu a espécie humana para a encarnação dos Espíritos que **chegaram** a certo grau de desenvolvimento, dando-lhe superioridade moral e intelectual sobre as outras. (Le q.23)

## 8. Espíritos se originam de espíritos de animais ou não?

“A alma do Homem não teria sido primitivamente o Princípio Vital de ínfimos seres vivos da Biocriação, que chegou, ex-vi de lei progressiva, até o ser humano, percorrendo os diversos graus da escala orgânica?”

– Não ! Não! Os Espíritos, homens somos desde natos. Cada ser vivo só progride na sua espécie e em sua essência. O Homem não foi jamais outro ser senão *homo*.

**Comentário de Kardec:** Seja qual for a diversidade das existências por que passe o nosso espírito ou nossa alma, elas pertencem todas à espécie humana; seria um erro supor que, ex-vi duma lei progressiva, o Homem haja passado pelos diferentes graus da escala orgânica para chegar a seu estado atual. Assim, sua alma não foi inicialmente o Princípio Vital de

ínfimos seres vivos da Biocriação que chegou sucessivamente ao grau superior: Ao Homem. [Le (1ªed) q.127]

“Uma vez que os animais têm a inteligência que lhes proporciona certa liberdade de ação, existirá neles um princípio independente do corpo?”

– Sim, e que sobrevive ao corpo.

“Esse princípio conserva sua individualidade?”

– Sim.

“Esse princípio é uma alma semelhante à do Homem?”

– Não; a alma humana é um Espírito encarnado; ele será para os animais também uma alma, se quiserdes, *isso depende do sentido que se der ao termo*; mas será sempre uma alma inferior à do Homem. Existe entre a alma dos animais e a do Homem tão grande distância quanto entre a alma do Homem e Deus

“Os animais seguem também uma lei progressiva como os homens?”

– Sim, razão pela qual em Mundos superiores onde os homens estão mais aperfeiçoados, os animais o são também, mas sempre inferiores e submissos a o Homem.

“Nos Mundos superiores também os animais conhecem a deus?”

– Não, o Homem é uma Divindade para eles.

“Os animais seriam, acaso, encarnação duma ordem inferior de Espíritos que constitui no Mundo Espírita categoria à parte?”

– Sim, e eles não podem exceder a um certo grau de perfeição.

“Os animais também progridem, assim como o Homem, pela virtude da própria vontade, ou pela força das coisas?”

– Pela força das coisas; eis por que não há absolutamente para eles expiação. [Le (1ªed) q.437]

Parece que realmente as almas de animais nunca chegarão a ser homens, entretanto...

“Dissestes (190) que o estado da alma do homem, na sua origem, corresponde ao estado da infância na vida corporal, que sua inteligência apenas desabrocha e se ensaia para a vida. Onde passa o Espírito essa primeira fase do seu desenvolvimento?”

– Numa série de existências que precedem o período a que chamais Humanidade.”

a) Parece que, assim, se pode considerar a alma como tendo sido o princípio inteligente dos seres inferiores da criação, não?

– Já não dissemos que todo em a Natureza se encadeia e tende para a unidade? Nesses seres, cuja totalidade estais longe de conhecer, é que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco e se ensaia para a vida, conforme acabamos de dizer. É, de certo modo, um trabalho preparatório, como o da germinação, por efeito do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna *Espírito*. Entra então no período da humanização, começando a ter consciência do seu futuro, capacidade de distinguir o bem do mal e a responsabilidade dos seus atos. Assim, à fase da infância se segue a da adolescência, vindo depois a da juventude e da maturidade. Nessa origem, coisa alguma há de humilhante para o homem. Sentir-se-ão humilhados os grandes gênios por terem sido fetos informes nas entranhas que os geraram? Se alguma coisa há que lhe seja humilhante, é a sua inferioridade perante Deus e sua impotência para lhe sondar a profundidade dos desígnios e para apreciar a sabedoria das leis que regem a harmonia do Universo. Reconheci a grandeza de Deus nessa admirável harmonia, mediante a qual tudo é solidário na Natureza. Acreditar que Deus haja feito, seja o que for, sem um fim, e criado seres inteligentes sem futuro, fora blasfemar da Sua bondade, que se estende por sobre todas as suas criaturas.

Como defendemos aqui, Kardec realmente efetuou mudanças graves entre as edições do livro, não só Kardec mentiu, mas também os tradutores espíritas brasileiros, como Herculiano Pires, todos mentiram ou não sabiam do que estavam falando.

Continuando nosso estudo, temos mais uma confusão entre uma edição e outra; desta vez, entretanto, de um assunto com conseqüências

ainda mais graves, pois pode acarretar do apoio ou não ao aborto, estudemos.

### 9. A alma se liga, ainda que pouco, ao corpo no nascimento ou no parto?

“Em que momento a alma se une ao corpo?”

– Ao nascimento.

“Antes do nascimento a criança tem uma alma?”

– Não.

“Como vive então?”

– Como as plantas.

**Comentário de Kardec:** A alma ou espírito se une ao corpo no momento em que a criança vê a luz e respira. Antes do nascimento a criança só tem vida orgânica sem alma. Ela vive como as plantas, tendo apenas o instinto cego de conservação, comum em todos os seres vivos. [Le (1ªed) q.86]

“A alma é um ser independente do Princípio Vital?”

– Sim, o corpo vivo é apenas envoltório; repetimo-lo sem cansar.

“O corpo vivo pode viver sem alma?”

– Sim; e, não obstante, desde que o corpo cessa de viver, a alma o deixa. Antes de nascer o corpo, a alma não está nele; não há ainda união de alma e corpo; no entanto, depois que a união é formada, a morte do corpo rompe os liames que o prendiam à alma e o Espírito o abandona.

**Comentário de Kardec:** A alma é ser independente do Princípio Vital. Antes de nascer, o corpo pode viver sem alma, pela razão de não ter ainda havido união entre a alma e o corpo; mas depois que esta união fica formada, a alma deixa o corpo desde que este cesse de viver, visto como então os liames que existiam entre alma e corpo ficam rompidos. A vida orgânica pode mover um corpo sem alma, todavia a alma não pode habitar um corpo sem vida orgânica. [Le (1ªed) q.104]

Parece que a criança é **completamente** desprovida de alma, segundo a primeira edição, mas...

“Em que momento a alma se une ao corpo?”

– A união começa na concepção, mas só é completa por ocasião do nascimento. Desde o instante da concepção, o Espírito designado para habitar certo corpo a este se liga por um laço fluídico, que cada vez mais se vai apertando até ao instante em que a criança vê a luz. O grito, que o recém-nascido solta, anuncia que ela se conta no número dos vivos e dos servos de Deus. (Le q.344)

“Não sendo completa a união do Espírito ao corpo, não estando definitivamente consumada, senão depois do nascimento, poder-se-á considerar o feto como dotado de alma?”

– O Espírito que o vai animar existe, de certo modo, fora dele. O feto não tem pois, propriamente falando, uma alma, visto que a encarnação está apenas em via de operar-se. Acha-se, entretanto, ligado à alma que virá a possuir. (Le q.353)

“Como se explica a vida intra-uterina?”

– É a da planta que vegeta. A criança vive vida animal. O homem tem a vida vegetal e a vida animal que, pelo seu nascimento, se completam com a vida espiritual. (Le q.354)

### 10. A predisposição para o mal é física ou espiritual?

“O Homem traz consigo ao nascer, por sua organização física, a predisposição para tais ou quais atos?”

– Sim.

“A predisposição natural que traz o Homem para certos atos lhe tira seu livre arbítrio?”

– Não, pois foi ele mesmo quem pediu para ter esta ou aquela predisposição. Se pediste para ter as disposições do assassinio, foi para teres que lutar contra esta propensão.

“Pode o Homem sobrepujar todas as suas tendências, por mais fortes que sejam?”

– Sim, querer é poder.

**Comentário de Kardec:** A organização física do ser humano o predispõe a tais ou quais atos aos quais é impelido por uma força por assim dizer instintiva. Este pendor natural, se o conduzir ao Mal, poderá tornar-lhe o Bem mais difícil, não porém lhe tira a liberdade de fazer ou deixar de fazer. Com uma firme vontade e a Ajuda de Deus, se ele reza com fervor e sinceridade, não haverá propensão que ele não possa sobrepujar, por mais veemente que ela seja. O Homem não poderia pois buscar uma excusa em sua organização sem abdicar a sua razão e a condição de ente humano, para se assemelhar à Alimária. [Le (1ªed) q.433]

Entretanto... na segunda edição...

“Não constituem obstáculos ao exercício do livre-arbítrio as predisposições instintivas que o homem já traz consigo ao nascer?”

– As predisposições instintivas são as do Espírito antes de encarnar. Conforme seja este mais ou menos adiantado, elas podem arrastá-las à prática de atos repreensíveis, no que será secundado pelos Espíritos que simpatizam com essas disposições. Não há, porém, arrastamento irresistível, uma vez que se tenha a vontade de resistir. Lembrai-vos de que querer é poder. (Le q.845)

“Qual a origem das qualidades morais, boas ou más, do homem? São as do Espírito nele encarnado. Quanto mais puro é esse Espírito, tanto mais propenso ao bem é o homem.”

a) Seguir-se-á daí que o homem de bem é a encarnação de um bom Espírito e o homem vicioso a de um Espírito mau?

– Sim, mas, diz antes que o homem vicioso é a encarnação de um Espírito imperfeito, pois, do contrário, poderias fazer crer na existência de Espíritos sempre maus, a que chamais demônios. (Le q.361)

Ao que tudo indica, Kardec ficou meio confuso com relação às faculdades físicas, espirituais, e mistas. Isso ficou completamente obscuro em sua obra. Não sabemos, quando alguém tem determinada

doença ou tem determinada característica, se ela provém do plano espiritual [o que significa um tratamento espiritual] ou se ela provém da matéria [o que significa um tratamento convencional]. O que a história nos mostra, entretanto, é que o bom e velho hospital, o de verdade, é a melhor fonte de tratamento qualitativo.

## XII. Jesus Cristo x Espírito da Verdade

1. Um dos pontos mais obscuros e relapsos no kardecismo e digno de um subcapítulo neste livro é o que trata de um texto publicado em duas obras distintas de Kardec: *O Livro dos Médiuns* (1861) e *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864).

2. A primeira estranheza deste texto é que ele é assinado no primeiro livro, em 1861, por Jesus de Nazaré, já no segundo, de 1864, é assinado pelo tal Espírito da Verdade, mas o texto é o mesmo? Diria que “quase” o mesmo; embora diga que com certeza seja do mesmo autor. Logo após a comunicação, que transcreveremos adiante, Kardec assinala que

Esta comunicação, **obtida por um dos melhores médiuns da Sociedade Espírita de Paris**, foi assinada com um nome que o respeito nos não permite reproduzir, senão sob todas as reservas, tão grande seria o insigne favor da sua autenticidade e porque dele se há muitas vezes abusado demais, em comunicações evidentemente apócrifas. Esse nome é o de Jesus de Nazaré. (Lm XXXI)

3. Em suma, vemos o que Herculiano Pires, um dos mais respeitados kardecistas brasileiros, diz em nota de rodapé:

Esta comunicação aparece, **um pouco modificada**, no cap. VI de *O Evangelho Segundo o Espiritismo com a assinatura de Espírito da Verdade*, datada de Paris, 1861. **Sabendo-se que Kardec não tomava decisões dessa importância por seu próprio arbítrio**, e que poderia ter deixado de incluir ali essa comunicação, **é evidente que a assinatura primitiva deve ter sido corrigida pelo próprio Espírito comunicante**,

**como sempre acontece quando a imaginação do médium interfere nos ditados.** No caso, o conteúdo da mensagem é realmente de valor. Note-se o cuidado seguido por Kardec e por ele recomendado, mas até hoje pouco seguido, no tocante às comunicações assinadas por nomes venerados. É conveniente ler e reler as suas comunicações acima.

Esta nota de rodapé do senhor Herculiano Pires, como todas as suas notas, são flagrantemente tendenciosas e, sobretudo neste caso, se trata de um lamentável eufemismo com relação ao texto de fato publicado em 1864. Oras, como veremos, não se trata de uma “mera interferência” do médium, mas de brutais diferenças.

#### 4. TEXTO DE JESUS. [*O Livro dos Médiuns* (1861)]

Venho, eu, vosso Salvador e vosso juiz; venho, como outrora, aos filhos transviados de Israel; venho trazer a verdade e dissipar as trevas. Escutai-me. O Espiritismo, como outrora a minha palavra, tem que lembrar aos materialistas que acima deles reina a imutável verdade: o Deus bom, o Deus grande, que faz germinar a planta e que levanta as ondas. Revelei a Doutrina Divina; como o ceifeiro, atei em feixes o bem esparso na Humanidade e disse: Vinde a mim, vós todos que sofreis!

Mas, ingratos, os homens se desviaram do caminho reto e largo que conduz ao reino de meu Pai e se perderam nas ásperas veredas da impiedade. Meu Pai não quer aniquilar a raça humana; quer, não mais por meio de profetas, não mais por meio de apóstolos, quer que, ajudando-vos uns aos outros, mortos e vivos, isto é, mortos segundo a carne, porquanto a morte não existe, vos socorrais e que a voz dos que já não existem ainda se faça ouvir, clamando-vos: Orai e crede! por isso que a morte é a ressurreição, e a vida - a prova escolhida, durante a qual, cultivadas, as vossas virtudes têm que crescer e desenvolver-se como o cedro.

Crede nas vozes que vos respondem: são as próprias almas dos que evocais. Só muito raramente me comunico. Meus amigos, os que hão assistido à minha vida e à minha morte são os intérpretes divinos das vontades de meu Pai.

Homens fracos, que acreditais no erro das vossas inteligências obscuras, não apagueis o facho que a clemência divina vos coloca nas mãos, para vos clarear a estrada e reconduzir-vos, filhos perdidos, ao regaço de vosso Pai.

Em verdade vos digo: crede na diversidade, na *multiplicidade* dos Espíritos que vos cercam. Estou infinitamente tocado de compaixão pelas vossas misérias, pela vossa imensa fraqueza, para deixar de estender mão protetora aos infelizes transviados que, vendo o céu, caem no abismo do erro. Crede, amai, compreendei as verdades que vos são reveladas; não mistureis o joio com o bom grão, os sistemas com as verdades.

Espíritas! amai-vos, eis o primeiro ensino; instruí-vos, eis o segundo. Todas as verdades se encontram no Cristianismo; são de origem humana os erros que nele se enraizaram. Eis que do além-túmulo, que julgais o nada, vos clamam vozes: Irmãos! nada perece; Jesus-Cristo é o vencedor do mal, sede os vencedores da impiedade.

Jesus de Nazaré.

#### 5. TEXTO DO ESPIRITO DE VERDADE. [*O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864)]

Venho, como outrora aos transviados filhos de Israel, trazer-vos a verdade e dissipar as trevas. Escutai-me. O Espiritismo, como o fez antigamente a minha palavra, tem de lembrar aos incrédulos que acima deles reina a imutável verdade: o Deus bom, o Deus grande, que faz germinem as plantas e se levantem as ondas. Revelei a doutrina divinal. Como um ceifeiro, reuni em feixes o bem esparso no seio da Humanidade e disse: "Vinde a mim, todos vós que sofreis."

Mas, ingratos, os homens afastaram-se do caminho reto e largo que conduz ao reino de meu Pai e enveredaram pelas ásperas sendas da impiedade. Meu Pai não quer aniquilar a raça humana; quer que, ajudando-vos uns aos outros, mortos e vivos, isto é, mortos segundo a carne, porquanto não existe a morte, vos socorrais mutuamente, e que se faça ouvir não mais a voz dos profetas e dos apóstolos, mas a voz dos que já não vivem na Terra, a clamar: Orai e crede! pois que a morte é a

ressurreição, sendo a vida é a prova buscada e durante a qual as virtudes que houverdes cultivado crescerão e se desenvolverão como o cedro.

Homens fracos, que compreendeis as trevas das vossas inteligências, não afasteis o facho que a clemência divina vos coloca nas mãos para vos clarear o caminho e reconduzir-vos, filhos perdidos, ao regaço de vosso Pai.

Sinto-me por demais tomado de compaixão pelas vossas misérias, pela vossa fraqueza imensa, para deixar de estender mão socorredora aos infelizes transviados que, vendo o céu, caem nos abismos do erro. Crede, amai, meditai sobre as coisas que vos são reveladas; não mistureis o joio com a boa semente, as utopias com as verdades.

Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo. No Cristianismo encontram-se todas as verdades; são de origem humana os erros que nele se enraizaram. Eis que do além-túmulo, que julgáveis o nada, vozes vos clamam: "Irmãos! nada perece. Jesus-Cristo é o vencedor do mal, sede os vencedores da impiedade."

O Espírito de Verdade.

6. Eis os textos, cada qual assinado por um espírito diferente, mas evidentemente de mesma origem. O segundo texto é estilisticamente muito melhor que o primeiro, embora os dois estejam assinados por espíritos superiores. O primeiro texto, assinado por Jesus, incorre em paralelismo, ao passo que o segundo não foge ao tema. Diversas palavras, períodos e um parágrafo inteiro [o 3º do primeiro texto] foram sumariamente suprimidos. Houve uma evidente tentativa com sucesso de melhorar o texto [mas as duas não provêm de um espírito superior?]. Em suma, uma análise fria do texto nos faz concluir que os trechos onde se induz a uma fé pelo medo se convertem em de "fé raciocinada", posição defendida por Kardec, mas pouco comentada até então. Siqueira sintetiza:

Kardec nos aconselha a compararmos a mensagem de que ele fala com aquelas igualmente assinadas pelo "Espírito de Verdade" que aparecem no

*Evangelho Segundo o Espiritismo (A Imitação do Evangelho*, como era intitulada a primeira edição), e ao fazermos isso iremos constatar uma "analogia evidente de tom", de "estilo", e de "pensamentos", além da "ausência de todo supérfluo", o que, segundo ele, acusaria uma "fonte única".

Mas como podemos fazer tais comparações com um grau mínimo de confiança e concordarmos com Kardec quanto à "fonte única" se, pelo menos com relação a uma dessas mensagens assinada pelo "Espírito de Verdade" (e aparentemente uma de grande importância, pois que parece ter sido uma das únicas que ele assinou como "Jesus de Nazaré"), houve justamente "expurgos dos supérfluos", "expurgos de alguns pensamentos", "reestruturação do estilo", e "alteração do tom"?!

E isso tudo sem que se informasse "como", ou "por quê". (Barros: 2003, p.60)

## XI. Hereditariedade

1. A inteligência ser um atributo do espírito é reiterado em inúmeras passagens e um dogma *sine qua non* reencarnacionista que tenta justificar a diferença intelectual de cada ser através desta explicação: a cada encarnação na Terra eu estou, em relação a inteligência, inerte ou mais avançado, mais inteligente. Como podemos conferir:

A inteligência é um atributo essencial do espírito; mas um e outro se confundem num princípio comum, de maneira que, para vós, são uma e a mesma coisa. (Le q.24)

Quero referir-me ao progresso moral, porque o intelectual avança sempre. (Le q. 785)

[Aqui há uma pequena contradição no kardecismo, pois se o espírito pode estagnar (q. 118), a afirmação de que ele avança **sempre** é errônea.]



Ao passar deste mundo para outro, o Espírito conserva a inteligência que tinha aqui?

— Sem dúvida, pois a inteligência nunca se perde. (Le q.180)

A cada nova existência o homem tem mais inteligência e pode melhor distinguir o bem e o mal. (Le q. 393)

2. Esse item é extremamente importante para entender o erro kardecista em relação a hereditariedade, peço que tenha sempre esta observação em vista:

Não confundais o efeito com a causa. O Espírito tem sempre as faculdades que lhe são próprias. Assim, **não são os órgãos que lhe dão as faculdades, mas as faculdades que impulsionam o desenvolvimento dos órgãos.** (Le q.370).

3. Bem como a inteligência, segundo Kardec, as características psicológicas vem do espírito, o que é outro equívoco. Entretanto, da mesma forma que a inteligência, as características psicológicas também são passadas de geração em geração, a evidência deste conceito científico é quando vemos um filho que herda o temperamento do pai ou da tia, os trejeitos e manias, mesmo quando não há convívio, vide filhos de mães solteiras quando o pai nunca ou pouco interagiu, mesmo assim, com todo este afastamento, a criança tem mil manias e características psicológicas do pai. Ou seja, se as características psicológicas e, principalmente, a inteligência é herdada geneticamente, o espiritismo de Kardec perde todo sentido, afinal, não importa o que supostamente o espírito evolua, pois, na próxima encarnação, ele estará ancorado pela herança de seus antecessores telúricos, o que os amigos do além de Hippolyte Leon<sup>26</sup> não previram.

4. Antes de ler o próximo texto, tenha em mente que, para o Kardecismo, os animais também têm alma (Le q.597a-599). E a inteligência, como sabemos, de acordo com Kardec, embora seja este

um princípio universal (Le q.72), é também o princípio essencial da alma (Le q.24), logo, não deveria ser manipulado quimicamente, pois a alma é semi-material.

## 5. Trechos da Isto É de 08/09/99, nº 1562.<sup>27</sup>

Muito se discutiu nos últimos anos sobre os diversos aspectos da inteligência. (...) um biólogo da Universidade de Princeton, em Nova Jersey, passava seus dias alterando o DNA de camundongos para, em seguida, testar suas capacidades de aprendizagem. Na quinta-feira 2, Joe Tsien publicou os resultados dessa pesquisa na revista *Nature*. E subverteu tudo o que se conhecia sobre a inteligência. Alterando um gene do DNA dos camundongos, Tsien elevou suas **inteligência e memória, mostrando como são intimamente ligadas ao código hereditário.**

Em primeiro lugar, Tsien criou camundongos desprovidos de um gene chamado NR2B e mostrou que tinham aprendizagem e memória reduzidas em relação aos ratos normais. O geneticista produziu então cobaias dotadas de cópias extras do gene e checkou sua aptidão comparada à dos ratos comuns. (...) Os animais transgênicos reconheceram [um] objeto antigo e não perderam tempo, trataram de explorar [um] novo. Já os ratos comuns gastaram o mesmo tempo com as duas peças [nova e antiga].

No segundo teste, (...) Eles [ratos transgênicos e comuns] foram postos numa câmara onde recebiam choques nas patas. (...) [onde] os transgênicos demonstraram mais medo que os demais. Por outro lado, ao repetir a experiência no mesmo local, mas sem os choques, eles perceberam mais rápido que o perigo havia passado. Na prova final, os bichos foram jogados numa piscina. Numa das bordas, submersa, havia uma plataforma para ajudar a sair da água. Os transgênicos aprenderam a localizar a plataforma em três sessões, enquanto os outros precisaram de seis. (...) Ele salientou que os ratos retiveram até a idade adulta a capacidade de aprendizado da juventude. Da mesma forma que nos humanos (...).

(...) A pesquisa **provou que o gene NR2B é fundamental no controle da habilidade cerebral** de associar um evento a outro, **propriedade básica do aprendizado.** (...) Por disporem do gene NR2B em abundância, os

<sup>26</sup> Hippolyte Leon (1804-1869), pseudônimo de Allan Kardec.

<sup>27</sup> <http://www.terra.com.br/istoe/ciencia/156212.htm>

neurônios dos ratos transgênicos têm mais receptores, portanto **aprendem** mais rápido.

A descoberta abre caminho para, no futuro, empregar-se manipulação genética no tratamento de humanos. "Este trabalho levanta a possibilidade de não só produzir-se animais mais espertos como também obter uma terapia genética para uso humano em áreas como a **demência**", aposta Ira Black, chefe da cadeira de neurociência da Universidade Rutgers, de Nova Jersey. (...)

Para Joe Tsien, sua descoberta **indica ser possível elevar o QI, o coeficiente de inteligência, através de meios genéticos**. (...) "Não acho isso necessariamente ruim. Encontrar meios de reparar autismo e retardamento mental associados à síndrome de Down ou ao mal de Alzheimer é muito bom. (...)", diz Caplan.

6. E ainda dizem que o espiritismo é a religião da ciência. Pois assim é o espiritismo, tudo que eles falam ficamos com dúvida se é certo. Mas e o que eles falam e não temos como, hoje, comprovar? Oras, quantos espíritos em detrimento do ensinamento estapafúrdio de que a raça caucasiana era superior não alimentaram o racismo? Deus e os seus espíritos superiores permitiram por que isso acontecer? Ou seja, de tudo que eles falam paira uma dúvida, e, na dúvida, sigo a fé ou aguardo a ciência? Se eu tiver que aguardar a ciência a fé perde o sentido, se eu seguir a fé posso estar cometendo um profundo engano. Ou seja, o espiritismo explica tudo, mas não serve para nada.

7.

Uma teoria não pode ser aceita como verdadeira senão com a cláusula de satisfazer a razão e dar conta de todos os fatos que abrange. (1Ci I:8)

Assim segue o espiritismo, de dilema em dilema. Tentando ser científico, mas, dia a dia, menos semelhante a este. O que dizer então da clonagem? Se Deus é quem faz os espíritos permanentemente (Le q.80), conforme a população aumenta. Significa, neste caso que, literalmente, Deus está trabalhando para os homens; ou seja, o homem clona o homem e Deus corre para lhe providenciar uma alma. É ou não é ridículo?

### XIII. Noções de sociedade e consequências segundo o espiritismo

1.

O bem e o mal são absolutos para todos os homens?

— A lei de Deus é a mesma para todos; mas o mal depende, sobretudo, da vontade que se tenha de fazê-lo. O bem é sempre bem e o mal sempre mal, qualquer que seja a posição do homem; a diferença está no grau de responsabilidade. (Le q.636)

Oras, como sabemos, para os maias não era um “mal” sacrificar alguém em nome de Deus, como pode o mal ser sempre mal para todo homem? Para outros povos, a poligamia é algo normal, como pode o mal ser sempre mal para todo homem? Para as regiões frias, é sumamente necessário se habituar a beber, como pode o mal ser sempre mal para todo homem? Aquele que está numa guerra, deve fugir? Mas ele foi obrigado a estar lá pelo governo! Como pode o mal ser sempre mal para todo homem “qualquer que seja a posição do homem” (sic.)? Isso é ridículo! Falando em matar porque você foi obrigado a servir exército, os espíritos reiteram:

O mal parece, algumas vezes, conseqüente das circunstâncias. Tal é, por exemplo, em certos casos, a necessidade de destruição, até mesmo do nosso semelhante. Pode-se dizer, então, que há infração à lei de Deus?

— **O mal não é menos mal por ser necessário** [estamos falando de ser obrigado!]; mas essa necessidade desaparece à medida que a alma se depura, passando de uma a outra existência; então o homem se torna mais culpável quando o comete, porque melhor o compreende. (Le q.638)

Traduzindo: se você for convocado para a guerra, não deve matar ninguém, pois, se matar, pouco importa, o mal é sempre mal, você pagará pelos seus pecados. Por causa de uma legislação (que não foi você quem fez) que te obriga a servir o exército, por uma guerra que não foi você quem começou. Afinal, o mal não é menos mal por ser necessário. Eis o kardecismo.

2.

Há pessoas que, por sua posição, não tenham possibilidade de fazer o bem?

— Não há ninguém que não possa fazer o bem: somente o egoísta não encontra jamais a ocasião de praticá-lo. (Le q.643)

Traduzindo: todo doente mental profundo é egoísta. Eis o espiritismo.

3.

Aqueles que em situações críticas se viram obrigados a sacrificar os semelhantes para matar a fome cometeram com isso um crime? Se houve crime, é ele atenuado pela necessidade de viver que o instinto de conservação lhes dá?

— Já respondi, ao dizer que há mais mérito em sofrer todas as provas da vida com abnegação e coragem. **Há homicídio e crime de lesa-natureza, que deve ser duplamente punido.** (Le q.709)

Isso é ou não é pura crueldade?

4.

A lei da Natureza impõe aos filhos a obrigação de trabalhar para os pais?

— Certamente, como os pais devem trabalhar para os filhos. Eis porque Deus fez do amor filial e do amor paterno um sentimento natural, (Le q.681)

Honestamente, eu duvido muito que seja algo tão natural assim. O kardecismo, também é contra o uso de anticoncepcionais, camisinha, tabela, etc.:

As leis e os costumes humanos que objetivam ou têm por efeito criar obstáculos à reprodução são contrários à lei natural?

— Tudo o que entrava a marcha da Natureza é contrário à lei geral. (Le q.693)

5. Mostrando completa “desnoção” de economia, os espíritos dizem que as desigualdades de condições sociais são obras do homem, e não de Deus (Le q.806), como se fosse possível distribuir toda a renda entre toda a humanidade sem que enterrasse todos de miséria comprometendo o próprio progresso que o espiritismo defende.

6.

Com que fim a mulher é fisicamente mais fraca do que o homem?

— Para lhe assinalar funções particulares. O homem se destina aos trabalhos rudes, por ser o mais forte; a mulher aos trabalhos suaves (Le q.819)

E os trabalhos intelectuais? No país onde eu nasci isso se chama preconceito.

7.

Os costumes sociais não obrigam muitas vezes o homem a seguir um caminho errado? E não está ele submetido à influência das opiniões na escolha de suas ocupações? Isso a que chamamos respeito humano não é um obstáculo ao exercício do livre arbítrio?

— São os homens que fazem os costumes sociais e não Deus; se a eles se submetem, é que lhes convém. Isso também é um ato de livre arbítrio, pois se quisessem poderiam rejeitá-los. (Le q.863)

Oras, esta observação é completamente ridícula. Como pode uma criança educada sob o regime escravista ter a mesma força para rejeitar a cultura com a mesma facilidade? Como pode uma teoria inspirada por espíritos de altas ordens ser tão estúpida ao negar a inquestionável influência da vida intra-uterina na vida da criança? Como pode um bebê de quatro meses questionar os atos e pensamentos da mãe? Como pode isso ser chamado de ciência?

8. Emmanuel, no livro *Vida e Sexo* (p.44), “afirma que **sempre** que escolhemos alguém para união conjugal e só depois do casamento percebemos gravíssimos defeitos conjugais no companheiro escolhido, estamos diante de criatura ofendida por nós em outra vida [ou seja,

diante de débito cármico]” (Barros: 2006, p.11). Bom, então significa que **sempre** que um casamento não dá certo é porque fizemos alguma coisa ao companheiro ou o inverso? E que não devemos fugir a tal prova, logo, devemos manter uma relação enfadonha a vida toda apesar dos efeitos devastadores de tal relação e suas conseqüências aos filhos, netos e outras pessoas próximas? É esta a lição de “alto valor moral” que os “Espíritos Superiores” sempre nos dão? É isto que chamam de fé raciocinada?

9.

a revolução é sempre o engano trágico daqueles que desejam arrebatar a outrem o cetro do governo. Quando cada servidor entende o dever que lhe cabe no plano da vida, não há disposição para a indisciplina, nem tempo para a insubmissão. (Xavier: 1949, p.66)

Traduzindo: devemos aceitar os governos todos como são, seja autoritário, seja devasso, seja injusto, seja maligno. Eis o regresso, eis o conservadorismo, eis o espiritismo.

10. Dizem que o espiritismo prega o respeito a outras crenças. Bem, nem sempre:

Onde estão os valores morais da Humanidade? As igrejas estão amordaçadas pelas injunções de ordem econômica e política. **Somente o Espiritismo**, prescindindo de todas as garantias terrenas, executa o esforço tremendo de manter acesa a luz da crença, nesse barco frágil do homem. (Xavier: 1938, p.209-10)

Traduzindo: fora do espiritismo, só há maldade.

11. Assim, sucessivamente, vamos tirando o véu do que realmente é o espiritismo. O qual atribui erroneamente ao materialismo exclusividade sobre a atual conjuntura social da humanidade (cf. Franco: 1974, p.10). Que diz que o suicídio é sempre fruto do orgulho (cf. Franco: 1974, p.85). E muitas outras coisas que até o diabo duvida.

#### XIV. Curiosidades

1. Este tópico sobre alguma curiosidade do kardecismo não vem para ser combatido, nem traz, grosso modo, questionamentos irrefutáveis, mas, como o tópico de mesmo nome no capítulo que trata da Bíblia, venho aqui, somente “alfinetar” os crentes no Evangelho Segundo Gasparzinho, para [por que não?] rir um pouco e apresentar questões, no mínimo, curiosas.

2.

Vós admitis também que cada um não é bom juiz senão naquilo que é da sua competência. Se quereis construir uma casa, procurais um músico? Se estivésseis doente, vos faríeis cuidar por um arquiteto? Se tivésseis um processo, procuraríeis a opinião de um dançarino? Enfim, se se trata de uma questão de teologia, a fareis resolver por um químico ou um astrônomo? (Oqe I:8).

E quem procuraria um pedagogo<sup>28</sup> [que não é sinônimo de cientista... outra falácia] para falar de espíritos?

3.

Quando a opinião pública estiver formada a esse respeito, os sábios, como indivíduos, a aceitarão, e suportarão a força das coisas. Deixai passar **uma geração** e, com ela, os preconceitos do amor-próprio em que se obstina, e vereis que ocorrerá com o Espiritismo como ocorreu com tantas outras verdades antes combatidas (...) (Oqe I:8).

Isto foi escrito 1861, gerações e gerações e, fora do Brasil, o kardecismo é completamente inexpressivo, oras, têm mais gente na área Metropolitana de Recife do que espírita (kardecista) no planeta inteiro; isto é, falsa profecia.

<sup>28</sup> Embora alguns textos biográficos afirmem que Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869) era médico, não há registro que ateste que ele cursou medicina. Esta opinião é compartilhada pela maioria dos espíritas.

4.

É preciso não confundir a *loucura patológica* com a *obsessão*. Esta não se origina de nenhuma lesão cerebral, mas da subjugação que Espíritos malfazejos exercem sobre certos indivíduos, e tem por vezes as aparências da loucura propriamente dita. (Oq I:17).

Concordo que é preciso não confundir, mas você há de convir que é preciso explicar, mas simplesmente não explicam.

5.

PADRE: A religião ensina tudo isso e bastou até o momento; qual é, pois, a necessidade de uma nova doutrina?

KARDEC: Se a religião basta, por que há tantos incrédulos, religiosamente falando? A religião nos ensina, é verdade, e nos diz para crer; mas há muitas pessoas que não crêm apenas em palavras. O Espiritismo prova, e faz ver o que a religião ensina por teoria. Aliás, de onde vêm essas provas? Da manifestação dos Espíritos. Ora, é provável que os Espíritos não se manifestem senão com a permissão de Deus; se, pois, Deus, em sua misericórdia, envia aos homens esse socorro para tirá-los da incredulidade, é uma impiedade recusá-lo. (Oq I:23).

Pelo que as estatísticas nos mostram, cada dia o mundo está mais ateu, é “uma pena”, mas os espíritos superiores falharam enormemente em sua missão [embora a filosofia diga que os espíritos superiores jamais falhem em suas missões (cf. Le q.578)], ou é falsa a profecia.

6.

Não creiais em todo Espírito, mas examinai se os Espíritos são de Deus. (Lm n.267).

Bom, todos os espíritos deveriam ser de Deus, pois Deus foi quem fez e faz todos os espíritos. Agora, se os espíritos entendem nosso pensamento como um livro aberto (Oq II:17), como saberei se não fui persuadido por aquele que lê até o meu pensamento, dando os dados que eu esperava, de antemão, para concluir o meu exame sobre a ordem que pertence tal fantasma?

7.

O homem tem o direito de defender aquilo que ajuntou pelo trabalho? — Deus não disse: "Não roubarás"? E Jesus: "Dai a César o que é de César"? (Le q.882)

Deus disse? Por que ele se referiu a Jesus como Jesus, e a Moisés como Deus? Pensei que o espiritismo não desse margem para alegorias (Le q.917) e nem para dupla interpretação (Oq I:21). Quem conhece o espiritismo sabe o quão perturbadora é esta pergunta.

8.

Qual é o caráter da propriedade legítima?

— Só há uma propriedade legítima, a que foi adquirida sem prejuízo para os outros. (Le q.884)

Queria estar lá para perguntar para os espíritos superiores se existe uma única propriedade que não seja adquirida em prejuízo de alguém. Naturalmente, eu quero exemplos.

6.

A guerras estão cada vez mais raras e não mais excluem os sentimentos de humanidade: a uniformidade se estabelece nas relações; as distinções de raças e de castas desaparecem. (Le conclusão: IV)

Este livro foi escrito em no século XIX, sua profecia é tão imaginária quanto a existência de Deus. Oras, depois disto, já tivemos duas guerras mundiais e ficamos a beira de um colapso atômico. Do que estes tais espíritos estavam falando afinal?

## XV. Confiabilidade dos espíritos

1. O próprio Kardec admitiu a grande dificuldade em ter convicção de que o espírito é exatamente aquele que diz ser:

Um Espírito da categoria de Fénelon pode, portanto, vir em seu lugar, às vezes mesmo com o seu nome, porque é idêntico a ele e pode substituí-lo e porque necessitamos de um nome para fixar as nossas idéias. Mas que importa, na verdade, que um Espírito seja realmente o de Fénelon? (Le introdução:XI)

2. O que provavelmente ocorreu, quando Kardec resolveu difundir o espiritismo, era justamente a tamanha notabilidade dessas comunicações e evidente falta de qualidade das mesmas. Os espíritos mentem? Eles são confiáveis? Será que eles são quem dizem ser? Não são todos zombeteiros? Não são seres que, diferente do que se pensa, pertencem a outra natureza? Nunca foram humanos, mas mentiram quando disseram isso? A reencarnação foi uma invenção dos espíritos para que eles fossem notados? Todas estas questões provavelmente passaram pela cabeça do codificador, então ele determinou que justamente os espíritos que ele se baseou para escrever suas obras são superiores e, logo, o que eles falam é verdade, portanto, existe Deus, reencarnação e todas as conseqüências do que os próprios livros atestam. Mas, gostaria de perguntar a Kardec: “mas e se até mesmo os espíritos superiores que ditaram os seus livros falaram bobagens?”, isto significa que literalmente em toda a história da doutrina jamais teve um único espírito que não mentiu! Oras, pessoalmente eu não acredito em espíritos, mas, mesmo que eles existissem, nada do que eles dizem é confiável, bem como é profundamente incerta a crença em reencarnação e imortalidade, pois foram “inventadas” pelos mesmos espíritos mentirosos que disseram que os cometas seriam mundos, e que os negros e orientais são corpos impróprios a inteligências e morais elevadas. Mas precisamente sobre o modo de ver os espíritos, Platão nos legou que “nenhuma natureza humana investida de poder supremo é capaz de ordenar os assuntos humanos (...) sem transbordar de insolência e iniquidade”.

Não nomeamos bois para serem os senhores dos bois, nem bodes para serem os senhores dos bodes, mas somos nós próprios uma raça superior, que os governamos. De maneira semelhante, Deus, por amor à

humanidade, colocou acima de nós os demônios, que são uma raça superior, e eles, de forma fácil e prazerosa para si mesmos, e não menos prazerosa para nós, tomam as tribos de homens felizes e unidas, ao cuidar de nós e nos dar paz, reverência, ordem e justiça que nunca falham.

Os espíritos de Platão têm mais sentido do que os de Kardec. Tem mais sentido os espíritos, supondo que existam, serem uma raça distinta da nossa do que provinda desta. Talvez nem eles mesmos sejam imortais, mas sejam meramente seres outros, como as bactérias não são répteis, e as plantas não são aves, os homens não são e nem serão espíritos.

3. Não será raro, ao discutir com espíritas, ouvir a ridícula afirmação de que o espiritismo é uma ciência, logo, propícia a avanços e contendas, não obstante, passível de erros e contradições. Bom, tomando como premissa a existência dos espíritos, a única fonte que temos das suas afirmações são os próprios espíritos, os únicos seres que testificam haver reencarnação, Deus e imortalidade são os próprios espíritos. Mas, admitidamente, se estes mesmo espíritos são passíveis de erros e contradições, realmente é muito ridículo crer na existência de reencarnação, Deus e imortalidade. Oras, é como dizer que a Enciclopédia Britânica tem profundos erros em assuntos ligados a religião [hipoteticamente], mas que, de acordo com a Enciclopédia Britânica, certamente o ateísmo cresce no mundo. Não é digno de risadas? Vejamos então: os espíritos cometem profundos erros e enganos em todas as áreas que ousam opinar, mas os espíritos nos ensinam que existe Deus, reencarnação e imortalidade, logo existe? Eis o que eles chamam de lógica e ciência: acreditar numa fonte que se acredita como duvidosa?

4. Outro argumento utilizado em larga escala, tem origem no próprio livro de Kardec, lembra até mesmo a Bíblia, que se defende de antemão dos seus refutadores, analisemos:

Os mesmos escrúpulos havendo presidido à redação das nossas outras obras, pudemos, com toda verdade, dizê-las: **segundo o Espiritismo**, porque estávamos certo da conformidade delas com o ensino geral dos Espíritos. O mesmo sucede com esta, que podemos, por motivos semelhantes, apresentar como complemento das que a precederam, **com exceção, todavia, de algumas teorias ainda hipotéticas, que tivemos o cuidado de indicar como tais e que devem ser consideradas simples opiniões pessoais**, enquanto não forem confirmadas ou contraditadas, a fim de que não pese sobre a doutrina a responsabilidade delas. (1)

(1) **Nota da Editora:** Ao leitor cabe, pois, durante a leitura desta obra, distinguir a parte apresentada como complementar da Doutrina, daquela que o próprio Autor considera hipotética e pessoalmente dele. (Ge introdução)

Primeiramente, é ridícula esta afirmação de que “cabe ao leitor distinguir a qual parte da obra é ou não pessoal”. Se a distinção deve ser feita pelo leitor, segundo a editora, por que na Kardec diz “**que tivemos o cuidado de indicar como tais [!]**”? Seria algum pergaminho escondido no Mar Morto?

Mas, vamos fingir que a frase que eu citei não existe, e assumiremos tal premissa. Oras, (a) por que Kardec não fez a distinção de uma vez do que ele inventou e o que foi ditado? Por que (b) ele mentiu na obra *O livro dos Espíritos* ao afirmar que os espíritos superiores tinham cuidado de todos os detalhes (Le introdução)? Se ele mentiu (c) por que ainda acreditam nele? Por que (d) ele demorou 11 anos [onze anos!] para dizer isso?

5. Imagine que você, leitor, tenha escrito um livro baseado nos sonhos que você teve. Mais tarde, entretanto, alguns céticos mostram as falhas e contradições deste mesmo sonho. O que você faria? Você poderia então escrever [onze anos mais tarde!] um outro livro dizendo que as tais contradições, sem dizer quais [vai que achem mais!], foram um erro pessoal da interpretação dos sonhos, mas os sonhos em si, em geral [sem definir o que é o geral] é o mesmo. Este texto, só denotou o enorme desespero de Kardec em se esquivar das refutações.

Deixando claro que isso, que direi agora, é mera especulação e bom humor, comento: Kardec morreu somente um ano depois da publicação deste livro, por aneurisma cerebral, patologia que pode ser causada por alto nível de estresse, pelo que estudamos, notando o que acabamos de ler, até agora, não é nenhuma surpresa.

6. O mais curioso e talvez o que mais desespera o kardecista é que, tanto na obra citada, *O Livro dos Espíritos*, quanto na Gênese, que é “o complemento de todas as obras que a precederam”, o racismo é chancelado (Gn: XI:32), e, segundo o próprio Kardec, tomo como a doutrina dos espíritos. O espiritismo, numa palavra: racismo da capa a capa.

7. Os livros sagrados são assim, como um cobertor pequeno em dia de frio: você tapa o busto, descobre-se o pé. Toda esta bobagem citada aqui no tocante ao espiritismo e mesmo os melhores argumentos dos seus mais instruídos e inveterados defensores me deixa clara a noção de que o espiritismo nada mais é do que uma “cientifização” mal-sucedida da religião. Kardec, que tinha um verdadeiro pavor do materialismo, entregou todos os esforços para expurgar da religiosidade toda a indecência e hipocrisia das crenças cristãs difundidas no século XIX na Europa. Se podemos dizer que o cristianismo foi uma tentativa de salvar o judaísmo, embora renegado, o kardecismo é uma tentativa de salvar o cristianismo, o qual também foi renegado. Oras, sempre haverá novas crenças, cada vez mais bem feita e mais inteligente [talvez], e nós ateístas sempre aferiremos nosso conhecimento e nosso martelo nietzschiano para derrubar tais ídolos completamente incompatíveis com um mundo de sensatez e ciência. Da visão crítica do espiritismo, o que se pode dizer é que não passa de um estudo de fenômeno com causas suspeitas e contraditórias; porém, a crença no espiritismo, seus rituais de passe, suas terapias e palestras, por fim, é pouco mais do que uma crença exótica ou uma cópia indecente do budismo ou catarismo

(todos reencarnacionistas), ao meu ver, aliás, o espiritismo não passa de uma macumba sofisticada, nas duas definições do termo<sup>29</sup>.

## XVI. Conclusões

1. Pelo que estudamos até agora somos, se caminhando lado-a-lado com a lógica, obrigados a reconhecer que há mesmo muitas falhas no kardecismo. Não só falhas em um ponto ou em outro, mas em seus dogmas básicos (reencarnação, imortalidade da alma, comunicação além-mundo), na sua fundamentação (identidade dos espíritos, elevação dos espíritos), na sua comunicação (altamente questionável, errônea), estrutura (livros contraditórios entre si), nas suas observações (erros científicos), na sua prática (o mal aflige o mais correto dos kardecistas e o mais ímpio dos ateus, em geral, na mesma dose). Ou seja, do que o espiritismo trata não há nada confiável, nada que mereça crédito, nenhuma afirmação é digna de aceitação.

2. O problema, eis porque estou “martelando” o kardecismo, é quando em nome dessa crença no além-mundo, infere-se todas as maldades do mundo com origem nele, e, não obstante, comete-se injustiças com as pessoas aos dizermos, não sei com que autoridade, que tudo que se passa com alguém é um comércio de escambo de maldades e sofrimentos do além-mundo, das dívidas que você fez numa vida imaginária que ninguém recorda. Coloquei uma coleção de frases kardecistas completamente preconceituosas, no sentido literal ou não; isto é, conceitua precipitadamente um fato, e se julga de modo discriminatório alguém, leia e procure a verdade. Os textos entre “colchetes” são meus:

Não há situações em que os meios de subsistência não dependem absolutamente da vontade do homem e a privação do necessário, até o mais imperioso, é uma consequência das circunstâncias?

<sup>29</sup> A palavra “sofisticado” pode significar tanto algo de “alto nível” e “excêntrico”, como também “adulterado” e “falsificado”.

— É uma prova freqüentemente cruel que o homem deve sofrer e à qual sabia que seria exposto; seu mérito está na submissão à vontade de Deus, se sua inteligência não lhe fornecer algum meio de sair da dificuldade. Se a morte deve atingi-lo, **ele deverá submeter-se sem murmurar, pensando que a hora da verdadeira liberdade chegou e que o desespero do momento final pode fazê-lo perder o fruto de sua resignação.** (Le q.708)

São Espíritos que não estão unidos a uma família por simpatia, mas para se provarem mutuamente e, freqüentemente, por **punição** do que foram em uma existência precedente; a um é dado um mau filho porque ele mesmo, talvez foi um mau filho; a outro, um mau pai, porque terá sido mau pai, **a fim de que suportem a pena de talião.** [olho por olho, dente por dente, mão com mão, pé por pé] (*Revista Espírita*, 1861, pág. 270: a pena de talião). (Oq III:123)

*Por que uns nascem na indigência e outros na opulência? Por que há pessoas que nascem cegas, surdas, mudas ou atacadas de enfermidades incuráveis, enquanto que outras têm todas as vantagens físicas? É isso efeito do acaso ou da Providência?*

(...) Compreende-se que aquele que se toma miserável ou enfermo por suas imprudências ou seus excessos, seja punido pelo que pecou; (...) Os estudos espíritas nos mostram, com efeito, que mais de um homem que nasceu na miséria, foi rico e considerado em uma existência anterior, **mas, fez mau uso da fortuna** que Deus lhe deu para gerir; que mais de um indivíduo, que nasceu na vileza, **foi orgulhoso e poderoso**; nê-lo mostram, às vezes submetido às ordens daquele mesmo ao qual comandou com dureza, **sob os maus tratos e a humilhação que fez os outros suportarem.** (Oq III:134).

3. Os espíritos não sabem nem a diferença entre um homem branco e um negro, por que confiamos então quando eles falam da diferença de um homem enfermo ou sadio?

*Por que há idiotas e cretinos?*

(...) Por miserável que seja a condição na qual um homem nasceu, ele pode dela sair pela inteligência e pelo trabalho; **mas** o idiota e o cretino são votados, desde o nascimento até à morte, ao embrutecimento e ao



desprezo; **não há para eles nenhuma compensação possível.** (Oqe III:135)

São os Espíritos em punição que vivem em corpos de idiotas. Esses Espíritos sofrem com o constrangimento a que estão sujeitos e pela impossibilidade de manifestar-se através de órgãos não desenvolvidos ou defeituosos. (Le q.372)

há penas e provas materiais que o Espírito, que não está depurado, suporta nas novas encarnações, onde é colocado numa posição para suportar o que fez os outros suportarem: ser humilhado, se foi orgulhoso; miserável, se foi mau rico; infeliz por seu filho, se foi um mau filho, etc. (Oqe III:160).

4. Ou seja, o Deus-Gasparzinho vê o arrependimento verdadeiro com frios olhos. Muitas vezes, Allan Kardec nos deixa noções completamente infantis, como estas:

Por que os primeiros gritos da criança são de choro?

— Para excitar o interesse da mãe e provocar os cuidados necessários. (Le q.384)

Por que, ao lado dos meios de conservação, a Natureza colocou ao mesmo tempo os agentes destruidores?

— O remédio ao lado do mal; já o dissemos, para manter o equilíbrio e servir de contrapeso. (Le q.731)

Onde está escrita a lei de Deus?

— Na consciência. (Le q.621)

Oras, a consciência das pessoas é tão diferente que povos diferentes tiveram leis diferentes, as pessoas de uma mesma comunidade tem idéias distintas. Gostaria de saber de que consciência Kardec lança mão para dizer que a aversão ao homossexualismo é algo consciente, ao meu ver é obviamente cultural. Aliás, na natureza, como sabemos, existe homossexualismo, e Kardec afirmou que a lei de Deus está na natureza (Le q.626), por que ele é contra então?

5. Mas esta relação maluca de causa e consequência do espiritismo não tem fim, e vai, página a página dando noções cada vez mais perversas e preconceituosas, entregando ao vulgo a noção precipitada de que tudo é consequência de uma vida anterior. Esta crença ao dar noções sempre gerais, embrutece as pessoas, oras, cada qual sofre pelo que fez (mesmo não sabendo o que fez), logo, por que ser solidário? Mesmo que ainda respondam que devemos ser solidários para nos desenvolvermos, não seria isso egoísmo? Que solidariedade é esta, não egoísta, que prega o ganho somente pela obra? Ao meu ver não existe um único ato humano que não seja egoísta, mas estou assumindo a concepção de egoísmo popular para mostrar ao leitor o quão errônea é tal noção. O próprio Kardec ao elaborar esta questão aos supostos espíritos os deixou em maus lençóis:

Aquele que faz o bem sem visar a uma recompensa na Terra, mas na esperança de que lhe seja levado em conta na outra vida, e que nessa a sua posição seja melhor, é repreensível, e esse pensamento prejudica o seu adiantamento?

— É necessário fazer o bem por caridade, ou seja, com desinteresse. (Le q.897)

Eis a melhor resposta que eles puderam dar. Continuemos o estudo:

Assim, este será castigado no seu orgulho pela humilhação de uma existência subalterna; o mau rico e avarento, pela miséria; aquele que foi duro para os outros, pelo tratamento duro sofrerá; o tirano, pela escravidão; o mau filho, pela ingratidão dos seus filhos; o preguiçoso, por um trabalho forçado, etc. (Le q.399)

O supérfluo não é, por certo, indispensável à felicidade, mas não se dá o mesmo com o necessário. Ora, a desgraça daqueles que serão privados do necessário não é real?

— O homem não é verdadeiramente desgraçado senão quando sente a falta daquilo que lhe é necessário para a vida e a saúde do corpo. Essa privação é talvez consequência de sua própria falta e então ele só deve queixar-se de si mesmo. (Le q.927)

Que cristãos são estes?

Quando uma pessoa vê à sua frente uma morte inevitável e terrível, é culpada por abreviar de alguns instantes o seu sofrimento por uma morte voluntária?

— Sempre se é culpado de não esperar o termo fixado por Deus. (Le q.953)

Isso é pura crueldade.

6. No final do livro *O que é o Espiritismo?* Kardec termina com o seguinte texto:

Convidamos os adversários do Espiritismo e aqueles que não admitem a reencarnação, a darem aos problemas acima uma solução mais lógica, por qualquer outro princípio que o da pluralidade das existências.

A explicação mais lógica, para a mitologia norueguesa, sobre o fenômeno dos raios, era o deus Thor. A explicação mais lógica para as secas no América Central, na opinião dos maias, era a falta de sacrifícios. A explicação mais lógica para o aparente movimento do Sol, durante milênios, era o geocentrismo. Todas estas explicações eram as mais lógicas das suas respectivas épocas, e para os seus respectivos povos, e são todas falaciosas! Este axioma formulado por Kardec e explorado teimosamente que transmite a noção de que “a melhor explicação, só pode ser a explicação verdadeira”, tem sentido e é fato em tão poucos casos que nos dá ora vontade de rir, ora dó. Ou seja, é melhor não dar uma explicação “mais lógica” e admitir a incognoscibilidade, do que dar a “melhor explicação” que temos, e ser mentira. Reitero, a explicação mais convincente não é necessariamente a verdadeira.

7. O retardado mental pensa sem razão. Os cachorros pensam sem razão. O peixe não se pergunta se pode ou não parar de comer, simplesmente come, até a morte, de gula mesmo, pois ele creu com fé,

ou seja, sem razão. Visto pelo que estudamos até agora, creio que seja, no mínimo, para o leitor, duvidosa a crença na existência de espíritos, mas certamente, inadmissível confiarmos neles. A tréplica que eu faço aos que insistem em ser espíritas e dizem com tanta soberba que o homossexual nada mais é do que um ser apegado a outra vida é “como ele tem tanta certeza desta afirmação?”, se a melhor resposta que ele tem é que “os espíritos disseram”, eu viro as costas e procuro alguém mais inteligente para debater.

8. Gilson Gondim, exaustivamente citado neste livro, também não poupou o espiritismo kardecista.

A evolução cultural e ética que moldou o mundo atual é provavelmente um acidente histórico, que poderia não ter acontecido se a civilização européia moderna, que deu origem ao processo que conhecemos hoje, tivesse sido morta no nascedouro pelos mongóis ou por outro evento qualquer, como vimos que quase aconteceu. Não se sustenta, por conseguinte, a analogia que o espiritismo kardecista faz com a evolução biológica.

Não se sustenta também por outro motivo. O espiritismo não aponta nenhum mecanismo de mudança, no plano espiritual, equivalente ou semelhante à combinação biológica das mutações genéticas com a seleção natural. O francês Allan Kardec não foi um Charles Darwin, um Alfred Russel Wallace (também inglês, co-descobridor da evolução). Kardec não descobriu um sistema autônomo, um movimento auto-sustentado, um motor com seu próprio dinamismo. Será que existe, na espiritualidade, um processo similar a evolução biológica? Se existe, ainda não foi descoberto; ainda não surgiu o Darwin, o Wallace ou o Mendel do espiritismo. Se não existe, tal figura nunca vai aparecer. O espiritismo pretende ser uma ciência, mas não é. Pelo menos, ainda não é. A reencarnação é uma idéia fascinante e atraente, mas lhe falta um alicerce científico, e suas ambições filosóficas não se sustentam. (Gondim: 2005, p.222)

9. Júlio Siqueira, um grande colaborador deste capítulo do livro, deixou escrito no final de seu artigo:

Vim de meio espírita, achava a teoria bela e lógica. Conforme fui amadurecendo, constatei que o suntuoso edifício do kardecismo apresenta, no mínimo, sérias rachaduras. Ninguém soube responder ou se interessou por minhas dúvidas, por isso me afastei da religião e resolvi correr atrás de minhas próprias respostas. Não guardo mágoas; conheci pessoas muito nobres que acreditam no que fazem, apesar de questionar seus motivos. O que quero é sacudir um pouco os fiéis para que respondam as lacunas... Se eu ainda acredito em espíritos? Não. Eles são muito mentirosos.

#### 10. E as minhas próprias opiniões:

O que posso versar sobre o espiritismo é que ele elabora um sistema que nem mesmo os mais ilustres discípulos conseguem incorporar. Ao passo que diz que os Espíritos Superiores esbanjam conhecimento, os mesmo espíritos afirmam bobagens como a de existe habitantes na Lua e Marte. Ao passo que peremptoriamente assegura que Espíritos Superiores não se contradizem, só eu citei páginas e páginas de contradições, algumas demasiadas óbvias, quando não no mesmo livro. Minha pergunta é se já passou pela Terra algum Espírito Superior? Tudo indica que não, pois não há nem nunca houve contrapartida ao que esperamos deles. Numa palavra: os Espíritos Superiores cometem erros tão ingênuos e se contradizem nos pontos tanto fundamentais quanto mais banais que seria mais justos chamar os Superiores de Inferiores, aliás, nem deveriam chamar isso como vindo de espíritos, mas de humanos ora ilusionistas, ora esquizofrênicos, os quais foram fisgados pela própria lança de conhecimento que presumiram deter.

11. Assim terminamos nosso estudo da Bíblia e kardecismo. Não que não contenham mais falhas, só que já temos aqui uma amostra mais do que suficiente para refutar o todo. Claro que tudo tem dois lados; por exemplo, realmente algumas pessoas fazem reformas íntimas surpreendentes aparentemente em virtude da religião. Entretanto, isso não faz da mentira uma verdade. Ademais, o que dizer do lado ruim da

religião? Talvez, um dia, quando a Igreja não meter mais o bedelho no que não concerne a Igreja eu silencie minha voz.

Especificamente da Bíblia, podemos dizer, sem sombra de dúvida, que ela é mecanicamente irrealizável, astronomicamente estapafúrdia, filosoficamente antiquada, historicamente irrelevante, internamente incoerente, profeticamente inconsistente, literariamente fracassada e é literalmente uma mentira.

O kardecismo, não obstante, assume parâmetros que ele mesmo não alcança, pretende ser uma ciência, mas não compreende as conseqüências da pretensão, é intrinsecamente incongruente, cinicamente falsificada, traz as contradições que o mesmo promete não ter, comete os erros que o mesmo usa para refutar outros sistemas, e, não obstante, fracassa na formulação da própria teoria que pretende propor.

## 5. PARANORMALIDADE E CIÊNCIA

### I. Prolegômenos

A compreensão humana não é um exame desinteressado, mas recebe infusões da vontade e dos afetos; disso se originam ciências que podem ser chamadas ‘ciências confirme a nossa vontade’. Pois um homem acredita mais facilmente no que gostaria que fosse verdade. Assim, ele rejeita todas as coisas difíceis pela impaciência de pesquisar; as coisas mais profundas da natureza, por superstição; a luz da experiência, por arrogância e orgulho; coisas que não são comumente aceitas, por deferência a opinião ao vulgo. Em suma, inúmeras são as maneiras, e às vezes imperceptíveis, pelas quais os afetos colore e contaminam o entendimento (Francis Bacon, *Novum organon*, 1620)

1. Para crer em paranormalidade é preciso duas coisas: primeiro não conhecer o poder da mente, segundo, não acreditar em estatísticas. Pois, o fato é que não existe cura inexplicável, mas fenômeno mal explicado.

2. Dr. Fritz no Brasil, Lourdes (Cidade na França onde “Maria” apareceu”), Igrejas Evangélicas, Valentine Greatraks na Irlanda, Alvar Nuñez Cabeza de Vaca na América do Norte; todos locais e pessoas que curam ou curaram doenças de todos os tipos, alguns evidentemente embustes, muito embora milhares de pessoas depositaram sua fé nisto ou naquilo outro. “O poder que a imaginação humana tem sobre o corpo, de curá-lo ou fazê-lo adoecer, é uma força que nenhum de nós deixou de receber. O primeiro homem a possuí-la, o último a possuirá.” (Mark Twain)

3. No livro *O Mundo Assombrado por Demônios*, Carl Sagan relata um embuste feito na Austrália, propositadamente: um canal de TV treinou uma pessoa pouco conhecida para operar alguns milagres, chegou a escrever um livro, era avesso aos céticos e a ciência; depois de alguns dias, não sem cobertura generalizada da mídia, o canal *Sixty minutes* revelou a fraude. A intenção era mostrar como as pessoas

tendem a crer que existe um poder além-mundo, alguma evidência de um Deus; inclusive, a crença destes, ao menos no caso citado, era tão grande que, mesmo após o próprio ter declarado a farsa, disseram ao embusteiro: “não importa o que digam, eu acredito em você”; oras, estou exaustivamente mostrando como todas as religiões são um fraude por definição, que Jesus não existiu, que não há cura, não há mediunidade, não há reencarnação, não há poder mágico, e a ciência está do meu lado derrubando ponto a ponto todas as bobagens “sagradas”, mas as pessoas insistem: “não importa o que digam, eu continuo acreditando em Cristo”; qualquer semelhança com a panacéia australiana é coincidência.

4. O placebo (medicamento de farinha que aparenta o verdadeiro), é utilizado nos laboratórios de pesquisa sobre a eficácia de medicamentos. Oras, as pessoas não sabem se não estão tomando o medicamento verdadeiro, mas, ainda assim, algumas se curam. Como? Psicogenia, isto é, doenças com relação direta ou indireta com o psico da pessoa, com o poder da mente (cf. Gondim: 2005, p.18-19). Se assim não fosse, a psicologia seria inócua; não é o que a vida nos diz. É domínio público que pelo poder da mente você aparenta gravidez, tolera temperaturas espantosas, caminha sobre brasas, acelera ou até mesmo se cura de doenças; mas isso só acontece com sensações e doenças psicogênicas.

5. Pegando todos os casos de paranormalidade, subtraindo-se os embustes, os efeitos de loucura patológica, ilusão de ótica, hipnose, magnetismo, estado extático do suposto médium, e os casos “aumentados”, quantos será que poderíamos citar? Dentre os que talvez possamos, quantos não foram pelo poder da mente. Ah sim, já me disseram que em Igrejas Evangélicas se curam paraplégicos; bom, não conheço nenhum caso de alguém sabidamente condenado a cadeira de rodas que saiu andando pelas ruas. Devemos notar que a pessoa “no estado de fé” ou “de oração” libera substâncias e ativa pontos particulares do cérebro, o que talvez engendre uma **rápida** convalescença orgânica (alguém que não pode movimentar os dedos,

mexê-lo rapidamente depois não mais consegui-lo), mas jamais vi um dedo amputado voltar, ou a cura de uma doença cardiovascular, gangrena, isto tudo é um pouco **demais** para Deus, não é mesmo?

6. Para reiterar o que digo, do poder da mente, vale lembrar que na semana de Páscoa Judaica ou no festival de Lua Cheia do Equinócio de Outono na China, as mortes por causas naturais caem vertiginosamente (cf. Sagan: 1996; p.232-233); são só dois exemplos de um fato mundial: Deus cura todo mundo, do pagão que adora um homem ao cristão que carrega um crucifixo, do judeu que mata pela terra abandonada ao muçulmano que luta pela terra roubada, pouco importa; é neste Deus que você acredita?

7. Se um dia, ainda assim talvez, eu “veja” um espírito dirigir um veículo, eu posso meramente cogitar a possibilidade destes seres existirem, por ora, me limito a dizer que é bobagem, não só por ser incognoscível, mas por sua aplicação ser completamente inútil.

As pessoas dizem que ouviram vozes, viram pessoas, é uma revelação! É mesmo? Será que a pessoa que estiver verdadeiramente concentrada em ouvir algo não acaba ouvindo? Mas a questão é: de onde vêm tais vozes, da mente ou do exterior? Se é do exterior eu me pergunto por que as revelações não revelam nada, por que ninguém revelou aos católicos que a aliança com Hitler seria desastrosa? “Essas alucinações podem acontecer com pessoas perfeitamente normais em circunstâncias perfeitamente comuns. Elas também podem ser **provocadas**: pela fogueira de um acampamento à noite, por estresse emocional, por ataques epiléticos, enxaquecas ou febre alta, por jejum prolongado [eis porque as religiões consideram o jejum sagrado], insônia ou privação dos sentidos (...) existem também moléculas, como as fenotiazinas (...) que fazem as alucinações desaparecer.” (Sagan: 1996, p.113).

8. Gondim, em seu livro, vai ainda mais longe:

Em sua edição especial nº2, de julho de 2003, a revista Galileu publica uma reportagem, denominada *De onde vem a fé*, que apresenta um quadro

chamado “neurônios que crêem”. O quadro mostra (p.29) que há regiões específicas do cérebro responsáveis por sensações comuns a freiras católicas, monges budistas e qualquer um que reze, ore, faça preces ou medite com um sentido religioso. Sensações como “falar com Deus”, “ser tocado pelo Espírito Santo” ou “vislumbrar o Nirvana” têm a mesma origem neurológica. (Gondim: 2005, p.16)

9. É bom que não nos esqueçamos que 1% da população é esquizofrênica e o que determina ela está longe de ser uma força espiritual, se assim não fosse não teríamos a reveladora estatística de que 40% dos esquizofrênicos têm parente direto esquizofrênico e 12% tem parente indireto com a patologia. Bem como o Transtorno Borderline tem cinco vezes mais reincidência em quem tem parentesco de primeiro grau do que no restante da humanidade [que é 2%]. Alguns podem defender que a faculdade se desenvolve naquele espírito que precisa da doença. Mas se **eu**, supondo que seja esquizofrênico e minha esposa, resolvo ter cinco filhos, **eu** terei 2 filhos com a patologia, contra os fatos não há argumentos, e quem determinou isto fui **eu**, não Deus, me entende?

10. Alguns inutilmente ainda tentam refutar tal tese rebatendo o determinismo com mais um determinismo, encadeando ainda mais, ao invés de expor o livre-arbítrio. Por exemplo, eu digo que o que determina a esquizofrenia é uma questão de probabilidade, então eles refutam que “dentro desta probabilidade quem determina é Deus”. Bom, se quem determina é Deus, muito me surpreende se falar em livre-arbítrio, ademais, perguntar o que determina um caso ou outro dentro de uma probabilidade óbvia e comprovada, não só é um estudo que concerne a física quântica, como é, sem dúvida, uma observação ingênua: seria como perguntar, ao deixar cair uma gota de chocolate no fermento do panetone, o que determina que fique no ponto “x” ou “y” da massa final. Bom, o bom senso nos diz que não há nenhuma inteligência divina por trás disso.

## II. Mediunidade

1. Não é realmente curioso como os misticismos tão “científicos” sejam tão risíveis para a ciência? Por que será que as provas tão irrefutáveis dos esotéricos nunca se comprovam? Os métodos empíricos são todos lastimáveis na aplicação de uma sessão mediúnica. Os embustes estão por toda parte. E quando não é embuste, parece mais um sessão de esquizofrenia, uma crise mental, do que uma mensagem providencial de Deus para os humanos. Porém a sede por uma resposta mantém essas chamas da credulidade vivas. Eis o que Jung discorreu sobre tal crença: “essas pessoas não tem só têm insuficiência de pensamento crítico, mas também desconhecem as noções mais elementares da psicologia. No fundo, não querem aprender nada, mas simplesmente continuar a acreditar – sem dúvida a mais ingênua das presunções, em vista de nossas falhas humanas”. E sobre o fenômeno em si: “pode-se muito bem (...) tomar esses fenômenos simplesmente como um registro de fatos psicológicos ou como uma série contínua de comunicações do inconsciente (...) Eles têm essa característica em comum com os sonhos; pois os sonhos também são declarações sobre o inconsciente (...) A presente situação contém motivos suficientes para esperarmos calados até que apareçam fenômenos físicos mais impressionantes. Se, depois de constatarmos a falsificação consciente e inconsciente, o auto-engano, o preconceito, etc., ainda acharmos algo positivo por trás de tudo isso, então as ciências exatas vão certamente conquistar esse campo pelo experimento e pela verificação, como aconteceu em toda a área da experiência humana.”

### III. Psicanálise e Kardecismo

1. As duas maiores besteiras humanas da modernidade: kardecismo e psicanálise. Ambas acham que conhecem a causa de tudo, mas nenhuma consegue a solução em nada. Ambas procuram meios subjetivos, mas não vingam nem de perto os próprios objetivos mais básicos. Ambos se dizem, e não são, ciência, mas não admitem refutação. Oras, como diria Guilherme Merquior, sobre a causa dos problemas, se existe um problema e tem cachorro, é porque tem

cachorro, mas se existe um problema e não tem cachorro, é porque não tem cachorro: todos os problemas se resumem nesta balela generalista, eis como funciona o espiritismo e a psicanálise. Mas como, pergunto, podem duas teorias que analisam as raízes de tudo, o princípio de todas as coisas, de aplicação tão vasta são, inquestionavelmente, tão ou menos úteis que o nosso bom e velho placebo. ?

2. Ou resta ainda quem crê que os espíritas sejam mais saudáveis, mais puros, melhor norteados? Nem não precisamos de estatística: olhe em sua volta e compare a vida que leva o kardecista, o macumbeiro, evangélico, católico ou o ateu e chegue a “fantástica” conclusão que sofrem, perdem e ganham em semelhantes quantidades [para que serve então a oração?], ou seja, o mundo é equitativamente desordenado. Ah, “o espiritismo explica tudo”, eles dizem; porém.... não resolve nada! Eis minha resposta.

Sem dúvida, a imensa maioria das pessoas sem treinamento científico só pode aceitar os resultados da ciência fiando-se nas declarações de autoridades no assunto. Mas há, obviamente, uma diferença importante entre um sistema aberto que convida todo mundo a se aproximar, estudar os seus métodos e sugerir aperfeiçoamentos, e outro que considera o questionamento de suas credenciais um sinal de maldade no coração, com a que o [cardeal] Newman atribuiu àqueles que questionaram a infalibilidade da Bíblia (...) A ciência racional trata as suas notas de crédito como se fossem sempre resgatáveis quando solicitados, enquanto o autoritarismo não racional considera o pedido de resgate de suas notas uma desleal falta de fé. (Morris Cohen)

### IV. Fronteiras efêmeras

1. Caro leitor, se você chegou até aqui, mas ainda está convencido de que o Deus cristão existe, reencarnação, ressurreição, etc.; feche o livro a vá para a missa.

A ciência, naturalmente, não tem a resposta para tudo, tampouco tem as religiões. Para alguns é muito difícil acreditar que o mundo veio de uma explosão de enormes proporções; mas, você há de convir, é

mais fácil acreditar que o mundo veio do Big Bang do que acreditar nos sete dias, que a Terra tem 6 mil anos, que todos viemos de Noé (até os japoneses), no dilúvio, na inexistência dos dinossauros, ou seja, se precisasse escolher entre um e outro, com licença, mas eu fico com o Big Bang. Mas a questão é: quem disse que eu devo escolher? Oras, talvez eu precise estudar mais sobre a teoria da origem do Universo, mas, enquanto eu desconheço, se alguém me perguntar “de onde veio o mundo?” responderei tranqüilamente que não sei. E quem disse que eu preciso ter todas as respostas? Por que temos tanto medo de aceitar que nossa compreensão ainda não alcançou algumas questões?

2. Se alguém me diz que no centro da Terra existe um dragão de dez pernas e sete cabeças, certamente não poderei provar o contrário, o que obviamente não significa que este exista; pois eu reitero, na falta de conhecimento, prefiro dizer que não sei, mas se você perguntar se eu acredito, certamente responderei que não, simplesmente porque não é crível. Não é crível que Deus tenha feito o mundo tal qual diz a Bíblia, não é crível que o Jesus que ressuscita pessoas tenha passado pela Terra.

3. Você pode orar a vontade a procura de uma salvação, neste caos, eu ainda prefiro a ciência. Quem tem fé, vai no Dr. Fritz; quem não tem, toma medicamento. Como percebemos todos os dias, a ciência é passível de contestação, mas a religião é intolerante com estas. Se amanhã a ciência descobrir que, na realidade, a Terra é mesmo o centro do Universo [hipoteticamente], eu simplesmente vou mudar de opinião e passar a crer nisso; agora, há uma distância sucintamente enorme em eu crer em algo e, a partir daí, estabelecer Dez Mandamentos, desenhar o perfil que convém a todo o gênero humano, engendrar instituições e constituir Santas Inquisições, percebe a diferença? Em nome da minha crença na ciência eu não vou além dela, mas em nome da crença na religião, se constitui uma monstruosidade de barbarismos e preconceitos.

4. Muitos prognosticadores adoram alardear questões que supõe que a ciência jamais descobrirá. Na realidade, duvido muito que os maias adivinhariam que um dia o homem colocaria os pés na lua. Ou que os imperadores da dinastia Hanz, na China, suporiam que poderia se comunicar via celular *in time* com alguém num continente que eles nem sabiam que existia. Com que presunção supomos que a ciência irá estatelar mais ou menos como está agora? Quanto mais se subestima a ciência, mais ela se impõe. E, não tem jeito, quando a dor vier, não tem prece, mas analgésico: foi a ciência que fez!

Se você quiser saber quando será o próximo eclipse do Sol, pode procurar mágicos ou místicos, mas terá melhor sorte com os cientistas. Eles sabem, lhe dirão onde se posicionar na Terra, quando terá de estar nesse lugar, e se vai ser um eclipse parcial, total ou anular. Eles conseguem prever rotineiramente um eclipse solar, com exatidão de minutos, um milênio antes. Você pode ir ao feitiçeiro-curandeiro para que ele desfaça o feitiço que causa a sua anemia perniciosa, ou tomar vitamina B<sub>12</sub>. Se quiser salvar seu filho de poliomielite, pode rezar ou vacinar. Se esta interessado em saber o sexo da criança antes do nascimento, pode consultar todas as oscilações do chumbo na linha do prumo (...) mas eles acertarão, em média, uma em duas vezes. Se quiser uma precisão real (nesse caso, de 99%), tente amniocentese e ultra-som. Tente a ciência. (Sagan: 1996, p.44)

5. O que gostaria de perguntar aos kardecistas é: suponha que você more numa região isolada, seu filho vê coisas, se debate a noite, e tentou se matar esta manhã, como um endemoniado. Uns dizem que são espíritos, outros dizem que é esquizofrenia. Você pode se dirigir a centenas de quilômetros à esquerda para um centro espírita, ou centenas de quilômetros à direita para um psiquiatra. Sabendo que na próxima crise seu filho pode realmente se “suicidar”, qual a direção mais sábia e saudável? A que explica e não resolve, ou a que, embora nem sempre explique, ao menos trata?

Trechos de canções ou de línguas estrangeiras, imagens, acontecimentos que presenciamos, histórias que ouvimos por acaso na infância podem ser

recordados com acuidade décadas mais tarde, sem nenhuma lembrança consciente de como entraram em nossas cabeças. “[N]as febres violentas, homens, de todo ignorante, falaram em nossas línguas antigas” diz Herman Melville em *Moby Dick*; “e [...] que o mistério é sondado, sempre se descobre que, em suas infâncias totalmente esquecidas, essas línguas antigas tinham sido realmente faladas ao seu redor. (Sagan: 1996, p.137)

## V. Misticismo

1. A China, um dos países mais ateus do mundo, está despontando como a provável nova potência da história, quem diria? Alguém já se perguntou por quê? Visão política:

Governo da China e Partido Comunista Chinês (proclamação de 05 de dezembro de 1994):

O ensino público da ciência tem definhado nos últimos anos. Ao mesmo, tempo as atividades de superstição e da ignorância têm crescido, e os casos de anti-ciência e pseudociência se tornado frequentes. Portanto, medidas efetivas devem ser tomadas o quanto antes para fortalecer o ensino público da ciência. O nível do ensino público da ciência e da tecnologia é um sinal importante do grau de realização científica nacional. É uma questão de importância global para o desenvolvimento econômico, o avanço científico e o progresso da sociedade. Devemos estar atentos a esse problema e implementar o ensino público da ciência como parte da estratégia para modernizar o nosso país socialista e tomar a nossa nação poderosa e próspera. A ignorância jamais é socialista, tampouco a pobreza. (Sagan: 1996, p.34)

Na China as instituições religiosas são extremamente bem fiscalizadas. O ensino religioso só é permitido após os dezoito anos. Assustado? Mas lá funciona.

2.

Quando a possibilidade de vida extraterrestre começou a ser popularizada por toda parte – especialmente perto da virada do século passado, por

Percival Lowell com seus canais marcianos –, as pessoas passaram a relatar contatos com alienígenas, sobretudo marcianos. O livro de 1901 do psicólogo Theodore Flournoy, *From India to the planet Mars*, descreve um médium de língua francesa que, em estado de transe, desenhava retratos dos marcianos (eles se parecem bastante conosco) e apresentava seu alfabeto e linguagem extraordinariamente parecida com o francês. (...) [em 1902], Carl Jung descrevia uma jovem que ficou nervosa ao [ver] um originário de Marte (...) Charles Fort, um colecionador de relatos anônimos (...) escreveu [que havia habitantes em Marte] (...) Nos anos 50, um livro de Gerald Heard revela que os ocupantes dos discos eram abelhas marcianas (...) (Sagan: 1996, p. 120)

Adiante, Sagan explica que depois que a ciência revelou que os tais “canais de Marte” eram ilusórios não apareceram mais relatos tão veementes, começaram inclusive a dizer que alienígenas vieram de outros lugares, por que? Hoje em dia, curiosamente, acredita-se em extraterrestres que vivem a bilhões e bilhões de anos luz da Terra, mas até pouco tempo se acreditava que vivam “aqui do lado”, onde acaba a ciência, começa o misticismo.

## VI. Regressão

1. Mais uma inteligente maneira de ganhar dinheiro por mera hipnose. Oras, se você “abrir” a mente é óbvio que se pode questionar a veracidade do que está sendo visto. Não seria demasiado perigoso nos sujeitar ao bel prazer de um “manipulador de mentes”? Ele não poderia fazer você crer no que ele quer que você creia?

Essa coisa de regressão nada mais é que uma indução de informações das mais variadas a virem à tona. Em todos os relatos que li, ninguém morreu logo após o parto, e ninguém foi um pigmeu na savana africana. Todo mundo foi nobre e de preferência europeu ou então foi contemporâneo de alguma importante figura ou acontecimento de saída, isso já retira a maior parte da credibilidade científica desses registros. (Dr. Tony Netto)



2. Mas o problema da crença em vidas passadas, vai para além da regressão, muitas vezes, as informações vem de fontes bem mais sutis e sem hipnose.

A psicóloga Elizabeth Loftus, da Universidade de Washington, descobriu que indivíduos **não hipnotizados** podem ser facilmente levados a acreditar que viram algo que não viram. Num experimento típico, os indivíduos assistem a um filme de acidente de carro. Enquanto são questionados sobre o que viram, recebem de passagem informações falsas. Por exemplo, um sinal de parada é mencionado fortuitamente, embora não houvesse nenhum no filme. Muitos indivíduos então recordam terem visto um sinal de parada. Quando o engano é revelado alguns protestam veementemente, enfatizando serem **nítidas** suas lembranças do sinal. (...) Loftus afirma que “as lembranças de um acontecimento guardam mais semelhança com uma história que passa por constantes revisões do que com um pacote de informações inalteradas.” (Sagan: 1996, p.143-144)

## 6. ATEÍSMO E NIILISMO

“Se Deus existe por que ele não me manda um raio na cabeça? Responderam que é porque ele me ama. Mas Ele me ama o suficiente para me absolver no juízo final? Então por que me ama o suficiente para deixar que eu fale a torto e a direito tão mal Dele assim?”

(Mateus Davi)

### I. Esboço do ateísmo

1. O que leva as pessoas ao ateísmo? Certamente há vários caminhos. Mas há também aqueles que de fato passam imperceptíveis pelos nossos olhos, e quando falamos deles costumamos dizer “eis mais um cristão”, mas é justa esta afirmação? Coloquei abaixo um estudo sobre o ateísmo feito por Allan Kardec, como eu já disse na introdução, o que quero fazer com os livros sagrados é tirar-lhes o status de sagrado e entregá-los a filosofia porque a verdade é que há sim, em meio ao esgoto de erros e mar de contradições, uma ou outra sabedoria ou estudo que de fato vale a pena ser citado. Uma vez que um livro não é mais considerado sagrado, ordenado por espíritos próximos de Deus, ou inspirados divinamente; o cobertor da filosofia não faz nenhuma restrição. “Venham livros da sabedoria, esqueçam o lado divino, e vamos enfrentar a realidade; esqueça as páginas de equívocos e vamos discutir só o que merece ser discutido. Oras, nada vem de Deus coisa alguma, mas entramos num acordo no tocante ao que você tem ou não razão.” Eis o que é filosofar.

(O Livro dos Médiuns: n.20-25).

Entre os materialistas, importa distinguir duas classes: colocamos na primeira os que o são por *sistema*. Nesses, não há a dúvida, há a negação absoluta, raciocinada a seu modo. O homem, para eles, é simples máquina, que funciona enquanto está montada, que se desarranja e de que, após a morte, só resta a carcaça. Felizmente, são em número restrito e não formam escola abertamente confessada. Não precisamos insistir nos deploráveis efeitos que para a ordem social resultariam da vulgarização de

semelhante doutrina. [os países com grande número de ateus já nos mostrou o quão errado é este prognóstico, mas, enfim, este estudo sobre as formas de ateísmo é interessante e, em geral, válido.]

Quando dissemos que a dúvida cessa nos incrédulos diante de uma explicação racional, excetuamos os materialistas extremados, os que negam a existência de qualquer força e de qualquer princípio inteligente fora da matéria. A maioria deles se obstina por orgulho na opinião que professa, entendendo que o amor-próprio lhes impõe persistir nela. E persistem, não obstante todas as provas em contrário, porque não querem ficar de baixo. Com tal gente, nada há que fazer; ninguém mesmo se deve deixar iludir pelo falso tom de sinceridade dos que dizem: faizei que eu veja, e acreditarei. Outros são mais francos e dizem sem reboço: ainda que eu visse, não acreditaria.

A segunda classe de materialistas, muito mais numerosa do que a primeira, porque o verdadeiro materialismo é um sentimento antinatural [esta afirmação não tem o menor sentido], compreende os que o são por indiferença, *por falta de coisa melhor*, pode-se dizer. Não o são deliberadamente e o que mais desejam é crer, porquanto a incerteza lhes é um tormento. Há neles uma vaga aspiração pelo futuro; mas esse futuro lhes foi apresentado com cores tais, que a razão deles se recusa a aceitá-lo. Daí a dúvida e, como consequência da dúvida, a incredulidade. Esta, portanto, não constitui neles um sistema. Assim sendo, se lhes apresentardes alguma coisa racional, aceitam-na pressurosos. Esses, pois, nos podem compreender, visto estarem mais perto de nós do que, por certo, eles próprios o julgam.

(...)

Ao lado da dos materialistas propriamente ditos, há uma terceira classe de incrédulos que, embora espiritualistas, pelo menos de nome, são tão refratários quanto aqueles. Referimo-nos aos *incrédulos de má-vontade*. A esses muito aborreceria o terem que crer, porque isso lhes perturbaria a quietude nos gozos materiais. Temem deparar com a condenação de suas ambições, de seu egoísmo e das vaidades humanas com que se deliciam. Fecham os olhos para não ver e tapam os ouvidos para não ouvir. Lamentá-los étudo o que se pode fazer.

Apenas por não deixar de mencioná-la, falaremos de uma quanta categoria, a que chamaremos *incrédulos por interesse ou de má-fé*. Os que a compõem sabem muito bem o que devem pensar do Espiritismo, mas ostensivamente o condenam por motivos de interesse pessoal. Não há o que dizer deles, como não há com eles o que fazer. O puro materialista tem para o seu engano a escusa da boa-fé; possível será desenganá-lo, provando-se-lhe o erro em que labora. No outro, há uma determinação assentada, contra a qual todos os argumentos irão chocar-se em vão. (...)

Além dessas diversas categorias de opositores, muitos há de uma infinidade de matizes, entre os quais se podem incluir: *os incrédulos por pusilanimidade*, que terão coragem, quando virem que os outros não se queimam; *os incrédulos por escrúpulos religiosos*, aos quais um estudo esclarecido ensinará que o Espiritismo repousa sobre as bases fundamentais da religião e respeita todas as crenças; que um de seus efeitos é incutir sentimentos religiosos nos que os não possuem, fortalecê-los nos que os tenham vacilantes. Depois, vêm os incrédulos por orgulho, por espírito de contradição, por negligência, por leviandade, etc., etc.

Não podemos omitir uma categoria a que chamaremos *incrédulos por decepções*. Abrange os que passaram de uma confiança exagerada à incredulidade, porque sofreram desenganos. Então, desanimados, tudo abandonaram, tudo rejeitaram. Estão no caso de um que negasse a boa-fé, por haver sido ludibriado.

2. Como podemos, seguindo esta linha de raciocínio kardecista, que, confesso, me agradou profundamente, mostra com detalhes que há muito mais não-religiosos do que o IBGE, com seus ridículos 7,35%, nos mostrou. Olhe você mesmo em sua volta, faça uma amostragem das pessoas do seu trabalho, da sua escola, pergunte a eles sua religião, se freqüentam alguma Igreja, se já leram integralmente os livros básicos desta ou daquela fé, e perceba que, provavelmente, existem mais ateus (do tipo afetado) do que pessoas realmente crédulas.

## II. Agnosticismo

1. Uma confusão bastante profusa é a crença de que o agnosticismo é u meio-termo entre o teísmo e o ateísmo: essa posição não existe nem na teoria, nem na lingüística, tampouco na prática, explico:

2. O termo agnosticismo significa “não-conhece” ou “falta conhecimento”. Temos, por bom exemplo, a afirmação de que “no centro da Terra existe um dragão de dez patas e quinze chifres”. Tendo em vista que o ser humano nunca foi ao centro da Terra todos somos agnósticos em relação a esta afirmação; entretanto, devido a algumas evidências científicas da impossibilidade de existir vida animal [ainda mais um dragão] num lugar tão quente e hermético, podemos dizer que acreditamos ou que não acreditamos, embora, ainda assim, tenhamos, no fundo, dúvida.

3. Se você disser para uma criança que a soma dos quadrados dos catetos é igual ao quadrado da hipotenusa, ela não vai compreender [porque ela é agnóstica em relação a este fundamento matemático], porém, devido a forma com que você fala e tentativas de demonstração ou explicação a pessoa pode dizer “acredito” ou “não”. Eis o fio da meada.

4. Talvez seja difícil dizer tacitamente se Deus existe ou não. Mas quando você explica [atente a este detalhe] o que é Deus (Deus cristão, Deus hindu, Deus Alá, etc.), você poderá dizer, tranquilamente, que “não, o Deus cristão não existe” ou “o Deus maometano não existe”. O termo Deus é abstrato, mas o Deus cristão não, pois ele está devidamente caracterizado na Bíblia.

5. Do ponto de vista prático, por mais que o agnóstico negue, no fundo, ele tende a acreditar ou não, mesmo que só admita isso para o espelho. Far-se-ia oportuna a seguinte pergunta: “você duvida que Deus existe, mas, no fundo, você acha que ele existe?”, e complementar: “duvidar de Deus já não é não crer nele?”.

De que direito se vale o agnóstico para adorar um ponto de interrogação? (Nietzsche, *Fragmentos Finais*)

6. Eu compreendo, entretanto, e falo como homem e não como filósofo, que seja difícil em algumas comunidades se apresentar como ateu, o preconceito ainda está enraizado. O agnosticismo é uma posição que deixa uma aparente brecha ao teísmo, mas, comumente, é um caminho de médio prazo ao ateísmo.

### III. Dicionário de sinônimos

1. Ateus convictos, não se deixem levar pela zombaria ou pelo xingamento, seu ponto de vista não é produto do senso comum: chamaram Nietzsche de inepto; Gauss de embusteiro; Galileu de herege, Turguêniev de incitar a violência, Kierkegaard de anticristo, Sócrates e Gandhi de antipatriota, e muito outros. Todos cinicamente injustiçados, ridiculamente zombados, e [que epigrama!] estavam invariavelmente todos sem exceção com a razão.

2. É com grande receio, entretanto, que respondo a pergunta de qual é a minha religião a um evangélico: alguma coisa acontece entre o seu ouvido e o seu cérebro que arrasta junto com a palavra ateu os termos imoral, louco, depravado e criminoso; como se houvesse alguma identidade entre eles. Mas isto é costume no rebanho: não sei baseado em quê ou com que direito se afirma pretensiosamente que ateu é sinônimo de imoral, verdade se identifica com Jesus, Jesus é sinônimo de Deus, Deus é sinônimo de Espírito Santo, deus (minúsculo) é o mesmo que Satanás, mas deuses também é sinônimo de Satanás (no singular), bom é sinônimo do que a Bíblia diz que é bom, e mais um monte de outras inferências suspeitas disponíveis em suas exegeses e emanadas todos os dias das bocas dos seus padres e pastores. Eles certamente são providos de um dicionário de sinônimos só deles, mas que utilizam com toda pompa de uma verdade etimológica. A grande “ironia” do “destino” é que os símbolos da paz no mundo, nos dias de hoje, são, por exemplo, pessoas como John Lennon, o qual escreveu

*Imagine*, um ateu, e não a Igreja, dos Macedos e dos “Padrófilos”. Pois o que se pode dizer dos ateus é “eis um homem obcecado pela verdade”, por definição.

3. A noção de que a religião é fundamental a sociedade não é mais do que antiquada. Oras, é o mesmo que dizer que a Europa e a China estão afundadas em caos. Os seres humanos modernos são suficientemente acessíveis para temer uma lei constitucional, invés da testamental; e seguir preceitos morais da sociedade, e não cristã. Muito embora eu não defenda seguir preceitos morais impostos pela sociedade, este é o caminho inicial daqueles que se tornam incrédulos. Será que ainda existe alguém que acredita que a pessoa só não mata outra por crença em Deus? Pois eu acho que é por pavor pessoal de lidar com sangue e morte ou medo do código penal.

#### IV. Ceticismo

“Eu descobri que não acreditava em Deus quando eu resolvi descobrir Deus. Leia a Bíblia e descubra você também” (Mateus Davi)

1. Um pouco de ceticismo não faz mal a ninguém. “Mente aberta é uma virtude, mas nem tão aberta a ponto de deixar o cérebro cair para fora” (James Oberg). Alfredo Bernacchi, um escritor que já foi espírita, católico, protestante, pastor, que teve um filho assassinado, passou a questionar a existência de Deus e concluiu que o ateísmo era a única cama forrada com o lençol da verdade, legou no seu livro *Ateu Graças a Deus*:

Há coisas na vida que a gente não sabe explicar. Tudo quanto é coisa difícil de entender é difícil de explicar.

Por que acreditam em ETs, por exemplo? E as pessoas que viram, falaram com eles, etc., dão depoimentos super-convincentes a respeito e, comprovadamente, isso não é verdade. Outros prevêem futuros, e comunica-se com mortos (o que é outra mentira).

Observe que nunca um morto deu qualquer dica válida, para qualquer vivo, a respeito de qualquer coisa, que tenha podido ser provado que realmente tenha sido um vivo que morreu. Nunca os mistérios dos assassinatos foram desvendados. Nunca os números da loteria foram adivinhados. Coincidências e mais coincidências apenas. É como eu vejo tudo. São trilhões de coisas que acontecem diariamente. Algumas têm uma relação de coincidência, por ser óbvio que tivessem.

Às vésperas de uma viagem, sonhei que o meu pai se havia acidentado no avião que tomaria no dia seguinte. Um sonho terrível, com muito sangue, que me impressionou demais. Falei com ele e ele nem ligou. Está aí até hoje. Vivo. E se houvesse acontecido um acidente, com ele, com o vizinho, comigo, com um parente, eu seria o mais novo “adivinhólogo” carioca. Como não aconteceu, nunca mais falei do assunto.

Há vinte anos atrás, me envenenei com um peixe e entrei em coma no hospital. Lentamente fui perdendo as forças, sem perder a consciência, até “morrer”. Fui salvo pela medicina e só acordei no dia seguinte. Não vi estrelas, não vi luzes, não vi pessoas, não ouvi vozes, nada. Salvo o cérebro que parou, como se eu tivesse adormecido.

Já inventaram de tudo por aí, para fazer o povo acreditar que existe essa tal possibilidade. Nunca ninguém provou que isso fosse verdade. Nem os próprios espíritos, que baixam por aí, sabem explicar o que acontece. Eles sabem nada e se você insistir em perguntar eles chutam tal qual um curandeiro qualquer.

Aconteceram coisas incríveis comigo que se fosse impressionável estaria por aí dando mil depoimentos. Porém nenhuma delas tratava-se de um caso insofismável. Indubitável. Sempre ficou um mistério... Sempre houve um mistério... Sempre há um mistério. Deus é um mistério. Jesus é um mistério. A fé é um mistério. A parapsicologia, um mistério. A psicografia, um mistério. O anjo Gabriel que apareceu a Maomé, um mistério. Revelações de virgens, um mistério. Milagres são mistérios. Vozes em discos tocados ao contrário, aparições, lágrimas de santas, sangue que escorre, santas que aparecem nas vidraças, tudo sempre misterioso. Tudo inexplicável, duvidoso, impossível de provar. Nenhuma

dessas coisas serviu pra nada até hoje, a não ser para fazer o povo se encher de temor e contribuir com dinheiro.

(...)

A mulher estava com a perna engessada e alguns hematomas no rosto. Na camisa de malha vinha estampada a figura de N. Sra. De Aparecida e alguns respingos de sangue. E a mulher, ainda nervosa testemunhava às pessoas que encontrava no trajeto da sua cadeira de rodas:

– Foi uma desgraça, mas Deus é bom!... Deus é muito bom!... Oh! meu Pai!... Fui salva pela Providência Divina, graças a N. Sra. de Aparecida... Obrigada N. Senhora!... Graças a Deus!...

Os outros 33 passageiros do ônibus, que conduzia romeiros à catedral da santa, morreram. A maioria carbonizada. Aliás, mais um acidente com romeiros indo para Aparecida.

Eu vi, calado, a toda a cena da sua saída do hospital e, se não fosse o estado deplorável daquela senhora, eu gostaria de perguntar a ela:

– Minha senhora, se Deus é tão bom, o quanto a senhora diz, por que “permitiu” a morte tão dramática de 33 pessoas, que iam reverenciar à sua própria mãe, e por que lhe quebrou uma perna, lhe fez perder amigos e parentes e ainda lhe deixou esse roxo no meio da testa?

De fato eu estava chocado com tal cena de fanatismo. Assisti mais uma vez a incoerência de um ser humano irracional, que reverencia e ainda agradece quem lhe proporcionou tamanha desgraça. Talvez ela desse a mesma desculpa de sempre. Uma resposta tola e bitolada. Talvez eu até acabasse rindo da sua desgraça, por isso fiz questão de permanecer quieto. Mas, era a hora certa para fazer esse tipo de questionamento.

Por isso, eu deixo para você, leitor de qualquer credo, que está de cabeça fria, responder no lugar daquela pobre infeliz ou rica feliz, sei lá.(?!)

1 – Foi N. Sra. de Aparecida que a salvou, ou foi a santa que mandou aqueles pobres diabos queimar no inferno e esqueceu dela?

2 – Deus é bom e poderoso, realmente, e livrou aquela mulher da morte, ou Deus é cruel e injusto que incendiou os seus próprios filhos e não conseguiu acertar a mulher?

3 – Os que morreram eram pecadores e mereciam o castigo ou eram santos demais e foram chamados para o céu? E a mulher não era uma coisa nem outra?

4 – O que fez essa mulher se salvar? A sua fé na santa, ou a casualidade do destino?

5 – Quem foi mais forte: Deus que salvou um ou o diabo que matou trinta e três?

6 – O que faz essa mulher reagir dessa forma? A graça da salvação ou a ignorância da obsessão?

Só não vale responder: “Deus não existe, N.Sra. é mais uma tolice e aquela mulher é uma idiota”, porque essa resposta já é minha.

(...)

O crente faz um pedido e sua promessa de pagar de alguma forma. Não deixa de ser um negócio, uma barganha com Deus, mas vá lá... Se o tal pedido não é realizado, não se fala mais no assunto. Diz-se que o tempo de Deus é diferente do nosso. A esperança e a incerteza permanecem por anos a fio. Pensa o crente para si mesmo: – Se o Santo (não sei o que) não me atendeu, é porque não mereci, ou porque pequei, ou porque não tive suficiente fé ou assim era melhor pra mim. – Se por outro lado o pedido é atendido, foi milagre.

Por exemplo: Se alguém transformar água em vinho, que esse vinho seja engarrafado e testemunhado permanentemente. Porque a ciência pode reproduzi-lo num transe hipnótico. Todos pensarem que beberam vinho, quando tomaram apenas água. Se alguém curar um aleijado, que seja um aleijado sem uma das pernas. Se essa perna for reconstituída e o beneficiário continuar vivo por aí, andando por aí para quem quiser ver, então eu considero milagre.

Esses videntes e adivinhos poderiam ser enquadrados entre os milagreiros, se adivinhassem sempre os números da loteria, os locais onde estão escondidos cadáveres, pessoas seqüestradas, tesouros, documentos etc.

Então, nessas condições eu nunca soube de nenhum milagre no mundo. Também não aceito testemunhos verbais ou escritos de fanáticos ignorantes de 2.000 anos atrás.

Não acredito em milagres nem em castigos. Costumo dizer que eu sou a maior prova da inexistência de Deus. Você pode me provar o contrário?

Caramba, eu devo estar enganado. Deus não existe. Não pode existir desse jeito! Se existe, não há qualquer justiça nas suas ações!... Mas continuava pensando, fabricando, as mínimas hipóteses de eu estar errado. Vivi anos

desculpando Deus, arranjando justificativas para os seus “atos” estapafúrdios e à minha crença, explicando o inexplicável, tais as injustiças e as evidências dos fatos incompreensíveis, atribuídos a ele. As questões foram se acumulando. As perguntas ficando cada vez mais difíceis de responder e as respostas cada vez mais ridículas e absurdas. Imaginem um diálogo com Deus, assim:

- Deus, por que você deixou o teto daquela Igreja desabar na cabeça dos crentes que estavam te louvando?

- *R – Porque ou eram santos e deveriam ir para o céu, ou pecadores e deveriam pagar pelos seus pecados.*

- Deus, por que fulano ou cicrano, que vive te servindo, orando todo dia de joelhos, te louvando com todo amor, perdeu o filho, tem a mulher entrevada numa cadeira de rodas, vive doente, com fome, dependendo da esmola de outros seres humanos que têm vida irregular, cheia de pecados?

- *R – É para provar a sua fé...*

- Deus, por que essa criancinha nasceu tão doente se os seus pais crêem em ti com todo fervor?

- *R – Ela será motivo de fé para quem olhar (Tem uma missão).*

- Deus, por que aquele pastor, está cheio do dinheiro, naturalmente roubando da sua Igreja, enquanto fiéis tão pobres pagam o seu dízimo com sacrifício? E tu não fazes nada?

- *R – Ele terá o castigo no dia do juízo final.*

- Deus, por que aquele cara chutou a tua cruz (fato real) e ficou por isso mesmo, enquanto uma excursão de romeiros morreu incendiada na estrada?

- *R – É porque... porque... Deve ser porque... Deus... é... Deus permitiu, para testar o livre arbítrio e os outros eram pecadores disfarçados.*

- Deus, por que a miséria se abate entre os teus adoradores, enquanto entre os ricos que te rejeitam há abundância e felicidade?

- *R – É mais fácil um camelo passar no buraco de uma agulha... Dos injustiçados será o reino dos céus...*

- Deus, por que aquele justo foi assassinado por aquele bandido?

- *R – Os justos herdarão o reino de Deus...*

- Deus, por que guerreiam em teu nome, e se matam uns aos outros por ódio e vingança?

- *R – É porque... porque... deve ser porque... Pula essa. Você não entende os desígnios divinos.*

- Deus [cristão], por que somente um terço do planeta acredita na tua existência e justamente essa parte vive em conflitos, enquanto a paz reina junto aos que sequer ouviram falar do teu nome? (indianos, budistas)

- *R – É porque... Os desígnios de Deus não foram feitos para a compreensão do homem.*

- Deus, por que justamente agora que eu estou com tanta fé, faço minhas obrigações, pago o meu dízimo, dou minha sacrificada contribuição, estou doente e tenho regredido a ponto de ter que abandonar tudo? Deve ser para testar a minha fé? Acho... Ou então porque sou um pecador... Deve ser isso. Cometi algum pecado?

- *R – Éééh... Foi isso!...*

Até que um dia, por um fato marcante e incontestável, por uma razão inexplicável, um motivo que não poderia ser justificado de jeito nenhum, eu desisti:

- Deus, por que tu me tiraste um filho pela segunda vez, visto que é tudo o que eu tenho? Por acaso, não fui um homem justo e leal?

- *R – Foi porque eles eram santos... Deus chamou...*

- Ah... pêra aí... santo, não era não!... E por que não chamou a madre Tereza de Calcutá? Nem o Frei Damião, nem o Papa que morreram de velhos?

- *R – Ah... eles tinham uma missão*

- E o meu filho não tinha uma missão? Deus... Quer saber de uma coisa? Você não existe!... Só pode!... Sinto muito... Não existe!... Tudo uma mentira!... Está explicado. Uma grossa mentira!... E a partir de hoje, não vou mais explicar as suas injustiças, mas agir do meu jeito. Se eu estiver errado, me prove então... Prove!!!

- R.....

“As coisas desse mundo são tão injustas que se houvesse um Deus, ele seria o Ser mais injusto do Universo” (Alfredo Bernacchi)

2. Um pouco de ceticismo realmente não faz mal a ninguém. Oras, quando vejo todas estas propagandas contra o MST fico me perguntando até que ponto eu posso crer na fidelidade do que está sendo passado com a realidade. Até onde eu conheço, tendo a ser contra o MST, mas este “até onde eu conheço” é um conhecimento confiável?

Não disseram também que Antônio Conselheiro era um herege? Mas o que ele fez, na realidade, foi só organizar uma comunidade agrícola. O que dizer dos quilombolas? Todas os meios de divulgação destas épocas eram invariavelmente parciais e as noções passadas ao público são altamente suspeitas, fragmentadas e equivocadas. Por que devo confiar na mídia de hoje em dia? Honestamente, eu, pessoalmente, não confio em nada do que a mídia, sobretudo a televisão, diz para nós. Nem mesmo a mídia americana é digna de confiança:

3.

Vimos um pálido eco do que é agora possível em 1990-1, quando Saddam Hussein, o autocrata do Iraque, experimentou uma transição abrupta de consciência norte-americana, passando de um quase aliado do obscuro – a quem se concediam mercadorias, tecnologia avançada, armas e até dados do serviço secreto por satélite – a um monstro escravizador que ameaçava o mundo. Pessoalmente, não sou admirador do sr. Hussein, mas foi impressionante a rapidez com que alguém desconhecido de quase todos os norte-americanos pôde ser transformado na encarnação do mal. Nos dias de hoje, a máquina de gerar indignação está funcionando em outro lugar. Que confiança podemos ter de que o poder de conduzir e determinar a opinião pública estará sempre em mãos confiáveis? (Sagan: 1996, p. 401)

4. Outro fato profundamente triste foi um testemunhado por mim mesmo. No filme *Tratamento de Choque*, estrelado por Jack Nicholson, há uma curiosa passagem. Dentro de um Templo Budista, o ator questiona um convertido: “Como você pode exercitar o autocontrole professado por um gordinho?”. Primeiro, os budistas não adoram a uma pessoa Buda, mas ao estado de Buda. Segundo, Sakyamuni [séc. V a.C.], o qual provavelmente estava o ator se referindo, não era gordo; as estátuas budistas rechonchudas e orelhudas a que o ator se refere são sinais de iluminação como saúde e fartura, e não características físicas de um ou outro Buda. Terceiro, não existiu apenas uma única pessoa que atingiu o estado de Buda, mas Nento, Sidarta Gautama, Nitirem Daishonin [séc XIII d.C.], e muitos outros; aliás, segundo a doutrina, um Buda serviu em encarnações anteriores a milhares de Budas (Sutra de Lótus 2:23-24); logo, a fé não é “neste” ou “naquele” Buda, pois

todos somos Budas em potência. A falácia é apresentada pela estrela do filme, o ator principal, que é um médico pós-graduado com sinais de genialidade, dando-nos uma pernicioso impressão de que a pergunta é capciosa e válida. O interlocutor, recém-convertido ao budismo, é um idiota que foi motivo de piada durante toda sua juventude, responde a pergunta suplicando risivelmente para que Nicholson não zombasse de sua crença. Primeiro, um budista, que tem uma religião cem vezes elevada à nona potência superior a do cristão, jamais responderia desta forma a uma mentira de domínio público no círculo budista. Segundo, não teria agredido, em seguida, o interlocutor, como ocorre no filme. Esta passagem difundiu o preconceito e o conceito-errôneo na população ocidental, alimentando-os com uma argumentação ridícula, pernicioso, falacioso, errôneo, desrespeitoso e antiético; desinformando as pessoas a respeito de uma crença milenar e anterior e mais avançada que o cristianismo, cometendo um desserviço a razão. Nada tão falso e tão tristemente enfadonho como a atuação da mídia, principalmente a televisão, em “emburrecer” e brutalizar o mundo ocidental.

Não resta nada, a não ser a razão, a observação... o niilismo...

## V. Niilismo

“Para muitos, ser feliz é um paradigma intangível, os quais perdem tempo afirmando, mas sem saber definir o que é felicidade ou dizendo que ninguém é feliz. Só sendo muito infeliz para chegar a essa conclusão, logo, não me surpreende a noção de felicidade ser algo, para estas pessoas, de outro mundo” (Mateus Davi)

(...)

- O que Bazárov é? – sorriu Arkádi. – Tio, o senhor quer que eu lhe diga o que ele é, precisamente?
- Faça-me esse favor, meu sobrinho.
- É um niilista.
- Como? – perguntou Nikolai (...)
- Ele é um niilista – repetiu Arkádi.

- Niilista – disse Nikolai Petróvitch. – Vem do latim *nihil*, nada, até onde posso julgar; portanto essa palavra designa uma pessoa que... que não admite nada?
- Digamos que não respeita nada – emendou Pável (...)
- Aquele que considera tudo de um ponto de vista crítico – observou Arkádi.
- E não é a mesma coisa? – indagou Pável.
- **Não, não é a mesma coisa. O niilista é uma pessoa que não se curva diante de nenhuma autoridade, que não admite nenhum princípio aceito sem provas, com base na fé, por mais que esse princípio esteja cercado de respeito.** (Turguêniev: 1862, p.46-47)

## VI. Onde está o niilismo

O que se não dá coletivamente, a doutrina do *niilismo* realiza todos os dias isoladamente (Kardec: 1865, 1:1:2)

1. O niilismo está no filho que diz para o pai: "não é bem assim". O niilismo está no crente que ouve o pastor e pensa: "será mesmo?". O niilismo está naquele que joga pedra na Igreja e naquele que somente pensa "humanos, demasiado humanos", meneando a cabeça. O niilismo está naquele que pouco se importa com céu, inferno, juízo final e redenção. O niilismo está no cara que larga a faculdade de medicina no último ano e diz para o pai: "não sou espelho para refletir os seus sonhos". O niilismo está naquele que duvida de toda a verdade, naquele que torce o nariz para toda metafísica, naquele que lê a Bíblia com a mão na boca para que não o vejam sorrir. O niilista é aquele que não tem vergonha de dizer "não sei" e aquele que tem coragem de dizer "duvido". Você nunca viu um niilista? Oras, olha quantos Karamazovs pelas ruas, olha quantos Brás Cubas a solta, veja os Macbeths, as Macabelas; você não vê os Nietzsches, os Sartres, os Schopenhauers, Jungers, Merquiors e Camus todos os dias? Limpe a lente e veja com seus próprios olhos. O niilismo não pede licença para entrar, ele está na sua suíte!

2.

O Anarca [Niilista] é um solitário que se refugia na própria interioridade. Não deve ser confundido com o anarquista, não é um revolucionário que deseja transformar o mundo e, para alcançar seu objetivo, está disposto até ao crime e ao terrorismo. O Anarca [Niilista] pode até se sujeitar exteriormente à ordem e à lei, mas, no íntimo, na solidão da noite, pensa e faz o que bem quer. E mesmo quando marcha nas fileiras de um exército combate só suas guerras. Embrenha-se nos territórios selvagens e nos poucos oásis restantes, para regenerar as próprias forças. (Volpi: 1999, p.95)

“Dois tipos de pessoas são felizes neste mundo: Aqueles que são completamente ignorantes e aqueles que são verdadeiramente sábios. Todas as outras são infelizes” (Mahâbhârata, 12.174.33)

## VI. Livre-arbítrio x Determinismo

1. De acordo com o Wikipédia:

O **determinismo** constitui um princípio da ciência experimental que se fundamenta através da possibilidade da busca das relações constantes entre os fenômenos.

Os deterministas acreditam que todo efeito tem somente uma única causa e vice-versa. Uma bola de bilhar arremessada com determinada força e direção só poderão percorrer um único caminho que poderá ser traçado com perfeição se todas as variáveis puderem ser levadas em conta, portanto, seu comportamento é determinado pela ação que a causou.

Assim, segundo o determinismo, você não pode optar por um sorvete de chocolate ou baunilha, o que ocorre é a ilusão de escolha. Seja qual for a opção que tomar, ela já estaria pré-determinada portoda a sua trajetória de vida e de toda a humanidade antes dela.

O que acontece é que as variáveis envolvidas no ato tendem ao infinito, causando assim, a ilusão de livre-arbítrio ou escolha.

2. Será mesmo que existe livre-arbítrio neste mundo? Será que todas as suas escolhas são realmente suas e são realmente escolhas. A refutação, preconceituosa, de antemão, ao determinismo provém de uma perplexidade sartreana [J. P. Sartre] ao fato de não atribuir o



culpado ao crime. Ou seja, ninguém poderia ser condenado por crime algum, uma vez que nada decidiu, mas agiu simplesmente por uma série de circunstâncias? Alto lá. Na natureza existe a lei do mais forte, os fracos e oprimidos, são, logo, enfraquecidos e oprimidos, não é o que fazemos com os criminosos? Uma maçã podre não tem culpa de ser podre, de ter sido assolada, e nem por isso o ceifeiro a “perdoa”.

3. O que digo é: não! A pessoa não é culpada por seus crimes, mas quando temos gangrena “arrancamos e jogamos fora”; a gripe combatemos; e o criminoso aniquilamos. O fato de o louco ser protegido pela constituição pela inculpabilidade não faz dele um inocente a um crime, e tampouco previne ele de ser encarcerado [mesmo que seja numa penitenciária psiquiátrica]. O homem que realmente sem intenção atropela um pedestre responde criminalmente pelo “crime que cometeu”, mas ele não tinha culpa? A questão não é essa. Todo crime tem sua consequência, e se deseja que cada qual receba a devida equação por seus erros e “erros” no tribunal: o remédio certo para a enfermidade certa. O determinismo de modo algum prega o fim das penitenciárias, mas sabemos que elas são muito mais métodos de contenção de “epidemias” do que de reabilitação. Em poucas palavras, ninguém é culpado, no literal da palavra, pelo crime que comete, porém este câncer, o criminoso, merece a devida terapia: a aniquilação! É muito mais um fato natural, pois a natureza não é perfeita, do que uma escolha.

4. Não há nada na sua atitude que seja uma escolha verdadeiramente sua. Uma leitura da literatura de costume de alguém deflagra inquestionavelmente seu modo de agir e é flagrante no seu linguajar. Não é, de modo algum, mera coincidência que pessoas do mesmo meio tem um linguajar parecido. É ter a mente muito estreita acreditar que países como a Rússia, China e República Tcheca tem grande número de ateus por mero acaso; ou que na Itália quase todo cristão seja católico por uma escolha verdadeiramente livre.

5. O determinismo, todavia, não explica nem o meio e nem o fim, pouco importa o meio e o fim se, do ponto de vista prático, ele se encaixa. Ninguém pode provar matematicamente as leis de Newton, entretanto, elas funcionam na mecânica geral. O fato das leis de Newton não poderem se aplicar a tudo as invalida? De modo algum. Da mesma forma que o determinismo é perfeito no tempo humano conhecido, e uma premissa que invalida totalmente o livre-arbítrio kantiano ou qualquer outro, do começo ou do fim responderei “não sei”, mas que aqui e agora é assim que funciona, isso é certo.

6. Alguns tentaram refutar: “Mas por que as pessoas não agem iguais? Por que, ainda assim, pessoas do mesmo meio se destacam umas das outras? Se todo escravo, por exemplo, era submisso, como explicar a existência de Zumbi? E se você disser que os escravos não são submissos, por que nem todos eram Zumbis?” Apesar da aparente lógica deste argumento, percebemos, entretanto, as mesmas “exceções” na natureza: os animais da natureza não têm livre-arbítrio porque não detêm raciocínio lógico [embora esta afirmação seja controversa, na maioria dos seres vivos ela se aplica irrefutavelmente], porém, percebemos tomando dois animais da mesma espécie e criados no mesmo ambiente e pelo mesmo dono, sendo gêmeos, ainda assim, cada qual tem uma história e faz ou sente as coisas de maneiras distintas, por que agir diferente se o “meio” ou as “influências” são aparentemente as mesmas? É claro que é impossível você criar dois animais “iguais” de maneira igual, muitos dirão isso, mas as semelhanças do perfil destes não é uma evidência de que o determinismo existe? Os cachorros de raças ferozes quando criados no meio da comunidade, fora de casa, tendem a comumente serem mais dóceis, por que será?

7. Esses dados apresentados teriam pouco ou nenhum valor se a analogia não fosse verdadeira. Ao passo que normalmente o cachorro preparado para richa é comumente violento o ser humano educado para ser bandido é comumente criminoso. Mas e as exceções? Oras, temos tanto exceções no mundo animal como no mundo humano e, pasmem,

em semelhantes quantidades. Se a natureza não tem livre-arbítrio o ser humano também não deve ter.

8. O determinista pode acreditar que decifrando todas as características humanas (DNA), todas as influências externas (cultura, educação, etc.); poderíamos, com uma margem de erro ínfima, determinar o futuro de qualquer pessoa; isso só não é possível porque você teria que prever o futuro, mas para prever o futuro você teria que fazer a linha determinista de todo o universo, até estimar a influência cultural indireta na cabeça das pessoas por saber que um meteorito está vindo de encontro a aniquilação terrestre. Ao menos hoje em dia isso seria impossível. Mas os dados tomados pelo coletivo nos mostra um padrão inegável de comportamento, características exclusivas ou não a determinada cultura.

9.

O egoístico é nos penalizado (mesmo após ter-se entendido a impossibilidade do inegoístico)

O necessário é nos penalizado (mesmo após ter-se entendido a impossibilidade de um *liberum arbitrium* e de uma “liberdade inteligível”). (Nietzsche: 2002, p.52)

10. Desculpem-me a presunção, mas o determinismo para mim é algo que não passa de óbvio. Não há um verso do livro da vida que não tenha causa e consequência discernível, nem mesmo o pensamento é original, nem mesmo estas palavras que vocês lêem são originais [no sentido amplo], mas o produto de tudo que se fez e de tudo que se faz em todos os tempos. A biografia de qualquer um é o produto da miscelânea de tudo que há ou houve: de capa a capa, de verso a verso, ato a ato. Mas essa opinião é condizente com a sociologia:

Se você tivesse os genes de Hitler, sua história de vida, seu contexto histórico-cultural e as oportunidades que ele teve, você seria Hitler para todos os efeitos práticos. Isto é, você faria tudo aquilo que ele fez. (Gondim: 2005, p.200)

“Dizem que nós fazemos nossas próprias escolhas, mas quem fez nossas opções?” (Mateus Davi)

## VII. Ambigüidades arqueológicas

... estarei pronto a concordar com o senhor (...) quando me apresentar pelo menos uma instituição contemporânea, seja familiar ou social, que não seja digna de uma negação cabal e inapelável. (Turguêniev: 1862, p.90)

1. Oras, e que valor e respeito merecem a sabedoria antiga? Nenhum, seria arrogância; algum, seria vago; sagrado, seria ridículo. Bom, tomemos da sabedoria antiga o que é bom, e não se envergonhe de citar um cristão, um hindu, um budista. Lembremo-nos do legado autofágico da semana de 1922, “o que presta, absorvemos, o que não presta, ignoramos”, eis como se filosofa com coerência.

2. Muito cuidado, futuro espírito-livre, quando você usar algum chavão para defender suas teses. Pois eu vos digo que a maioria das frases prontas, estas de lugar-comum, estão completamente erradas e, quando não, só valem para circunstâncias demasiado restritas e inquestionavelmente jamais explicadas pelo próprio dito.

A pressa é inimiga perfeição; mas um passo dado a tempo vale por nove. Mais vale um pássaro na mão que dois voando; mas quem arrisca não petisca. Onde há fumaça há fogo; mas o hábito não faz o monge. Um centavo poupado é um centavo ganho; mas não se pode levá-lo para o túmulo. Quem hesita está perdido; mas os tolos entram correndo onde os anjos têm medo de pisar. Duas cabeças pensam melhor que uma; mas comida em que muitos mexem, se não sai crua ou queimada, sai insossa ou salgada. (Sagan: 1996, p.285)

## VIII. Sexo & Niilismo

1. Não sem despertar controversa, eu tendo a concordar com a noção de que o celibato, isto é, manter-se longe do sexo, é o melhor

para o livre-pensador, o espírito-livre. De uma maneira ou de outra, aquele que se entrega à concupiscência canaliza demasiado tempo e energia numa atividade lasciva e inócua, que não faz progredir, nem melhorar; de modo algum, senão se desviar.

2. Oras, não é bastante claro que o coito como ato é o produto de um completo desperdício de tempo, dinheiro e energia, não só no ato, mas na ação que o precede (a conquista e os esforços de sedução), e na ação que o procede (manutenção da libido e do parceiro)? O carro que você troca, a barba que você faz, a roupa que você usa, o dinheiro que você junta, o bar que você frequenta, tudo, repito, tudo na esmagadora maioria dos casos tem como objetivo final a conquista do sexo. Analise apenas se a soma dos prazeres do sexo é maior que a soma dos desprazeres que este traz consigo, no sentido amplo. Some todos os problemas em consequência das relações conjugais (briga, ciúmes, conquista, traição, casamento, divórcio, crime passionai, posse, arrependimento), e imagine sua vida sem nenhum deles. Eis o celibato. Ou, parafraseando Schopenhauer, “o [sexo] é um mau negócio que não paga o investimento”.

3. Oras, até que achemos alguém “bom” para nós, talvez, demorem anos, décadas, várias dezenas de namoros, talvez centenas de amantes. E uma única pessoa, ainda talvez, dê certo. Certamente, no balanço da vida de cada pessoa, há mais frustrações em consequência ou em detrimento do sexo, do que alegria, quanto mais felicidade. O amor conjugal [relacionado ao sexo no sentido amplo], tal qual se costuma conceber, não passa de uma panacéia de mau gosto inquestionavelmente fracassada em todos os povos ao longo de todos os séculos da história do gênero humano, empiricamente demonstrado errônea. Mesmo onde há uma aparente exceção, na realidade, não há mais amor, mas outro sentimento, não há mais amor, senão amizade.

4. Mas o que o sexo nos traz de bom? Um conforto rápido, embora cansativo; um grande prazer, embora doloroso. Apenas isso em detrimento da sua própria paz de espírito. O fato de a bebida me deixar

dono de mim, a cocaína mais eufórico, e o êxtase mais “potente”, não faz com que essas drogas sejam, no final das contas, algo compensatório, que se justifique por si mesma. O que digo é: por uma simples questão de custo e benefício eu não me relaciono sexualmente, com ninguém.

5. Toda esta energia canalizada com um único fim, o de um prazer que dentro em pouco tempo será completamente esquecido, não me permite inferir qualquer outra coisa senão de um impulso efêmero animalesco que torna o humano pior que os animais; pois este último faz por um propósito, o da reprodução, ao passo que o humano o faz por completa imbecilidade. Não é bastante claro que o sexo que se fez há quatro, seis, nove meses; você, no máximo, lembra-se que foi, em termo, bom ou que foi ruim, sem mais detalhes? Mas ninguém recorda o que sentiu, e raramente tudo o que fez. Então, pra que serviu?

6. Quem é naturalista entende bem: os animais se deitam e partem, os homens se deitam e querem fazer parte. O sexo, como impulso animal, se assemelha nos humanos mais com um vício vulpino. O que o faz por prazer, desperdiça energia útil com algo inútil que não o faz feliz de maneira alguma. Precisamente sobre a tese de que o celibato é um ato antinatural perguntamos em contrapartida se todos os impulsos naturais são correspondidos entre as pessoas, ou perguntaríamos, indo mais além, se nossos impulsos naturais são tão naturais quanto pensamos ou são produto da nossa cultura? Se este tal “impulso natural” pode ser estimulado por coisas externas (um filme, uma roupa, uma música) pergunto-me se o impulso sexual é realmente o instrumento utilizado pelo princípio de conservação da espécie ou é meramente o produto do nosso meio? Se fosse somente um impulso natural, ele só sobreviria para a reprodução da espécie, deveria, a princípio, só existir em épocas circunscritas das estações e da vida. Como não o é, ele é constante durante toda a vida de todos os seres. Tendo em vista a inegável influência do meio, eu tendo a crer na última tese: o celibato não seria, então, antinatural, mas, no máximo, anti-social.

7. Oras, a felicidade não é produto das coisas do corpo, senão todo impotente seria infeliz e todo celibatário seria louco, e o que dizer dos demasiadamente velhos para o sexo? De modo algum. Do celibatário dimana a criatividade, autocontrole, intelecto e a retidão com seus próprios objetivos, não cai para a esquerda e nem para a direita, não sai do alvo pela torpeza, não tropeça na natureza traindo a si mesmo. Eis porque algumas religiões assim pregam [por exemplo: catolicismo, hinduísmo], pois os que de tal maneira o fazem alcançam com mais facilidade a sabedoria e a compreensão, e os que se apartam desta noção, caem na devassidão de idéias e confusão de perspectivas: como cachorros famintos lutando para, por fim, chegar ao coito e partirem frustrados, e nada mais.

8. Já não dei, pelo dito até agora, de capa a capa deste livro, as verdades e estreitas noções de filosofia, história e ciência? Pois aqueles que me ouvem com boa lógica encerram por concordar, mas os que concordam e não praticam são estruturas ocas e árvores sem raízes, vasos sem planta. Quem duvida da minha tese, que experimente por médio prazo segui-la, e saberá por si mesmo das verdades e das mais justas noções que a presente filosofia pode lhes dar.

9. Alguns dirão: “impossível!”, mas eu pergunto se é impossível agir ou é impossível compreender? Se não compreende, muito me surpreende ter estudado este livro até aqui. Caso compreenda, mas não acredita que possa agir tal qual, apascenta antes o coração em si e perscrute-se, conhece-te a ti mesmo, investigue as causas dos seus atos. Outros dizem que “a carne é fraca”, mas a verdade é que a carne é morta quando a mente é morta, e a carne é fraca quando a mente é fraca. Talvez você não controle o que sente, mas pode controlar como agir, com o tempo, estejas certo, nem você sentirá nada mais, sequer o impulso.

10. Todavia, caso se faça necessário, o prazer da masturbação não pode ser prejudicial, uma vez moderado [o niilista não é monge nem

padre]; o sexo com comedimento também poderia ser feito, mas melhor seria se fosse nulo, se não pode conter-se, que não seja constante, ou que seja o mínimo possível, mas com o objetivo de gradualmente parar..

11. “Tudo tem que ser com equilíbrio!”, dizem. Mas o que defende a filosofia do equilíbrio levanta a bandeira do inócuo, pois não segue nem o celibato e nem ao profundo deleite. Nesta falsa noção de equilíbrio, a pessoa não caminha nem para a melhora, nem para a piora; não regride, mas também não progride. O nome disso é inércia. Quando questionados, dizem “nem 8 e nem 80”, mas estes não estão no meio-termo, não estão no 44, mas no zero!

Se eu te pergunto que faculdade você faz, você diz nem economia e nem medicina, mas o meio-termo? Ou, caso responda uma das duas, dir-se-lhe-ia meia-enfermagem ou meia-contabilidade? Por que então profanam a própria inteligência defendendo o equilíbrio? Em verdade vos digo que não se equilibra na sabedoria, mas na própria brutalidade intelectual.

12. Não percebem, insensatos, pois, que o sexo é um “pacto de Fausto”? Ainda persistirão os que dizem “impossível!”, mas quem manda *aqui*, você ou a carne? Até quando cederão ao imperativo-da-natureza nietzschiano? Pois eu vos digo que é impossível ser um niilista-ativo sem ser celibatário (pois o niilista-concupiscente ainda alimenta a esperança e a confiança moral no amante). Mas a teimosia insiste dizendo “não nasci para isso”. Pois bem, deixei aqui esta mensagem, embasado em boa lógica e em bons termos, hoje mesmo se deitarão e se apartarão um do outro, humanos contra humanos, assim o querem, “todavia estes padecerão tribulação na carne e eu apenas quisera poupar-vos” (1Co 7:28).

## IX. O Bem e o Mal

1. Pensando, não individualmente, mas coletivamente, de fora, imparcialmente: não existe bem nem mal, bom ou mau, certo ou errado, mais certo ou mais errado, não existe justo e injusto, anormal e normal,

sucesso e fracasso. O que existe é uma Constituição, feita pelos homens, que determina onde você tem que parar. O que existe são valores morais, baseados na tradição, que dizem o que é bom e o que é ruim. O que existe é uma mídia manipuladora que impinge preconceitos e conceitos de sucesso e fracasso.

2. O que é certo para alguém no Brasil é errado para outro na Austrália. Se no Brasil é “errado” se prostituir, na Holanda é profissão. “Droga tô fora!” aqui, droga legal lá. Na Índia é mau comer carne bovina, no Brasil é praxe e tem até rodízio. Estes e mais centenas de outros conceitos díspares entre culturas distintas e épocas distintas podem ser encontrados sem qualquer dificuldade. Todas determinadas não por uma escolha original, tampouco livre, mas por criação, cultura.

3. Oras, se o certo e o errado é determinado culturalmente, perguntamos: quem determinou? Seus pais, sua Igreja, sua televisão? É claro que sim, mas eu retomo: eles são confiáveis? Ao meu ver, nenhum deles é, de forma alguma. Analise e aniquile a sua cultura. Concorde só com o que concorda com a razão e o bom senso, de resto, é tudo filosofia barata.

4. Jamais diga a alguém: “Eu esperava melhor de você”. De que direito você se vale para esperar algo de alguém? Por acaso as pessoas são espelhos para refletir o que você espera delas?

5. Jamais diga: “isto é certo” ou “isto é errado”, salvo se você estiver falando sobre caso isolado analisado claramente sob seu individual ponto de vista; pois não existe certo e errado unânime sob sufrágio universal. De que toga você se vale para julgar o certo e o errado nos outros? Mas sempre preceda dizendo “ao meu ver”, “se fosse comigo” ou “do meu ponto de vista”.

## X. “Inconclusão”

1. Por ora, isto é tudo que falarei sobre o niilismo. De alguns dos confrontos diretos da briga religião *versus* filosofia.

2. O niilismo em si, conseqüências, problemas do cotidiano, contradições, dilemas, futuro, passado, felicidades, esperança, etc.; são assuntos que discorrerei melhor nas minhas próximas obras.

3. Entretanto, ainda que eu tentasse falar sobre tudo que está relacionado ao niilismo, em todas as suas facetas e em todas as suas conseqüências, ainda assim, eu estaria fatalmente omitindo alguma coisa. E mesmo que este trabalho fosse de décadas ininterruptas quando, por fim, eu concluiria que acabei, na verdade, acabaria descobrindo que no dia que falei sobre o último assunto, o primeiro já está antiquado. Por isso eu voz digo, o niilismo não vem dar respostas finais, não vem dar arremates fatais, não vem fechar sistemas, nem elaborá-los. O niilismo não é uma resposta; não é uma escolha, é o nome que damos para a dúvida que somos.

4. E pelo mesmo motivo este livro não tem epílogo, não tem palavras finais, não tem conclusão, não vem substituir sistemas positivos, não tem alternativas... NÃO TEM CONCLUSÃO.

5. Porém, frente a estas palavras, você poderá, ao menos aparentemente, escolher: finge que não leu nada disso, finge que é tudo uma fraude minha muito bem elaborada, ou aceita que há sérios motivos para duvidar de sua própria crença.

6. Você tem poucos momentos para tomar decisões que realmente valem a pena. Você tem alguns momentos para escolher entre a razão e a fé. Mas talvez esta seja sua última chance de se libertar e disseminar estas palavras que vieram de graça e que podem libertar outros também [Já está mais do que na hora de pararmos de tratar o cristianismo com uma cordialidade que ele nunca teve! Mas falo da palavra. Pois ela é a única arma justa que possuímos]... ou morra escondido dentro deste barril de mentiras.

Goethe escreveu: “Um único momento é decisivo. Determina a existência do homem e estabelece seu destino.” “Esse momento” é o instante em que os senhores decidem do fundo do seu coração: “Hei de me levantar agora e lutar!” É a partir desse instante que o destino começa a mudar, a vida começa a se desenvolver e a história tem início. (Ikeda: 2001, p.52)

7. Confesso entretanto, que gostaria que fosse diferente. Se existe alguma verdade, estou ansioso para reconhecê-la, desvendá-la, perscrutá-la. Gostaria, e como gostaria, que um Deus me abençoasse por eu ter fé nele, ou me recompensasse pelas minhas obras em vida. Gostaria, e como gostaria, de ir morar num paraíso, com ou sem 70 virgens, ou de rever meus amigos numa próxima encarnação aqui na Terra. Gostaria profundamente que um Jesus, um Buda ou um Prometeu tivesse mesmo vindo para salvar a humanidade. Gostaria verdadeiramente que um Krishna tivesse mesmo vindo desvendar os mistérios da vida. Gostaria de ter passado incólume pelo deserto do ateísmo. “Viver: eis um mistério supremo, um enigma sem paralelo, um drama sem par” (Daisaku Ikeda). Portanto, repito, se existe alguma verdade, estou ansioso para reconhecê-la, desvendá-la, perscrutá-la. Eis por que eu estudo contínuo e profundamente tanto as religiões. Procuro inquestionavelmente uma única coisa: a Verdade. “*But I’m still haven’t found what I’m looking for*” (U2)<sup>30</sup>.

## 7. CONTACTO E INFORMAÇÕES

Mateus Davi é um jovem filósofo engajado em difundir o pensamento apropriado, o ateísmo e o niilismo. Através de diversos fóruns de debates, sobretudo no orkut, mas também em sua vida diária, o autor vem atuando em defesa da razão e do raciocínio lógico. Mateus Davi, sempre divulgando abertamente as fontes de suas afirmações, demonstra um respeito ímpar primeiramente com a verdade, em segundo plano com as pessoas [pois elas consideram desrespeitoso, muitas vezes, a divulgação da verdade ou o raciocínio apropriado]. Desmistificando, demonstrando, e difundindo a informação em pró de uma sociedade em consonância com a verdade, sobretudo GRATUITAMENTE. Pois a verdade e a razão não são produtos da boa ou má remuneração. Difunda de graça o que lhe foi dado de graça.

Porventura a sabedoria está indexada ao dólar para ter preço? Precisa de lastro outro para circular como dinheiro? É necessário receber para devolver, como um emprego? Acaso eu não me benefico do conhecimento de outro? Por que cobraria porventura pelo que eu sei? Acaso não gostaria de ser seu professor para que você seja o professor, um dia, da minha filha ou do meu neto? Passe de graça o que te entrego de graça. Faça algo como paga por algo que fizeram por você. Não por gratidão, nem como recompensa, tampouco solidariedade, mas para que os frutos do conhecimento façam sua sociedade, a qual é onde você vive [quer queira ou não], melhor. Pois, afinal, existem poucos axiomas irrefutáveis, eis um: só o livro livra.

Informações sobre o autor, informes [das próximas obras], contacto, acesso a outras obras, dúvidas, etc.:

PÁGINA OFICIAL

<http://paginas.terra.com.br/arte/mateusdavi/>

WIKIPÉDIA: vida e obra

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Mateus\\_Davi](http://pt.wikipedia.org/wiki/Mateus_Davi)

<sup>30</sup> Em inglês, no original: “Mas eu ainda não tenho encontrado o que estou procurando”.

WIKIPÉDIA: escreva sobre este livro

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Entre\\_a\\_F%C3%A9\\_e\\_o\\_Niilismo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Entre_a_F%C3%A9_e_o_Niilismo)

ORKUT DO AUTOR

<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=16284041802850422426>

COMUNIDADE ORKUT “ENTRE A FÉ E O NIILISMO” –  
discuta este livro.

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=8900640>

COMUNIDADE ORKUT “MATEUS DAVI”

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=5710831>

COMUNIDADE DE DEBATES “INTELIGENTE &  
SOFISTICADO”

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=1556310>

E-MAIL

[madmateus@terra.com.br](mailto:madmateus@terra.com.br)

## BIBLIOGRAFIA

ALVES, RUBEM. O Que é Religião. São Paulo: Ars Poética, 1996.

ARMSTRONG, KAREN. Uma História de Deus. 4ª reimpressão.  
Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Cia de Letras, 2001.

ARRUDA, J. JOBSON de A.; PILETTI, NELSON. Toda a História. 4ª  
ed. São Paulo: Ática, 1995.

BARROS, JULIO CESAR DE SIQUEIRA. Os Momentos Iniciais da  
"Codificação" da Doutrina Espírita por Allan Kardec, e Antecedentes  
Históricos Próximos. Rio de Janeiro, 2003. 3ª rev (2005). Disponível  
em <<http://geocities.yahoo.com.br/criticandokardec>>. Acesso em: 15  
janeiro 2006.

BARROS, JULIO CESAR DE SIQUEIRA. Erros em Algumas Obras  
Psicografadas por Chico Xavier e Divaldo Franco. Rio de Janeiro,  
2006. Disponível em <<http://geocities.yahoo.com.br/criticandokardec>>. Acesso em: 15 janeiro 2006.

BERNACCHI, ALFREDO. Ateu, Graças a Deus, 2000. Disponível em  
<<http://www.ateismo.com.br/ebooks/index.php>>. Acesso em: 04  
dezembro 2005.

BERNACCHI, ALFREDO. Jesus Cristo Nunca Existiu, 2003.  
Disponível em <<http://www.ateismo.com.br/ebooks/index.php>>. Acesso em: 15 dezembro 2005.

BÍBLIA. Original. **Bíblia sagrada**. Disponível em:  
<<http://www.bibliaonline.net>>. Acesso em: 06 março 2005

\_\_\_\_\_. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução: José Alberto L. de  
Castro Pinto. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.

\_\_\_\_\_. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução: Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Barsa, 1967. Notas e “dicionários prático” de Mons. José Alberto L. de Castro Pinto.

\_\_\_\_\_. Português. **A Bíblia sagrada**. 43ª ed. (Edição Pastoral). Tradução: Ivo Storniolo, Euclides Martins Balancin, e Luiz Gonzaga do Prado. São Paulo: Paulus, 2001.

\_\_\_\_\_. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução: João Ferreira de Almeida. 2ª ed. (Edição revista e corrigida). Santo André: Geográfica, 2003.

\_\_\_\_\_. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução: João Ferreira de Almeida. (Edição fiel e corrigida). Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br>>.

\_\_\_\_\_. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução: João Ferreira de Almeida. (Edição atualizada e corrigida). Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br>>.

\_\_\_\_\_. Inglês. **Bíblia sagrada**. Tradução: John Nelson Darby. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br>>.

\_\_\_\_\_. Inglês. **Bíblia sagrada**. Tradução: King James, 1611. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br>>.

\_\_\_\_\_. Espanhol. **Bíblia sagrada**. Tradução: Reina Valera. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br>>.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. **A Bíblia sagrada**. São Paulo: Paulus, 2001.

CHAVES, JOSÉ REIS. **A Face Oculta das Religiões**. São Paulo: Martin Claret, 2000.

CONANT, JAMES B. **Science and Common Sense**. New Hampshire: YALE UNIVERSITY PRESS, 1951.

DUQUESNE, JACQUES. **Jesus – A Verdadeira História**. 2ª ed. São Paulo: Geração Editorial, 2000.

FILKESTEIN, ISRAEL e SILBERMAN, NEIL ASHER. **A Bíblia Não Tinha Razão**. São Paulo: A Girafa, 2003.

FOX, ROBIN LANE. **Bíblia – Verdade e Ficção**. 3ª reimpressão. São Paulo: Cia de Letras, 1996.

FRANCO, DIVALDO. **Amélia Rodrigues – Primícias do Reino**. Salvador: Livraria Espírita Alvorada Editora, 1967.

FRANCO, DIVALDO. **Joanna de Ângelis – Estudos Espíritos**. Salvador: Livraria Espírita Alvorada Editora, 1973.

FRANCO, DIVALDO. **Joanna de Ângelis – Após a Tempestade**. Salvador: Livraria Espírita Alvorada Editora, 1974.

GAUTAMA, SIDARTA. **A Doutrina de Buda**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005. Notas e biografia por Bukkyo Dendo Kyokai.

GONDIM, GILSON MARQUES. **Da Bíblia aos Múltiplos Universos: velhas e novas visões da eternidade**. 1ª ed. Osasco: Novo Século, 2005.

HART, MICHAEL H. **As 100 Maiores Personalidades da História**. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

IKEDA, DAISAKU. **Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo / Daisaku Ikeda (Budismo: Sutra de Lótus)**. Tradução: Equipe Brasil Seikyo. São Paulo: Editora Brasil Seikyo, 2001.



KARDEC, ALLAN. O Primeiro Livro dos Espíritos. Tradução: Canuto Abreu. 1ª ed. São Paulo: Companhia Editora Ismael, 1957. Título original: *Le Livre des Esprits* (1857). Texto em fac-símile. Versão em face. Primeiro centenário.

\_\_\_\_\_. O Livro dos Espíritos. Tradução: J. Herculeano Pires. 3ª ed. São Paulo: FEESP, 1987. Título original: *Le Livre des Esprits* (1857).

\_\_\_\_\_. O Evangelho Segundo o Espiritismo. Tradução: Salvador Gentile. 151ª ed. Araras: Instituto de Difusão Espírita, 1992. Título original: *L'Évangile Selon Le Spiritisme* (1864).

\_\_\_\_\_. A Gênese. Tradução de Guillon Ribeiro. 36ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1944. Título original: *La Genèse: les miracles et les prédictions selon le spiritisme* (1868).

\_\_\_\_\_. Obras Completas (compilação de: O Livro dos Espíritos, O que é o Espiritismo, O Livro dos Médiuns, O Evangelho Segundo o Espiritismo, Céu e Inferno, A Gênese, Obras Póstumas). Tradução: Torrieri Guimarães. 2ª ed. São Paulo: Opus, 1985. Conteúdo parcial: Biografia de Allan Kardec por Henri Sausse – Discurso de Camille Flammarion – Cronologia de Allan Kardec.

KNHOL, ISRAEL. O Messias antes de Jesus. Rio de Janeiro: Imago, 2001. Título original: *Messias Before*.

MCDOWELL, JOSH. Mais que um Carpinteiro. Tradução: Myrian Talitha Lins. 5ª ed. Venda Nova: Betânia. Título original: *More than a Carpenter*, 1977.

NIETZSCHE, FRIEDRICH W. Fragmentos Finais / Friedrich Nietzsche. Seleção, tradução, e prefácio: Flávio R. Kothe. Brasília: Editora Universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

SAGAN, CARL. O Mundo Assombrado pelos Demônios: a ciência vista como uma vela no escuro. Tradução: Rosaura Eichemberg. 10ª reimpressão. São Paulo: Schwarcz, 2001. Título original: *The Demon-Haunted World: Science as a Candle in the Dark*, 1996.

SHENKMAN, RICHARD. As Mais Famosas Lendas, Mitos e Mentiras da História do Mundo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

STRABELI, FREI MAURO. Bíblia: perguntas que o povo faz. 14ª ed. São Paulo: Paulus, 2003.

SUTRA DE LÓTUS. Português. Nova York: Columbia University Press, 1993. Título original: *The Lotus Sutra*.

TRICCA, MARIA HELENA DE OLIVEIRA. Apócrifos, Os Proscritos da Bíblia. Volumes I, II, III, IV. São Paulo: Editora Mercury, 1989, 1991, 1996, 2001.

TURGUÊNIEV, IVAN. Pais e Filhos. Tradução: Rubens Figueiredo. 2ª ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. Título original: *Ottsi i diéti*, 1862.

VALDÉS, ARIEL ÁLVAREZ. Que Sabemos Sobre a Bíblia? (7 volumes). Aparecida: Santuário, 1997-2003.

VOLPI, FRANCO. O Niilismo. Tradução: Aldo Vannucchi. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1999. Título original: *Il nichilismo*, 1996.

XAVIER, CHICO. Emmanuel – Dissertações Mediúnicas sobre Importantes Questões que Preocupam a Humanidade. Rio de Janeiro: FEB, 1937-38.

XAVIER, CHICO. Emmanuel – A Caminho da Luz. Rio de Janeiro: FEB, 1938.

XAVIER, CHICO. Neio Lúcio – Jesus no Lar. Rio de Janeiro: FEB, 1949.

XAVIER, CHICO e VIEIRA, WALDO. André Luiz – Evolução em Dois Mundos. Rio de Janeiro: FEB, 1958.

XAVIER, CHICO. Emmanuel – Vida e Sexo. Rio de Janeiro: FEB, 1970.

WANTUIL, ZEUS. Grandes Espíritas do Brasil. 1ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

### DICIONÁRIOS

CARVALHO, OLÍVIO DA COSTA Dicionário de francês-português. Porto: Porto Editora, 1978.

DEMOSS, MATTHEW S. Dicionário Gramatical do Grego do Novo Testamento São Paulo: Editora Vida, 2004.

SCHÖKEL, L. ALONSO. Dicionário bíblico hebraico-português. São Paulo: Paulus, 2001.

### FILMES

TRATAMENTO DE CHOQUE (*Anger Management*). Produção de Barry Bernardi, Derek Dauchy, Todd Garner, Jack Giarraputo, John Jacobs e Joe Roth. Adam Sandler, Jack Nicholson, Marisa Tomei. EUA: Revolution Studios, Happy Madison, Jack Giarraputo Productions, 2003. 1 DVD (106 min.): DVD, son., color. Legendado. Port.

### PERIÓDICOS

EXAME, nº 839. São Paulo, 30 de março de 2005.

GALILEU, edição especial nº 2. São Paulo, julho de 2003.

REVISTA ESPÍRITA, todas as edições, 1858 a 1869. Disponível em <<http://www.espirito.org.br/portal/codificacao/re/>>. Acesso em: 10 outubro 2005.

SUPERINTERESSANTE, nº 178. São Paulo, junho de 2002.

TIME, volume 146, nº 25. Nova York, 18 de dezembro de 1995.